

SANDRA LUÍSA FARROMBA MARTINS

***MINDELACT* – FESTIVAL INTERNACIONAL DE
TEATRO**

**Dimensão, alcance, longevidade e reconhecimento do
Festival Internacional de Teatro no Mindelo – 10 anos de
programação (2002-2012)**

Orientadores:

Professora Doutora Maria Teresa Flores

Dr. Miguel Honrado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias de Informação

Lisboa

2014

SANDRA LUÍSA FARROMBA MARTINS

***MINDELACT* – FESTIVAL INTERNACIONAL DE
TEATRO**

**Dimensão, alcance, longevidade e reconhecimento do
Festival Internacional de Teatro no Mindelo – 10 anos de
programação (2002-2012)**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de
Mestre em Programação e Gestão Cultural no
Curso de Mestrado em Programação e Gestão
Cultural conferido pela Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias.

Orientadores:

Professora Doutora Maria Teresa Flores

Dr. Miguel Honrado

Este trabalho não adopta o Acordo Ortográfico de
1990.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias de Informação

Lisboa

2014

*“Que te deixaram?
Tua alma híbrida
presa
ao sortilégio da terra,
à inquietação do mar.*

*Deixaram-te a herança
pesada do depois.
(Oh o depois mestiço
nascido
do crepúsculo de hoje
e da madrugada de amanhã!)”*

Osvaldo Alcântara (pseudónimo de Baltazar Lopes da Silva),

Poeta, escritor e linguista cabo-verdiano – 1907/1989

A Terra Roxa dos Massapés

Ao meu Pai, sempre presente.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio e confiança que cegamente me tem dedicado
Aos meus amigos cabo-verdianos por me terem feito entender e sentir tão bem o
significado de Morabeza
Às minhas colegas de mestrado Marta Araújo, Mónica Duarte e Rita Matias pelo
entusiasmo que sempre me passaram
À Maria da Luz Ramos pelas orientações preciosas que me deu no início deste
trabalho
À Professora Teresa Oliveira por ter aceitado acompanhar-me neste projecto
Ao professor Miguel Honrado por ter estado sempre disponível e presente ao longo
deste projecto
À professora Maria Teresa Flores que, em condições tão especiais, acreditou em mim
para a prossecução deste projecto
Ao João Branco e ao Manuel Estêvão por me terem elucidado e esclarecido acerca de
de detalhes determinantes para o bom desenvolvimento deste trabalho
À Margarida Branco e ao Miguel Caissotti que mais que colegas foram meus
companheiros nesta aventura
À Sonja Felix e ao Sikunder por não me terem deixado desamparada
À Paula Carvalho, minha mestre, colega e amiga por ter estado ao meu lado em
momentos cruciais da minha vida
Ao Carlos Monteiro pelas condições tão especiais que me tem proporcionado
À Isabel Tavares por me ter ensinado a perseguir os meus sonhos com o seu
entusiasmo contagiante
Ao Manú por se ter ancorado a este grande projecto com *tcheu* carinho

RESUMO

Esta dissertação assenta num estudo da programação do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* entre 2002 e 2012, procurando entender as estratégias seguidas na programação ao longo desta década. Emerge daqui a pertinência em encontrar factores explicativos da dimensão, sustentabilidade e longevidade deste festival. Impunha-se realizar um trabalho que levasse a entender bem a sociedade cabo-verdiana, em especial a cidade do Mindelo e o seu modo de estar no meio artístico, e nomeadamente nas artes cénicas. Para melhor conhecimento desta realidade foram efectuadas entrevistas em profundidade a pessoas com ligação pertinente ao festival *MINDELACT*. Na programação deste destacam-se indicadores como a diversidade cultural, a internacionalização, dramaturgias resultantes de obras literárias cabo-verdianas e “apropriações” de obras de dramaturgos universais realizadas pelo encenador e programador do festival. É patente o envolvimento da população mindelense neste evento cultural. A troca de experiências entre as companhias que integram a programação oriundas até à data de 26 países diferentes faz da cidade do Mindelo um ponto de encontro multicultural. O reconhecimento deste evento cultural é manifestado pelas entidades públicas como o Ministério da Cultura e Câmaras Municipais e, pelas entidades privadas, havendo um sentimento profundo do que é Responsabilidade Social.

Palavras-chave: Mindelo, festival, teatro, programação, internacionalização

ABSTRACT

This dissertation is based on the study of the *MINDELACT* Internacional Theatre Festival programming between 2002 and 2012, which envisaged the understanding of the programming strategies followed during this decade. Finding the explanatory factors of the festival dimension, sustainability and longevity became a relevant requirement, and a good understanding of the capeverdian society, in particular in the Mindelo city, and their involvement in arts, namely in scenic arts, was seen as necessary. In order to attain this understanding, in-depth interviews have been made to individuals with a pertaining involvement with *MINDELACT* festival. The festival programming highlights features such as cultural diversity, internationalization, as well as dramaturgies resulting from both capeverdian literature and “appropriations” of universal dramaturgy works achieved by the festival artistic director. The involvement of the Mindelo population in this cultural event has been found evident. The exchange of experiences between the theatre groups integrating the festival programming, coming from 26 different countries, to date, makes Mindelo a multicultural meeting point. The relevance of the festival is recognized both by public entities like the Ministry of Culture and local authorities, and by private organizations, with a deep conscience of what social responsibility is.

Keywords: Mindelo, festival, theatre, programming, internationalization

ABREVIATURAS

APA: American Psychiatric Association

CCPM – IC- Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões

CCPP – IC – Centro Cultural Português da Praia - Instituto Camões

CEDIT – Centro de Documentação e Investigação Teatral

GTCCPM – IC – Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo –
Instituto Camões

INE – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

M. p. D. – Movimento para a Democracia

PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo Verde

PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde

UNICEF - United Nations Children's Fund – Fundo das Nações Unidas para a
Infância

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
ABREVIATURAS	7
ÍNDICE.....	8
<u>1. INTRODUÇÃO</u>	<u>11</u>
1.1. Objectivos e contextualização do objecto de estudo	11
1.2. Metodologia seguida	13
1.3. Antevisão	16
<u>2. HISTÓRIA E IDENTIDADE CABO-VERDIANAS</u>	<u>19</u>
2.1. Cabo Verde e o seu posicionamento cultural e artístico face a territórios dentro e fora de África	21
2.2. A Mestiçagem cabo-verdiana	23
2.3. Ilha de S. Vicente e as suas particularidades culturais face ao arquipélago	25
2.4. Importância de estudar o Festival Internacional de Teatro <i>MINDELACT</i>	27
<u>3. A ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL MINDELACT - PROJECTO TEATRAL EM S. VICENTE: CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO</u>	<u>30</u>
3.1. Modelo organizativo e de gestão	31
3.2. Março – mês do Teatro	33
3.3. Revista <i>MINDELACT</i> – teatro em revista	34
3.4. CEDIT – Centro de Documentação e Investigação Teatral	34
<u>4. FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO MINDELACT: O PALCO DO TEATRO EM CABO VERDE – 10 ANOS DE PROGRAMAÇÃO.....</u>	<u>36</u>
4.1. Equipas/Comissões de trabalho e Comunicação/Imagem	43
4.2. Tendências programáticas e a questão linguística	45

4.2.1.	Critérios de Programação.....	47
4.2.2.	Consolidação dos critérios de programação.....	50
4.3.	Análise da programação	53
4.3.1.	Anos de 2007 e 2011 – anos de viragem na programação.....	55
4.3.2.	Modelo de Financiamento: sustentabilidade do Festival	67
4.3.3.	Contributos para a caracterização dos públicos	74
5.	<u>O PROGRAMADOR</u>	<u>76</u>
5.1.	Perfil	77
6.	<u>CONCLUSÕES.....</u>	<u>81</u>
	<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>84</u>

APÊNDICES **I**

Apêndice 1.	Guião de entrevista	ii
Apêndice 2.	Entrevista a Ana Cordeiro-20 de Agosto de 2012-Directora do Centro Cultural Português, polo do Mindelo.	iv
Apêndice 3.	Entrevista a Daniel Monteiro-30 de Agosto de 2012-Vice-Presidente da Associação Artística e Cultural Mindelact e Director de Produção do Festival Mindelact	xviii
Apêndice 4.	Entrevista a Fonseca Soare-23 de Agosto de 2012-Vogal da Direcção da Associação Artística e Cultural Mindelact	xxxvii
Apêndice 5.	Entrevista a João Branco-23 de Agosto de 2012-Director Artístico do Centro Cultural Português, polo do Mindelo, co-fundador e Presidente da Associação Artística e Cultural Mindelact, Director Artístico e Programador do Festival Internacional de Teatro Mindelact.	lvii
Apêndice 6.	Entrevista a João Paulo Brito-9 de Setembro de 2012-Director Nacional das Artes em Cabo Verde e responsável pelo núcleo das Artes Performativas	lxxxviii
Apêndice 7.	Entrevista a José Mena Abrantes-10 de Setembro de 2012-Director, fundador e encenador da companhia Elinga Teatro - Angola	cxiv
Apêndice 8.	Entrevista a Luana Jardim-27 de Agosto de 2012-Responsável pelo protocolo de sala no Festival Internacional de Teatro Mindelact	cxxxiv
Apêndice 9.	Entrevista a Manuel Estevão-25 de Agosto de 2012- Co-fundador da Associação Artística e Cultural Mindelact	cxlviii

Apêndice 10. Entrevista a Miguel Seabra -25 de Julho de 2012 – Teatro Meridional clxvii

ANEXOS CLXXVI

Anexo 1. Estatutos da ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL *MINDELACT* clxxvii

Anexo 2. Capas de programas: edições 1996, 2002, 2004, 2007, 2009, 2011 e 2012 clxxxvi

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objectivos e contextualização do objecto de estudo

As actividades artísticas representam uma das inúmeras facetas da vivência em sociedade, revestindo-se de uma inquestionável função integradora e geradora de interacções e trocas entre os indivíduos. Por via das artes, veiculam-se valores, crenças, tradições, padrões de cultura vigentes que contribuem para o equilíbrio societal. Durkheim (1975:135-136) afirma que “(...) embora cada artista (poeta, orador, escultor, pintor, etc.) imprima um cunho próprio às obras que cria, todas as que são realizadas num mesmo meio social e numa mesma época, exprimem, sob diversas formas, um mesmo ideal que, por sua vez, está estreitamente relacionado com o temperamento dos grupos sociais aos quais estas obras se dirigem”. De facto, existe uma relação intrínseca entre a arte e o contexto social na sua criação, mas igualmente, na ligação ou impacto junto dos destinatários. Os espectadores de um filme, os leitores de um livro, a audiência de uma peça de teatro ou de um concerto musical não encontram apenas entretenimento, mas sim um conjunto de mensagens que favorece o seu desenvolvimento socio-cultural e, eventualmente, ajuda-os a olharem para a realidade social de distintas formas. Neste processo, existem, de um lado, os criadores e do outro, o público, contudo há que contar com os “intermediários culturais de quem os criadores dependem para a visibilidade/ viabilidade das suas carreiras” (Madeira, 2000). São eles que fazem chegar ao público os trabalhos artísticos através da simples divulgação, por exemplo, na imprensa ou em determinados eventos dirigidos a aglomerados de indivíduos. É o que acontece com o teatro. No presente trabalho, pretende-se analisar a programação de um dos festivais de teatro mais emblemáticos do arquipélago de Cabo Verde: o *MINDELACT*. Criado em 1995, este evento de dimensão internacional tem conseguido garantir a sua realização ao longo de 18 anos, com a inclusão de diversos grupos cabo-verdianos e oriundos de outros países, não descurando uma faceta formativa que tanto pende para a arte da representação como para o conhecimento mais detalhado de alguns dramaturgos ou peças culturalmente importantes para o público cabo-verdiano.

Tratando-se de um pequeno país insular, com várias debilidades do ponto de vista económico e financeiro, não deixa de ser facto relevante a sobrevivência desse evento cultural, com a particularidade de não estar localizado na capital do país, mas sim na sua

segunda ilha mais importante. A condição periférica de S. Vicente não aniquilou o festival que, não obstante as inúmeras dificuldades sentidas, tem conseguido incrementar o interesse pelo teatro, não só localmente, mas também noutras ilhas. Note-se que, não existe outro evento ligado à produção teatral com o mesmo impacto ou durabilidade, em todo o arquipélago.

A longevidade do *MINDELACT* é, sem dúvida, um dos aspectos que mais se destaca no quadro da organização de eventos de arte colectiva em Cabo Verde, um país que apenas se tornou independente em 1975 e num quadro de enorme cepticismo em relação à sua capacidade de sobrevivência de forma autónoma. É preciso referir que no topo das prioridades do governo da altura estava o combate à fome, um fenómeno recorrente devido às secas prolongadas que inviabilizavam a produção agrícola e geravam problemas de subsistência. O arquipélago conseguiu vencer os desafios e assumir-se como um estado independente bem sucedido, a ponto de as Nações Unidas lhe terem atribuído a classificação de país insular de desenvolvimento médio. A resolução, que entrou em vigor em Janeiro de 2008, foi adoptada graças ao aumento do índice de desenvolvimento humano e do rendimento per capita no arquipélago. Apesar dos bons resultados a nível económico e político, Cabo Verde não deixa de ser um Estado vulnerável e dependente das ajudas externas, tanto de países doadores como das remessas dos emigrantes e dos que investem no país, sobretudo no sector imobiliário e no comércio (Tolentino *et al*, 2008). Se é verdade que houve uma visível melhoria das condições de vida da população, também deve ter-se em conta que a criação de postos de trabalho nas ilhas continua a ser uma das suas enormes dificuldades. O Censo de 2010 dá conta de uma taxa de desemprego de 13,1%, sendo que na ilha de S. Vicente esse valor era o mais elevado de todo o arquipélago, situando nos 19, 2% (INE Cabo Verde, 2010).

É, pois, num contexto de vulnerabilidade económico-financeira que o Festival Internacional de Teatro da ilha de S. Vicente triunfa, entre uma população de pouco mais de 76 mil habitantes (Censo 2010), aparentemente, com necessidades mais prementes do que o acesso à cultura. Em contrapartida, possui uma taxa de alfabetização de 86,1%, entre indivíduos com 15 anos ou mais e uma tradição cultural estruturada de forma mais intensa a partir da criação do Liceu na cidade do Mindelo, em 1926, que viria a ser o único no país até à década de 1960.

A problemática que irá conduzir a presente dissertação assenta na programação do *MINDELACT*, partindo da hipótese de que esta é um dos principais factores explicativos para a longevidade daquele festival. Assim sendo, a pergunta de partida é: Quais as estratégias de programação do *MINDELACT* entre 2002 e 2012? Olhando para um período de 10 anos,

procurar-se-á descortinar os elementos ou factores integrantes da programação do festival que poderão ajudar a explicar a sua sustentabilidade e as ligações com a própria ilha de S. Vicente. Esse é o objectivo geral. Quanto aos objectivos específicos serão os seguintes:

- a) Analisar os critérios de programação do *MINDELACT*;
- b) Verificar a existência ou não de uma estratégia de programação homogénea ao longo dos anos do período de análise;
- c) Relacionar as estratégias de programação do *MINDELACT* com o contexto cultural local;
- d) Analisar o contexto multicultural da programação;
- e) Entender o efeito da globalização na programação do festival;
- f) Relacionar a estratégia de programação do *MINDELACT* com o perfil do programador.

O elenco de objectivos anteriormente apresentados orienta-se para a exploração da programação, como factor de longevidade do festival, bem como a adequação da mesma relativamente à cultura na qual o festival se inscreve. O Festival Internacional de Teatro do Mindelo pode ser visto como um caso de sucesso num enquadramento sócio-económico, e até cultural, aparentemente desfavorável. Não sendo a linguagem do teatro aquela que mais facilmente causa impacto nas massas, quem estrutura os contornos de um evento como o *MINDELACT* vê-se perante o desafio de chegar a um público que não tem uma tradição cultural erudita convencional, segundo padrões ocidentais, mas que, ao mesmo tempo, demonstra uma capacidade aglutinadora a que não será alheia a sua miscigenação resultante do cruzamento entre as culturas africana e europeia.

1.2. Metodologia seguida

O meu interesse e ligação às questões da programação cultural data de há muito. O seu início, posso situá-lo na minha entrada na Escola Profissional de Música e Artes de Almada, em 1995, enquanto professora e coadjuvante da então directora pedagógica e, mais tarde, enquanto directora pedagógica do Conservatório Regional de Almada. A vontade de continuar a trabalhar a vertente da programação cultural permaneceu e com ela a necessidade de aprofundar caminhos fundamentais e contemporâneos da mesma.

A ligação a Cabo Verde também é antiga. A sua música é paixão também velha. O contacto com o Festival *MINDELACT* surge do interesse pela cultura cabo-verdiana e de uma tentativa de compreensão das suas dinâmicas culturais. Neste sentido, tentei encontrar algo

inovador que me possibilitasse fazer uma abordagem dessa mesma inovação. E encontrei o Festival *MINDELACT*, em boa hora.

A fim de tentar compreender e enquadrar o festival, parti para Cabo Verde, em Março de 2012, para poder dar início ao trabalho de campo, recolhendo dados do contexto real em que aquele festival ocorre (Creswell, 2008: 174-175).

Contactei com o director do Festival, João Guedes Branco, a fim de fazer entrevistas que me permitissem delimitar o objecto de estudo. Aquela estadia possibilitou-me assistir ao “Março, Mês do Teatro” e entrevistar também o director da Associação *MINDELACT*, promotora do festival, bem com outro elemento da mesma associação, Manuel Estêvão e ainda Ana Cordeiro, na qualidade de directora do Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões.

Segundo Guerra (2006: 41) “ torna-se obrigatório, numa pesquisa que utilize entrevistas interrogar os sujeitos cujas opiniões sejam heterogéneas, reportando-se a um leque variado de situações”. As entrevistas acima referidas, tentaram ser heterogéneas tendo em conta o papel desempenhado por cada um dos entrevistados e possibilitaram o início do levantamento da problemática que se veio a consubstanciar em redor da questão da programação, por parecer ser um dos eixos explicativos da longevidade do Festival *MINDELACT*, na altura na 18ª edição.

Abordei múltiplas fontes de dados e tentei, através da abordagem e de entrevistas em profundidade feitas mais tarde (Agosto e Setembro de 2012) a diversos participantes, dar ênfase, como diz, Creswell (2008), às suas perspectivas. Para nortear o trabalho de entrevista em profundidade construí uma grelha (apêndice 1), a fim de conseguir captar o que me parecia ser fundamental, mas de modo a não fechar ou coarctar o discurso dos entrevistados. A grelha teve sobretudo a intenção de estabelecer um fio condutor, embora de modo algum rígido, que me possibilitasse a recolha de dados, naquela altura pertinentes, junto dos entrevistados, nunca perdendo de vista que o que interessava apreender eram as suas perspectivas (*ibidem*) quanto às questões acerca das dimensões: do Festival Internacional de Teatro em Cabo Verde, particularmente no Mindelo; da internacionalização/multiculturalidade nos últimos dez anos; da qualidade do festival – dimensão difícil e que abordei através de tópicos como a origem, adesão, continuidade e evolução da programação; do financiamento; da influência social e local, mas também cabo-verdiana e internacional; do perfil do presidente da associação *MINDELACT* e simultaneamente director do festival.

A partir da análise aprofundada das entrevistas delimitei o objecto de estudo que, depois de várias hesitações, veio a circunscrever-se à volta da questão da Programação do

Festival *MINDELACT*. Para a compreender tive de me debruçar sobre bibliografia variada que me fornecesse um quadro de compreensão teórica a nível da história e sociologia da cultura cabo-verdiana, da mestiçagem, a fim de tentar compreender as dinâmicas culturais existentes na ilha de S. Vicente, mais propriamente na cidade do Mindelo. Simultaneamente, fiz uma pesquisa aprofundada em torno de bibliografia correspondente a temas de principal interesse no meu estudo de caso, como a programação cultural e cidades, o programador, a gestão cultural, a multiculturalidade e a globalização.

Acerca da Associação *MINDELACT*, recolhi elementos acerca da sua criação, constituição, órgãos sociais, objectivos e dinâmicas. Dentre estas, distingi níveis de actuação, a saber: o Festival *MINDELACT*; Março – Mês do teatro; as acções de formação dentro das actividades atrás anunciadas; a criação do Centro de Documentação e Investigação Teatral (CEDIT) e a edição das Revistas – Teatro em Revista.

A partir da documentação recolhida analisei a programação disponível – relativa aos períodos de 1996, 1998, 1999 e de 2002 a 2012, anos sobre os quais decidi fazer incidir o meu estudo. Esta escolha deveu-se por um lado à acessibilidade do material disponível e por outro ao facto de parecer poder ser possível retirar dados significativos de uma década de trabalho: quanto ao número de países intervenientes na programação, à crescente estrutura do Festival e aos dados sobre as co-produções.

As entrevistas em profundidade recaíram sobre João Branco (apêndice 5), presidente da direcção da Associação e director artístico e programador do Festival; Manuel Estêvão (apêndice 9), actor, encenador e co-fundador da Associação e do Festival *MINDELACT*; Daniel Monteiro (apêndice 3), produtor do Festival e membro da Direcção da Associação *MINDELACT*; Fonseca Soares (apêndice 4), actor e membro da direcção da mesma Associação; João Paulo Brito (apêndice 6), Director Geral das Artes em Cabo Verde; Luana Jardim (apêndice 8), membro da Associação e responsável pelo protocolo de sala; Ana Cordeiro (apêndice 2), directora do Centro Cultural Português do Mindelo; Miguel Seabra (apêndice 10), actor e encenador do Teatro Meridional, de Portugal e José Mena Abrantes (apêndice 7), escritor, encenador e director do Teatro Elinga de Angola. Estas entrevistas encontram-se em anexo e a escolha recaiu sobre estes elementos, tendo em conta a sua representatividade quer no panorama cultural cabo-verdiano e da cidade do Mindelo, quer quanto aos papéis que exercem e ao seu desempenho relativamente à Associação e ao Festival. Os elementos ligados a companhias estrangeiras, no caso portuguesa e angolana, foram escolhidos devido ao grau e número de participações no Festival – Miguel Seabra em duas edições e José Mena Abrantes em quatro edições, na qualidade de encenadores e

formadores. Os pressupostos para a escolha dos entrevistados assentaram, assim, em Guerra (2006), no que diz respeito à tentativa de diversidade dos informadores internos e externos. Fui observadora não participante (Creswell, 2008:179), dado ter assistido ao “Março, mês do teatro” em 2012 e à décima oitava edição do festival em Setembro do mesmo ano, sem ter interferido directamente na participação dos eventos mencionados.

A transcrição das entrevistas, tendo em conta os objectivos do trabalho, não traduziu as elisões produzidas na linguagem oral, por se ter manifestado causadora de “ruído”, aquando da sua leitura e interpretação, tendo-se, no entanto, respeitado a linguagem utilizada pelos entrevistados, bem como tentado respeitar as pausas e o seu modo de falar, através da pontuação.

Da análise das entrevistas veio a consolidar-se a pertinência da pergunta instauradora da problemática deste trabalho: Quais as estratégias do programa do Festival *MINDELACT* entre 2002 e 2012?, bem como o estabelecimento da delimitação dos seguintes objectivos geral e específicos: elementos e factores integrantes da programação do festival que poderão ajudar a explicar a sua sustentabilidade e as ligações com a própria ilha de S. Vicente – o geral; analisar os critérios de programação do *MINDELACT*; verificar a existência ou não de uma estratégia de programação homogénea ao longo dos anos do período de análise; relacionar as estratégias de programação do *MINDELACT* com o contexto cultural local; analisar o contexto multicultural na programação de um festival que se pauta pela diversidade de peças, companhias e países envolvidos no festival; entender o efeito da globalização na programação do festival; relacionar a estratégia de programação do *MINDELACT* com o perfil do programador – os objectivos específicos.

Este trabalho pretende dar um contributo, através de uma metodologia qualitativa, para a compreensão em profundidade da dimensão, alcance, longevidade e reconhecimento deste evento cultural de dimensão âmbito internacional.

Seguiram-se as normas American Psychiatric Association (APA) relativamente às indicações de ordem bibliográfica.

1.3. Antevisão

O presente trabalho está organizado em seis capítulos. No primeiro, é feita a introdução contemplando os objectivos e a contextualização do objecto de estudo; é apresentada a metodologia seguida para obtenção dos objectivos enunciados e abordagem do objecto de estudo (Creswell, 2008; Guerra, 2006).

No capítulo dois, é feita uma revisão bibliográfica que serviu como um suporte interpretativo, que não restringisse a realidade observada, antes lhe fosse dando enquadramento, relativamente à história e à identidade cabo-verdianas (Tolentino ,2008; Silveira, 2006).; Cabo Verde e o seu posicionamento cultural e artístico face a territórios dentro e fora de África (Carvalho e Cabral, 2004); à mestiçagem cabo-verdiana (Ribeiro, 1960; Ribeiro, 2009; Mariano, 1991); Filho (1986); Almada, 2006; à ilha de S. Vicente e às suas particularidades culturais face ao arquipélago (Ramos, 2008; Andrade (2010) e, ainda, uma abordagem à importância de estudar o Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* (Ferreira,2010; Venâncio e Silva ,2010).

O capítulo três aborda a Associação Artística e Cultural *MINDELACT* relativamente ao seu papel no projecto de renovação teatral em S. Vicente; debruça-se este mesmo capítulo, ainda sobre a organização e estrutura da Associação *MINDELACT* e foca-se três das principais actividades desta, nomeadamente no sub-capítulo 3.1. Março- mês do Teatro; no 3.2. Revista *MINDELACT* – Teatro em revista; no 3.3. CEDIT – Centro de Documentação e Investigação Teatral. O conteúdo apresentado neste grande capítulo é suportado por informações recolhidas em trabalho de campo com testemunhos presencias, através das entrevistas efectuadas, dos catálogos/programas das edições do festival e também das revistas *MINDELACT*.

No capítulo quatro, é abordado propriamente o Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* abrangendo um período de dez anos – 2002 a 2012. Esta abordagem é feita através dos seguintes sub-capítulos: 4.1. Tendências programáticas e a questão linguística; 4.1.1. Critérios da programação; 4.1.2. Consolidação dos critérios de programação; 4.2. Análise da Programação; 4.2.1. Anos de 2007 e 2011 – anos de viragem na programação; 4.2.2. Modelo de financiamento: sustentabilidade do Festival; 4.2.3. Contributos para a caracterização dos públicos. Neste capítulo pretende-se caracterizar o Festival Internacional de Teatro *MINDELACT*, demonstrando-o como um lugar de encontro de estéticas teatrais oriundas de diversas partes do mundo e como um espaço formativo que se estende a todo o arquipélago. A informação apresentada neste capítulo resulta sobretudo, tal como no capítulo anterior, do trabalho de campo realizado (Stern,1995; Hugues, 2000; Worms ,1995; Fortuna,2002). De realçar a bibliografia do próprio programador do festival (Branco ,1996; e Branco ,2004).

O capítulo quinto tenta mostrar a especificidade do programador do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* numa perspectiva de, se tal for possível, enquadrá-lo

numa categorização, bem como estabelecer o seu perfil e importância relativamente à longevidade, alcance e dimensão do festival em estudo (Madeira, 2002; Lopes, 2010, Wahl, s.d.; Worms, 1995).

Termina-se com uma conclusão geral, na qual se faz um balanço dos principais resultados e são apontadas possíveis pistas para investigações futuras.

2. HISTÓRIA E IDENTIDADE CABO-VERDIANAS

Não me parece ser possível olhar as acções humanas desenquadradas dos suportes que podem levar a compreendê-las. A busca de sentido do humano, ao longo dos tempos, percorreu múltiplos caminhos certamente ligados aos indivíduos, mas muito também aos grupos a que pertenciam e à geografia que os foi moldando. Daí, parece-nos que as dimensões históricas, entre outras, sejam essenciais para que percebamos sonhos e crenças, expressões e afectos, continuidades e rupturas.

Cabo Verde não é um país continental. É um arquipélago que foi sendo povoado por gente diversa, que resistiu às adversidades e vai fazendo escolhas que, para serem compreendidas, nos parece deverem ser contextualizadas. Daí o que se segue sobre a sua história.

Dá-se início à história do Arquipélago de Cabo Verde, 10 ilhas e 5 ilhéus, em 1460 e 1462, graças à descoberta feita por dois navegadores portugueses. Este feito encontra-se documentado em cartas escritas por membros da família real em funções (carta de D. Afonso V, após a morte do infante D. Henrique). Contudo, consta que estas ilhas já eram conhecidas de povos africanos, gregos e geógrafos árabes. A tese histórica mais consistente recai sobre António Noli e Diogo Gomes, que descobriram as primeiras ilhas e mais tarde encontramos os nomes de Diogo Afonso e Cadamosto como descobridores das restantes. O seu posicionamento geográfico, no meio do oceano, favoreceu, desde sempre, a comunicação entre a rota marítima da América do Sul, a Europa e naturalmente a costa ocidental de África e esta posição, parece que estratégica do arquipélago, agilizou o seu povoamento, bem como o comércio de escravos, sobretudo para o Brasil e América Central, onde os escravos, ditos de Cabo Verde, eram melhores e mais trabalhadores dos que os das regiões meridionais. Cabo Verde foi assim povoado, entre 1460 e 1462, e passou a ser um ponto estratégico não só para o comércio de escravos como também de negros livres aliciados a residir aí, tendo condições especiais de comércio uma vez que o clima não era favorável à produção agrícola.

O movimento da população oriunda da costa africana, da América, do centro e sul e da Europa teve aspectos relacionados com a escravatura, comércio, merceeiros e capitães de navios que por lá passavam e deu azo a um povo mestiço, uma sociedade crioula com um forte cunho cristão.

No final do séc. XIX, em Cabo Verde, é decretado o fim da escravatura, depois de várias tentativas anteriores menos bem sucedidas, e o comércio de escravos reduz-se. Impôs-

se uma reorganização social e económica com grande pressão de algumas referências europeias capitalistas que se apresentavam como potenciais concorrentes na conquista desta colónia portuguesa. Portugal vê-se obrigado a contar com o capital humano enviando cabo-verdianos para as roças em São Tomé, uma vez que não possuía matéria-prima e o clima do arquipélago não favorecia a produção agrícola. De realçar que a tradição do comércio manteve-se na ilha de S. Vicente, última a ser povoada e que gozou do privilégio do Porto Grande que continuava a dinamizar a economia de Cabo Verde. Esta ilha teve a particularidade de ter sido povoada por uma burguesia que caracterizou a ilha e a desenvolveu política e economicamente, por via do seu porto e das actividades a este ligadas.

Segundo Silveira (2005: 113), “como o povoamento de S. Vicente se fez preponderantemente por cabo-verdianos negros, pardos e brancos, vindos de outras ilhas, estes grupos interagem, desde logo, como factores de integração dentro do figurino que corresponde ao mundo que o cabo-verdiano criou”.

Portugal, neste processo de reinstalação em Cabo Verde, levou os seus hábitos, costumes e um cunho artístico que se fizeram sentir nesta colónia.

O início do séc. XX desenha-se sombrio, uma vez que Cabo Verde continuava sem capacidade de produção e esta conduziu o país a uma vaga de pobreza numa população virada para a agricultura e pouco instruída. Esta vaga motivou muitos cabo-verdianos a emigrarem, nomeadamente homens que passaram a sustentar a família através das angariações financeiras, fruto do seu trabalho em país estrangeiro. Este fenómeno da emigração criou a Portugal constrangimentos internacionais sendo questionado pelo seu posicionamento perante esta colónia.

Apesar da emigração se prolongar até aos dias de hoje, na primeira metade do século surge um sentido de união da população cabo-verdiana. Este modo de estar faz-se sentir não só no arquipélago como fora dele com muitos seguidores, apontando para uma vontade política de independência, a partir da década de 1940. Registaram-se vários movimentos políticos a favor da libertação administrativa colonial, o primeiro em 1956, intitulado de Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.). Outros mais se seguiram, mas só após o 25 de Abril de 1974 em Portugal é que essa independência se tornou possível. A 5 de Julho de 1975, Cabo Verde conseguiu a sua independência administrativa perante Portugal.

Após a independência do arquipélago de Cabo Verde, o partido PAIGC/PAICV manteve-se em exercício de governação durante quinze anos, acontecendo, após esta temporada, um acentuado desgaste das políticas aplicadas. Passados esses quinze anos surgem

partidos de oposição ao que se encontrava em exercício, tendo o M.p.D. uma maior expressão, coincidindo com uma época de grandes mudanças políticas mundiais. Este partido expressa-se essencialmente pelos seus ideias diferenciados na representação de uma democracia num país africano e sobe ao poder em 1990.

2.1. Cabo Verde e o seu posicionamento cultural e artístico face a territórios dentro e fora de África

Cabo Verde, enquanto ex-colónia portuguesa, vem herdar muito da cultura do país que o governou. Actualmente, apontam-se três preconceitos europeus, incluindo naturalmente Portugal, em relação a África: a ideia de homogeneidade entre os países africanos, entendido como “continente negro”; a ideia de ausência de história no período pré-colonial que remete quase exclusivamente para uma visão de um país relacionado só com a natureza; e a ideia de que a população africana não pode relacionar-se culturalmente com a sua contemporaneidade (Carvalho e Carvalho, 2004). Estas noções, sobretudo europeias, ocidentalizadas, silenciam-se quando se verifica que o continente africano possui uma diversidade singular, reunindo países e populações tão diferentes (ex: diferença entre países colonizados lusófonos, anglo-saxónicos ou francófonos) quanto a Europa do Norte da Europa do Sul, com interveniência de vários factores como o clima, as condições económico-financeiras, o número de habitantes, entre outros. Concluimos que existe uma grande diversidade em todos os domínios.

A própria América (norte) não é uma advertência cultural no panorama cabo-verdiano, pois inscreve-se num modelo consumista e muitos dos pequenos países não temem a invasão de produtos culturais americanos – os bens culturais americanos, tal como os outros, não são sistemas totalizadores capazes de moldar unilateralmente a sensibilidade humana.

A questão de fundo prende-se com o diálogo, ou falta dele, entre elites culturais do chamado Terceiro Mundo e elites e demais actores da área da cultura dos países ocidentais, considerados *grosso modo* como países desenvolvidos. E o que se verifica, em termos gerais, nas relações entre o Ocidente e o Terceiro Mundo reproduz-se, em menor escala, nas relações entre Portugal e as suas ex-colónias no âmbito do que se entende por lusofonia.

Interessa registar o olhar sobre um pintor cabo-verdiano, Manuel Figueira, e, a par desse registo, aprofundar algumas das especificidades da realidade cultural e artística cabo-verdianas. Associando a um notável domínio técnico, um olhar profundo e crítico (senão auto-crítico) sobre a sociedade cabo-verdiana, Manuel Figueira tem granjeado, no panorama das artes plásticas do seu país, um lugar único e merecido, fazendo dele um dos principais

fazedores do que se poderá já considerar como cânon estético cabo-verdiano. “Se pela combinação de cores Manuel Figueira reproduz a paisagem cabo-verdiana e, de certa maneira, a africana (mormente a do Sahel), pela narrativa inscreve-se na mundividência do arquipélago, que, sendo crioula, é, sobretudo, insular. Das lendas de que se serve, algumas transcritas (senão escritas) por ele próprio, transparece uma ética social baseada no respeito “sagrado” pelo outro, mesmo que diferente, e que em muito nos faz lembrar a morabeza, a cordialidade cabo-verdiana, sobretudo quando esta é entendida não como submissão ao outro, mas sim como estratégia sedutor e “antropofágico”, tornando o próprio num outro, que é crioulo ou dele próximo. As sociedades insulares são levadas, perante a contingência espacial, a desenvolver tais mecanismos de auto-defesa.” (Venâncio e Silva, 2010: p. 4)

O facto de Cabo Verde ser um país africano que serviu de entreposto de escravos e mercadorias entre a Europa e a América e que, por outras razões, ainda hoje beneficia da sua localização geográfica, fazem com que actualmente este país se caracterize de uma forma particular, face aos grandes continentes africano e americano, emergindo num cruzamento de culturas. Representa assim o berçário de todo um complexo e enigmático processo da criouliização de base lusitana que se desdobrou no triângulo imaginário que liga Lisboa, Rio de Janeiro e África (Carvalho e Carvalho, 2004)

Por Cabo Verde passam as influências culturais e artísticas desde o Brasil à Ásia, passando pela Europa, todas elas com o seu reconhecimento (a música, a dança e as expressões plásticas) e, deste ponto convergente é criado o seu produto cultural identitário que, através sobretudo da emigração, faz o percurso inverso, tendo a diáspora um papel determinante neste processo cultural e artístico. A diáspora africana começa a ser das mais produtivas nas áreas da música, da literatura, e das artes plásticas, onde praticamente não existem circuitos de conhecimento destas representações artísticas e as cooperações deveriam apoiar especificamente aquelas áreas (Ribeiro, 2009)

Este cruzamento orienta Cabo Verde para uma posição cultural e artística favorável, sendo conhecido em todo o mundo pela música (Cesária Évora; Bana, Ildo Lobo), literatura (Baltazar Lopes; Eugénio Tavares; Germano Almeida), artes plásticas (Manuel Figueira; Kiki Lima, David Levy), artes cénicas (Manuel Estevão; Zenaida Alfama; Flávio Hamilton), e artesanato (João Fortes; Joana Fortes).

2.2. A Mestiçagem cabo-verdiana

A sociedade cabo-verdiana é fortemente marcada pela miscigenação, desde a sua génese, associando-se-lhe, mais tarde, uma dimensão cosmopolita resultante dos seus constantes fluxos migratórios. Estando despovoado aquando do seu achamento a população “constitui-se com dois elementos: Portugueses, primeiros senhores das ilhas, que trariam consigo parte da sua clientela de trabalhadores humildes; escravos negros, recrutados principalmente entre as populações do litoral da Guiné” (Ribeiro, 1960:163) Apesar da localização geo-estratégica de Cabo Verde, favorável ao comércio de escravos, o carácter inóspito, insular e árido afastava os menos venturosos. Mesmo assim, outros europeus também foram parar às ilhas, embora em grupos bem mais reduzidos. Foram surgindo ao longo da História do arquipélago, como é o caso da instalação de ingleses em São Vicente durante o século XIX.

O reduzido número de mulheres brancas existentes na ilha, desde o seu povoamento, potenciou as relações entre os senhores brancos e as escravas, gerando uma população de mestiços que, paulatinamente, foi conquistando espaço na configuração da sociedade do arquipélago, passando a ser vistos como os verdadeiros homens da terra. Sujeitos a uma série de constrangimentos relacionados com a dificuldade de viver num clima quente e seco, bem diferente do da Europa, associado à pouca fertilidade dos solos e ao forte isolamento, os indivíduos casados, raramente se faziam acompanhar das suas esposas, pelo que não proliferavam as configurações familiares, em sentido clássico. À medida que os europeus se conseguiam instalar devidamente e organizar as suas actividades económicas de forma, mais ou menos, próspera, faziam um esforço para chamar as suas cônjuges para junto de si e, nesses casos, não era incomum já terem tido filhos com escravas, contudo eram frequente serem eles a chamar a si a responsabilidade de cuidar dessa prole. Este aspecto é bastante relevante, pois facilitou a miscigenação cultural, permitindo o contacto regular com a dupla origem dos mestiços. Importa, no entanto, sublinhar que o elemento ocidental tinha um peso bastante mais acentuado por ser a cultura do grupo dominador e detentor de poder. A sua difusão e penetração junto dos escravos ou alforriados encontravam nas missões religiosas um fortíssimo aliado que associava a sua função evangelizadora com a transmissão de valores, padrões de socialização e formas de pensar e ver o mundo próprias dos portugueses. Em contrapartida, a população branca que chegou às ilhas viu-se confrontada com uma miríade de novas situações sobre as quais teve de actuar e encontrar soluções que assegurassem a sua sobrevivência. A este propósito Gabriel Mariano defende que,

“(…) o processo de formação do cabo-verdiano operou-se mais por uma africanização do europeu do que por uma europeização do africano. Mais por uma acomodação de motivos e estilos portugueses às peculiaridades do meio do que pelo aporuguesamento, puro e simples dessas mesma peculiaridades. Acomodação às condições do clima, de mesologia, de insularidade; acomodação às vicissitudes do cultivo do solo; ao regime das chuvas. Acomodação principalmente às necessidades de contacto e de aproveitamento do escravo negro. Acomodação sob todos os aspectos: de ecologia animal e vegetal como cultural” (Mariano, 1991: 69).

Sendo o negro filho dos climas tropicais, era ele que se apresentava mais apto para lidar com as idiossincrasias de um arquipélago plantado no atlântico junto à costa africana. O mestiço acaba por ser um aglutinador das duas realidades existentes nas ilhas e, nesse sentido, pode ser visto como um “Renovador e integrador, ainda pela sua capacidade de infiltração social: pela sua capacidade de contaminar, de assimilar e de transmitir elementos novos, de suscitar combinações novas; pelas possibilidades de se sentar tanto à mesa dos sobrados como na terra batida das senzalas”(Mariano, 1997: 70) A proximidade dos mestiços com a população portuguesa facilitou a ascensão social dos primeiros que cedo passaram a ser vistos como assimilados por parte da administração portuguesa. Na prática, significava uma socialização em conformidade com o padrão luso, conferindo-lhes uma certa superioridade por comparação com os povos autóctones das restantes possessões ultramarinas. Segundo Lopes Filho:

“Ao longo dos tempos dá-se a ascensão do mulato, que acabou por adoptar os valores sociais e espirituais tradicionalmente vinculados à «situação burguesa», os quais se tornariam apanágio dos mestiços, visto que, à medida que subiam na escala social, as camadas populares deixavam de ser representantes da sua primitiva cultura, para aderirem à dos grupos dominantes” (Guerra, 1986)

A referência cultural passou, então, a ser a do colono que dominava o poder político, económico e religioso. Esse legado foi passado ao longo do tempo, dando origem a uma identidade própria, bastante aglutinadora, “dotada de valores próprios cuja singularidade a diferenciam do conjunto dos demais povos das nações do Mundo” (Almada, 2006: 118). Tal é particularmente visível na sua produção artística, sobretudo ao nível da música, ou da literatura, que incluem elementos culturais e estilísticos de origens diversificadas e, ao mesmo tempo, únicas.

É, ainda, preciso notar “(…) em Cabo Verde houve uma dupla miscigenação étnico-cultural. Uma envolvendo europeus e africanos, outra envolvendo as várias etnias negro-

africanos que concorreram para a constituição da população cabo-verdiana” (Almada, 1992:32). É desse caldeamento de culturas e de compósitos genéticos que é feito o povo cabo-verdiano. Acresce, ainda, a forte influência do fenómeno migratório que se começou a desenhar no país pouco tempo depois da sua descoberta com as deslocações, primeiro, para o continente americano (Estados Unidos e Brasil) e, já no século XX, para diversos países europeus e africanos.

Os cabo-verdianos que encontraram noutras paragens melhores condições de vida transportam para o arquipélago as suas vivências adquiridas ao longo da sua experiência migratória e no diálogo com o outro culturalmente distinto, contribuindo para uma maior abertura ao mundo. Parece haver correspondência entre esta apetência para a abertura ao outro com o que adiante veremos como um dos critérios tidos em conta pelo programador – a diversidade.

2.3. Ilha de S. Vicente e as suas particularidades culturais face ao arquipélago

O seu povoamento tardio teve início no século XVIII. Mesmo tendo em conta a desertificação e aridez da ilha que não prenunciava boas hipóteses de sobrevivência, alguns escravos que entretanto conquistaram a liberdade, oriundos de outras ilhas, instalaram-se ao lado de piratas e corsários que se refugiavam na sua baía abrigada. Em meados do século XVIII, Portugal reconhece a importância estratégica de S. Vicente nas rotas de navegação do Atlântico. Na sequência desse reconhecimento “em 1794 partem de Portugal 44 casais e alguns presos que se destinavam ao povoamento da ilha, que só se tornou significativo quando o cônsul inglês, John Rendall, mandou construir, entre 1850-1860, um armazém de carvão frente ao porto Mindelo” (António Carreira (1977), citado por Ramos, 2008).

Germano Almeida, na sua obra Cabo Verde – Viagem pela História das Ilhas, refere que se conjugaram a superioridade da baía que se encontrava fora da rota das areias e a neocolonização dos países do Atlântico Sul feita pelos ingleses a fim de aí colocarem os seus produtos excedentários. Daí a instalação de vários armazéns de carvão como sejam a *Royal Mail Steam Macket*, a *Patent Fuel*, a *Wilson, Son and Company* e a *Saint Vicent Coaling Company* (Ramos, *op. cit.*)

A baía e os bons ancoradouros do Porto Grande possibilitaram a atracagem de navios vindos de outros países, mas também de outras ilhas. O papel que o Porto Grande desempenhou possibilitou um grande acréscimo da população de São Vicente.

Elisa Silva Andrade, em *As Ilhas de Cabo Verde: da “descoberta” à independência nacional (1460-1975)*, salienta que “Se em 1798 (...) não tinha mais que 232 colonos, em 1878, data em que o Mindelo foi elevado à qualidade de cidade, contava já 3297 habitantes. A abertura para o exterior, o contacto constante com os outros povos num momento em que as comunicações se tornavam mais fáceis, influenciarão os hábitos da população de S. Vicente. A europeização desta ilha é mais acentuada.” (p. 39) Deste contacto com estrangeiros resultou, por exemplo, a introdução de estrangeirismos no crioulo local e em algumas práticas como o golfe num local onde a chuva é escassa.

S. Vicente atraiu também habitantes das outras ilhas em busca de emprego e da possibilidade da partida para fora do território nacional, na procura de melhores condições de vida.

Entre 1917 e 1961, o Liceu do Mindelo “foi praticamente a única escola liceal do arquipélago e a maior parte da elite instruída de Cabo Verde passou por lá numa ou noutra altura durante esse período” (Carvalho e Cabral, 2004). Este liceu distinguia-se dos demais no espaço colonial porque a população que o frequentava era na sua maioria mista e não branca, como nas outras províncias. Além disso, alargou o ensino secundário às mulheres, o que constituiu uma novidade, na altura.

O facto de que para prosseguir os estudos os alunos tivessem de se deslocar para S. Vicente levou a que alguns desses estudantes permanecessem na ilha após a conclusão daqueles.

Após o ensino secundário ter sido criado noutras ilhas “a descentralização tornou-se evidente, no entanto, S. Vicente manteve alguma tradição de acolher estudantes forasteiros não só pela atractividade da sua vida intelectual, mas também por ter uma oferta rica e diversificada” (Ramos, 2008) proporcionada também pela oferta de outras formações de nível médio.

Devido às diversas oportunidades de negócio, desde o final do século XIX algumas famílias de Santo Antão e São Nicolau, possuidoras de capital, instalaram-se no Mindelo onde desenvolveram as suas actividades comerciais. Os seus produtos serviam e eram vendidos aos que passavam pelo Porto Grande (*Idem*). É em S. Vicente que os fluxos migratórios internos têm maior dimensão. “O encontro de pessoas com origem diversa influiu directamente na estrutura social de S. Vicente, já de si com traços culturais diversificados devido à presença dos ingleses, mas também de outros forasteiros que passavam pelo Porto Grande (Ramos, *op. cit.* p. 7).

A maior parte das actividades económicas de S. Vicente concentraram-se no Mindelo, sendo muito escasso o investimento na periferia.

Devido ao já referido Liceu, S. Vicente transformou-se no centro intelectual do arquipélago. Mesquitela Lima refere que “Alguns dos seus docentes marcam de tal maneira os alunos que estes quase os transformam em mitos vivos. Esta atitude tem reflexos na estrutura social de tal ordem que qualquer evento de carácter intelectual que se produzisse, era tomado como uma verdadeira *feira*. (citado por Ramos, *op. cit*, p. 15). Seria interessante verificar se esse ambiente festivo ainda rodeia os eventos de carácter intelectual produzidos nos dias de hoje.

A tradição intelectual e sindical de S. Vicente, juntamente com o Liceu foi “palco de formação política da elite local e da elite de todo o arquipélago. Os jovens que frequentavam o ensino secundário não se limitavam ao espaço escolar, pois praticavam desporto nos grupos e clubes organizados, promoviam tertúlias, publicavam artigos e integravam os movimentos associativos existentes na ilha” (Ramos, *op. cit*, p. 19). Com estas raízes se formou o cadinho no qual germinou e cresceu a geração que fundou a Associação Artística e Cultural MINDELACT e levou a cabo o Festival de que nos ocupamos neste trabalho.

2.4. Importância de estudar o Festival Internacional de Teatro MINDELACT

Das dinâmicas culturais existentes em Cabo Verde, especificamente em S. Vicente, destaca-se o Carnaval (Fevereiro ou Março) e o Festival Baía das Gatas (Agosto), tendo este último evento uma adesão muito forte por parte de toda a população do arquipélago. Após o mês de Agosto, de agitação em toda a ilha, esta esmorece um pouco e havia a necessidade de criar um evento que dinamizasse a cidade. Esta foi a razão pela qual o mês de Setembro foi escolhido para a realização do Festival MINDELACT

Relativamente às artes cénicas, assistimos à persistência do grupo de teatro *Korda Kaoberdi*, sob orientação do dramaturgo Francisco Fragoso, na ilha de Santiago, o grupo *Juventude em Marcha*, sob orientação do dramaturgo Jorge Martins, na ilha de St. Antão e simultaneamente, na ilha de São Vicente, surge um movimento de geração de actores promotores de dinâmicas representativas na vida cultural da cidade do Mindelo, alguns deles fazendo parte, actualmente, dos órgãos directivos da Associação MINDELACT, e que se tornaram referências de gerações de actores mais recentes. Temos assim três polos de desenvolvimento teatral, cada um com características próprias, mas comungando dos mesmos aspectos sociais específicos de Cabo Verde. Logo a seguir, encontramos o grupo de teatro da

ilha do Fogo, o Grupo Canizade, procurando recuperar uma tradição teatral que já tinha sido bem forte nesta ilha, retratando aspectos sociais, culturais e também políticos que lhe conferem uma identidade muito própria dentro de um conjunto de expressões, linguagem e ritmo distintos da ilha e não deixando de ter o cunho do país.

As artes cénicas, em Cabo Verde, confluem, assim, sobretudo para três ilhas: ilha de Santiago, ilha de St. Antão, e na ilha de S. Vicente, com o actor, encenador e dramaturgo Manuel Estevão. S. Vicente distingue-se por ter sido a ilha onde se formaram mais grupos de teatro e onde se encontravam alguns agentes teatrais que promoveram formações realizadas no arquipélago de Cabo Verde. Esta forma de expressão artística estendeu-se, através da formação, a mais ilhas do arquipélago, no entanto a actividade cultural em torno do teatro consolida-se em S. Vicente. Neste contexto cultural favorável a esta forma de arte houve, ainda assim, alguma dificuldade em manter actividades culturais regulares, mesmo após várias experiências tidas neste âmbito. Manuel Estevão, sócio fundador da Associação *MINDELACT* declara:

“Fui Presidente de uma anterior associação de teatro, a ARTA – Associação Regional de Teatro Amador, que por diversos motivos, não deu grandes passos na área, e que por esses motivos fez apenas dois Festivais. Nesses festivais não houve somente teatro, mas diversas outras actividades como música, artesanato, dança, etc. O João Branco ainda não tinha vindo para S. Vicente, quando veio, a ARTA já tinha sido extinta.” (entrevista a Manuel Estevão)

Fonseca Soares, actor e um dos primeiros sócios da Associação *MINDELACT*, quando questionado sobre as valências artísticas no Mindelo e do teatro em Cabo Verde diz:

“(...) mesmo o teatro que sempre teve expressão através de clubes privados ligados a modalidades desportivas, em cada organização havia sempre o espaço para a cultura, para a criação, para a arte; grupos pararam e os poucos que conseguiram continuar mudaram o objectivo que passou a ser acompanhar os tempos da independência e as motivações políticas, portanto, uma arte já, em certa medida, deturpada, enviesada, desviada.” (entrevista a Fonseca Soares).

Em 1995, os grupos teatrais existentes em S. Vicente juntamente com os agentes teatrais reuniram-se e organizaram, pela primeira vez, a *Festa do Teatro* como necessidade de levar a cabo as suas ideias e experiências. Daqui surge o Festival *MINDELACT* que, de ano para ano, vai tomando um formato com mais propostas teatrais e maior envolvimento de companhias de outras ilhas. Facto é que a iniciativa se instala no Mindelo e não na capital do país. Segundo João Branco, numa entrevista dada ao *Expresso das Ilhas*, “O *MINDELACT* é

o que é por ter nascido aqui e o próprio nome do festival tem o nome da cidade. Não é que não possa haver outros festivais noutras cidades mas, inevitavelmente, iriam ter um espírito diferente. Cada cidade tem a sua alma própria e o *MINDELACT* reflecte aquilo que o Mindelo é. Melhor, acho que o *MINDELACT* reflecte aquilo que o Mindelo era no passado e que luta para ainda ser hoje: uma cidade cultural, desperta, que se interessa, que provoca, que reivindica.” (2010). João Branco acrescenta “(...) em relação ao teatro, e ao Festival em particular, eu costumo dizer que muito dificilmente o *MINDELACT* poderia acontecer noutro sítio, por isso se chama *MINDELACT*, não se chama *Caboverdact* ou outro nome qualquer.” (entrevista a João Branco).

Sobre o Festival *MINDELACT*, António Jorge Delgado, Ministro da Cultura diz no discurso de abertura do evento, em 1999:

“No dia em que se fizer a história do Teatro em Cabo Verde, teremos que considerar dois períodos: o antes *MINDELACT* e o pós-*MINDELACT*.” (Branco, 2004). A força que o Festival *MINDELACT* tem junto da população cabo-verdiana, em especial na cidade do Mindelo, leva a que surjam opiniões que caracterizam este evento como determinante na agenda cultural da cidade, ao longo do ano e com reconhecimento a nível nacional, como se constata, pela declaração do responsável máximo pela cultura, acima transcrita.

3. A ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL *MINDELACT* - PROJECTO TEATRAL EM S. VICENTE: CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO

A Associação Artística e Cultural *MINDELACT*, que herdou o nome do Festival, nasce oficialmente em 1996, graças ao empenho de um grupo de jovens actores que organizaram, no ano anterior, um festival de teatro com o nome de “Festival *MINDELACT*” com cinco espectáculos em três dias, revelando-se em pouco tempo um estímulo ao teatro cabo-verdiano e um desafio concreto à capacidade de criação e de realização quer dos colectivos teatrais quer dos criadores individuais. Aquela associação vem pois reflectir o processo de revitalização iniciado em 1995, com a primeira edição do festival no Mindelo. E, assim, segundo Manuel Estêvão, na entrevista concedida, e a Revista *MINDELACT* nº 0, Janeiro/Julho de 1997, p.4, a associação contrariou estoicamente o marasmo e a indiferença, segundo as palavras de um e de outra, incentivando o aparecimento de novos grupos de teatro e com total recepção por parte do público que, sobretudo no Mindelo, sempre aderiu fervorosamente a estas iniciativas. Na opinião de João Branco, em entrevista, a experiência foi de tal modo marcante que decidiram não parar. Urgia fazer mais, solidificar o que estava feito, formando uma associação de objectivos mais amplos, com personalidade jurídica e órgãos eleitos. Assim nasceu a Associação Artística e Cultural *MINDELACT*, no dia 24 de Março de 1996.

O desafio da *MINDELACT*, enquanto associação artística e cultural, é enorme.

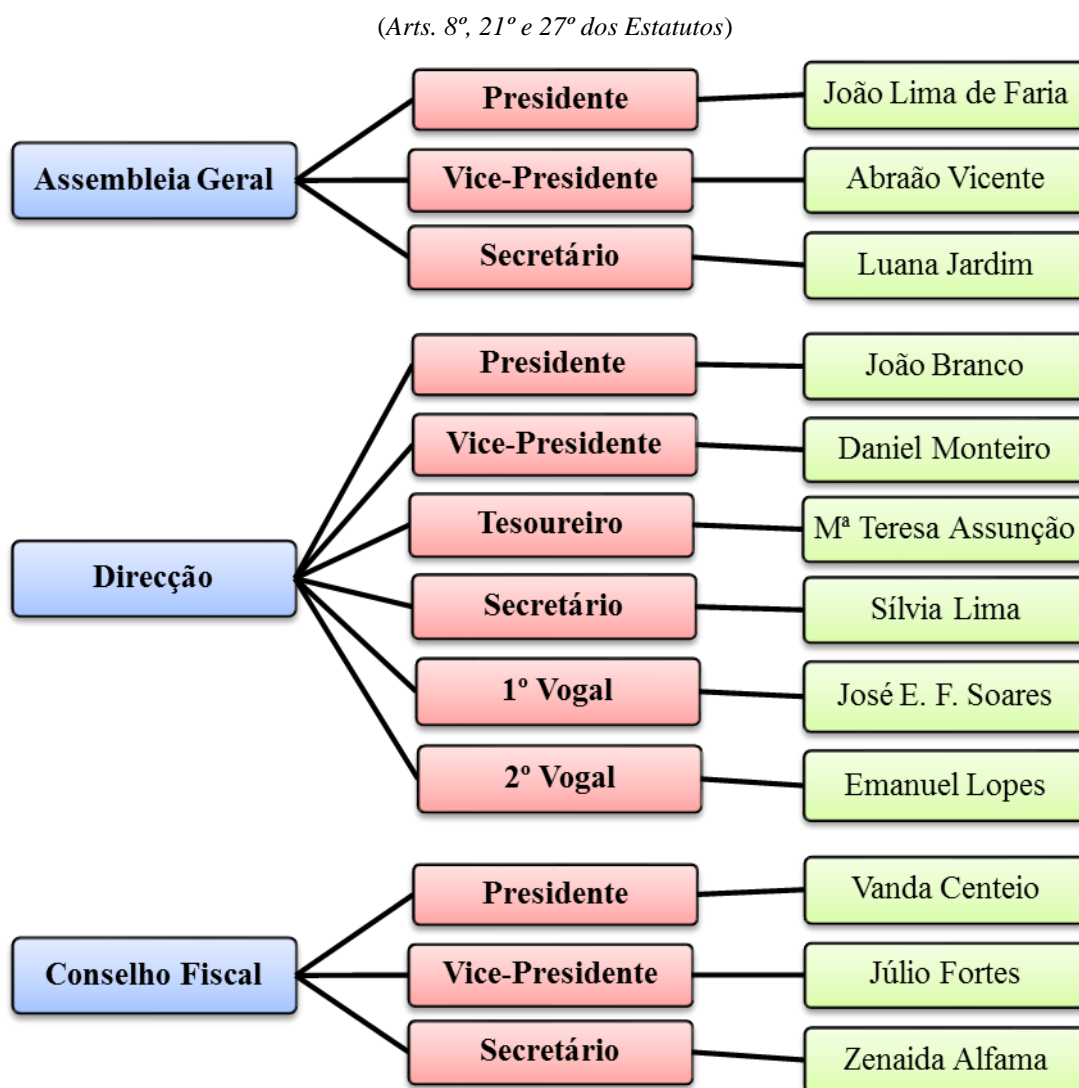
“ (...) o Teatro em Cabo Verde, para responder à sede social e cultural que se tem dele, tem pelo menos de recuperar 60 anos de atraso em relação à literatura cabo-verdiana” Leão Lopes, citado por João Branco (2004:245). Considerando a urgência em recuperar este atraso, curioso será verificar que o discurso se altera a partir de 1996 e a programação do festival, com uma grande perícia por parte do programador, avança numa velocidade atroz, tendo ficado alinhado temporalmente com a literatura cabo-verdiana (*ibidem*).

Como vimos, o teatro cabo-verdiano, até à data, 1996, sofre de um atraso de 60 anos face à literatura do mesmo país “o que só por isso e sob o ponto de vista da criação artística é estimulante,” Daí que o mesmo autor afirme que “Urge recuperar esse atraso e não se deixar cair no que foi o passado recente. “ (...) em período de pós-independência a criação de novos e interessantes projectos teatrais que viriam a desaparecer em consequência de um natural

entusiasmo e utopia iniciais, naturais de uma nação em período de afirmação.” (Leão Lopes, 1997: 5)

3.1. Modelo organizativo e de gestão

Enquanto associação artística e cultural, a associação *MINDELACT* tem os seguintes órgãos sociais e cargos, ocupados pelas pessoas abaixo discriminadas (ano de 2012):



A Assembleia-Geral, segundo o art.º 14º dos Estatutos, (anexo 1), tem competências genéricas que passam por eleger e demitir a Mesa da Assembleia-Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal, embora a votação para a demissão só seja válida com a maioria de dois terços dos sócios presentes. Reunidos em plenário, os sócios podem aprovar o relatório das actividades da Direcção, aprovar as contas anuais, precedidas do parecer do Conselho Fiscal.

Podem, também, admitir e demitir sócios da Associação. E, ainda, com a maioria de dois terços podem proceder à revisão dos Estatutos. No âmbito da Assembleia Geral, cabe a esta definir as linhas gerais de actuação da Associação, propor e decidir a atribuição do Prémio de Mérito Teatral e pronunciar-se sobre todas as questões que lhe sejam submetidas.

No art.º 22º, compete à Direcção programar, planificar e dinamizar o Festival Internacional de Teatro do Mindelo – *MINDELACT* devendo, para isso, nomear a Direcção Artística, Direcção Técnica e Direcção Financeira do referido festival; garantir o bom funcionamento e gestão do Centro de Documentação e Investigação Teatral do Mindelo – CEDIT; trabalhar de modo a cumprir e fazer cumprir os objectivos enumerados no art.º 1º dos Estatutos; apresentar à Assembleia Geral o Plano de Actividade e o Relatório de Contas e submetê-lo à aprovação do plenário; pronunciar-se publicamente sobre as matérias que estão directamente ligadas com os fins prosseguidos pela Associação *MINDELACT*, no estrito respeito pelas deliberações dos restantes órgãos; administrar o património da Associação; emitir pareceres sobre pedidos de adesão por não sócios; representar a Associação em juízo e fora dele, através do Presidente ou em quem este delegar, de acordo com as orientações da Assembleia Geral.

As incumbências do Presidente da Direcção da Associação *MINDELACT*, de acordo com o art.º 23º dos Estatutos, são desde a convocatória de reuniões e a sua presidência à direcção, coordenação e dinamização de actividades da associação bem como a substituição de colaboradores.

No seu art.º 28º, é atribuído ao Conselho Fiscal a competência de dar parecer sobre as contas anuais bem como sobre qualquer matéria de natureza financeira ou patrimonial ou outra que lhe seja solicitada pelos restantes órgãos e deliberar por maioria simples.

Constituem receitas da Associação *MINDELACT*, segundo o art.º 31º dos mesmos Estatutos:

- a) Os subsídios que lhe sejam atribuídos pelos poderes constituídos;
- b) Quaisquer outros subsídios ou doações;
- c) As receitas provenientes dos espectáculos do Festival Internacional de Teatro do Mindelo – *MINDELACT*.

3.2. Março – mês do Teatro

O aparecimento de Março – Mês de Teatro, em 2000, surgiu da necessidade sentida pela Associação Artística e Cultural *MINDELACT* de criar um segundo pólo de actividade teatral anual em Cabo Verde e de alargar as comemorações do Dia Mundial do Teatro, 27 de Março.

Assim, durante todo o mês de Março, toda a comunicação social cabo-verdiana é mobilizada para a divulgação em larga escala das artes cénicas e de todas as actividades teatrais realizadas um pouco por todo o Arquipélago. A Associação *MINDELACT* contacta, previamente, as companhias para se inteirar das possibilidades de programarem espectáculos de teatro ou acções de formação nas respectivas ilhas ou nos respectivos Municípios. Havendo possibilidade, a Associação *MINDELACT* associa-se às companhias, não numa perspectiva proteccionista, mas para que os promotores dessas actividades sejam as próprias companhias e juntos, cheguem às instâncias de apoio, como o Governo, as Câmaras Municipais e os privados. Esse apoio é canalizado directamente para as companhias.

No plano da formação, a Associação *MINDELACT* disponibiliza-se enviando formadores às companhias que manifestarem abertura para tal. Também existem casos em que aproveitando os contactos que a Associação *MINDELACT* tem com os Municípios, na área de formação, a mesma envia formadores, às custas do Município. Esses formandos, reunidos em pequenas companhias, são os que têm maior probabilidade de participar no “Festival *OFF*” em Setembro, no Festival *MINDELACT*.

Ainda durante o mês de Março, são promovidos ciclos de documentários / vídeos dedicados às artes cénicas ou a actividades culturais a elas ligados, divulgados na Televisão e visionados nas salas de espectáculos.

Esta movimentação tem a duração de um mês e culmina com a entrega pela Associação *MINDELACT*, no dia 27, do “Prémio de Mérito Teatral”, numa cerimónia realizada na cidade do Mindelo, em S. Vicente, na sede da Associação. Este prémio foi instituído para homenagear agentes teatrais, companhias, público, empresas ou instituições públicas ou privadas que se destaquem pelo apoio e contribuição para o desenvolvimento das artes cénicas cabo-verdianas e serve de incentivo para que continuem a apoiar e melhorar o teatro cabo-verdiano.

3.3. Revista *MINDELACT* – teatro em revista

A revista *MINDELACT* – teatro em revista teve a sua aparição em 1997, com o N.º 0, com o espaço temporal entre Janeiro e Junho desse mesmo ano. Foi criada com o objectivo de ser um instrumento ao alcance dos agentes teatrais e do público em geral, para conhecimento e divulgação do teatro feito em Cabo Verde e no estrangeiro, bem como para aumentar o saber sobre a arte cénica e as suas técnicas básicas.

A revista veio colmatar a exiguidade no campo editorial sobre o teatro cabo-verdiano que se fazia nos anos anteriores à independência e nos 21 anos do pós-independência, surgindo com uma “porta-do-sol para um novo teatro”. Aliás, é o que se pode ler no editorial do N.º 0: “Num tempo de torpezas, onde quase todos os valores altruístas nos aparecem às avessas, tornando o falso em verdadeiro, surge-nos o teatro como alívio da resistência humana e nesta senda levanta-se insofismavelmente esta nossa revista como que uma mãe-protectora e uma porta do sol para um teatro novo que se quer fazer em Cabo Verde”. Para a Associação *MINDELACT*, a revista foi mais um desafio lançado a fim de congregar os esforços de todos quantos se empenham em contribuir para as artes cénicas no Arquipélago.

3.4. CEDIT – Centro de Documentação e Investigação Teatral

Dentro das dinâmicas criadas em torno do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* e da Associação propriamente dita tornou-se imperativo o registo de toda a actividade teatral realizada em Cabo Verde e daí resulta o CEDIT – Centro de Documentação e Investigação Teatral.

Criado, em 2005, pela Associação *MINDELACT*, o CEDIT resultou do facto de se sentir a necessidade de um espaço onde os professores, os estudantes, os agentes de educação e interessados pelas artes cénicas cabo-verdianas, pudessem colher informações, investigar e aprofundar conhecimentos relacionados com o teatro cabo-verdiano. Ao criar o CEDIT, a Associação Artística e Cultural *MINDELACT* traçou como objectivos gerais servir a memória do teatro cabo-verdiano; contribuir para a edificação de um acervo documental referente à história do teatro cabo-verdiano; ser um instrumento de valor pedagógico e científico ao serviço do público e dos criadores e artistas cabo-verdianos; dispor de uma biblioteca teatral e de um centro de documentação com função de apoio à actividade teatral nos seus diversos domínios; dispor de um acervo fotográfico, devidamente catalogado, ao serviço dos agentes teatrais e da comunicação social; contribuir para a investigação, recolha e posterior

conservação de todos os dados e elementos referentes ao teatro cabo-verdiano; apoiar estudantes e investigadores em trabalhos relacionados com as artes cénicas cabo-verdianas e funcionar como um espaço de estudo, contemplando a investigação via redes sociais – internet. E, em coerência com o projectado, a Associação *MINDELACT*, ao longo dos anos da sua existência, foi acumulando um importante acervo documental que, com o CEDIT, está colocado à disposição de todos os interessados, com destaque para investigadores. Esta biblioteca especializada possui peças de teatro e livros técnicos nas diversas áreas técnicas relacionadas com as artes do palco.

São cerca de 1.500 títulos referentes às mais importantes obras teatrais editadas em língua portuguesa, e outras relacionadas com cultura cabo-verdiana, editadas em Cabo Verde. No CEDIT existem, ainda, cópias e/ou originais de praticamente todas as notícias sobre as artes cénicas que foram publicadas na comunicação social cabo-verdiana, desde a sua Independência, perfazendo alguns milhares de preciosos documentos, prontos para serem também catalogados, informatizados e colocados à disposição da sociedade civil.

Encontra-se, também, um significativo acervo fotográfico de peças de teatro nacionais e estrangeiras apresentadas em território nacional, assim como programas e folhetos referentes a inúmeros espetáculos. Neste espaço físico, localizado no Mercado Municipal do Mindelo, gerido pela Associação *MINDELACT*, encontramos toda a documentação relacionada sobretudo com iniciativas criadas pela mesma associação.

4. FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO MINDELACT: O PALCO DO TEATRO EM CABO VERDE – 10 ANOS DE PROGRAMAÇÃO

A necessidade de pertença a um grupo, a uma comunidade intelectual e espiritual encontra no Festival um modo assaz eficaz de se cumprir. Podemos ver nele uma maneira de satisfação esporádica, através de uma forma festiva, de rompimento com os ritmos de trabalho instituídos, mas também de revitalização das artes urbanas, de introdução de novas produções artísticas, de promoção da educação pelas artes, de contribuição para o desenvolvimento das regiões onde ocorrem.

Para Hugues (2000, p. 27), os festivais são “eventos especiais onde existe uma pequena concentração de actividades durante um curto período de tempo. Este período de tempo desenvolve-se geralmente aos fins-de-semana, mas tratando-se de eventos com uma certa envergadura, tais actividades poderão prolongar-se por algumas semanas”. Este autor salienta a periodicidade como uma das características de um festival, bem como a concentração de actividades. O dicionário brasileiro Aulete sugere que a periodicidade pode ou não ocorrer ao considerar que é uma “série de eventos ou espectáculos culturais, com diversas apresentações, podendo ocorrer periodicamente” ([www. aulete.uol.com.br](http://www.aulete.uol.com.br), observado a 15 de Janeiro de 2014).

Stern apresenta ligação entre festival e torneio ao afirmar que “ambos os termos são utilizados para descrever eventos dramáticos, nos quais mais do que um grupo apresenta o seu trabalho para uma determinada audiência, ou para um conjunto de juízes, ou para ambos” (Stern,1995:51). Mas se o torneio é um “evento competitivo” o festival é um acontecimento “não competitivo”, embora na prática “não se faça qualquer tipo de distinção ” e possa ser competitivo, como acontece em alguns festivais, por exemplo, de cinema..

Sabemos que alguns modos mais informais de assistência a espectáculos que os festivais proporcionam são aliciantes para públicos mais jovens ou que não têm hábitos de consumo cultural nas formas mais tradicionais. Também há que referir que se há que sair dos espaços físicos habituais a necessidade de adaptação pode desencadear inovação, sobretudo para encontrar novas soluções cénicas, no caso do teatro.

Worms (1995) e Fortuna (2002) apresentam um conjunto de vantagens trazidas pelos festivais:

- Possibilitam momentos de diversão e lazer cultural em comunidade;
- Incentivam as pessoas que habitualmente não participam a fazê-lo;

- Incrementam a identidade local e o orgulho comunitário já que tornam a localidade conhecida nacional e internacionalmente;
- Desenvolvem qualidades de liderança e trabalho junto de quem apenas participava, a título de voluntariado, no planeamento, organização, implementação e controlo de eventos culturais;
- Permitem que num curto período seja possível assistir a vários espectáculos, cujas performances são desempenhadas, por vezes, por grupos de prestígio no panorama internacional;
- Incrementam outras indústrias subsidiárias à realização e implementação de festivais, fomentando o turismo cultural.

Os mesmos autores chamam a atenção para as desvantagens dos festivais, realçando:

- Levarem semanas/meses a serem planeados e preparados para depois o resultado ter uma breve duração;
- A dificuldade de garantia de financiamento que obriga, muitas vezes, a redefinições das programações;
- O risco de, apesar da divulgação, poderem ocorrer “externalidades negativas” que possam influenciar o público e inibi-lo de participar no evento.

De salientar, no entanto, que as características que mantêm, advindas da era grega, são as que sustentam os festivais e levam a que se continue a acreditar na fórmula: a já referida periodicidade, mas também a territorialidade e o efeito colectivo e agregador. Este último, talvez seja o mais fundamental e leve a explicar a duração desses mesmos festivais, pois partilha-se a festa e também a capacidade de agregar um conjunto de indivíduos num determinado momento e lugar.

De notar que no festival a relação público/espectáculo apresenta semelhanças com a Grécia Clássica, já que, no papel de “coro” o público pode arbitrar quanto à qualidade ou não daquilo a que assiste.

Sobre o Festival Internacional de Teatro – *MINDELACT*, o Director-Geral das Artes de Cabo Verde, João Paulo Brito, salienta que o mesmo é tido como o principal acontecimento teatral que existe actualmente em Cabo Verde: “(...) o *MINDELACT* é, neste momento, um dos momentos mais marcantes do calendário cultural cabo-verdiano” (entrevista a João Paulo Brito). Congrega espectáculos de teatro, tanto no auditório como nas ruas, nas praças, nas escolas, nos bairros periféricos e nos autocarros, para adultos e crianças, acções de formação em diversas áreas artísticas como técnicas teatrais, expressão dramática, dramaturgia, técnica vocal, técnica de “*cloun*”, técnicas da comédia *dell’arte*, manipulação de marionetas, sombras

chinesas, produção de espectáculos, contadores de história, expressão corporal e dança, teatro radiofónico, mímica e o teatro gestual, iluminação de espectáculos, cenografia, *static man*, concepção gráfica, construção de máscaras, construção de bonecos e ilusionismo, encontros de agentes teatrais cabo-verdianos e de diversos países, intercâmbios entre programadores, produtores, actores e público para troca de experiências e aprofundamento de conhecimentos sobre o teatro que se faz nos respectivos países, projecção de filmes, exposições de fotografias, pinturas, *design* e artes plásticas, espectáculos de música, convívios dançantes e gastronomia no espírito de congregação de várias expressões artísticas.

A estrutura da programação do Festival *MINDELACT* é composta por várias secções diversificadas que têm vindo a ampliar-se de acordo com a evolução do festival. As referidas secções são elementos diferenciadores e específicos neste festival, estabelecendo assim uma co-relação entre a programação e a procura de outros equipamentos, outras propostas cénicas apresentadas, que conduzem ao encontro de mais soluções criativas, tendo em conta o público-alvo e a componente formativa.

Encontramos, em 2012, a seguinte estrutura:

PALCO PRINCIPAL - estes espectáculos realizam-se em horário nobre (21.30h) e são os espectáculos principais e com mais destaque do ponto de vista técnico. É o maior cartaz do festival e as peças são apresentadas numa das duas salas de espectáculos da cidade do Mindelo, o auditório do Centro Cultural do Mindelo, sendo que a outra sala se encontra fechada (Cinema Éden Park). Embora a grande maioria dos grupos de teatro africano, incluindo os cabo-verdianos, sejam amadores no sentido económico e social do termo, estes são incluídos na Programação Principal da mesma forma, dispondo precisamente das mesmas condições de produção, técnicas e de promoção das companhias profissionais oriundas de outros países. É a única secção da programação com espectáculos pagos embora todos os participantes, colaboradores, convidados e representantes das instituições e empresas apoiantes tenham o seu lugar garantido. A taxa de ocupação destes espectáculos ronda quase sempre os 100%. A grande maioria dos espectáculos esgota rapidamente e, talvez por isso, a população e a comunidade artística têm vindo a reclamar a existência de uma nova sala de espectáculos com maior capacidade que as existentes actualmente (http://mindelact.org/?page_id=230, observado à data de 17 de Outubro de 2012).

FESTIVAL OFF - Um espaço de experimentação teatral aberto à criatividade e à ousadia artística, dedicado a espectáculos de pequeno formato e de curta duração. Integrado no Festival *MINDELACT*, só no ano 2001 teve condições de se concretizar com enorme

sucesso. São apresentados em espaços alternativos e em horário tardio, geralmente perto da meia-noite, ou seja, logo após o término do espectáculo da sala (palco) principal. São realizados no pátio do Centro Cultural do Mindelo. A capacidade deste espaço também é diminuta e apesar da hora tardia está quase sempre superlotado, mostrando o elevado interesse que estes “exercícios” cénicos suscitam. Inicialmente aberto apenas a companhias cabo-verdianas, internacionalizou-se dado o crescimento do festival e apoio (em 1997) da Associação Cultural Cena Lusófona. A internacionalização provocou um aumento exponencial das propostas chegadas à organização do festival e levou a um elevado número de peças apresentadas com características adaptáveis ao espírito desta programação. Uma companhia cabo-verdiana cuja peça seja apresentada numa edição do Festival *OFF* tem maiores possibilidades de, no ano seguinte, ascender ao palco principal (ex: Grupo de teatro Dja d’Sal – 2011 no palco principal). Nele assumem maior importância o exercício cénico, a experimentação teatral e o desenvolvimento dramático. Deve ser visto mais como um desafio premente à criação, à evolução do processo criativo de todos os participantes, começando pelos grupos de teatro desafiados, assim como pelo público que assistirá a estes trabalhos. Como cada grupo aproveitará esse tempo e esse espaço cénico é a grande curiosidade. E, segundo o programador, mais um motivo para se celebrar a festa do teatro durante todo o festival *MINDELACT*. (http://mindelact.org/?page_id=230 e catálogo da programação de 2011).

TEATROLÂNDIA - No ano 2002 surge pela primeira vez no festival uma programação exclusivamente dedicada ao público infantil e com a Alto Patrocínio da Unicef. No próprio catálogo de programação elaborado pela produção do Festival encontramos a seguinte redacção:

“Quem já assistiu, nestes últimos tempos, a algum espectáculo de teatro no auditório do Centro Cultural do Mindelo terá notado uma presença muito acentuada de crianças entre o público, na maioria dos casos acompanhada pelos pais. Mesmo em espectáculos de teatro não referenciados como sendo especialmente direccionados para o público infantil, a presença das crianças é sempre notada, constituindo uma componente do nosso público muito interessante. Em espectáculos cujo conteúdo é direccionado para as crianças, as enchentes são também sempre garantidas. Ou seja, na cidade do Mindelo, o público de teatro tem vindo a ser criado desde tenra idade, preconizando o famoso ditado popular que nos diz que “de pequenino se torce o pepino” (Catálogo do ano 2002: 34).

Além disso, não é novidade a enorme importância que tem para o desenvolvimento da criança e a boa influência que pode ter o exercício da expressão dramática nas suas diversas componentes – enquanto actor ou espectador – no desenvolvimento das capacidades físicas, motoras, criativas e psíquicas das crianças (programador do festival, *ibidem*:34)

A forte adesão por parte do público infantil levou a que em 2011 a programação a ele dedicada se repartisse em duas: uma com uma vertente exclusivamente de espectáculos mais convencional e outra mais interactiva intitulada I Ciclo Internacional de Contadores de Histórias.

TEATRO PERFORMANCE surge neste festival com intervenções e espectáculos nas ruas da cidade, como forma de socialização entre as pessoas relacionadas com o teatro. Teatro feito para o povo que vai onde o povo está, que o provoca, o motiva e aumenta, e muito, o número de pessoas que assiste às actividades do MINDELACT que, de outra forma, dificilmente poderia fazê-lo por não ter condições financeiras para adquirir os bilhetes. Assim, “as intervenções teatrais na rua são já comuns, sejam elas durante o dia em alguma das principais praças da cidade, seja de noite, à porta do principal teatro, seja ainda em alguma zona periférica da ilha onde geralmente o teatro, em particular, e as actividades culturais, em geral, quase nunca chegam” (http://mindelact.org/?page_id=230, consultado em 17/10/2012)

TEATRO PERIFERIA – esta secção do festival tem como principal objectivo fomentar os espectáculos da programação em espaços alternativos. Tem um cariz social uma vez que o público, por norma, é um público da classe média alta e que habita no centro ou nos melhores bairros da cidade. Com o *Teatro Periferia*, o teatro chega a uma comunidade que vive fora do contexto antes descrito, normalmente carenciada e que, em circunstâncias normais não teriam acesso ao evento (*ibidem*).

ACÇÕES DE FORMAÇÃO – uma aposta de formação nas mais diversas áreas tendo como princípio o desenvolvimento sustentado de qualquer actividade. A formação é normalmente ligada às artes em geral e ao teatro em particular. Nesta área, a política da Associação MINDELACT tem sido desde sempre potenciar a presença de técnicos qualificados nas mais diversas áreas e convidá-los para ministrar acções de formação, *ateliers* temáticos ou *workshops* práticos, dirigidos especialmente para os agentes teatrais nacionais. No ano de 2007, surgem formações como “Interpretação” (companhia: Aula Cénica – Brasil); “Concepção gráfica” (formador: Paulo Santos – Cabo Verde); “Trabalho do actor na Teatralidade do meridional” (formador: Romeu Correia); “Fazendo Bonecos” (companhia:

Tanxarina – Espanha); “ Companhia Musical para Teatro” (formador: Fernando Mota); “ Atelier de escrita para Teatro” (formador: José Luís Peixoto – Portugal); “ Teatro de Sombras” (companhia: Lua Cheia – Portugal); “ Laboratório de Máscaras” (companhia: Cenit Teatro – Colômbia); “ Comédia Dell Arte” (formador: Nuno Pinto Custódio – Portugal). Ao longo destes anos foram ministradas formações em áreas tão distintas como interpretação, teatro gestual, expressão corporal, mímica, encenação, cenografia, iluminação, som, desenho gráfico, produção, concepção de figurinos, maquilhagem, quietude artística, etc. De realçar que o acesso a qualquer uma destas formações é totalmente gratuito, pelo que a possibilidade de participação é ampla e diversificada. [4 a 8 acções de formação, com média de 12 horas de duração cada]. Estas formações são ministradas quer por actores/agentes do teatro cabo-verdianos, como de outras nacionalidades que se apresentam na programação do palco principal e do Festival Off, Teatrolândia, etc.: há uma rentabilização dos recursos humanos que se reflecte na amplitude do festival a nível da sua estrutura e na minimização de custos. Sobrepõe-se a oportunidade de o público/sociedade interveniente no festival poder conviver com culturas dos países aí apresentados, revelando diferenciações estéticas (*ibidem*).

ACTIVIDADES CULTURAIS PARALELAS:

“Um grande evento como este é também uma oportunidade de dar a conhecer a quem nos visita um pouco mais da nossa cultura”, escreve-se no catálogo da edição de 2002. “Aliás, e ao contrário do que acontece na maioria dos festivais que se conhecem, as companhias são convidadas a permanecerem na cidade do Mindelo durante uma semana completa, precisamente para poderem conhecer um pouco mais o que é Cabo Verde, a cidade do Mindelo e o seu povo, assim como confraternizar com todos os outros convidados oriundos de outros países” (*ibidem*). Sendo assim, tem sido uma preocupação da organização programar actividades paralelas como exposições e mostras de artes plásticas de artistas cabo-verdianos, concertos de música, noites de gastronomia, entre outros.

Como secções do festival menos regulares mas nem por isso com menor importância encontrámos documentários (2007); exposições; teatro de rua. Os primeiros destacaram-se pela adesão do público aos ciclos apresentados: “ Para além do Tejo” e “ Espírito do Lugar”, ambos produzidos pela companhia portuguesa Teatro Meridional.

Em suma, como resposta à demanda das companhias nacionais pelo Festival a criação do Festival *OFF* cuja ideia inicial era dar oportunidade às pequenas companhias nacionais da ilha de S. Vicente e às oriundas das outras ilhas, com pouca expressão no panorama teatral nacional ou, mesmo vindas das ilhas com alguma actividade teatral, mas que

nasciam na altura, animadas pela dinâmica da criação da Associação *MINDELACT* e do respectivo Festival. Aliás, este conjunto de força que criou esta dinâmica, sempre esteve ligado ao *MINDELACT* desde a sua criação, enquanto associação. Senão, vejamos: no primeiro Festival com o patrocínio da Associação *MINDELACT*, em 1996, participaram 14 companhias nacionais vindas de 5 ilhas diferentes, a saber: São Vicente, 8 companhias; Santo Antão, 3; Santiago, 1; Sal, 1 e São Nicolau, 1 e uma co-produção Cabo Verde/Portugal, produzida pela Associação Cena Lusófona. A programação foi tão complexa que os espectáculos decorreram em diversos espaços, para além do então Auditório da Alfândega Velha, actual Centro Cultural do Mindelo. Podemos enumerar o salão do Clube Náutico do Mindelo, o salão do Centro Cultural Português do Mindelo, que era no Clube Desportivo Amarante, o Auditório do emblemático Cineteatro Éden Park, a Praça da Ribeira Bote, o Coreto da Praça Estrela e o Centro Nacional de Artesanato. Esses espaços, além dos auditórios da Alfândega Velha e do Éden Park, eram alternativos.

Volidos 5 anos, em 2001, criava-se, efectivamente, esse espaço alternativo com o nome “Festival *OFF* – Uma Mesa Duas Cadeiras”, que, inicialmente, era para espectáculos com uma duração máxima de 20 minutos, que aconteciam sempre após o espectáculo principal, e que teve a participação de um grupo de São Vicente, dois de Santiago e um de Santo Antão.

O crescimento anual do Festival de Teatro *MINDELACT* obrigou à alteração da ideia inicial sobre esse teatro nacional alternativo para alargá-lo a outras companhias oriundas de países estrangeiros e com uma duração que, agora, ultrapassa largamente os 20 minutos. Deixando também de ser Teatro Rápido com uma mesa e duas cadeiras, para “Festival *OFF*” com conteúdo e adereços ao critério da companhia. Podemos assistir, hoje, a companhias oriundas de Portugal, Brasil, Bélgica, Mali, Itália, Espanha, França, Marrocos, para além das cabo-verdianas e cujas peças são exibidas no Pátio do Centro Cultural do Mindelo.

Falamos, também, da programação dirigida às crianças que é o “Teatrolândia”, cujas peças são exibidas à tarde ou no final do dia, aproveitando espaços como o Pátio do Centro Cultural do Mindelo, a Academia de Música Jotamonte, os pátios de algumas escolas primárias e secundárias e as zonas de residência na periferia da cidade do Mindelo. Os espectáculos do “Teatrolândia” trazem temas como os saltimbancos, histórias infantis contadas com recurso a animação e movimento, ilusionismo com história, histórias tradicionais e brincadeiras diversas.

Na entrevista realizada ao programador e director artístico do festival este testemunha que “a Associação *MINDELACT* tem procurado sempre no decorrer das suas duas actividades - “Março-mês do Teatro” e “ Festival Internacional e Teatro do Mindelo-

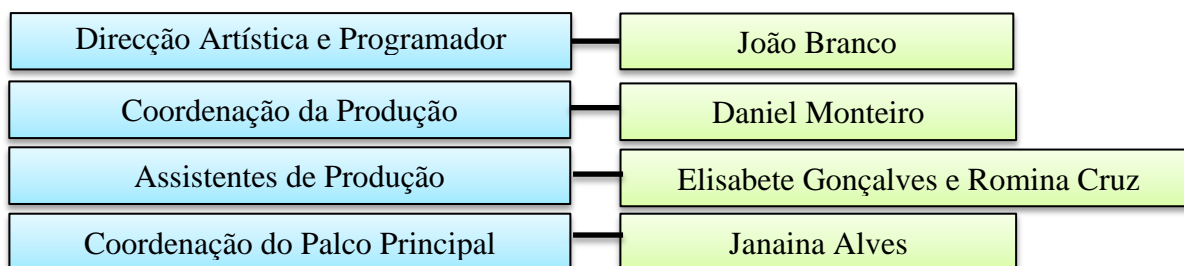
MINDELACT” – programar espectáculos para crianças. Espectáculos de marionetas ou de palhaços, oriundos de Portugal, Cabo Verde, Senegal e de outros países, têm tido uma presença marcante nessas actividades. Este facto promoveu, inclusivamente, a escrita de peças de teatro para crianças por parte dos dramaturgos cabo-verdianos, coisa que até então não era relevante” (catálogos da programação de 2002 e 2011).

Ainda dentro da programação do Festival Internacional de Teatro, encontramos a “Extensão da Praia”. Esta nasceu em 2010, numa parceria com o Centro Cultural Português da Praia – Instituto Camões (CCPP-IC), fruto de um protocolo assinado por esta instituição e a Associação Artística e Cultural *MINDELACT*, por forma a levar alguns espectáculos feitos no “Palco Principal” do Festival *MINDELACT* à cidade da Praia, na Ilha de Santiago, mais propriamente ao Auditório do CCPP-IC. Esses espectáculos, até agora, têm sido de companhias portuguesas e do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões. O referido protocolo, para além de apoiar a ida das companhias portuguesas ao Mindelo, faz com que essas mesmas companhias preencham a programação anual cultural do CCPP-IC e, juntando o útil ao agradável, sirvam para mostrar ao público da Praia um pouco daquilo que se faz no “Palco Principal” do Festival *MINDELACT*.

4.1. Equipas/Comissões de trabalho e Comunicação/Imagem

Uma das vertentes de eficácia na consecução dos objectivos da associação *MINDELACT*, relativamente à realização do Festival e a outras actividades desenvolvidas por aquela (Março – mês do teatro, acções de formação, CEDIT, entre outras), parece dever-se, por um lado, ao facto de grande parte dos elementos das comissões de trabalho, pertencerem à associação (desassete elementos em vinte) e por outro, pela capacidade de fidelização e agregação de outros elementos não ligados estatutariamente à associação que, desde o início, permanecem vinculados às actividades da mesma. O quadro abaixo discrimina as comissões de trabalho relativamente ao festival *MINDELACT*

EQUIPA DO FESTIVAL *MINDELACT* /COMISSÕES DE TRABALHO



Coordenação do Festival OFF	José Pedro Bettencourt
Coordenação do Teatrolândia	Enano e Corsa Fortes
Coordenação do Teatro de Periferia	Renato Lopes
Coordenação de Performances	Elba Lima
Coordenação das Oficinas	Maísa Vieira
Coordenação da Luz	César Fortes e Anselmo Fortes
Coordenação do Som	José E. Fonseca Soares
Coordenação da Bilheteira	M ^a Teresa Assunção e Zenaida Alfama
Coordenação da Alimentação	Elísio Lima
Coordenação do Protocolo de Sala	Luana Jardim
Coordenação da Comunicação	Samira Pereira
Coordenação do Design	Neu Lopes

A capacidade de fidelização e agregação a que acima nos referimos poderá ficar a dever-se, em parte, à marca *MINDELACT*, pois esta não tem perdido de vista uma das principais finalidades com que foi criada – a expansão e o desenvolvimento do teatro cabo-verdiano e, segundo Kotler “ é importante entender que as marcas têm raízes mas que é preciso preservar o essencial em busca do novo. Isso é inovação de marca” (www.coachingourselves.com.br/blog/autores-do-co/10-mandamentos-de-philip-kotler, consultado em 10 de Fevereiro de 2014). De salientar também que, para o mesmo autor (*ibidem*), se devem criar plataformas de desenvolvimento de novos produtos mas sob a mesma marca. Associando o uso à marca, agrega-se-lhe valor. Ora, o que foi dado a observar é que o crescimento verificado ao longo das edições observações, 2002 a 2012, o mesmo continua ligado à marca *MINDELACT*, cuja divulgação é motivo de trabalho específico.

Dentro das comissões de trabalho apresentadas é feita uma aposta séria na coordenação de Comunicação e coordenação de *Design*, aspectos muito cuidados pelo director artístico e programador que atribuiu à imagem usada no festival uma grande importância ao longo de todas as edições. Sempre houve um cuidado com a imagem de marca identificadora do festival a que aquele chama de “*o rosto, a sala de visitas*” (ver capas de catálogos/programas e cartazes (anexo 2). Fonseca Soares refere, a propósito, que um dos

slogans que apropriadamente designa o Festival é: “Teatro do Mundo em São Vicente, ao mesmo tempo que, em crioulo “Teatre d’ mund ne Soncent”, quer dizer, muito teatro. Tem essas duas interpretações – teatro de dimensão mundial e também um mundo de coisas. (...) Dá essa ideia de abertura e de procurar trazer o teatro que se faz noutras partes do mundo para também aqui se fazer” (entrevista a Fonseca Soares)

A organização do festival e o principal responsável pela imagem, Neu Lopes, proporcionaram uma evolução da imagem. Há um Logótipo da Associação Artística e Cultural – *MINDELACT* criado pela artista plástica luso-cabo-verdiana Luísa Queirós cujo *design* é aproveitado para várias peças publicitárias (*franchising* ou não, como sacos, *t’shirts*, blocos, entre outras) e outros produtos do Festival, tal como a estatueta usada anualmente para atribuição do Prémio de Mérito Teatral.



Logótipo oficial da Associação Artística e Cultural –
MINDELACT – *design* concebido por Luísa Queirós, artista
plástica luso-cabo-verdiana.

Estatueta do Prémio de Mérito Teatral – com elementos retirados do logótipo oficial da Associação *MINDELACT*: um ser mítico, marinho, híbrido, que resulta do cruzamento entre homem e peixe, sentado na crista de uma onda, segurando uma espécie de báculo cujo extremo é formado por algas marinhas e uma ponta de espada (Informação facultada por Manuel Estevão, sócio fundador da Associação *Mindelact*)



4.2. Tendências programáticas e a questão linguística

Parece ser possível identificar características genéricas, transversais a todos os tempos, nas artes cénicas no arquipélago de Cabo Verde. Das vivências acontecidas na cultura e no teatro cabo-verdianos os homens e as mulheres encontram-se no cerne dessas manifestações culturais e, neste caso, nas artes cénicas. Tratando-se de um país pobre, com escassas possibilidades de gerar riqueza natural, o teatro apresenta como palavras-chave as

ilhas, a miscigenação, o sol, o mar, o ir e o voltar, o crioulo – constituintes da identidade do povo cabo-verdiano - que encontrámos como tendências temáticas no teatro cabo-verdiano e no próprio festival *MINDELACT*. Aquelas tendências aparecem como transversais a todas as edições. Encontramos também, quer se trate de companhias nacionais quer internacionais, as grandes temáticas ligadas à existência humana também contidas nos temas de dramaturgos universais que encontrámos adaptados para as companhias de teatro cabo-verdianas, uma forma que encontraram de se apropriarem daquelas obras através de contextos que lhes são familiares. Numa visão geográfica e cultural, em Cabo Verde, as ilhas onde encontrámos desde sempre mais actividades no campo das artes cénicas foram Santiago, Santo Antão e S. Vicente. S. Vicente destaca-se logo na década de 70 nas artes cénicas por haver iniciativas no ensino, nomeadamente na Escola Salesiana e na Igreja Nazarena, que previam no seu plano de estudos as artes cénicas, realizando um trabalho consistente neste plano. Por via da criação da Associação *MINDELACT* e, consecutivamente, da criação do Festival *MINDELACT*, aquela e este ao trazerem uma maior visibilidade, ao facilitarem a divulgação e ao facultarem mais meios ou espaços de representação tornaram mais relevantes a existência de grupos de teatro em São Vicente, uma vez que era a ilha que tinha mais grupos, com mais longevidade e com mais peças apresentadas ao público mindelense. S. Vicente, por ser uma cidade aberta ao Mundo, revela-se exigente e o teatro começa a surgir com cenários mais ambiciosos, necessidades técnicas maiores, textos mais ricos e pertinentes. Assim, “é legítimo atribuir à cidade do Mindelo o título da coluna vertebral do teatro do país (com uma ramificação na ilha de Santo Antão), a partir da qual têm surgido as propostas mais interessantes e inovadoras, as iniciativas mais carregadas de significado e importância e onde existem os grupos mais organizados e activos” (Branco, 1998: 64). João Paulo Brito salienta que “este festival só faz sentido, desta forma, aqui em São Vicente. (...) É uma ilha rodeada de montanhas e, como acontece com as chuvas, também acontece com a energia e com as pessoas. Conflui tudo para o mesmo sítio (...) a própria geografia da ilha permite isso (entrevista a João Paulo Brito) Esta citação remete-nos para a importância do espaço físico que os homens e as mulheres habitam que também marca as suas identidades e os enforma, e que não pode ser descurada.

S. Vicente foi a última ilha do arquipélago de Cabo Verde a ser povoada (séc. XVIII), depois de se ter dado todo o processo de miscigenação entre outros povos. Beneficia da sua posição geográfica, com o Porto Grande, onde anteriormente se dava o entreposto de escravos, e, também, ainda visível nos dias de hoje, como lugar onde os navios atracam para se abastecerem de combustível ou como meio mercantil, sendo que S. Vicente padecia da escassez da produção agrícola e de outras vias de subsistência. Este factor fez com que a

população de S. Vicente, desde sempre, se tenha habituado a lidar com a diversidade de povos, o que lhe incutiu uma predisposição para a troca e a diferença.

Esta condição, juntamente com o facto de ter sido a primeira ilha a ter o primeiro liceu do arquipélago até à década de 1960 fez com que o nível de literacia e, por inerência, de dinâmicas culturais, fossem superiores. Torna-se assim a ilha onde se centrava a elite cabo-verdiana, onde se realizavam inúmeras tertúlias e publicações periódicas (Ramos, 2008).

O povo de S. Vicente apresenta-se como o mais cosmopolita das ilhas, pronto a adoptar novos hábitos. Sabe avaliar-se com rigor e objectividade e revela-se num espírito quer de comédia quer de ironia bem presente nas crónicas radiofónicas de Nhô Djunga e Sérgio Frusoni (Cordeiro, revista nº 10, 2002). A montante surgem as demais temáticas que encontramos no teatro no Mindelo, sobretudo através do GTCCPM-IC, considerado um dos grupos referenciais do teatro contemporâneo no Mindelo.

“Mindelo é, pois, o centro catalizador do teatro em Cabo Verde, ponto de encontro e confronto de diferentes caminhos traçados por uma paixão comum.” (Branco, 1998)

O teatro cabo-verdiano vai estando cada vez mais presente fora do país em Festivais Internacionais, ou a convite de grupos e Associações de Cabo Verde da diáspora. Em 1996, o teatro cabo-verdiano é premiado internacionalmente pela Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento do Mundo da Língua Portuguesa ao atribuir o Prémio Teatral de Mérito Lusófono ao Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, um dos grupos referenciais do teatro contemporâneo em Cabo Verde – sinais de tendências de internacionalização.

Este percurso aproxima este evento da sociedade com maior consciência a nível de responsabilidade social e o festival *MINDELACT* consolida-se também nesta perspectiva de reconhecimento pelos mais diversos quadrantes da sociedade cabo-verdiana, quer no sector público quer no privado. Destacam-se a Câmara Municipal de S. Vicente, empresas locais e entidades estrangeiras como o Centro Cultural Português do Mindelo e da Praia, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Associação Cena Lusófona de Portugal que deram um grande impulso para a visibilidade do festival, funcionando, inclusivamente, como veículo de informação para companhias de teatro estrangeiras.

4.2.1. Critérios de Programação

Na entrevista realizada ao programador do festival são apresentados os seus critérios para a programação:

“A programação, para mim, tem 3 palavras-chave que funcionam: um é completamente objectivo, o outro é semi-objectivo e outro é completamente subjectivo (...). E o critério completamente subjectivo é aquele que eu chamo... que tem a ver com os afectos, ou seja, o Festival *MINDELACT* criou uma rede, ao longo destes 19 anos, de afectos tal que, dando um exemplo muito concreto, se o Miguel Seabra do teatro Meridional disser: “ eu tenho uma proposta, quero ir ao *MINDELACT*” eu nem penso duas vezes, é ele que vem. Não é uma questão ditatorial, é uma questão da própria modalidade de construção do festival, ele é feito à base desses afectos. De confianças e de partilhas e de solidariedade com o mundo artístico.” (entrevista a João Branco)

Actualmente, chegam propostas de companhias nacionais e estrangeiras para participar no Festival *MINDELACT* e o programador enuncia, no sítio da Associação *MINDELACT*, que segue critérios de selecção diferenciados na programação do festival para companhias nacionais e para companhias internacionais. As Companhias Nacionais de Cabo Verde são elencadas pelo programador e a sua participação é feita a partir de convite directo da organização. Aparecem enunciados na página electrónica do Festival os seguintes critérios de selecção:

1. A qualidade artística;
2. A localização (ilha a que pertence);
3. O historial recente do grupo e a dinamização do mesmo no seu local de origem;
4. A capacidade mobilizadora de recursos do grupo;
5. O grupo pode apresentar um projecto, mas esta apresentação não é obrigatória, podendo o convite ser feito por iniciativa da direcção artística do festival;

Importa realçar um outro critério importante que surge em nota, após o elenco dos acima referidos: as companhias locais devem obter o apoio e/ou parcerias localmente através das suas Câmaras Municipais ou de empresas que tenham representação ou se situem nas suas ilhas. Isto sugere um modelo participativo de financiamento que é importante vincar.

Da análise das entrevistas relativamente aos critérios de selecção dos grupos e peças cabo-verdianas verificamos que os grupos de outras ilhas que recebem formação, frequentemente, são convidados a participar no *MINDELACT*. Alguns conhecem mesmo a internacionalização. Destacamos Maio, Sal e Boavista.

Assim, o trabalho em rede que se estende às outras ilhas permite não só alimentar o Festival, como desenvolver a actividade teatral nos locais onde ela esmoreceu ou é quase inexistente e até mesmo conseguir a internacionalização “(...) esse grupo do Sal, com esse

espectáculo que fez, conseguiu ir ao Brasil, fazer o espectáculo... há essa nossa preocupação e abertura em fazer as coisas bem feitas” (*ibidem*)

Relativamente ao ponto 1 – a qualidade artística –, os dados das entrevistas não nos possibilitaram esclarecer com clareza os critérios que estão presentes nessa designação. No entanto, é de recordar o que o programador disse a este propósito: “um critério semi-objectivo é aquele a que chamamos qualidade artística, embora a gente possa ver um espectáculo muito bom e ser muito mau, daí ser semi-objectivo, mas nós procuramos sempre trazer coisas que tenham qualidade. Muitas vezes porque vemos os espectáculos ao vivo e outras vezes porque são espectáculos de pessoas da nossa confiança e que nós dizemos: se tal pessoa diz que é bom, é porque é bom, portanto, confiamos sem problema.” (*ibidem*). O programador enuncia, neste ponto, um critério que pode ser considerado condicionado pela subjectividade de quem aprecia, escolhe e comunica.

A participação das Companhias Internacionais é feita a partir de convite directo da organização, após a análise dos projectos apresentados pelos grupos de teatro interessados ou contactados. São considerados critérios de selecção a já referida qualidade artística; o estilo do espectáculo proposto: a diversificação é tida como fundamental na programação; a inclusão de acções de formação para agentes teatrais cabo-verdianos; o país a que pertence; o projecto apresentado, considerando-se como factor importante a inclusão de registo vídeo em DVD, fotografias e *dossier* de imprensa com críticas publicadas na comunicação social; a capacidade mobilizadora de recursos que o grupo consegue no seu país de origem; o número de pessoas que integram o grupo – quanto menor é o número de pessoas maiores são as possibilidades de se ser convidado; questões ligadas a aspectos técnicos aos quais o festival não consegue ou não pode dar resposta; a cenografia – cenários complicados, pesados ou de tamanho considerável são excluídos por motivos logísticos (cenários grandes não cabem nos aviões que fazem que fazem os voos internos).

À imagem do que surge como critério para a selecção das companhias cabo-verdianas, também as internacionais devem obter os mesmos apoios junto dos governos dos respectivos países e/ou de empresas dos seus países (http://mindelact.org/?page_id=232, consultado em 20/10/2012).

A definição de critérios da programação tem-se tornado cada vez mais rigorosa atendendo o elevado número de propostas que começaram a chegar de várias companhias quer cabo-verdianas, quer internacionais. A informação chegou facilmente ao Brasil, a Portugal, a outros países da Europa e de África. “Daí que um grande número de companhias

de grande relevo nos respectivos países, começassem a aderir ao Festival enviando candidaturas. Era aquilo que queríamos e queremos. Já não tínhamos, por um lado, grandes problemas em conhecer e seleccionar as companhias e, por outro, trouxe-nos algum problema em seleccionar as melhores. Porque eram tantas candidaturas e tão bons espectáculos.” (entrevista a Manuel Estêvão) E, nesta base, as propostas dramáticas e estéticas começam a ser cada vez mais ricas, porque assentam na “multiplicidade de propostas estéticas.” (editorial do Programa do Festival Mindelact 2007).

As ligações são cada vez mais estreitas entre os países que integram a programação do festival, não perdendo contacto o entre uns e outros. Daí sobressaem experiências relevantes não só a nível das companhias como a nível do público. Manuel Estêvão quando questionado sobre a ligação intercultural que emerge no festival diz-nos:

“Esta interacção entre a nossa cultura e a cultura dos nossos convidados de outros países é evidente, durante o Festival (...)...existe a aproximação entre as pessoas das diversas comissões de trabalho do Festival que se preocupam em envolver todos os visitantes nos convívios programados ou espontâneos, enquanto permanecem no Festival. Tudo isto promove aproximação, conhecimento, diálogo entre as culturas diferentes representadas no evento e que nos leva a ter algumas respostas às diversas questões culturais que se nos levantam no nosso dia-a-dia. Cria-se, quase sempre, uma grande ligação entre os visitantes e os visitados.” (entrevista a Manuel Estêvão)

4.2.2. Consolidação dos critérios de programação

Fazendo um percurso histórico no tocante aos critérios de programação no Festival MINDELACT, à sua nascença, não existiam muitas peças escritas para teatro, pois a dramaturgia cabo-verdiana sustentava-se muito na oralidade, no tradicional e no folclore. Houve algumas excepções oriundas de escritores relacionados com o *Movimento Claridoso*¹, como Jaime Figueiredo com a peça escrita “Terra de Sôdade”, já apresentada em forma de bailado; um só acto de António Aurélio Gonçalves intitulado de “Conflitos” e Gabriel Mariano com a construção de consistentes diálogos que vieram a configurar peças.

¹ Movimento Claridoso: Movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana, cujos responsáveis foram os escritores Baltazar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, agregado à revista *Claridade*, surgida em 1936, que revolucionou toda a literatura cabo-verdiana e marcou o início de uma fase de contemporaneidade estética e linguística, chamando atenção, entre outros, para elementos da cultura cabo-verdiana sufocados pelo colonialismo português, como é o exemplo da língua crioula.

A tendência actual em termos da dramaturgia cabo-verdiana passa pelos grupos de teatro fazerem as suas peças partindo de uma opção específica como a escrita das suas peças apenas por uma pessoa, tendo como exemplo Jorge Martins do Grupo *Juventude em Marcha* de Santo Antão, e de Espírito Santo da Silva do Grupo *Frank Cavaquim* de S. Vicente. Outra tendência passa por um cariz mais universal com as realizações de adaptações/apropriações de peças, dramáticas ou não, de autores chamados universais, crioualizando-as e tornando-as credíveis em Cabo Verde, neste caso, em S. Vicente através do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, que pôs em cena obras de Anton Tchecov, “Três Irmãs”, no MINDELACT 2004; de Frederico Garcia Lorca, “A Casa de Bernarda Alba”, no MINDELACT 2007 e “Bodas de Sangue” no MINDELACT 2011. “Um cunho de criatividade caracteriza este processo quando nos próprios ensaios se constroem, ou vão-se construindo, os textos dramáticos, dando oportunidade à improvisação que se reflecte na riqueza da dramaturgia.” (Branco, 1998) “ (...) impregna a peça, inicialmente estranha à nossa realidade e ao nosso tempo, de um significado cultural próprio e distinto do original. Dito por outras palavras e de uma forma bastante directa: torna a peça nossa” (Branco, 2004.355)

Os temas inerentes às obras literárias cabo-verdianas que são trabalhadas para levar a palco incidem de uma maneira geral, sobre a vida quotidiana cabo-verdiana - a emigração, as superstições, a diferenciação racial e social, a escravatura, aspectos tradicionais, a fome e a seca e, ainda, aspectos pedagógicos. Há também uma preocupação em trabalhar temáticas universais transpostas para o teatro cabo-verdiano, as já mencionadas apropriações, que também lhes dizem respeito: o Amor, a Morte, a Justiça e a Transcendência.

Os próprios actores/amantes do teatro passaram a fazer as respectivas adaptações de textos dramáticos com base na vasta literatura cabo-verdiana e nos supracitados autores universais. Este facto fomentou o aparecimento de peças de teatro escritas por jovens escritores, inclusivamente associado ao teatro infantil, por via do surgimento da nova vertente do festival “Teatrolândia” (2002), conforme refere o director artístico e programador do festival.

As peças apresentadas nos vários palcos do Festival MINDELACT caracterizam-se pela diversidade de adaptações em função da companhia cabo-verdiana, da ilha específica e por inerência das variantes da língua crioula aí usada (nas nove ilhas habitadas, usam-se variantes diferentes da própria língua crioula).

Sobre a adaptação dramática da obra “Agravos de um Artista”, de Germano Almeida, encontramos o testemunho do actor, encenador e um dos sócios fundadores da

Associação e do Festival *MINDELACT*, Manuel Estevão, que foi autor da adaptação da citada peça:

“ Ser dramaturgista tem as suas dificuldades. Tanto maiores quanto maior for o nível do autor de uma obra literária, como acontece com o presente caso, quando se trata de uma pessoa cujas qualidades de rigor e disciplina literária próprias impõem acuidade e mesmo algum temor. Num estilo de escrita sem precedentes na nossa literatura, Germano Almeida faz com o leitor uma espécie de palavras cruzadas, remetendo-o quase que sistematicamente às páginas seguintes, intermediadas por episódios suspensos, continuados nas páginas imediatas ou noutra situação acessória. Este é o principal embaraço para um trabalho de dramaturgia inato às obras de Germano Almeida (...). Durante o processo de dramaturgia, via como um *flash* imagens fílmicas ou dramáticas de uma vivência a dois marcada por um conflito existencial e de identidade, por um lado, e de reivindicações legítimas de direitos de realização pessoal, por outro. Conflitos, esses, que se agudizam pela falta de um simples elemento: a abertura de espírito para compreender e aceitar e consequentemente ajudarem-se um ao outro. Desenhado este esboço dramático, daí à conclusão de uma primeira fase de dramaturgia foi um passo. Embora processos do género fiquem sempre em aberto para durante a sua encenação sofrerem consecutivas adaptações: nos actores, nos personagens, no ritmo, nas emoções, etc., - fase da inteira responsabilidade do encenador.” (Revista nº 6, 2000:18).

Pode dizer-se, actualmente, que o teatro em Cabo Verde é uma arte que se dirige por si mesma. Evoluiu pelas experiências vividas e sem alguma espécie de profissionalização. Os grupos de teatro que existem são amadores e os actores que neles participam têm, regra geral, uma outra profissão dita principal. Estes actores, com todas as dificuldades inerentes ao amadorismo, entregam-se de alma e coração ao teatro de tal forma que daqui surgem alguns agentes teatrais que exploram outros caminhos para o teatro cabo-verdiano. “ Fazer trabalho criativo em Cabo Verde tem um cunho de magia e de transcendência e o teatro não foge à regra” (Revista nº 0, 1997:6). “O Festival *MINDELACT* 96 contou com a presença de 14 grupos de teatro, oriundos de 5 ilhas do arquipélago, durante 17 dias, numa demonstração do melhor que o amadorismo e as dificuldades podem gerar e por isso foi considerado, até à data, o momento mais importante da história do teatro cabo-verdiano.” (*ibidem*).

4.3. Análise da programação

O ano de 2002 caracteriza-se por ser um ano de consolidação da viragem política iniciada em 2001, com a entrada em funções no governo cabo-verdiano do PAICV (Partido Africano da Independência de Cabo Verde), depois de um ciclo de desgaste político do anterior partido no Governo, o MpD (Movimento para a Democracia).

O PAICV, Partido político de Centro-Esquerda, de ideologia socialista, é possuidor de um programa político de apoio à cultura que, embora com muitos constrangimentos, é notório através das estratégias adoptadas, nomeadamente com a necessidade de encontrar novos parceiros. Dentro desta política cultural instaurada pelo PAICV abre-se caminho para a diversidade cultural, a nível de Cabo Verde, e para um maior diálogo com agentes culturais cabo-verdianos.

O ambiente cultural vivido nesta altura teve reflexos directos na programação do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT*. Através do Editorial do catálogo de Festival em 2002 é pertinente perceber que na programação foi considerado importante:

- um recorde absoluto de participação de grupos cabo-verdianos, resultado primeiro da dinâmica teatral cabo-verdiana dos últimos anos;
- a aposta de um dos mais destacados grupos cabo-verdianos na apresentação de textos – dramáticos ou não – de grandes nomes da literatura nacional; neste aspecto destacamos a presença de textos de Mário Lúcio Sousa (Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo), Baltazar Lopes (Associação BurBur), e Manuel Lopes (Grupo de Teatro Dionísio);
- a presença internacional, perfazendo um total de 7 países representados: Cabo Verde, Brasil, Portugal, Angola, Guiné Equatorial, França e Senegal;
- a forte componente africana na participação internacional;
- a contínua aposta na formação. Neste ano programaram-se 6 acções de formação;
- uma co-produção única entre a Associação *MINDELACT* (Cabo Verde) e o Grupo Art’Imagem (Portugal), para um espectáculo ambulante, todo passado dentro de um autocarro em circulação pelas ruas do Mindelo (“Autocarro do Amor”);
- uma programação paralela, toda ela dedicada às crianças, designada genericamente por “Teatrolândia”, com apoio da UNICEF;
- o engajamento de algumas das mais importantes instituições e empresas de Cabo Verde, numa manifestação de confiança e credibilidade do evento.

Neste mesmo ano, o Festival *MINDELACT* contou com a presença de 7 países de entre a Europa, a costa de África e a América do Sul.

De destacar na programação de 2002, como se encontra referido no editorial, que esta edição apresenta uma co-produção entre a Associação *MINDELACT* (Cabo Verde) e o Grupo Art'Imagem (Portugal) e que se repete em outras edições, com reflexos nas dinâmicas de produção quer de uma companhia quer de outra, partindo do pressuposto da partilha de experiências. Uma companhia ao ser seleccionada para representar compromete-se simultaneamente a facultar formação a quem se queira inscrever (público cabo-verdiano ou de uma companhia oriunda de outro país), o que proporciona novas experiências e projectos conjuntos (ex.: “Autocarro do Amor). Fonseca Soares, membro da Direcção da Associação do *MINDELACT* diz-nos em entrevista:

“(...) nas formações há muita coisa que passa, há muitas trocas e aprende-se muito com isso, exige-se a cada companhia que tem gente com experiência, para participar em formações nas mais diversas áreas e formas de fazer, e essa troca acontece naturalmente todos os anos; claro que o que hoje sabemos tem tudo a ver com essas trocas e contactos, esse intercâmbio que foi acontecendo ao longo dos anos, não só no contacto como produção mas também no contacto como amigos, para resolver problemas, contactos na própria formação, e isto é um dos pontos fortes do festival, que se reflecte também na programação, na forma de ver o teatro, na forma de ir experimentando outras formas de pôr no palco os mais diversos temas, as mais diversas formas de expressar em teatro.”.

Deparamo-nos neste ano com um elemento dramaturgico que se verifica ao longo de várias edições: em cada ano é dado relevo a uma comemoração quer de um autor, um dramaturgo cabo-verdiano ou estrangeiro, um determinado número de anos de comemoração do festival ou uma data histórica de Cabo Verde. Estes destaques funcionam com um conceito agregador em cada programação. Este ano deparamo-nos com a comemoração do centenário da Obra de Gil Vicente. A primeira obra de Gil Vicente foi apresentada há quinhentos anos, em Cabo Verde. Esta data foi assinalada no festival com a peça “As Mulheres de Gil Vicente”, pela companhia Filipe Crawford teatrais/Casa da Comédia. Dentro das dinâmicas usadas no cerne da Associação *MINDELACT*, a obra “*Gil Lover's*”, da companhia Utopia Possível, foi também apresentada no “Março, mês do Teatro” e em Junho do mesmo ano Francisco Cruz, do GTCCPM-IC, apresenta a obra “Auto da Holanda” fruto de uma adaptação com características crioulas do “Auto da Índia”.

Quadro 1: Sete primeiras edições do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT*

Países que integram a programação entre 1995 e 2001	Programação – Edições / Países envolvidos						
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
CABO VERDE							
PORTUGAL							
ANGOLA							
SENEGAL							
BRASIL							
ESPANHA							
ITÁLIA							
FRANÇA							
IRLANDA							
GUINÉ BISSAU							
GUINÉ EQUATORIAL							
N.º de países envolvidos	1	2	4	5	5	5	6

A internacionalização acontece a partir de 1996, com o impulso da Estação “Cena Lusófona”, sediada em Coimbra. No mesmo ano participaram cinco ilhas do arquipélago de Cabo Verde: Santiago, Sal, Santo Antão, S. Nicolau e S. Vicente, num total de 14 (catorze) grupos teatrais. Em 1998, destaca-se a primeira participação de uma companhia teatral da ilha do Fogo, para além dos três principais centros de actividade teatral cabo-verdiana – Santiago, Santo Antão e S. Vicente. Portugal comparece com grupos de Estarreja, Lisboa e Porto.

4.3.1. Anos de 2007 e 2011 – anos de viragem na programação

A seguir ao ano de 2002, ano de impulso cultural que se reflecte também nas artes cénicas, destacamos numa década os anos de 2007 e 2011.

Entre 2002 e 2006 verificamos que o festival se vai consolidando de acordo com características relacionadas directamente com a programação, como o conceito de comemoração de efemérides ou comemoração de datas históricas do arquipélago de Cabo Verde. Tomamos o exemplo, mencionado no capítulo anterior, da comemoração do centenário da obra de Gil Vicente. Também em 2005, o festival comemorou a sua décima edição e os 30 anos da independência de Cabo Verde. Em 2006, houve um salto quantitativo no que diz respeito aos países envolvidos na programação, nomeadamente fora do espaço lusófono, como a Colômbia, os Estados Unidos da América, a França, a Itália e a Bélgica, e

qualitativo porque se abre um maior leque de espectáculos interpretados noutras línguas que não o português ou o crioulo. Esta diversidade de países envolvidos na programação proporciona não só a troca de experiências entre visões estéticas diferentes como também favorece mais canais de financiamento, pois cada país estrangeiro convidado procura encontrar as suas fontes de financiamento para se deslocar ao festival. Como diz Miguel Seabra, encenador português participante em algumas edições do festival, era necessário “ (...) cativar pessoas para irem lá, sem *cachet* e sem viagens. “ (entrevista a Miguel Seabra) - critério tido em conta pelo programador na selecção das propostas que lhe chegam para integrar a programação do evento. As características antes apontadas correspondem aos primeiros anos do período de análise de programação (2002-2012) e são preponderantes para a afirmação do festival e para a sua programação.

Da análise do programa do ano de 2007 (quadro 2), a sua décima terceira edição, destaca-se a multiplicidade de propostas estéticas, de representações cabo-verdianas, (companhias de cinco ilhas diferentes) e de locais de representação diferenciados. Há um trabalho cada vez mais coeso da equipa de produção, que trabalha directamente com o programador, e que se traduz em cumplicidades e afectividades solidárias entre grupos cabo-verdianos e estrangeiros.

Num contexto de alargamento estratégico, político e financeiro encontramos pela primeira vez companhias oriundas da Argentina e da Colômbia. Também temos pela primeira vez uma co-produção realizada por três países lusófonos – Cabo Verde, Portugal e Brasil. Esta co-produção contou com uma encenação do brasileiro William Gavião, uma dramaturgia do cabo-verdiano Mário Lúcio Sousa e uma interpretação da companhia portuguesa – CAIR-TE, Teatro Reactor, da peça intitulada “Sozinha no Palco”. Correspondendo a uma das linhas de força estipuladas na programação deste festival - diversidade- e respeitadas pelo programador, este diz-nos em entrevista: “uma questão importante é a diversidade geográfica. Portanto, o palco principal vai ter três a quatro espectáculos do mesmo país, isso é lógico, ou três a quatro espectáculos da mesma ilha...também é lógico. Eu diria que há uma quarta componente que está dentro dessa diversidade que é uma componente política, tem a ver com o facto de nós querermos ter um leque o mais alargado possível de representação.” (entrevista a João Branco)

Nesta edição encontramos um vasto leque de peças com características diversificadas. Destacamos as “apropriações”, termo que o programador usa nas adaptações de escritores e dramaturgos ditos universais e transpostas para a realidade cabo-verdiana. Foi o caso de Garcia Lorca com a obra “ A Casa de Bernarda Alba”/ “ Casa de Nha Bernarda”, a

obra “ Contos em Viagem. Cabo Verde” apresentada pelo Teatro Meridional, com adaptação de textos de vários autores cabo-verdianos (companhia homenageada como Prémio Copacabana 2007), a peça “ Tubavoa” de Bernard Massuir que se distingue pela sua versatilidade vocal, a peça “Tiriti Circus”, teatro de Marionetas oriundo de Espanha – Galiza. Exibindo-se sempre de forma muito cuidada e respeitada, as companhias cabo-verdianas presentes nesta edição contaram com a participação de quatro ilhas e cinco companhias distintas – S. Vicente, Sta. Catarina (Santiago), Maio, Praia (Santiago) e Brava.

Quadro 2: 2007, ano de viragem

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
PALCO PRINCIPAL	Casa de Nha Bernarda	Frederico Garcia Lorca	GTCCPM-IC	João Branco	Cabo Verde	Crioula e Portuguesa	_____
	Holocausto	Aric Yaari	Cª Aula Ciência	Gabriel Miziara	Brasil	Portuguesa	_____
	Prisão do Tarrafal	Cláudio Correia, Narciso Freire, Cristina McMahon	Otaca	Narciso Freire	Cabo Verde	Crioula	_____
	Ponéle Onda	Maximiliano Stia e Walter Garibotto	Tangorditos	Gustavo di Sarro	Argentina	Castelhana	_____
	Sozinha no Palco	Mário Lúcio Sousa	Cair-te Teatro/Teatro Reactor	William Gavião		Portuguesa	Cabo Verde, Brasil e Portugal
	Martur	Herladson Duarte e Valódia Monteiro	Cª de Teatro Solaris	Herladson Duarte	Cabo Verde	Crioula	_____
	Contos em Viagem . Cabo Verde	Excerto de 13 autores cabo-verdianos, selecciona	Teatro Meridional	Miguel Seabra	Portugal	Portuguesa	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
		dos por Natália Luíza					_____
	Tubavo a	Bernard Massuir	C ^a Bernard Massuir	C ^a Bernard Massuir	Bélgica	Francesa	_____
	À Manhã	José Luis Peixoto	Teatro Meridional	Miguel Seabra e Natália Luíza	Portugal	Portuguesa	_____ _____
	Tradições Perigosas	Walter Cristóvão	Miragens Teatro	João Benza	Angola	Portuguesa	_____
	Titiricircus	Eduardo Rodriguez e Miguel Borines	Tanxarina Títeres	Eduardo Rodriguez e Miguel Borines	Espanha	Espanhola	_____
	Muy Sua	Beatriz Camargo	Sud Teatre Cenit	Beatriz Camargo	Colômbia	Castelhana	_____
	Bienvenue dans ma tête	Khalid K	Khalid K	Khalid K		Francesa	França e Marrocos
	Pax Romana	Nuno Pinto Custódio	Este-Estação Teatral	Nuno Pinto Custódio	Portugal	Portuguesa	_____
	Sobre o Sol e a Lua	Carmen Luz	Carmen Luz	Carmen Luz	Brasil	Portuguesa	_____
FESTIVAL OFF	A Cidade é uma Beleza	César Schofield Cardoso	Praia. Mov	João Paulo Brito	Cabo Verde	Crioula e Portuguesa	_____
	Mudjêr Trabadj adêra	Ney Tavares	Banda Teatral Morrense	Ney Tavares e Lígia Costa	Cabo Verde	Crioula	_____
	E todos Sapatos levam	Vários	Lua Cheia-Teatro para Todos	Maria João Trindade e Sylvain Peker	Portugal	Portuguesa	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
	O Doido e a Morte	Raúl Brandão	GTCCPM-IC	João Branco	Cabo Verde	Portuguesa	_____
	Demonerum 121	Ricardo Peixoto	Cair-te Teatro/Teatro Reactor	William Gavião	Portugal	Portuguesa	_____
	O Céu é cheio de uivos	Jarbas Capusso Filho	Suely Duarte	Suely Duarte	Cabo Verde	Portuguesa	_____
	Psycho	Valódia Monteiro	Cª de Teatro Solaris	Herladson Duarte	Cabo Verde	Crioula	_____
	Góssion, dispôss	Criação colectiva	Grupo de Teatro Nova Sintra	José Domingos Gomes	Cabo Verde	Crioula	_____
	Olha o Passarinho	António Torrado	Cena 7	Colectiva	Cabo Verde	Crioula	_____
TEATROLÂNDIA	O Charlatão	Miguel Torga	Teatro Arado	Pedro Saraiva	Portugal	Portuguesa	_____
	A Feiticeira e a Pombinha	Conto tradicional	TIM-Teatro Infantil do Mindelo	Colectiva	Cabo Verde	Crioula	_____
	Aguaku e a Princesa Putri Telur	Conto tradicional indonésio	Lua Cheia-Teatro para Todos	Maria João Trindade e Sylvain Peker	Portugal	Portuguesa	_____
	Titiricircus	Eduardo Rodriguez e Miguel Borines	Tanxarina Títeres	Eduardo Rodriguez e Miguel Borines	Espanha	Espanhola	_____
	Aguaku e Mamad	Conto tradicional senegalês	Lua Cheia-Teatro para Todos	Maria João Trindade e Sylvain	Portugal	Portuguesa	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
	u, o Marabu			Peker			
TEATRO PERIFERIA	O Charlatão	Miguel Torga	Teatro Arado	Pedro Saraiva	Portugal	Portuguesa	_____
ACÇÕES DE FORMAÇÃO	Interpretação		Cª Aula Ciência	Gabriel Miziara	Brasil	Portuguesa	_____
	Concepção Gráfica		GTCCPM-IC	Paulo Santos	Cabo Verde	Portuguesa	_____
	Trabalho do actor na teatralidade do Meridional		Teatro Meridional	Romeu Costa	Portugal	Portuguesa	_____ _____
	Fazendo Bonecos		Tanxarina Títeres	Eduardo Rodriguez	Espanha	Castelhana	_____
	Composição musical para teatro		Teatro Meridional	Fernando Mota	Portugal	Portuguesa	_____
	Atelier de escrita para teatro		Teatro Meridional	José Luis Peixoto	Portugal	Portuguesa	_____
	Teatro Sombrios		Lua Cheia-Teatro para Todos	Maria João Trindade	Portugal	Portuguesa	_____
	Laboratório de Máscaras		Sud Teatre Cenit	Beatriz Camargo	Colômbia	Castelhana	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
	Comédia Dell'Arte		Este-Estação Teatral	Nuno Pinto Custódio	Portugal	Portuguesa	_____
CICLO DE DOCUMENTÁRIOS	Para Além do Tejo	Patrícia Poção	Teatro Meridional		Portugal	Portuguesa	_____
	Espírito do Lugar	Patrícia Poção	Teatro Meridional		Portugal	Portuguesa	_____
EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA	Alma di Terra	Patrícia Poção			Portugal	Portuguesa	_____
TEATRO DE RUA	Homem Estátua (Static Man)		Homem estátua		Portugal		_____

Encontramos ainda um último momento de viragem na programação do Festival *MINDELACT* que se dá em 2011 (quadro 3). Neste mesmo ano, apresentam-se 13 países envolvidos no festival com culturas muito diversificadas. Já em 2010 tínhamos o mesmo número de países na programação, mas em 2011 surgem pela primeira vez co-produções entre países não lusófonos (exemplos: Inglaterra/França; Alemanha/Itália/Cabo Verde; Espanha/Polónia). Também pela primeira vez a secção Teatrolândia subdivide-se entre espectáculos infantis e Ciclo Internacional de Contadores de Histórias que obteve uma grande aceitação por parte do público (o pátio do Centro Cultural do Mindelo encheu-se de público de várias faixas etárias) e que corresponde a uma tradição da oralidade africana. Das dramaturgias apresentadas temos novamente autores reconhecidos no teatro universal como Garcia Lorca com a “apropriação” da peça “As Bodas de Sangue”, como peças tradicionais provenientes das companhias dos países nativos. A extensão do Festival *MINDELACT* na cidade da Praia iniciou-se em 2010, mas foi em 2011 que se consolidou com apresentação de

peças mais diversificadas. A 27 de Março de 2009, dia Internacional do Teatro, a Associação *MINDELACT* assinou um protocolo de cooperação com o Ministério da Cultura (ver capítulo 4.1.2 sobre modelos de financiamento e sustentabilidade do festival), definindo o valor de financiamento de 4.000.000\$00 escudos cabo-verdianos (36.276,24€) que teve repercussões progressivas na qualidade e diversidade da programação e se destacou no ano de 2011.

Quadro 3: 2011, ano de viragem

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
PALCO PRINCIPAL	Bodas de Sangue	Frederico Garcia Lorca	GTCCPM-IC	João Branco	Cabo Verde	Crioula e Portuguesa	_____
	Fraderico Garcia Lorca: Pequeno Poema Infinito	José Mauro Brant e António Gilberto	José Mauro Brant	José Mauro Brant	Brasil	Portuguesa	_____
	Papirus	Iolanda Llanso	Xirriquiteula Teatre	Iolanda Llanso	Espanha	Castelhana	_____
	Água	Luciano Brandão	Grupo de Teatro Dja d'Sal	Luciano Brandão	Cabo Verde	Crioula	_____
	Sonho em movimento	Tanztheater Global	Tanztheater Global	Be van Vark		gestual	Alemanha / Itália / Cabo Verde
	Jakie Star, L'élégance et la beauté	Charlotte Saliou	Charlotte Saliou	Mickael Egard		Francesa	Inglaterra / França
	Por um punhado de terra	Pedro Eiras	Teatro Art'Image m	José Leitão		Portuguesa	Portugal / Cabo Verde
	Closer	Patrick Marber	Projecto Aquarium	João Branco		Portuguesa	Brasil / Cabo

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
							Verde / Portugal
	Bag Lady	Malgosia Szkandera	Descarnada Señorita	Jean Louis Danvoye		sem texto	Espanha / Polónia
FESTIVAL OFF	Private Z(oo) M - Tenpo de Bichos	Mito Elias	Mito	Mito Elias		Crioula e Portuguesa	Portugal / Cabo Verde
	O Conferencista	Sérgio Grilo	Sérgio Grilo	Denis Bernard		Portuguesa	Portugal / Bélgica
	Debaixo da Palmeira	Hamadou n Tandina	Hamadou n Tandina	Hamadou n Tandina	Mali	Francesa	_____
	O Psicanalista	Jomar Magalhães	Sikinada	Colectiva	Cabo Verde	Crioula	_____
	10 Segundos	Neu Lopes	Sarron.com - Teatro & C ^a	Neu Lopes	Cabo Verde	Portuguesa	_____
TEATROLÂNDIA	Os Saltimbancos	Chico Buarque de Holanda	Sarron.com - Teatro & C ^a	Janaina Alves	Cabo Verde	Portuguesa	_____
	Katiuska & Chatonilda	Criação colectiva	TIM-Teatro Infantil do Mindelo	Sílvia Lima	Cabo Verde	Crioula	_____
	Teatro Con Classe	Criação colectiva	Delirium	Colectiva	Espanha	Castelhana	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
TEATROLÂNDIA - 1º CICLO INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIA	Nopiltzin, Menina das Estrelas	Catalina Pineda	Catalina Pineda	Catalina Pineda	Colômbia	Castelhana	_____
	Histórias com Magia	Corsa Fortes	Corsa Fortes	Corsa Fortes		Crioula	Portugal / Cabo Verde
	E se África ...	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Brasil	Portuguesa	_____
	Maman Poule	Hamadou Tandina	Hamadou Tandina	Hamadou Tandina	Mali	Francesa	_____
	O Cozinheiro Augusto Augustin	Enano	Enano	Enano	Espanha	Castelhana	_____
	O Chacal e as Pérolas da África	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Brasil	Portuguesa	_____ _____
TEATRO PERIFERIA	E porque não?	Di Fortes e Patrícia Silva	Alunos dos Liceus de S. Vicente	Patrícia Silva	Cabo Verde	Crioula	_____
	Palhaço Vagabundo	Enano	Enano	Enano	Espanha	Castelhana	_____
	Futuro Obscuro	Anivalter Araújo	Cem-Mente	Anivalter Araújo	Cabo Verde	Crioula	_____
	Histórias com Magia	Corsa Fortes	Corsa Fortes	Corsa Fortes	Cabo Verde	Crioula	_____
	Polícia !	Corsa Fortes	Corsa Fortes	Corsa Fortes	Cabo Verde	Crioula	_____

	Nome da Peça / Tema	Autor	Companhia	Encenador / Formador	País	Língua	Co-Produção - Países envolvidos
	Afrocontos, Afrocontos	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Brasil	Portuguesa	_____
EXTENSÃO PRAIA	Papirus	Iolanda Llanso	Xirriquiteula Teatre	Iolanda Llanso	Espanha	Castelhana	_____
	Closer	Patrick Marber	Projecto Aquarium	João Branco		Portuguesa	Brasil / Cabo Verde / Portugal
	O Psicanalista	Jomar Magalhães	Sikinada	Colectiva	Cabo Verde	Crioula	_____
	Naque, Piolho e Actores	José Sanchis Sinisterra	GTCCPM-IC	João Branco	Cabo Verde	Portuguesa	_____
ACÇÕES DE FORMAÇÃO	Oficina de Dramaturgia			Armando Nascimento Rosa	Portugal	Portuguesa	_____
	Atelier Prático de Figurinos			Luciano Brandão	Brasil	Portuguesa	_____
	Partitura Corporal		Tanztheater Global	Be van Vark		Portuguesa	_____
	Oficina de Contadores de Histórias	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Projecto Iwá	Brasil	Portuguesa	_____

Nos quadros que se seguem é patente a dimensão que o festival tomou no contexto da internacionalização e diversidade de países envolvidos. Partindo de 2002, constatamos o número mais alargado de países participantes no festival – 2007 e 2011, que se reflecte na complexidade do festival a nível de produção e do alcance internacional.

Quadro 4: Países que integraram a programação entre 2002 e 2012

Países que integram a programação entre 2002 e 2012	Programação – Edições / Países envolvidos										
	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
CABO VERDE											
PORTUGAL											
ANGOLA											
SENEGAL											
BRASIL											
ESPANHA											
ITÁLIA											
FRANÇA											
IRLANDA											
GUINÉ BISSAU											
GUINÉ EQUATORIAL											
MOÇAMBIQUE											
EUA											
CANÁRIAS											
ARGENTINA											
BÉLGICA											
COLÔMBIA											
MARROCOS											
HOLANDA											
MALI											
REPUBLICA CHECA											
INGLATERRA											
ALEMANHA											
POLÓNIA											
CAMARÕES											
S. TOMÉ E PRÍNCIPE											
N.º de países envolvidos	7	7	7	7	9	10	8	9	13	13	13



Anos de Viragem na programação

Em suma, os anos de 2007 e 2011 foram considerados anos de viragem pelos seguintes motivos: 2007, pela multiplicidade de propostas estéticas; de “apropriações” de textos da dramaturgia universal; de representações cabo-verdianas e de locais de representação diferenciados-espacos fora do centro da cidade do Mindelo (ainda não denominado “Periferia”); participação de grupos oriundos da Colômbia e Argentina e co-produções entre três países lusófonos. 2011 pelas co-produções entre países não lusófonos; pela abertura a novos públicos com o ciclo internacional de contadores de histórias-acentuando a cultura oral africana-; pela consolidação da extensão do festival *MINDELACT* na cidade da Praia através da maior diversidade de peças apresentadas relativamente ao ano anterior, primeira edição da extensão na mesma cidade.

4.3.2. Modelo de Financiamento: sustentabilidade do Festival

Segundo o Coordenador de Produção do festival, Daniel Monteiro, as companhias de teatro estrangeiras, quando são seleccionadas, têm a incumbência de procurar financiamentos para as viagens e *cachets* nos respectivos países, afigurando-se, assim, como parceiros locais e/ou co-produtores do festival. Sem essas parcerias internacionais, muito dificilmente a organização poderia cobrir e fazer face a esses custos.

No entanto, quanto às despesas de alojamento, alimentação, produção dos espectáculos, promoção, montagem técnica e outras, continua Daniel Monteiro, as mesmas são suportadas pelos financiamentos obtidos pela Associação *MINDELACT* ao longo do processo de produção do festival.

O Festival de Teatro *MINDELACT* apoia-se, sobretudo, no voluntariado dos actores amadores que pertencem às diversas companhias de teatro do Mindelo ou nos formandos do Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões, ou mesmo nalguns elementos do público, que integram as diversas comissões de trabalho, sem exigirem nenhuma contrapartida financeira. Isto configura-se numa trave mestra para a sustentabilidade do festival.

De acordo com Manuel Estevão, sócio co-fundador da Associação *MINDELACT*, “diversos elementos do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões - (...) durante o Festival *MINDELACT*, integram as diversas comissões de trabalho dentro do festival enquanto voluntários. Estas equipas são imprescindíveis para a real persecução do festival.”. Estas comissões de trabalho, nesta vertente de voluntariado, com grande representatividade revestem-se de grande importância dadas as flutuações financeiras com que o festival se depara: em Cabo Verde os recursos são escassos, o financiamento para

as artes cénicas torna-se muito difícil de conseguir, designadamente num festival que surge de uma associação artística e cultural sem fins lucrativos. Sendo um país de longa tradição nesta área, aos poucos, vão-se conquistando alguns patrocinadores. Segundo Mário Lúcio Sousa, dramaturgo e actual Ministro da Cultura de Cabo Verde, “a falta de uma Lei do Mecenato aplicável e aplicada tem feito com que as aplicações privadas na cultura dependam exclusivamente da sensibilidade da pessoa que tem o dinheiro” (revista nº 14 e 15, 2005:16). O montante financeiro alcançado através da bilheteira é insuficiente, uma vez que apenas os espectáculos do palco principal são pagos – estratégia para que a população tenha acesso ao trabalho que se desenvolve no país e concretamente em S. Vicente. O sector público, através do Ministério da Cultura, da Secretaria de Estado da Cultura e das Câmaras Municipais, vai apoiando, sendo que os valores vão oscilando. João Branco, em entrevista, refere: “Se eu considerar o Estado, o Ministério da Cultura e a Câmara Municipal de São Vicente, eu diria que é menos de 20%.” (entrevista a João Branco)

O festival *MINDELACT* nem sempre conseguiu sustentabilidade financeira, sendo que os anos de 2004, 2005 e 2006 são anos de maior fragilidade. O editorial do catálogo/programa de 2006 dá conta destas mesmas fragilidades. Atendendo a esta instabilidade, nos critérios actuais de selecção das peças a apresentar no festival, o programador estipula em nota de rodapé que para as companhias cabo-verdianas é importante que estas tenham apoio e/ou parcerias com as Câmaras Municipais e/ou com empresas localizadas nas respectivas ilhas, e para as companhias estrangeiras é importante que estas tenham apoio e/ou parcerias dos governos ou de empresas dos seus países de origem. Neste aspecto, os países que têm cooperação com Cabo Verde estão em vantagem. Esta questão, de vertente política, é importante por interferir directamente com os critérios de selecção das companhias a integrar na programação do festival e mesmo por poder constituir um factor condicionante para o equilíbrio que o programador pretende dar a cada edição do festival.

Também são tidas como critério questões que se prendem com o número de pessoas envolvidas no espectáculo (quanto menor, maior é a probabilidade de ser seleccionada) como a nível de cenários, o mais simples e leves possíveis, de modo a que tal não acrescente despesas extra.

Com o reconhecimento e credibilidade do festival a iniciativa privada passou a ser consideravelmente maior, sobretudo a partir de 2007 (coincidente com um dos anos com menos financiamento no sector público). Começaram a surgir empresas a querer patrocinar uma determinada secção do festival (ex: Festival *Off* patrocinado por CV Telecom;

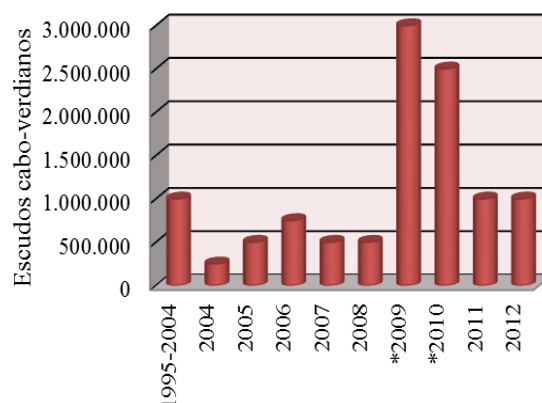
Teatrolândia patrocinada por Garantia Seguros). Este factor teve reflexos imediatos na programação que se apresentou mais completa, diversificada e com mais países envolvidos.

Em 2009, foi assinado um protocolo entre o Ministério da Cultura e a Associação Artística e Cultural *MINDELACT*, tendo como finalidade o financiamento do Festival de Teatro, durante quatro anos, no valor de 4.000.000\$00 ECV (36.276,20€), dividido em quatro parcelas anuais de igual valor (ver gráfico abaixo, sobre financiamento público). Em 2012, o protocolo assinado em 2009 toma a forma de acordo de parceria entre as mesmas entidades, prevendo um financiamento durante três anos, contemplando o montante de 800.000\$00 ECV (7.255,25€) a disponibilizar em Agosto de cada ano. Assim, na décima oitava edição, o Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* começa a ter sinais de reconhecimento efectivo por parte do Ministério da Cultura por via da garantia de financiamentos para as edições dos anos seguintes.

De acordo com as informações facultadas em entrevista por Daniel Monteiro, produtor do Festival *MINDELACT*, o financiamento do sector público disponibilizado para o mesmo efectuou-se com os valores apresentados no gráfico que se segue:

Financiamento do sector público

(27.207,18€)
(22.672,62€)
(18.138,12€)
(13.603,59€)
(9.069,06€)
(4.534,53€)



*Anos de financiamento conjunto do Gabinete do Primeiro Ministro e do Ministério da Cultura.

O gráfico acima transcrito mostra que o maior investimento público se deu em 2009, baixou um pouco em 2010 e reduziu significativamente em 2011 e 2012 (por comparação com 2009).

Paralelamente a este financiamento proveniente do Ministério da Cultura e do Gabinete do Primeiro Ministro em funções, Daniel Monteiro informa que “existe um

protocolo de há vários anos com a Câmara Municipal de S. Vicente e que vem sendo renovado de ano para ano, no valor de 750.000\$00 ECV (cerca de 6.820,00€). Paga-nos o aluguer de uma carrinha, empresta-nos outra carrinha e cede-nos o Auditório Jota monte” (entrevista a Daniel Monteiro).

Cruzando os nomes das pessoas que integram as comissões do Festival e o nome das pessoas que integram os corpos sociais da Associação *MINDELACT* verificamos que são várias as que se encontram quer na primeira situação quer na segunda. O facto de o presidente da associação ser o director artístico e programador também faz com que haja pontos de confluência de interesses. De realçar que as receitas provenientes dos espectáculos do festival são consideradas receitas da própria associação. Por estas razões, também não se pode falar do festival sem se falar da Associação *MINDELACT*.

Relativamente à sustentabilidade financeira do festival verificamos que esta tem sido conseguida com dificuldades incidindo em quatro eixos: sector público, sector privado, voluntariado (comissões de trabalho) e cooperações estrangeiras. O sector público tem menos expressão: de acordo com as informações facultadas em entrevista por João Branco, director artístico e programador,

“Há anos em que a Câmara dá mais que o Governo, neste caso o Ministério da Cultura... há outros... por exemplo, este é um ano em que o Ministério da Cultura vai dar claramente mais... vai ter um peso maior a contribuição do Ministério da Cultura no *MINDELACT* 2012 do que aquela que vai ter a da Câmara Municipal” (entrevista a João Branco).

Quanto ao financiamento realizado por entidades privadas, aquele constitui um importante suporte no orçamento global do festival e vai aumentando de acordo com a longevidade e reconhecimento do mesmo – ter o nome de uma empresa associada ao maior evento cultural de artes cénicas do país interessa às empresas, pois dá-lhes visibilidade nacional e internacional. No quadro 5 sobre o financiamento privado por parte de Cabo Verde e de países com Cooperação, a seguir apresentado, podemos verificar quais as empresas cabo-verdianas envolvidas nos patrocínios do festival.

Quadro 5: Financiamento Privado por parte de Cabo Verde e de países com Cooperação
(2002-2012)

Empresas Privadas	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
BCA – Cabo Verde											
SCT-Tabacos C.V.											
CV Telecom											
Shell Cabo Verde / VIVO Energy											
Garantia Seguros – C.V.											
Tecnicil – C.V.											
Rest. Sodade–C V.											
Moave – C. V.											
Faísca – C. V.											
Enacol – C.V.											
Casa Café Mindelo											
Mindel Hotel											
Trindade – C. V.											
Sefi – Cabo Verde											
ApartHotel Avenida – C.V.											
Sita – C. V.											
Urgimed – C. V.											
Kasa d’Ajinha – C.V.											
Estefanina Group – C.V.											
Lineflex – C. V.											
DC Sound – C.V.											

Empresas Privadas	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
FLX – C.V.											
Foya Branca – C.V											
Dom Paco – C.V.											
Fundação Calouste Gulbenkian – PT											
Delta Cafés – PT											
Montepio Geral-PT											
Comédias do Minho – PT											
Digital 22 – PT											
QuidCultura – Br.											
Infoline – Br.											
Cenf – Br.											
Fund ^a CJBC – Br.											
C ^a do Feijão – Br.											
Coop. Paulista do Teatro – Br.											
Planet Sport Academia – Br.											

Da análise do quadro nº 5 podemos observar que existem quatro empresas chave, quanto à constância do financiamento do Festival, nos anos em estudo: BCA – Cabo Verde, SCT – Tabacos CV, CV Telecom, Shell Cabo Verde/Vivo Energy. Outras participam irregularmente e há ainda aquelas cuja participação, embora iniciada mais tarde, no período em análise, se tem mantido constante.

No que respeita às comissões de trabalho, estas trabalham em regime de voluntariado e representam uma parte significativa das tarefas a realizar durante o festival, a custo zero. Este factor é representativo para a sustentabilidade do mesmo, pois representam

mais de 50 % daquilo que são os custos efectivos do festival. Refere João Paulo Brito, Director Geral das Artes de Cabo Verde, que “ o tal orgulho em ser mindelense...em ser a capital cultural...fez com que as pessoas aderissem e de forma voluntária. Temos acerca de meia centena de pessoas que trabalham todos os anos para que o festival aconteça”.(entrevista a João Paulo Brito)

O apoio financeiro das cooperações internacionais depende sempre do número de companhias estrangeiras envolvidas em cada edição do festival. Um dos critérios tidos em conta na selecção destas companhias é a condição de estas solicitarem apoio financeiro ao seu país de origem para se deslocarem ao festival. Se a companhia for de um país que tenha cooperação com Cabo Verde a probabilidade de tal acontecer é maior.

Cruzados os factores que caracterizam a sustentabilidade do festival pensamos poder afirmar que é um modelo que, apesar das incertezas e constrangimentos, é sustentável. João Branco acrescenta sobre este ponto: “Depende dos anos. Às vezes sim, outras vezes não. Há anos em que nós só conseguimos terminar de pagar o festival no ano seguinte, já com o dinheiro do festival do ano seguinte. Há, claramente, anos melhores e anos piores.”(entrevista a João Branco).

O modelo de gestão do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* cruza-se com a estrutura dos corpos sociais da Associação *MINDELACT*. Aquele modelo mostra que o Festival é uma das actividades intrínsecas da Associação e que o facto de haver um entrosamento que radica na assunção directa da gestão do festival por parte da direcção da associação dá maior sustentabilidade e credibilidade ao mesmo, para além de servir de exemplo de voluntariado, numa perspectiva hierárquica. Tudo isto leva, também, a que se faça a rentabilização de recursos humanos e, por inerência, financeiros. Assim, vemos envolvidos todos os elementos da Direcção, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, a saber: o programador do festival e director artístico é o presidente da Direcção, o coordenador da Produção do festival é o vice-presidente da Direcção, a responsável financeira do Festival é a Tesoureira da Direcção, e a Secretária, bem como os dois Vogais da Direcção, e os elementos da Mesa da Assembleia e do Conselho Fiscal, são coordenadores de diversas comissões de trabalho no Festival. O Festival assenta numa estrutura totalmente amadora e é encabeçado pelo seu programador que conta com uma equipa bastante elaborada, constituída por comissões de trabalho. Estas equipas têm um papel preponderante no acompanhamento e no bom desempenho do festival e trabalham em regime de voluntariado. Segundo Miguel Seabra “é tudo trabalho do João Branco que se desmultiplica em contactos, ele é um programador muito atento, muito informado, muito curioso, muito implicado na sua informação

diversificada, muito inquieto, não fica estagnado na sua fórmula, tem sempre uma grande capacidade de reinventar motivações” (entrevista a Miguel Seabra)

A maior parte dos elementos destas equipas fazem parte do GTCCPM-IC e dos Cursos de Iniciação Teatral do Centro Cultural Português do Mindelo. “São esses mesmos jovens, que fazem parte do grosso dos colaboradores do Festival. Durante o Festival *MINDELACT*, integram as diversas comissões de trabalho dentro do festival enquanto amadores e voluntários. Estas comissões são imprescindíveis para o real cumprimento do festival.” (entrevista a Daniel Monteiro) Aparece aqui reforçada a perspectiva de que a generosidade de quem participa voluntariamente é ou pode ser considerado um dos factores que contribuem não só para a sustentabilidade do Festival *MINDELACT* como para o seu sucesso.

4.3.3. Contributos para a caracterização dos públicos

No Festival Internacional de Teatro *MINDELACT* encontramos vários factores que caracterizam o público. Um deles são os actores das várias ilhas que, ao se encontrarem no festival durante a semana em que este decorre, presenciam as peças das outras companhias às quais não pertencem onde se estabelecem, inclusivamente, trocas de experiências. Segundo João Paulo Brito, Director Geral das Artes em Cabo Verde “uma das coisas, das forças do *MINDELACT*, é que faz com que as pessoas permaneçam pelo menos uma semana aqui, ou seja (...), estão cá todas as pessoas que participam, todos os grupos, todas as companhias que participam no festival.” (entrevista a João Paulo Brito) Estas trocas de experiências passam também pelas acções de formação que decorrem durante o festival, que se aproxima de um modelo de residência artística, facto que contribui para o apurar de um sentido crítico nesta área das artes cénicas. O Encenador Miguel Seabra fala-nos da sua experiência nesse sentido quando nos diz que “nós, Teatro Meridional, já fomos quatro ou cinco vezes ao *MINDELACT*, e eu, inclusive, fiz uma residência artística de criação de um espectáculo com actores cabo-verdianos” (entrevista a Miguel Seabra)

Estes elos de ligação que se criam no Mindelo surgem já das formações anteriormente realizadas fora da ilha de S. Vicente, por iniciativa da Associação *MINDELACT*, e do ponto de encontro em que se tornam quer o festival, quer o Março – Mês do teatro.

Outro factor determinante de caracterização e adesão ao Teatro são as acções de formação realizadas pelo CCCPM – IC. Há um desenvolvimento não só do gosto pelo teatro,

como do conhecimento de aspectos técnicos que suscitam cada vez mais interesse a quem participa nestas formações. O surgimento da secção do festival “Teatrolândia” contribuiu para a grande adesão de um público infantil, que já era notório mesmo antes do surgimento desta iniciativa, por via de acompanhamento de elementos da família, e que agora tem um espaço que lhes é exclusivamente dedicado.

Na revista *MINDELACT*, nº 3, Junho/Dezembro de 1998 (p. 11) é referenciada uma tendência do público num contexto de consumidores de um produto de turismo. Encontra-se público nacional e estrangeiro que se desloca a S. Vicente especificamente para o Festival *MINDELACT*, não fazendo parte de qualquer uma das companhias intervenientes na programação. Pensa-se que possa ser fruto das acções realizadas pelas entidades responsáveis pela divulgação de Cabo Verde em outros países, nomeadamente de embaixadas. A adesão do público é muito forte: na sala do Centro Cultural do Mindelo, única sala com espectáculos pagos e com capacidade para 200 lugares, os bilhetes esgotam sempre, chegando a vender-se 300 bilhetes, sendo que o público opta por assistir ao espectáculo de pé, ao invés de não assistir.

A atitude destes públicos perante os espectáculos ao longo do festival é considerada notável pelo facto de ser confrontado com várias propostas estéticas mantendo sempre o mesmo entusiasmo. Um público maduro, apaixonado, com bom nível de conhecimentos gerais. Estes factos demonstram que o público de S. Vicente é um público virado para o teatro em consequência das experiências vividas nessa ilha através dos grupos de teatro existentes (ilha com mais grupos de teatro em todo o arquipélago).

5. O PROGRAMADOR

Os programadores inserem-se, segundo Cláudia Madeira, no grupo dos “intermediários culturais” e deles dependem os criadores, quer no desenvolvimento da sua carreira, quer na divulgação do seu trabalho (Madeira, 2002). Intermediário cultural que pressupõe “um processo de criação artística repartido entre produção, intermediação e recepção. Neste sentido, o intermediário cultural é aquele que serve de canal, de facilitador da ligação entre dois mundos (produção e consumo, princípio e fim) que, estando separados, devem ser ligados para que o processo de criação resulte” (*Idem*). Deste ponto de vista, parece desempenhar um papel fundamental no circuito artístico, embora, por vezes, a sua figura não apareça destacada, já que, como diz Cláudia Madeira (*Idem*) em cada criador está presente um programador, pois a relação arte sociedade está presente em toda a obra – não se criará sempre para comunicar?

A sua figura, hoje, com o desenvolvimento dos mercados das artes e com as grandes instituições neles envolvidas, aparece destacada e reforçada pelas funções que desempenha e o enquadramento institucional que tem “inscrito dentro de um quadro organizacional artístico (onde se cruzam os campos político, económico e cultural) faz a selecção de uma “mostra” artística de entre o conjunto da oferta para a apresentar ao público” (*Idem*). A ele cabe triar, seleccionar de entre o que lhe chega e conhece o que será patente ao público.

Entendido como mediador entre as escalas nacional e internacional é visto como “o detentor dos conhecimentos que lhe possibilitam fazer uma selecção ou tomar uma decisão sobre os projectos artísticos que lhe são apresentados” (Madeira, *Idem*).

Maria Eliana Ramalho Lopes, no seu trabalho de investigação sobre programação cultural, salienta que muitos dos programadores/directores artísticos por si entrevistados apostam na autoria como uma das características do programador: “Penso que fazer um trabalho de programação é uma autoria no sentido em que o programador é um autor. A maneira como contamina as actividades ou como as actividades se contaminam deve ter a marca de um autor”, diz Américo Rodrigues, director artístico do teatro da Guarda (Lopes, 2010:61). No mesmo sentido, Natxo Checa, director das artes visuais da galeria Zé dos Bois, equipara a programação a um trabalho criativo, implicando a noção de autoria. Assim, programar é “construir um sentido numa proposta de maneira complementar às propostas que são apresentadas. No fundo, é como a arte: a construção de um mundo autónomo e próprio que é dado aos outros. Significaria que tudo o que é programado tem uma razão de ser dentro

de uma espécie de complexidade mental de quem programa; (a programação) não pode preencher vazios estratégicos da instituição” (*ibidem*:62). Para Paulo Brandão (*ibidem*: 94) “o programador é um espectador “ao contrário”, porque de certa forma está a escolher com múltiplos vectores, condicionantes, influências – a programação tem sempre uma leitura da comunidade em que se insere o espaço artístico.” Como se o programador se colocasse no lugar do espectador e escolhesse aquilo a que gostaria de assistir.

Esta autoria, a ser assim, arrasta consigo as mundividências de quem programa, podendo amarrar o produto programado a uma forte subjectividade.

5.1. Perfil

O Programador do Festival Internacional de Teatro *MINDELACT*, foi o grande impulsionador do novo teatro que se faz em Cabo Verde. “João Branco contribuiu para dar qualidade ao nosso meio cultural”. Esta afirmação feita pelo jornalista José Vicente Lopes no seu livro “Bastidores da Independência”, espelha o reconhecimento do trabalho desenvolvido por João Guedes Branco, encenador, actor, director do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões e Responsável cultural do mesmo centro, em prol do desenvolvimento das artes cénicas em Cabo Verde.

Nascido no ano de 1964, em França, filho de pais portugueses e, por consequência, com a mesma nacionalidade dos progenitores, formou-se inicialmente em Engenharia Agrónoma e posteriormente licenciou-se em Gestão do Património e Projectos Culturais, realizando, assim, uma formação de índole científica e enveredando posteriormente por uma área artística, que são as artes cénicas.

Ruma a Cabo Verde, mais precisamente à ilha de S. Vicente no ano de 1992 e no ano seguinte, imbuído do interesse pelas artes que o acompanharam desde sempre – atendendo que o pai, José Mário Branco, é músico e a mãe, Isabel Alves Costa, dedicou a vida ao teatro, tendo sido directora do Festival Internacional de Marionetas do Porto e Responsável Artística do Teatro Rivoli – inicia, na cidade do Mindelo, o Curso de Iniciação Teatral e consequentemente o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo.

Dois anos depois, em 1995, juntamente com actores saídos dos cursos de formação e outros da cena teatral são-vicentina, entre os quais Manuel Estevão, cria o Festival de Teatro *MINDELACT* e no ano seguinte, em 1996, com outros agentes teatrais da ilha fundou a Associação Artística e Cultural *MINDELACT* “(...) o sucesso do primeiro [festival] acabaria por dar procedência à segunda [associação]” (entrevista a João Branco)

Fundada a Associação *MINDELACT*, foi eleito o seu primeiro Presidente da Direcção e, por inerência da função, assume, no Festival de Teatro, a Coordenação Geral, a Direcção Artística e a Programação.

João Branco investigou, com o afincado de um historiador, não de formação mas de acção no terreno, o que se fazia e fez no teatro em Cabo Verde. No seguimento deste trabalho, fez um levantamento exaustivo das fontes existentes sobre essa matéria permitindo-lhe, deste modo, ter uma perspectiva realista da história do teatro em Cabo Verde. Em resultado deste trabalho surge o livro escrito por João Branco intitulado “ Nação, Teatro – História do Teatro em Cabo Verde.” Sobre esta obra Francisco Fragoso diz-nos que “estamos perante um estudo de inegável valor científico”.

Na dinâmica de aquisição de mais conhecimentos, João Branco não abdica da frequência de formações complementares como *ateliers* e *workshops* num modelo eclético de experiências vividas em vários países. João Branco diversificou a sua formação com actores, encenadores e dramaturgos na Alemanha, Bélgica, França e Itália – Europa, e também no Brasil. Os *ateliers* e *workshops* que o programador frequentou incidiram sobre temáticas relevantes para as artes cénicas realçando-se a dramaturgia, a interpretação, a técnica vocal, a expressão corporal, a coreografia, a técnica de máscara e a técnica de “*clown*”. Trabalhou com nomes de reconhecimento internacional como Bernard Massuir, Stephan Stroux, Clara Andermatt, Miguel Seabra, José Luís Peixoto, Francisco Medeiros, Andret Riout Sarcey, Augusto Boal, entre outros. Todo este percurso constituiu um alto contributo para o teatro cabo-verdiano personalizado no programador do Festival *MINDELACT*.

Se o festival alcançou na última década o patamar de reconhecimento internacional deve-se muito ao estudo, curiosidade, predisposição e persistência por parte do seu programador em se actualizar. Luana Jardim, chefe de protocolo de sala do festival *MINDELACT*, em entrevista, considera que João Branco é um bom programador tendo em conta as características pessoais e profissionais como “a criatividade, persistência, paciência, energia, força e empenho.”. Participa em vários festivais internacionais de teatro e eventos relacionados com as artes cénicas, nomeadamente em Portugal, África e Brasil. A diversidade de participações em que o programador esteve envolvido permitiu-lhe interacções com os outros em contextos formais ou informais e acentuar as suas capacidades de diálogo e de discussão de ideias. José Mena Abrantes refere que “encontrava o João por aí e às vezes me dizia que tinha feito meia dúzia de contactos e que já tinha a programação do próximo *MINDELACT*. Só ali, com meia dúzia de contactos já tinha definido o grupo angolano que vinha e que tinha ido connosco ao Brasil.” (entrevista a José Mena Abrantes)

Por sua vez, o programador foi sedimentando experiências e saberes que se vieram a reflectir na programação do Festival *MINDELACT*, sendo que, desde a existência deste evento (1995), João Branco manteve-se sempre como único programador ao longo de 18 anos, enfrentando regularmente dificuldades a nível orçamental, de produção e de escassez de meios, mas sempre foi apoiado pela equipa da Associação *MINDELACT* (sobretudo os actores de S. Vicente).

Ana Cordeiro, responsável pelo Centro Cultural Português do Mindelo – Instituto Camões, quando questionada sobre o que considera mais importante no trabalho do programador responde: “Eu acho que sem uma pessoa que não tenha essa paixão, que não tenha persistência, capacidade de trabalho e uma enorme criatividade para resolver as dificuldades... . Portanto, o João tem para mim a maior qualidade de todas que é ser capaz de fazer teatro, festivais de teatro sem nada, a partir do nada.”(entrevista a José Mena Abrantes)

O actor e encenador português Miguel Seabra, interrogado sobre o mesmo assunto corrobora esta opinião: “(...) eu apelidei em tempos o *MINDELACT* de “*Milagract*” porque todos os anos o João consegue o milagre de fazer acontecer aquele festival.” (entrevista a Miguel Seabra)

O próprio programador reconhece que “ nesse aspecto eu sou um pouco radical. Penso que esse pontapé de saída tem de ser dado pelos próprios agentes teatrais! Por quem quer fazer.” (entrevista a João Branco)

Das experiências tidas pelo programador, acima mencionadas, poderíamos pensar que delas resultaria uma tendência para que a programação do Festival *MINDELACT* se baseasse mais em dramaturgias estrangeiras, mas verificamos que o programador foi fiel ao princípio – linha de força – de fomentar o trabalho das companhias de teatro cabo-verdiano e, simultaneamente, proporcionar contactos com companhias de países diversificados, com quem estabelece ligações cada vez que vai a festivais noutros países. Este factor conduz o programador para uma dualidade na escolha da programação: enquanto reforça o trabalho das companhias nacionais, não descarta autores como Gil Vicente, Shakespeare, Oscar Wilde, Victor Hugo, Albert Camus, Garcia Lorca ou António Aurélio Gonçalves, através das “apropriações” que o próprio realiza e que proporcionam ao público temas universais tratados no teatro em todo o mundo e que são de todo o interesse do público do Mindelo. Neste assunto particular o programador também nos diz: “quando se diz que um texto de Garcia Lorca, por exemplo, pertencendo à humanidade, pertence também a Cabo Verde, fazemos parte desse todo (...) Esse texto é meu, é seu, é de todos nós.” (entrevista a João Branco).O trabalho chamado pelo programador de “apropriação” é designado por Miguel Seabra de

“crioulização de peças, desde Beckett a Shakespeare, Lorca... (...) ele adapta as peças à realidade cabo-verdiana, as realidades das histórias maiores da dramaturgia mundial e, portanto, faz um trabalho não só artístico, mas também didáctico, social e político e, por isso, é que é um personagem com um simbolismo muito particular em toda a identidade cultural cabo-verdiana e, em particular, teatral” (entrevista a Miguel Seabra) Este autor alarga o campo da acção de João Branco ao situá-lo no campo cultural, mas na abrangência do acto que mostra, permite reflexão e, assim, pode induzir à mudança, à transformação pessoal e social.

Segundo Miguel Seabra “é tudo trabalho do João Branco que se desmultiplica em contactos, ele é um programador muito atento, muito informado, muito curioso, muito implicado na sua informação diversificada, muito inquieto, não fica estagnado na sua fórmula, tem sempre uma grande capacidade de reinventar motivações” (*ibidem*). Parece-nos estar na presença de alguém que mostra capacidades *sui generis*, tanto a nível de relações humanas, como enquanto criador, reconhecidas também pelos seus congéneres ao ser considerado alguém que congrega em si qualidades de níveis muito diversos – organizativos, motivacionais, resilientes, criativos. Realçamos também o facto da sua abertura à contemporaneidade revelada, por exemplo, no novo espaço cénico- *performance* – criado na edição de 2012 a que assistimos, enquanto nova abordagem artística híbrida, enquanto articulação de linguagens de artes diversas, que contempla vertentes ligadas ao confronto, surpresa, provocação do meio envolvente.

6. CONCLUSÕES

A fim de prosseguir o estudo proposto, tentaram-se atingir os objectivos enunciados na introdução, procurando descortinar os elementos ou factores integrantes da programação do festival que pudessem ajudar a explicar a sua sustentabilidade e as ligações com a própria ilha de S. Vicente. Parece poder afirmar-se que, ao longo de dez anos de programação, encontramos a maior diversidade de países a integrar a programação do festival, havendo uma preocupação de inclusão de companhias de S. Vicente, mas também de Cabo Verde e internacionais.

Constatou-se que factores de ordem financeira são, em parte, uma dificuldade para a elaboração da programação correspondendo às linhas de força consideradas nos objectivos relativos à diversidade da origem das companhias, sobretudo no que toca às companhias internacionais. Por outro lado, há um favorecimento na perspectiva da exequibilidade do Festival, uma vez que se estabeleceu como estratégia que os países estrangeiros devem procurar financiamentos nos seus países de origem, pertencendo estes ou não a países que tenham alguma cooperação com Cabo Verde.

Os dados recolhidos permitem considerar que a adesão do público, sobretudo na ilha de S. Vicente é de quase 100% e que os espectáculos têm praticamente sempre lotação esgotada.

Também se apurou que a Associação *MINDELACT*, em 2006, possuía 223 sócios, ou seja, um número representativo de público relacionado com o teatro.

A observação feita localmente, durante a edição de 2012, e a análise das entrevistas permitem pensar que o enquadramento da ideia de “global”, pensando na dimensão internacional que o festival atingiu, reveste-se, durante essa semana de duração do evento de uma componente social bastante forte, numa cidade pequena com um património cultural elevado.

Entre as peças que são apresentadas, o trabalho comum entre as companhias intervenientes no festival e que geram co-produções, fazem-se aprendizagens através das acções de formação e as práticas conjuntas que a própria programação do festival preconiza. Se é possível e aceitável neste estudo a expressão a nível de sensibilidade poder-se-á dizer que, por isso, e cada vez mais, o festival *MINDELACT* é um espaço aberto de encontros e reencontros, de confronto salutar, um embrião de inúmeros projectos artísticos gerados a

partir desse espaço de convívio único num ambiente que quem vê não esquece e quem não vê não acredita.

Neste estudo de caso deparámo-nos com alguns constrangimentos a nível da obtenção de dados exactos no respeitante a orçamentos do festival, apesar de este se tornar quase sempre sustentável por conta da iniciativa privada no que toca a uma vertente forte de voluntariado e de alguns patrocínios. Embora tendo havido um contacto directo e privilegiado com o programador do festival, o facto de este estudo de caso incidir num país estrangeiro, a cerca de 3000 km, não facilitou o acesso a alguma bibliografia que poderia ser determinante para ter dados mais apurados.

Pensamos ser de toda a pertinência que a Associação *MINDELACT*, enquanto associação promotora do festival invista, dentro do seu Centro de Estudos de Investigação Teatral, na disponibilização de uma base de dados que possa estar acessível *online*, através da sua página electrónica, por forma a corresponder ainda mais a um maior alcance internacional, na proporção do que tem feito na última década e, por inerência, continuar a dar a conhecer ao mundo a História do Teatro em Cabo Verde e colocar o Mindelo na escala cultural mundial. Será um bom contributo para o que se pretende atingir como um dos critérios da programação, o nível de diversidade de culturas participantes, de trocas de experiências e a inclusão de mais propostas estéticas.

Não parece levantarem-se dúvidas de que as estratégias e critérios definidos, quer pela associação *MINDELACT*, quer pelo programador e a sua equipa, aquando do estabelecimento da programação do Festival no período analisado, se têm revelado eficazes para o reconhecimento e longevidade do mesmo. Entre aqueles identificaram-se e destacaram-se os seguintes: o grande trabalho de equipa; a disponibilidade e entrega das comissões de trabalho (amadoras e voluntárias); a aposta no desenvolvimento do teatro cabo-verdiano, nas diferentes ilhas e não só em S. Vicente; a aposta na criação de novos públicos (Teatro de Periferia; Teatrolândia; Encontro Internacional de Contadores de Histórias; Festival “OFF”, enquanto espaço experimental; Teatro Performance; extensão do Festival na cidade da Praia, na ilha de Santiago); a crioulização de textos da dramaturgia mundial; as redes de contacto estabelecidas entre o programador e outras companhias cabo-verdianas e estrangeiras; a utilização das novas tecnologias que permite “assistir”, através de vídeo ou outro meio, a representações à distância e, assim, seleccionar o que mais convém a cada edição tendo em conta a, por vezes, especificidade temática de cada uma das edições do festival; a contemplação de critérios de diversidade estética, mas também de origem das companhias; as acções de formação levadas a cabo por quem vem de fora e que se dirigem aos locais; o

estabelecimento de actividades paralelas que visam o convívio, a troca de experiências e a divulgação da cultura cabo-verdiana entre as companhias que integram a programação em cada edição; a permanência na cidade de todos os intervenientes, devidamente enquadrados e acompanhados, durante toda a duração do festival.

Relativamente ao programador, ressalta deste estudo que, tendo em conta as debilidades financeiras do país, e o seu contexto insular é, sobretudo, graças ao seu empenho, criatividade, perseverança, saber técnico e artístico, resistência perante as dificuldades que se deve parte substancial do sucesso e da dimensão internacional que as diferentes edições do festival têm atingido.

João Branco é, sem dúvida, um programador-autor já que a sua marca está patente em todas as edições do Festival MINDELACT, não só na programação, nas propostas estéticas, na abertura à internacionalização, na busca de solução cénicas criativas, na procura incessante de novos públicos, na criação de novas encenações, novas linguagens cénicas, na criouliização e adaptação ao universo eclético cabo-verdiano, devido à miscigenação, à diáspora e à localização geoestratégica do arquipélago de Cabo Verde, de temas dramáticos universais, mas também parece transcender aquele conceito ao poder ser considerado um programador participante pois é, simultaneamente, actor, encenador, dramaturgo, formador e relações públicas, através das redes que estabelece com inúmeras companhias e agentes teatrais de todos os continentes e dos contactos que estabelece com entidades públicas e privadas cabo-verdianas e também portuguesas enquanto funcionário do Instituto Camões.

Parece-nos redutor classificá-lo numa única categoria, já que nenhum conceito de programador, que conheçamos, abarca todos os campos de acção, de intervenção, observados.

A cidade do Mindelo, através do empenho e generosidade da sua população – voluntariado, colaboração na produção, pelo que foi dado perceber, parece desempenhar um papel fundamental no sucesso do festival, no entanto, tal carece de um estudo particular que o pudesse confirmar ou negar pelo que seria interessante deixá-lo como proposta de trabalho futuro.

Também o cuidado posto na imagem e divulgação do festival, através das diferentes estratégias de *marketing*, seria importante ser objecto de estudo, pelo que aqui fica o desafio.

BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, David Hoppfer (1992). *Caboverdianidade & Tropicalismo*. Recife: editora Massangana.
- ALMADA, David Hoppfer (2006). *A cultura é a riqueza de Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- ALMEIDA, Germano (2003). *Viagem pela história das ilhas*. Lisboa: ed. Caminho.
- ANDRADE, Elisa Silva (1969). “Fim da escravatura no final séc. XIX”, nº 3, julho-setembro, pp. 73-104, in *Société Française de Philosophie*, 22 de fevereiro: debate com M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d'Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl.
- ANDRADE, Elisa Silva (1996). *As Ilhas de Cabo Verde: da “descoberta” à independência nacional (1460-1975)*. Paris: Editions L’Harmattan..
- BRANCO, João (1998). “Tendências do Teatro em Cabo Verde” in *Navegar é Preciso...Portugal-Brasil-África*. S. Paulo: Centro Cultural de S. Paulo.
- BRANCO, João (2004). *Nação teatro-história do teatro em Cabo Verde*. Praia:ed. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- BRITO-SEMEDO, M. (2006). *A Construção da identidade nacional: análise da imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- CARREIRA, António (2000). *Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Praia: Instituto de Promoção Cultural.
- CARVALHO, Clara e CABRAL, João Pina (2004). *A Persistência da História – passado e contemporaneidade em África*. Lisboa:ed. Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- CATÁLOGO/PROGRAMA(1996). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(1996). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(1996). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2002). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact

- CATÁLOGO/PROGRAMA(2004). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2005). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2006). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2007). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2008). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2009). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2011). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CATÁLOGO/PROGRAMA(2012). Festival Internacilnal de Teatro Mindelact. Mindelo. Associação artística e cultural Mindelact
- CRESWELL(2008). *Research design, qualitative, quantitative and mixed methods aproches*. [s.l.] Sage Publications.
- DURKEHIM, Émile (1975). *A ciência social e a acção*. Lisboa: Bertrand.
- FILHO, João Lopes (1986). “Formação da sociedade e bases da cultura cabo-verdiana”, in Cassendo, nº 9.
- FORTUNA, C. (2002). “Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico”, in Revista Crítica de Ciências Sociais, vol. 63.
- FOUCAULT, Michel (1969). *Qu’est-ce qu’un auteur? Dits et écrits*. Paris: Editions Gallimard.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, «Documentos sobre a Expansão Portuguesa», citado por CARREIRA, António (2000). *Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Praia: Instituto de Promoção Cultural.
- GUERRA, Isabel (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Parede: Príncipeia editora
- <http://MINDELACT.org/>, consultado à data de 10 de Outubro de 2012
- HUGUES, H. (2000). *Arts, entertainment and tourism*. (s.l.): Heinemann.
- LIPOVETSKY, Gilles, e SERROY, Jean (2010). *A Cultura-Mundo – resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: ed. 70.

- LOPES, Eliana (2010). Programação cultural enquanto exercício de poder . Dissertação de Doutoramento apresenta em Ciências da Comunicação, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa.
- MADEIRA, Cláudia (2000).” Novos notáveis – os programadores culturais”, in “ Actas do IV Congresso Português de Sociologia, Coimbra, 17-19 de Abril.
- MADEIRA, Cláudia (2002). *Novos notáveis: os programadores culturais*. Oeiras: Celta editores.
- MARIANO, Gabriel (1991). *Cultura caboverdeana: Ensaios*. Lisboa: ed. Vega.
- MENEGHETI, M., BUENO, C. M. L. B. (2010). “Acção e aprendizagem: o teatro como facilitador da socialização na escola”, in *Fractal, Revista de Psicologia*, 22 (1), Universidade Federal Fluminense, pp. 187-204.
- MINDELACT: teatro em revista (1997) nº 0, Janeiro/Junho. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (1999) nº 5, Julho/Dezembro Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2000) nº 6, Janeiro/Junho. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2001) nº 7/8, Junho 00/Junho 01. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2001) nº 9, Julho/dezembro. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2002) nº 10, Janeiro/Junho. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2003) nº 12 e 13, Janeiro/Dezembro. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- MINDELACT: teatro em revista (2005) nº 14 e 15, Janeiro/Dezembro. Mindelo: Associação artística e cultural *Mindelact*
- RAMOS, Maria da Luz (2008). A Elite de Funcionários Públicos Cabo-verdianos – o caso da ilha de São Vicente, Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e políticas (ISCSP) para obtenção do grau de Mestre, orientada por João Bettencourt da Câmara, Lisboa.
- RIBEIRO, António Pinto (2009). *À procura da escala*. Lisboa: ed. Cotovia.
- RIBEIRO, Orlando (1960). *A ilha do Fogo e as suas erupções*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord.) (1995). *História Geral de Cabo Verde*, Vol. II, Lisboa-Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde.

SILVEIRA, Onésimo (2005). *A Democracia em Cabo Verde*. Lisboa: Editora Colibri.

STERN, L. (1995). “Festivals and Stage Management”, (s.l.): Longwood Professional Book.

TOLENTINO, Corsino et al. (2008). *A importância e o impacto das remessas dos imigrantes em Portugal para o desenvolvimento de Cabo Verde*. Lisboa: ACIDI.

VENÂNCIO, José Carlos e SILVA, João Pedro (2010). “Especificidades da arte cabo-verdiana: Manuel Figueira: de artista nacional em Cabo Verde a artista outsider em Portugal”, in *Revista Aurora*, nº 8.

WAHL, Jean (s. d.). “O que é o Autor?” *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 63º.

WORMS, Allan J. (1995). “Mini-Festivals: Activities solution for tourist communities”, Michigan State University Extension.

www.aulete.uol.com.br, consultado a 15 de Janeiro de 2014

APÊNDICES

Apêndice 1. **Guião de entrevista**

Dimensão	Tópico	Questões / Estratégias
Um Festival Internacional de Teatro em Cabo Verde, particularmente no Mindelo	Localização do festival	1. Porquê em CV e no Mindelo?
	Tradição artística no Mindelo	2. Razão de ser da tradição artística no Mindelo.
	Tradição dramaturgica	3. Qual a tradição de dramaturgia no Mindelo?
	Contextualização africana	4. a) Conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais? b) Se sim, há interações entre estes?
	Comunicação /Publicidade/ Marketing do festival em território internacional	5. Como é realizada a publicidade e marketing deste festival no território internacional?
Reflexo do diálogo intercultural na programação do festival: últimos 10 anos	Diversidade de países participantes no festival e respetivas culturas.	6. Quais as razões que geraram a participação de mais países, inclusivamente alguns até improváveis.
	Aprendizagens entre companhias de teatro de culturas diferentes	7. O contacto com os outros países contribuiu para algumas alterações e aprendizagens nas suas programações, uma vez se tratar de culturas diversificadas? Quer realçar algum aspeto específico?
	Influência que o Mindelact proporciona às companhias dos países participantes no festival na programação, produção e públicos	8. a) Qual a sua noção quanto ao que as companhias de teatro estrangeiras levam de melhor do Mindelact para os seus países de origem, na ótica da programação? b) E da produção? c) E nos públicos? (países de origem) 9. Justamente nos públicos, esta dimensão de diálogo intercultural é representativa? As pessoas comunicam entre elas no presente e no futuro? (nos países de origem e em Cabo Verde)? De que maneira?
Qualidade do festival (18 edições)	Conhecimento da existência do festival a nível internacional	10. a) De que modo teve conhecimento do <i>Mindelact</i> ? b) Quando teve o primeiro contacto com este festival?

	Evolução/qualidade na programação do festival	11. É notória a evolução qualitativa na programação do festival na última década? Pode dar um exemplo prático? Em que aspeto acha que se reflete mais?
Financiamentos	Orçamento geral do festival	12. Um festival desta envergadura implica decerto um orçamento geral bastante elevado. A crise mundial e europeia está a ter efeito no festival?
	Sustentabilidade do festival Estratégias para financiamento do festival	13. O festival consegue sustentar-se totalmente a nível financeiro? Como é organizado o financiamento do festival?
	Financiamento do Estado no festival e capacidade de continuidade.	14. Qual é, em termos de percentagem, o financiamento que o Estado faculta para o festival? 15. O Mindelact vai no próximo mês para a sua 18ª edição. Como explica o sucesso desta continuidade, cada vez com maior adesão, num país com recursos físicos (toda a produção – exs: a cenografia, o guarda-roupa) e financeiros tão escassos?
	Financiamento privado/ Convenções, parcerias para com os países parceiros nos festivais.	16. Há financiamentos de entidades privadas? a) Existe algum tipo de convenções, acordos, parcerias, etc, com outros países parceiros no festival que suportem as despesas inerentes à participação no festival? b) Se sim, qual é a contrapartida solicitada por esses privados?
	Fontes de receita	17. Para além de financiamentos públicos e privados existem outras fontes de receitas?

Apêndice 2. **Entrevista a Ana Cordeiro**-20 de Agosto de 2012–Directora do Centro Cultural Português, polo do Mindelo.

A Dr.^a Ana Cordeiro trabalha aqui no Instituto de Camões, exatamente com que funções?

Sou responsável aqui pelo Instituto de Camões.

Responsável pelo conceito cultural não é?

É sim.

E, relativamente ao estudo que estou a desenvolver, já tenho conversado consigo, vai incidir sobre o Festival do Mindelact, nomeadamente sobre a programação do Mindelact na perspetiva da programação, internacionalização e o próprio diálogo intercultural. O Mindelact enquanto festival... como é que justifica, se é que consegue encontrar alguma justificação, para ele existir em Cabo Verde e, nomeadamente, no Mindelo?

Bom, estas coisas... é difícil estar agora a dizer como é que se justifica... justifica-se porque sempre houve uma grande tradição de... um grande gosto pelo teatro lá em Cabo Verde. Em São Vicente existiram vários grupos... os clubes desportivos e recreativos, se nós formos fazer, enfim, a história de cada um deles, mesmo daqueles grupos desportivos que existem, eles tinham sempre peças de teatro nas suas atividades. Era uma coisa que fazia parte dos clubes desportivos. Esta tradição de teatro que existe e que foi seguida depois de... nos anos 80, a seguir à independência, ainda houve... como aliás é normal a seguir às independências, muita animação à volta da cultura, a cultura como arma de libertação... mas depois ali nos anos 80 houve um vazio, digamos assim. De maneira que quando o João Branco chegou a Cabo Verde, ele encontra esta cidade sem grupos de teatro, sem peças de teatro, e fez-nos uma proposta de vir trabalhar connosco, primeiro uma formação, depois a criação de um grupo. Depois, ele próprio ficou aqui a trabalhar no Centro Cultural Português como técnico do centro e começou a dar vida ao teatro, o teatro começou a nascer. As pessoas ... aquelas formações que ele deu, começaram de novo a fazer surgir o bichinho, grupos que estavam inativos começam a trabalhar, e de repente ele terá olhado à volta e viu que já havia alguns grupos a funcionar e fazia sentido então essa... a criação de um festival que permitisse, numa determinada altura do ano, os grupos juntarem-se e mostrarem aquilo que estavam a fazer.

Dr.^a, havia alguma tradição de dramaturgia não é? Só que estava amainada...

Estava... perfeitamente... de facto quando ele chegou estava... o panorama teatral... e não era só em São Vicente, as outras ilhas também... e depois começou a fazer sentido trazer para Portugal, obviamente. E foi aí que o festival foi surgindo. E como normalmente estas coisas quando têm à frente alguém que tem uma grande paixão, as coisas ou crescem ou morrem... e pronto, cresceram.

Mas aqui em Mindelo, Cabo verde... sobretudo Mindelo... é uma terra, uma ilha de tradição, não só em termos de artes cénicas, mas também de outras expressões artísticas, não é?

Sim, sim. Durante muitos anos foi chamada Capital Cultural. Claro que a Capital Cultural está sempre onde há mais dinheiro, onde o ensino... enfim... há mais desenvolvimento em termos de ensino, e foi o que aconteceu no Mindelo. Por um lado o desenvolvimento económico da ilha, devido ao grande comércio que havia no Porto Grande, e por outro lado, devido ao facto de se ter aqui instalado o primeiro liceu e, portanto, isto fez confluir para a ilha os melhores intelectuais de Cabo Verde, pessoas com poder de compra, estrangeiros... um número enorme de estrangeiros... e é engraçado vermos como de facto em Mindelo, sempre foi dessa combinação de uma cidade portuária muito aberta e, portanto, muito aberta também aos estrangeiros, que a vida cultural se desenvolveu. A praia, por exemplo, é um meio mais fechado e, portanto, a influência dos estrangeiros na praia nunca será tão grande como aqui. Isso também é um elemento que resultou desta confluência de coisas que se juntaram muito bem. Se o João, por exemplo, tivesse ido para a praia, provavelmente não conseguiria fazer o trabalho que fez aqui em Mindelo, porque as pessoas são mais fechadas, demoram mais tempo a abrir-se, e as pessoas, às vezes, acabam por desistir. Aqui não... é uma adesão muito imediata e é essa a grande diferença. E, portanto, mais uma vez essa combinação, por um lado, de uma tradição cultural, essa abertura ao que vem de fora, essa abertura a quem vem de fora e quer trabalhar aqui... isso, de facto, permitiu que o festival aqui nascesse e tivesse raízes para continuar.

E as outras expressões artísticas? Expressão plástica, literatura, por exemplo...

E as outras expressões artísticas a mesma coisa. Quem fala da música e fala da grande influência de compositores mindelenses, por exemplo, na moda, depois vai-se ver foram influenciados pelo Brasil, foram influenciados, portanto, por músicas que vinham do Mundo para aqui no tempo em que isto era um porto muito aberto. E a literatura a mesma coisa. Era aqui que chegavam em primeiro lugar os livros, as pessoas e, portanto, isso permitiu essa abertura...

Por via dos navios que chegavam aqui ao Porto...

Era isso... eram milhares de passageiros que vinham da Europa a caminho da América do Sul, e depois da América do Sul para a Europa. Portanto, isso permitiu que Cabo Verde estivesse no centro dessa passagem de informações.

Diga-me uma coisa, conhece outros festivais de teatro no território africano?

Não... não conheço.

São sobretudo internacionais...

Nem em África, nem em Portugal.

Não?

Como sabe, eu vivo aqui o ano inteiro, vou de férias a Portugal, portanto, nunca chego a tempo de encontrar festivais ou de poder estar presente em festivais.

Eu não digo estar presente, mas saber se existem...

Eu não sei, sinceramente. Como sabe, de África a Cabo Verde chegam poucas notícias. É uma das características do arquipélago, é estar muito pouco... que dizer... o que se compreende, nós aqui temos grande facilidade de acesso às notícias que vêm da Europa por via da televisão, de tudo isso. O que vem de África, aqui não chega com facilidade e também não há muito essa procura. Portanto, não há grande retorno do que se passa em África, tanto a nível cultural... mais a nível político poderão chegar algumas notícias, a nível cultural não.

Certamente eu conto, enquanto espectadora, que ao longo das edições do Mindelact tem havido cada vez mais participações de companhias teatrais de países, à partida improváveis. Como é que acha que esta informação pode chegar a esses países... que existe este festival internacional?

Bom, isso foi possível... este fenómeno do Mindelact cresceu também com a Internet. Sem isso seria absolutamente impossível e, portanto, através...

Mas este ano é a 18ª edição... a Internet, digamos que acaba por ser uma ferramenta, sobretudo aqui em Cabo Verde, relativamente recente, não é?

Desde... nós criámos o primeiro cyber café aqui de Cabo Verde, foi o Instituto de Camões que abriu, precisamente na Alfândega Velha... em 1989... não... 1999 estava a funcionar o primeiro cyber café, portanto...

E acha que esse factor teve interferência?

Teve. Porque, precisamente, permitiu que, desde logo, desde 98/99, começasse a funcionar. O que significa que o João Branco, desde esse momento, teve acesso ilimitado à Internet, o que era ainda muito difícil na altura. O próprio Centro não tinha e durante alguns anos ainda não tivemos. Portanto, era aquele núcleo ali, a partir de 98/99, que lhe permitiu ter acesso à Internet e isso também é outra coisa que é uma coincidência interessante porque

poderia ter acontecido e o João não ter sabido aproveitar essa ferramenta. Mas ele teve a sorte de, por um lado... nós tivemos... nós, o Mindelact, teve a sorte de ter à frente uma pessoa que percebeu logo a importância e também se sentiu atraído por isso... e o João teve a sorte de conseguir acesso ilimitado a uma ferramenta que, na altura, era caríssima. O que nós gastámos na altura com a Internet... eu hoje quando olho para trás... também era numa altura em que tínhamos mais dinheiro do que agora... agora seria completamente impossível essa disponibilidade que nós demos... as formações, fizemos até algumas formações porque as pessoas não sabiam o que era o correio eletrónico. Isso era, de facto, uma grande novidade na altura. Lembro-me que fizemos, pelo menos, duas formações. E o João também se apaixonou pela Internet. Eram horas e horas e horas... noites lá no cyber café. Portanto, isso também permitiu essa capacidade que o Mindelact hoje tem de estar ligado, eu penso que, ao mundo inteiro... porque já não é apenas o mundo português... porque ele próprio nunca teve oportunidade... aqui, os programadores culturais, não são como os programadores culturais na Europa que vão aos sítios, veem... as oportunidades que o João teve de ir a festivais, foi enquanto responsável por um grupo e levando um trabalho e, portanto, só nessas ocasiões é que ele... mas também isso foi bom, quer dizer, desde... desde final dos anos 90, também pelo grupo de teatro do Centro Cultural Português, começou a ser convidado e a estar presente em festivais e, portanto, isso também nos trouxe alguma riqueza e, fundamentalmente, também muitos contactos. Portanto, se o João teve essa ligação com outros festivais, foi enquanto ligado ao grupo de teatro do Centro Cultural Português. Porque ele, como programador, nunca teve condições para ir ver, observar, poder convidar... isso aqui não existe...

Portanto, dizia que essa ligação à Internet foi de facto uma ferramenta fundamental e uma das razões da participação de países até mais improváveis? Quer enunciar um ou outro país que possa ter sido, assim, uma riqueza maior dentro da programação e que lhe tenha despertado mais a atenção?

Eu estou aqui a falar como espectadora. Mas, mesmo como espectadora... sou uma espectadora muito inconstante porque eu sempre fiz as minhas férias em Setembro e, portanto, às vezes estou aqui na abertura e não estou no fim, ou estou no fim e não estou na abertura... portanto, eu não posso e, vários anos seguidos, eu não estive mesmo presente no festival. Eu penso, e isto é apenas uma... enfim... uma ideia que... os países de língua portuguesa e, principalmente, Angola... com Angola houve, tenho essa ideia, houve até ações de... um encenador angolano que trabalhou aqui com o grupo de teatro do Centro Cultural Português... portanto, eu acho que para haver uma influência grande não basta um espetáculo e um

contacto de poucos dias. É necessário algo mais. Era necessário que viessem encenadores trabalhar com grupos de Cabo Verde, ou que actores cabo-verdianos pudessem trabalhar noutros grupos de teatro. De resto, de facto, às vezes há experiências que, obviamente, abrem-nos os olhos para outras possibilidades, para outras coisas... e nesse aspeto, com certeza que todos os espetáculos que vieram, uns mais que outros, terão feito surgir ideias, terão dado início a projetos, isso é que... os criadores é que lhe poderão depois dizer até que ponto isso aconteceu ou não. Mas é quase impossível não ter acontecido, não é? Quando estamos a falar de criadores é evidente que aquilo que veem faz-lhes logo surgir ideias e projetos. Mas, penso que de qualquer maneira, as experiências com os países de língua portuguesa são... têm sido as mais importantes, porque o contacto é mais fácil e mais proveitoso, e em termos de... quando eu disse que São Vicente é uma ilha, de facto, muito aberta, porque é uma ilha do porto... mas é um ilha onde o lado afetivo não pode estar ausente, quer dizer, as pessoas são abertas, sim, mas se não houver uma ligação afetiva imediata, essa abertura também desaparece em dois tempos, não é? Não deixa marcas.

E como é criada essa ligação afetiva?

Essa ligação afetiva tem que ser através da língua... da língua e de culturas que de alguma forma estão próximas, mais de Cabo Verde. Sem essa proximidade, em tão pouco tempo, não pode nascer nenhum sentimento... quer dizer... e por isso é que eu continuo a dizer que devem ser os países de língua portuguesa que mais têm marcado, com certeza.

E acha que a vinda de países, até mesmo de outras regiões que não sejam do espaço lusófono, países como a França, a Espanha, a República Checa, a América do Sul... acha que isso, de alguma maneira, tem interferido na programação dos anos que se seguem?

Interferir no sentido negativo...?

Não... quer dizer, nas duas perspetivas...

Eu acho que essa vinda de grupos estrangeiros só tem acentuado uma coisa que também é muito importante... é que é possível comunicar sem ser através da palavra porque, naturalmente, não se vai representar numa língua que as pessoas não dominem... e são grupos que têm trazido propostas cénicas muito interessantes, porque são aquelas onde a palavra tem um peso muito... ou não existe, ou então tem um peso muito diminuto. E isso é uma experiência interessantíssima para... essa capacidade de comunicar, para além da palavra.

E, diga-me uma coisa, em termos de público aqui de Cabo Verde, e sobretudo aqui do Mindelo, onde acontece o festival, sente que o público interage com os grupos que vêm... tem noção disso?

Interage para além do espetáculo?

Não só no espetáculo, mas depois...

No espetáculo sim, é um público que eu acho que é muito... como é que eu hei-de dizer... honesto...

Fidedigno se calhar...

Sim, não é aquele tipo de... ele reage como sente. Por isso é que eu digo honesto. Não está ali a fingir... se não está a gostar, não está a fingir que está a gostar. Se está a gostar mostra isso muito claramente, também nos aplausos... se não gosta, são meia dúzia de palmas e levanta-se logo para sair. Depois não sei... quer dizer, fora isso não sei. Eu penso que a relação do público com as pessoas que veem é... e mesmo assim é uma relação grande porque o número de colaboradores do Mindelact, acho que é um número alargado de voluntários e, portanto, significa que os grupos contactam com um número muito grande de pessoas.

Portanto, enquanto responsável aqui pelo Centro Cultural Português, imagino que tenha tido contacto logo desde o início, desde a criação do Festival do Mindelact?

Não... repare... o João, que é o presidente da associação, trabalha para o Centro Cultural Português, e o grupo de teatro do Centro Cultural Português é um dos grupos fundadores do Mindelact... e desde o início o apoio, aqui do Instituto Camões, em Mindelo foi total. Inicialmente, digamos que... suportávamos até... estas... essa questão das comunicações, que é sempre muito importante... os telefones, a Internet... depois pequeninas coisas em termos até de espaço, indo até à última edição do Mindelact... uma sala que nós tínhamos no Centro Cultural do Mindelo, que era uma sala pequena de exposições... essa sala era sempre cedida ao Mindelact para apoio... portanto, o envolvimento do Instituto Camões tem sido enorme desde o princípio. Mas, para mim, o mais importante deste apoio... nalguma altura até... mais até em algum apoio monetário, depois a partir de certa altura isso foi completamente impossível... mas embora o Instituto Camões em Portugal apoie, nós através da nossa verba é que não temos como, não é? Portanto, pagamos a produção de uma peça que é estreada no Mindelact, é mais ou menos esta a tradição... e este ano por acaso isso não acontece, mas é exceção. Eu considero que o grande, grande apoio do Centro Cultural Português do Mindelo ao Mindelact tem sido disponibilizar, dar todo o tempo ao João para organizar este festival de teatro. Se ele pode dedicar-se por inteiro à organização deste festival é porque aqui no Centro Cultural Português as funções dele se restringem ao teatro, portanto, ao grupo de teatro, às aulas de teatro e ao Mindelact. Posso dizer que também nos dá uma ajuda em termos de... como ele trabalha muito bem em computadores e gráficos, dá-nos uma ajuda às vezes em cartazes, na newsletter, mas na composição gráfica. E pronto, são umas

coisas pontuais. De resto, eu acho que esse é o grande apoio, porque as iniciativas culturais que existem, e eu tenho assistido a isso aqui no Mindelo, normalmente elas começam por paixão de alguém para fazer alguma coisa. Mas ninguém aguenta tantos anos seguidos se tiver que trabalhar no seu tempo livre. Por exemplo, se tiver que usar as suas férias para trabalhar no Mindelact. Quer dizer, ao fim de uns anos as pessoas pura e simplesmente não aguentam. Quer dizer, é preciso uma pessoa que trabalhe e que depois no fim do Mindelact faz férias. Que é isso que acontece. Portanto, isto para mim é que permite também... é um dos fatores... por isso é que digo que todas estas coisas a gente tem que ir buscar, os fatores todos, por pequeninos que sejam, mas que se juntam e que permitem que as coisas aconteçam. E eu acho que um dos fatores é precisamente esse, haver uma pessoa que tem essa disponibilidade em termos de... porque organizar um festival, obviamente, é uma coisa que dá muito trabalho, são muitas horas de trabalho e portanto, é preciso ter essas horas. Ninguém aguentaria tanto tempo desta forma.

Vai para a 18ª edição. Como é que explica esta continuidade com cada vez maior adesão e com recursos escassos em termos físicos e mesmo financeiros que se refletem, à partida, em termos de produção... mas a verdade é que o festival continua a ter cada vez mais notoriedade...

Estas coisas são, obviamente... é como uma bola de neve, quer dizer... se não morrem crescem... e o facto de o festival ter ganho alguma notoriedade, mesmo em tempos de dificuldade e em que muitos apoios terão desaparecido, é o próprio nome que depois também impede que desapareça completamente, quer dizer... neste momento não estou a ver, enfim, as próprias autoridades de Cabo Verde deixarem morrer o festival por falta de apoio. Chegou a um ponto em que isso se torna praticamente impossível... pode-se perder apoios aqui ou apoios ali mas, de facto, a partir do momento que são as próprias autoridades cabo-verdianas que falam do festival como um dos acontecimentos culturais do país, não podem depois também deixa-lo morrer por falta de meios, não é?

Eu achei curioso porque, ainda no outro dia, na tomada de posse do Presidente da Câmara onde estava também o Senhor Primeiro-Ministro, foi um dos eventos que foi mencionado, o Mindelact...

Sim, sim, quando se fala da vida cultural, de há uns anos a esta parte, o Mindelact está na agenda cultural de Cabo Verde e isso é assumido pelos poderes públicos. Portanto, a partir desse momento deixá-lo morrer acho muito improvável... a adesão do público poderia ser maior, eu continuo a dizer isto, se o Mindelact tivesse salas de espetáculo disponíveis, também maiores. Embora tenha conseguido nos últimos anos rodear essa dificuldade e tem

conseguido alargar o publico, que eu penso que é o que vai... ainda não vi em detalhe a programação deste ano... que é organizando festivais, organizando espetáculos fora da sala que é a sala central, portanto... agora já há uma sala da Câmara de Monte Sossego que tem sido usada, de dois anos a esta parte, é a sala Jota Monte... e fazer os espetáculos de rua, e isso de facto permite alargar o publico apesar de o festival acontecer numa sala com 250 lugares e noutra com 270 ou 280.

Sendo que é um acontecimento de reconhecimento nacional, não é? Mesmo pelas autoridades...

Sim, sim.

Acha que há o devido reconhecimento também em termos de orçamento para o próprio festival... orçamento financeiro?

Olhe, eu não sei, eu nunca vi... não sei sequer qual o orçamento do festival. Eu nem sei se isso costuma ser publicado, penso que não. Não sei qual é nem qual tem sido o orçamento do festival e, portanto, não lhe sei dizer.

Mas tem noção se há, por exemplo, empresas privadas a patrocinar o festival?

Pelos cartazes que nós vemos há... têm imensos logos... agora como eu lhe disse eu nem sei se alguma vez o Mindelact terá publicado, terá divulgado o seu orçamento... não me lembro, não me lembro disso.

Seria interessante... porque, lá está, com os escassos meios que têm...

Eu acho que era interessante, e o próprio apoio e adesão das pessoas poderiam ser maiores se eventualmente essas... enfim, há uma associação que gere o seu orçamento como muito bem entende, mas quando de facto há esse apelo público e há essa... digamos... essa... como aconteceu este ano, que foi dito que o festival corre o risco de... ou correu o risco de não se realizar... eu penso que as pessoas terão ficado assim um pouco espantadas porque ninguém sabe quais são as razões, os orçamentos, o que é que falhou, o que é que não falhou.

Portanto, não tem ideia se, eventualmente, esta crise que a Europa está a atravessar poderá ter influência no financiamento, também de algumas companhias que costumam vir...

Pois... porque as companhias costumam vir com apoios dos seus países, que é o caso das companhias portuguesas que vêm, têm o apoio de Portugal para vir... portanto, se há menos apoio é evidente que isso terá que influenciar, tem que se refletir, não é? Por outro lado o festival, tanto quanto eu percebi, este ano... apesar das dificuldades, não terá... não vai ter menos espetáculos ou menos grupos. O que também em tempos de alguma dificuldade é sempre uma... durante um ou dois anos é que as coisas são mais complicadas, também há

esse caminho, quer dizer, reduzir um pouco o número de ofertas e depois esperar que as coisas melhorem, porque... isto não são coisas para acontecer sempre. Estes anos difíceis acredito eu, que vão passar.

Em termos do envolvimento da comunidade cabo-verdiana no festival, como é que sente o que acontece? Há com certeza, penso eu, e até pelo que a Dr.^a Ana Cordeiro já disse, um grande envolvimento da parte da população de São Vicente... há uma exceção na praia, sendo que o publico na praia também adere tal como adere aqui?

Eu acho que há uma diferença na forma de adesão. Porque são públicos diferentes, são ilhas diferentes. No Mindelo, o que eu noto é que as pessoas acarinham as coisas que se fazem aqui, mesmo que... e as pessoas percebem aquilo que engrandece a sua cidade e aquilo que dá nome à sua cidade. E portanto... nunca fiz isto, nem sei se alguém fez... mas eu penso que se fizer um inquérito à população e se pegar em pessoas que nunca foram ao Mindelact, nunca assistiram a uma peça de teatro, elas vão-lhe dizer como isso é importante, e quando lhes perguntar quais são os grandes acontecimentos culturais, nunca tendo ido... porque aqui o mindelense percebe a importância que tem para a sua cidade este tipo de acontecimentos, que fazem com que a cidade seja falada. Portanto, podem não gostar de teatro, podem não estar dispostos a pagar um bilhete de teatro, mas percebem que isso é importante para a sua cidade... portanto, é um projeto seu. Se for preciso de repente ir buscar, sei lá, vamos imaginar que é preciso uma escada e fulano tal tem a escada, nunca foi ao teatro, ele empresta porque percebe que isso é importante para a sua cidade. Esta forma de ser e de acarinhar as coisas e abraçá-las, eu não vejo isso na praia. Portanto, há um público na praia que gosta de teatro, que vai ao teatro, que valoriza a extensão do Mindelact e que ficarão muito desiludidos se isso deixar de acontecer, mas é o publico que vai ao teatro, que gosta de teatro. Se não, para a população é uma coisa “ah não tenho nada a ver com isso, não vou lá”. Acarinham aquilo que fazem. Aqui não, quer dizer, as pessoas podem não ir e até vendo o número de salas, o tamanho das salas onde acontece o teatro, vê-se que não é... não são espetáculos de massas, portanto, é uma elite que vai ao teatro, mas eu quase que posso por as mãos no fogo, que toda a população acarinha o Mindelact. E acarinha dessa forma, percebendo que é uma coisa que é boa para a sua cidade e portanto estão disponíveis se for necessário ajuda, se for pedido a alguém um qualquer apoio, uma qualquer ajuda. Aliás eu tenho sentido isto aqui também, no Centro Cultural Português. Das vezes que precisei de repente... numa aflição preciso das coisas mais improváveis... uma vez até de uma galinha precisei para um espetáculo e a primeira porta onde eu bati em Monte Sossego para pedir uma galinha, deram-me a galinha.

Porque as pessoas percebem que o trabalho que está a ser feito é bom para a cidade. E porque têm essa maneira de ser que é de facto muito... muito aberta.

E há pessoas a deslocarem-se de outras ilhas para aqui ou para a praia... mais para aqui, para assistirem ao Mindelact ou não?

Eu acredito que para o Mindelact possa haver, sei lá... uma meia dúzia de pessoas que são de facto grandes apaixonados do teatro e que, portanto, organizam as suas férias de maneira a virem aqui... da mesma maneira que, por exemplo, se me perguntar quantas pessoas de São Vicente vão ao Festival de Jazz da praia, eu poderei dizer-lhe uma meia dúzia, porque são... são áreas que não são do puro entretenimento e, portanto, não há... nem seria possível... quer dizer, as pessoas vinham e depois encontravam os espetáculos esgotados, sem bilhetes para comprar... às vezes as pessoas vão comprar bilhetes e já não há, portanto, eles esgotam muito rapidamente e tudo isso impediria um grande movimento de pessoas a vir... agora acredito que haja pessoas, ou porque estiveram ligadas ao Mindelact ou porque fizeram aqui teatro e que, portanto, fazem isso... como também vão pessoas ao Festival de Jazz da praia, porque é a sua paixão... agora, esse tipo de movimento que se encontra no Festival da Baía... pelo que ouvi na rádio, esperavam no total 80 mil pessoas nos 3 dias do festival.

O que é que considera mais importante no trabalho desenvolvido pelo João Branco enquanto presidente da associação Mindelact e enquanto programador, simultaneamente programador e diretor do festival? Que características, não só profissionais, porque essas são evidentes, não é? Mas até mesmo pessoais?

Eu acho que sem uma pessoa que não tenha essa paixão, que não tenha... persistência... capacidade de trabalho... e uma enorme criatividade para resolver as dificuldades... portanto, o João... tem para mim a maior qualidade de todas que é ser capaz de fazer teatro, festivais de teatro... sem nada, a partir do nada. Assim como ele durante anos fez teatro sem nada, continua a fazer teatro quase sem nada, porque nos últimos anos nós temos tido uma verba que ou diminui ou não aumenta, o que significa que tem sido... tem diminuído ao longo dos anos e, portanto, o orçamento para a montagem das peças de teatro do Centro Cultural Português também diminui... não é o mesmo que era há uns anos atrás. E o João continua a fazer magníficas encenações, portanto, provando que de facto não é o dinheiro que faz uma boa encenação. Ora, esta capacidade que ele tem para trabalhar com os meios disponíveis... é que para mim é o segredo... e, claro, a capacidade de trabalho, a perseverança... mas eu acho que esse é o grande segredo, não há meios mas as coisas fazem-se e a própria forma como o Mindelact foi pensado, portanto... as regras que estão na base deste festival... os grupos não recebem cachet, as viagens são pagas pelo próprio grupo que

tem que encontrar financiamento para chegar até aqui... essa forma de pensar... o festival reflete isso. Portanto, de outra forma seria impossível e ele criou um modelo que reflete isso... não temos os meios, mas mesmo sem os meios é possível fazer as coisas com alguma imaginação e rodeando de facto as dificuldades que existem.

E o que é que acha ser mais marcante para uma companhia estrangeira...na sua participação, na sua presença no festival Mindelact?

O que é que poderá ser marcante?

Sim.

Não faço ideia... como eu lhe digo não tenho contacto com as companhias... mas eu penso que... que acontecerá com as pessoas da companhias o que às vezes acontece com convidados nossos, que vêm aqui participar em atividades do Centro Cultural Português sem cachet e condições, às vezes, muito difíceis. Há, de facto, em muitas pessoas uma grande vontade de conhecer Cabo Verde. E há essa grande abertura para ir para lugares que ainda não se conhecem, para partilhar alguma coisa que se tem, e eu acho que a grande satisfação das pessoas é perceberem essa... essa adesão até do público... mesmo quando são coisas que não são de grande público, que são de pequeno público... dificilmente não fica uma ligação. Eu posso-lhe dizer, por exemplo, que de músicos que têm vindo... fica sempre a ligação... às vezes eu venho a saber “tenho-me correspondido com fulano tal, de vez em quando falamos na internet”...

Portanto, acaba por gerar alguma espécie de diálogo?

Alguma ligação... há uns dois anos atrás nós fizemos pela primeira vez um concerto pedagógico e... e foi na Escola Salesiana... portanto, com dois pianistas... e os miúdos gostaram muito, eu vi isso, eu estava lá, percebi que eles adoraram aquilo. Agora eu pensei, bom... isto agora acaba, desaparece... e depois fiquei a saber, porque também mantive contacto com um desses pianistas, que há pelo menos dois miúdos da Escola Salesiana que mantêm contacto com eles, e eles entretanto também, através da internet, divulgam muito as atividades que fazem, onde é que vão, disponibilizam vídeos e há, pelo menos, dois miúdos que estão a segui-los e que comunicam com eles. Eu acredito que, em relação aos grupos que venham, também isso aconteça...

E eventuais reflexos nas programações, até de uns países para os outros...

É... é, porque o facto de chegar aqui, por exemplo... vem um músico, mas não conhece nada da literatura e compra um livro, ou vem um escritor e não conhece a música e leva um disco, quer dizer... esse tipo de trocas culturais só podem de facto acontecer se as pessoas se deslocarem, se não... é difícil. E tem, com certeza, esses reflexos... mas eu acho

que Cabo Verde, no imaginário das pessoas, é extremamente atrativo, quer dizer, criou-se uma imagem de Cabo Verde no estrangeiro, graças à Cesária... há assim pequenas figuras, um escritor... e as pessoas têm essa enorme vontade de conhecer as ilhas.

Mas, ainda assim, há algumas companhias que conhecem e que continuam a vir ao Mindelact há anos, não é? De Angola, Brasil, Portugal...

Sim, sim, porque depois também se criam relações de amizade entre os organizadores do festival...

Mas é só o fator curiosidade de conhecer Cabo Verde?

Não, precisamente, isso será, digamos, o primeiro elemento para as pessoas virem nas condições em que vêm, não é? Mas, depois, a partir do momento que vêm, como eu lhe disse, é quase impossível não se criar essas relações, e penso que é isso que justifica a amizade que se cria depois de vir uma, duas, três, quatro vezes.

Há mais alguma questão que ache relevante para colocar relativamente ao... que queira deixar como testemunho sobre o Mindelact?

Não sei se... não, acho que não... porque repare, eu estou a falar muito... às vezes são coisas que são muito... a impressão que nós temos... era preciso haver... nos falamos muito, fazemos avaliações às vezes muito subjetivas... por exemplo, os organizadores do festival fazem sempre uma avaliação muito positiva do festival, as pessoas fazem... mas... faltam números, não é? Faltam-nos números... era muito importante saber o impacto... hoje fala-se muito na economia da cultura, mas não há números sobre isto. O número de espectadores... têm vindo a aparecer novos espectadores? São os mesmos? Perderam-se? Eu conheço, por exemplo, pessoas que praticamente não perdem uma peça e conheço pessoas que se afastaram porque já é difícil encontrar bilhetes e, portanto, desistiram de procurar... quer dizer, há muito... é difícil é saber o que é que isto significa... eu conheço uma pessoa que sim, uma pessoa que não, isso não me dá nenhuma informação, não é? Por exemplo, uma crítica teatral não existe, quer dizer, nós não temos a avaliação que eu acho que era importante haver. Uma avaliação como há em Portugal... quando há festivais de teatro, há jornalistas especializados que dão opinião sobre esta peça, sobre aquela... isso não existe em Cabo Verde. E também era muito importante haver essa avaliação crítica da programação, dos espetáculos, e não apenas as notícias que saem, que são notícias... enfim, não têm nada de crítico não é? Não há uma avaliação externa ao festival. Eu acho que é isso que o festival precisava, era de uma avaliação externa, porque as coisas acontecem em termos de avaliação num circuito muito fechado...

Isso era um ponto interessante a desenvolver...

Eu acho que era importante para os próprios organizadores terem isso.

...mas eu penso que nesse aspecto também o João é pioneiro, muito mais aberto com a essa colaboração com outros grupos, eu não sei se algum outro grupo de teatro de cabo verde usou essa capacidade para criar ligações, eu penso que não.

Quando o João chegou poderemos dizer que o teatro estava praticamente morto?

Sim, não existia, nenhum grupo estava activo; mas há ..., penso que num período de três, quatro anos não se representa uma peça de teatro no Mindelo.

E a Isabel conseguiu reavivar esse...

Completamente, não só reavivar... os grupos de teatro que surgiram nos últimos anos, graças ao Mindelact que, para além do festival e da promoção dos grupos, tem a vantagem de oferecer formação que permite o aparecimento de grupos no Mindelo, e despertou também o interesse das outras ilhas que têm palco – e que verdadeiramente não têm palco, a tradição do teatro aqui era trabalhar-se meses para apresentar o espetáculo uma vez e acabava.

Isso é o problema de todas as áreas artísticas, até por questões financeiras...

E porque não havia público, há público para assistir a uma apresentação e não há para duas, e também nesse aspecto o Mindelact permitiu esse aparecimento: seria também engraçado seguir esses grupos e perceber os que entretanto já desapareceram, ou estão inactivos, eu penso que se o grupo de teatro do Centro Cultural Português não desapareceu é por duas razões: primeiro porque tem o João a dirigir e depois porque a formação de teatro tem permitido sempre substituir os actores que desaparecem ou desistem, pela sua vida; o que acontece muito num grupo de teatro amador é que há pessoas que viajam, ou têm filhos, netos, a sua profissão... e deixam de ter tempo, e isso faz com que o grupo morra se não tiverem um viveiro de novos actores; isso aqui acontece, há um viveiro de novos actores para todos os grupos do Mindelo; nas outras ilhas eu tenho ideia que grupos dos quais falei estarão inactivos, ou já não existem. As pessoas que estão a dirigir estes projectos são muito importantes, e o João é uma peça chave, não sei quantos anos duraria o festival se o João deixasse de estar à frente... duraria alguns anos ainda, tudo tem uma inércia...

É de facto preciso mover muita coisa, mesmo em termos de produção, para um festival destes imagino que o trabalho seja muito árduo...

Existe uma pessoa que também é importante, o Daniel Monteiro, e sem a qual o festival não poderia acontecer porque o Daniel é o que se chama um homem de trabalho, o João programa, faz os contactos, etc, mas o Daniel é o homem do “trabalho físico”, anda de um lado para outro, debaixo deste calor, a resolver problemas práticos. Há uma equipa que já tem muita experiência, como o Daniel, e outros; o caso do Daniel eu conheço porque existe a extensão da praia feita pelo Centro Cultural Português e é o Daniel o elo de ligação, é ele que trata das coisas e resolve os problemas. Há ainda a equipa que trata do design, etc. Claro que é sempre crédito também do responsável do projecto ter encontrado essas pessoas

Saber agarrá-las, envolvê-las, para trabalharem dessa maneira, com esse afinco...

Sim... claro que não é uma equipa assim tão grande, há um núcleo chave...

Já me apercebi disso, o João já me indicou as pessoas fundamentais para entrevistar...

Havia pessoas, como a Znaida, que entretanto teve uma filha, que pediam férias na altura do festival para poderem trabalhar nele. São de facto pessoas que têm uma paixão muito grande... e a Znaida acompanhou também desde o início o projecto, com o João como colega de trabalho; ela fez a formação do grupo de teatro, habitou no grupo durante anos e conhece bem essas pessoas que estão no terreno e que, ano após ano, estão de uma forma completamente anónima.

Apêndice 3. **Entrevista a Daniel Monteiro**-30 de Agosto de 2012-Vice-Presidente da Associação Artística e Cultural Mindelact e Director de Produção do Festival Mindelact

SANDRA: Daniel Monteiro, o seu local de trabalho é aqui, na Associação Mindelact?

DANIEL: Não. Eu sou professor, aliás, eu sou quadro da Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos de Cabo Verde. Neste momento estou a trabalhar com crianças, porque estou numa formação. Sou somente voluntário na Associação.

S: Enquanto voluntário, de qualquer maneira pertence aos órgãos de Associação?

D: Sim, sou Vice-Presidente da Direcção e no Festival sou o Director de Produção.

S: Trabalho árduo, imagino. Sei, pelo menos pela minha experiência que tenho de produção também. Enfim, sei como isso é. Então, diga-me uma coisa, um festival internacional de teatro em Cabo Verde, particularmente aqui em Mindelo: porque em Cabo Verde e porque no Mindelo? Qual é a explicação?

D: Bom, a iniciativa de criar o Festival foi em 1995. No início foi um festival local e depois com a parceria da ASSOCIAÇÃO CENA LUSÓFONA deu-se o primeiro passo para a sua internacionalização. Iniciou-se com alguns grupos oriundos de Portugal e actualmente temos um leque enorme de grupos e países que querem estar presentes no Festival.

Nos primeiros anos, a duração do Festival era de duas semanas a duas semanas e meia, mas devido a constrangimentos financeiros e o cansaço das diversas equipas de trabalho, tivemos que reduzir o número de dias do Festival.

S: Este Festival podia acontecer na cidade da Praia, ilha de Santiago, apesar de ter alguma extensão, não é? Podia ser na ilha do Sal, na Boavista... Porquê no Mindelo?

D: Não sei explicar muito bem o porquê, mas São Vicente é uma ilha que tradicionalmente, em termos culturais, que dá sempre os primeiros passos, ou seja, que teve sempre iniciativas. Talvez, por viverem cá pessoas das diversas ilhas de Cabo Verde e de outros países. A composição demográfica da ilha, assente na diversidade, propicia muitas iniciativas. Mindelo é uma cidade especial.

Apesar da sede do Festival ser aqui em São Vicente, há dois a Associação Mindelact, com o apoio do Ministério da Cultura de Cabo Verde, a Câmara Municipal da Praia e do Centro Cultural Português da Praia, leva alguns espectáculos à Praia, que denominamos uma extensão do Festival Mindelact na Praia.

Existem muitas pessoas que querem aproveitar a vinda dos grupos ao Festival e desloca-los às outras ilhas para fazerem espectáculos. Só que neste momento, existe o problema de falta de espaços cénicos com dimensões mínimas aceitáveis e equipadas convenientemente, em muitas ilhas. Nalguns casos podem até ter dimensões aceitáveis, mas não têm equipamentos.

Mas neste momento, pela iniciativa do Ministro da Cultura de Cabo Verde, está-se a construir pequenas salas de espectáculos em diversas ilhas e pensamos que isso vai tornar possível activar festivais à volta do Festival Internacional Mindelact.

Poderá haver outras iniciativas de levar os espectáculos para outras ilhas, nomeadamente as que ficam mais perto de São Vicente. Hoje, ouvi a Presidente da Câmara do Porto Novo na Ilha de Santo Antão, com a preocupação de construir salas de espectáculos nesse Concelho, que fica muito perto de São Vicente, para acolherem espectáculos, a baixo custo, de grupos e actores de renome internacional que actuam no Mindelo, durante o Festival. São os casos da Companhia Dos a Deux que actuou e ganhou prémios em Avignon e do Teatro Pícaro de Itália com a Fábula Buffa, que vai fechar o Festival.

S: E acha que essa poderá ser a mesma razão de haver uma tradição artística aqui em São Vicente, em termos de outras expressões para além do teatro?

D: Sim. Em São Vicente, criou-se o Festival Internacional de Música da Baía das Gatas, que deu origem aos vários festivais de música, um pouco por todas as ilhas de Cabo Verde, criou-se o Festival Internacional de Teatro – Mindelact. Temos, também, aqui, um leque variado de grandes pintores, diria mesmo que o grosso de pintores cabo-verdianos reside em São Vicente.

S: Encontra alguma explicação para isso acontecer? Ou vai passando de mestre para mestre?

D: Há pessoas que tiveram a sua formação aqui em S. Vicente, mas com influências de outras ilhas. Por exemplo, há artesãos que desenvolveram a sua actividade aqui, ganhando uma grande expressão a nível nacional, mas que tiveram como fonte de aprendizagem mestres artesãos de Santo Antão, Santiago, Fogo, etc. É o caso do artista plástico Manuel Figueira, que é um dos grandes mestres cabo-verdianos de S. Vicente e que recebeu ensinamentos do Sr. Marcelino de Santo Antão, na área de tapeçaria, tecelagem, batique, etc. O mesmo Manuel Figueira teve influências da ilha de Santiago e da ilha do Fogo. Trouxe para S. Vicente essas experiências e criou o Centro Nacional de Artesanato.

Além de S. Vicente, existem pessoas com potencialidades noutras ilhas, mas o problema é da fraca comunicação entre as ilhas, neste aspecto e a falta de intercâmbio entre os artistas.

Em S. Vicente, há mais visibilidade e uma maior dinâmica, tanto na recolha como no escoamento dos produtos. S. Vicente tem uma particularidade em Cabo Verde que não sei de onde vem.

S: E em termos de dramaturgia. Tradições de dramaturgia em S. Vicente, existem, não existem?

D: Existem. Neste momento já editamos o livro do Espírito Santo da Silva daqui de S. Vicente, mas existem outros dramaturgos noutras ilhas, como o Jorge Martins e o César Lélis de Santo Antão, o Mário Lúcio Sousa, o actual Ministro da Cultura.

S: Isso é algo extensível a todo o País. Não é particular aqui em S. Vicente, a tradição de dramaturgia?

D: Existe dramaturgia em Cabo Verde, só que a maior parte não está organizada e nem publicada. A Associação Mindelact já publicou uma primeira colectânea de 7 peças de teatro. O objectivo da Associação é recolher e organizar tudo o que está escrito, editar e publicar. O que tem atrasado esse processo, é a falta de financiamento.

S: Não se justificava fazer uma compilação, uma edição de...

D: Já há, por exemplo...

S: Poi isso é uma das revistas.

D: Nós temos aqui 6. Só nesta revista, temos 6 dramaturgos e existem outros que não foram publicados ainda. Cada um deles podia dar um livro. Têm muita coisa escrita. O João Clímaco Espírito Santo da Silva, por exemplo, tem muita coisa escrita. Também, o Armando Vieira na cidade da Praia, o Jorge Martins da ilha de Santo Antão, todos têm muitas peças escritas.

Neste momento estamos a preparar a publicação de uma tese de doutoramento sobre o teatro em Cabo Verde e depois vamos publicar outros dramaturgos, a medida que vamos tendo financiamento.

Às vezes concentramo-nos muito no Festival e secundarizamos as publicações. Acho que para as publicações, devíamos criar um departamento só com a responsabilidade de angariar financiamentos para essa finalidade. Porque só o Festival, pela sua dimensão, absorve todo o financiamento da Associação e mesmo assim, nalguns anos é insuficiente.

Neste ano, por exemplo, estivemos prestes a cancelar o Festival por falta de verbas. Só foi possível, graças a muita insistência e negociação. Muitas empresas cortaram os financiamentos na ordem de 2/3 ou mais.

S: Conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

D: Em Moçambique havia um festival de teatro. Estive lá, não no âmbito da Associação Mindelact, e assisti alguns espectáculos. Era um bom festival, mas nos últimos dois anos têm tido muitos problemas. Em Angola, estão a nascer dois festivais: um universitário e outro de juventude. Na Guiné Bissau não existe nenhum festival. Em São Tomé, tenho conhecimento da existência de apenas um grupo de teatro, mas não de festivais.

Este ano fazemos parte da Rede Africana que é constituída por Cabo Verde, as Ilhas Canárias, o Mali e o Senegal. Promovemos actividades nos nossos países e fazemos intercâmbios entre os artistas desses países. Mas isso é outra África. Da África lusófona, sempre que possível e haja condições, têm vindo grupos ao nosso Festival.

A nível de formação: Adoptamos uma política baseada no envio de técnicos às ilhas menos favorecidas em matéria de teatro para trabalharem em duas vertentes: dar formação aos jovens e escolher um grupo dessas ilhas para apresentar um espectáculo no palco principal durante o Festival. A primeira experiência foi na ilha da Boavista, seguiu-se a ilha do Sal e este ano é a ilha do Maio.

De realçar que o grupo da ilha da Boavista fez um dos melhores espectáculos no Festival desse ano, depois foram à cidade da Praia, na ilha de Santiago e posteriormente foram convidados à irem a Angola para o Festival de Juventude. Esse grupo, pela iniciativa da Associação Mindelact, internacionalizou a ilha da Boavista. O grupo da ilha do Sal teve o percurso idêntico: fez um espectáculo no Festival Mindelact, depois actuou várias vezes na ilha do Sal e mais tarde foram convidados para um Festival no Brasil.

S: Então, desse modo acabam por criar diversas interacções não só em África, mas também noutros países.

D: Este ano, esperamos que o grupo da ilha do Maio tenha a sorte, também, de fazer um bom trabalho e de ser convidado a participar noutros festivais. Pensamos que vão conseguir, também.

S: Como é realizada a publicidade e o marketing deste festival no território internacional?

D: Este festival, actualmente, já não faz marketing. Já somos sobejamente conhecidos. Recebemos cartas de candidatura quase todos os dias e já temos grupos seleccionados para o próximo ano e que estão a organizar-se e à procura de financiamento para estarem no próximo festival de Setembro do próximo ano. O Festival está súper conhecido.

S: Mas como é que acha que isso acontece? Os grupos tiveram conhecimento de alguma forma? Se diz que já não se faz marketing, como é que...

D: Há duas formas: primeiro, nós temos um *site* que está actualizado e que está a funcionar. Neste momento utilizamos muito o *facebook*. Segundo há a publicidade verbal, passagem de informação de “boca em boca”: os elementos dos grupos que por cá passam,

levam tão boa impressão do festival, que nos seus países de origem ou noutros festivais, informam aos colegas de outros grupos sobre a excelência do Festival Mindelact. Assim a informação vai-se espalhando. Apesar de não pagarmos cachet aos grupos – esta é uma das condições para participar no Festival Mindelact – criamos boas condições para a sua estadia. Um boa parte dos grupos vem ao festival, para além de apresentar os espectáculos, também para o convívio que lhes proporcionamos durante os dias de permanência aqui. Somos dos poucos festivais que os elementos dos grupos vêm e ficam quase todo o festival. Há muitos festivais que os grupos actuam num dia e no dia seguinte viajam para os seus países.

S: E são vocês próprios que criam essas condições? Portanto, faz parte da vossa política de organização!?

D: Umas das nossas condições transmitidas aos grupos é que deverão transmitir os seus conhecimentos ou parte deles, aos grupos, atores e técnicos cabo-verdianos presentes no festival através de acções de formação ou work-shops. Por exemplo, neste ano vamos ter 4 acções de formação. O Khalid K de Marrocos vai dar uma formação sobre a voz, um brasileiro vai dar outra formação, etc. A própria forma de reunir todos os participantes e convidados numa única sala de um restaurante para as refeições, propicia este intercâmbio de experiências. Podem dormir em diversos hotéis e residenciais, mas as refeições são feitas num único restaurante, numa sala ampla e com mesas corridas.

Existe outra forma de convívio, que é confeccionar um prato típico de alguns países presentes no festival e distribuído no pátio interior do Centro Cultural do Mindelo, num jantar-convívio com música e muita alegria.

S: Têm-me falado mais de países não só africanos, como também do Brasil, Portugal, Marrocos, França, mas na programação têm entrado grupos de outros países, digamos, menos prováveis de constarem na programação, com a República Checa, a Colômbia, a Argentina. Quais são as razões que geram a participação destes países no Festival?

D: Conheceram a existência do Festival através da Comunicação Social.

S: Aí, a Comunicação Social funciona como marketing, não é?

D: Foi através de um angolano que vive na República Checa, que ouviu falar do Festival entre outros angolanos que vivem lá e transmitiu essa informação a um ator da República Checa e este gostou da ideia e fez um projecto para cá estar. O Leo Baci, o italiano, teve conhecimento, também, do Festival, através da Comunicação Social. Fez um grande esforço financeiro para estar aqui.

S: E qual é a motivação dele?

D: Ele gosta deste Festival. Veio uma vez, gostou e repetiu mais duas vezes. Apesar de outras dificuldades, no tocante ao transporte, não deixou de vir para Mindelo.

S: O contacto com os outros países contribui para alguma aprendizagem, alterações na programação, uma vez tratarem de culturas muito diferentes?

D: Acabamos sempre por aprender no contacto com as pessoas que vêm de outros festivais. A cooperação com o festival de Canárias têm-nos ajudado muito. Muitos grupos que atuam lá, são-nos recomendados pelo programador que é nosso amigo, como é o caso de Marcel N'Dong da Guiné Equatorial.

S: E qual é a noção que tem quanto ao que os seus companheiros estrangeiros levam de melhor do Festival Mindelact, para os seus países de origem, na óptica da programação?

D: Temos uma programação que tem sido aprovada por toda a gente. Também, a disciplina e o rigor, a amabilidade e a amizade que se cria entre os participantes. Levam sempre muita saudade daqui.

S: E isso é um factor que não existirá nos outros festivais: a amabilidade, a saudade que levam daqui?

D: Aqui há muita comunicação entre as pessoas. Talvez pela estadia ser muito prolongada. Uma semana, dez dias... têm mais tempo para conviverem entre si.

S: E o facto de assistirem as peças de outras companhias de teatro daqui de Cabo Verde e de outros países, acaba por influenciar e transformar?

D: Sim. Nos dias a seguir aos espectáculos, comentam entre eles, comunicam uns com os outros, criam laços e alguma cumplicidade.

S: Acha que se reflecte na programação nos países de origem?

D: Sim, acho.

S: E em termos de produção, acha que também há aprendizagem? Porque a ideia que o João Branco passou-me é que acabam por funcionar muitas vezes quase como co-produção, porque algumas companhias trazem uma equipa de produção e que acabam por funcionar entrelaçados.

D: Sim. Quando são companhias amigas, ajudam em diversos aspectos da produção: nos adereços, na organização da sala, etc.

S: Quando há esses convites de umas companhias de teatro para irem a outros países, acaba por influenciar na programação. Acha que isso atrai novos públicos nos países de origem?

D: Nos países de origem, não sei. Mas aqui sim. Quando por exemplo, temos espectáculos de grupo de Angola, os angolanos que vivem cá ou pessoas com afinidades com Angola, vêm ver esses espectáculos. Na verdade, a maior parte não é público habitual. Mindelo já tem um público de teatro bastante considerável e variado.

S: Variado em que aspecto? Pelo género, idade, nacionalidade?

D: Por tudo. Neste momento, estamos a construir um público mais jovem e estamos a criar contadores de histórias. O Centro Cultural Português do Mindelo está a formar pequenos contadores de histórias e há muitos professores envolvidos neste projecto.

S: Quando é que teve o primeiro contacto com a Associação Mindelact?

D: Indirectamente desde o primeiro festival. Nessa altura estava num grupo de teatro que foi um dos fundadores do Festival de Teatro, que é o Grupo de Teatro Frank Cavaquim, em 1995. Só em 1998 é que comecei a trabalhar na organização do Festival. Era responsável pela Cenografia. Depois entrei para a Direcção da Associação Artística e Cultural – Mindelact como Vogal e mais tarde com a saída do Vice-Presidente Manuel Estevão, passei a exercer esse cargo. E no Festival, ele era o Produtor Executivo, passei eu a ser o Produtor do Festival.

S: É notória a evolução qualitativa na programação do Festival, sobretudo na última década?

D: Pelos cartazes é possível perceber a evolução. Pela “mancha” gráfica dos cartazes, pelos programas e até pelo aspecto gráfico dos bilhetes.

S: E mesmo quanto a programação?

D: Sim, a programação evoluiu. Por exemplo o Festival OFF era só para grupos nacionais no início da carreira. Se o desempenho no Festival OFF fosse bom e com tendência para evolução, no ano seguinte seriam convidados para o Palco Principal. São os casos do grupo da ilha da Boavista, da ilha da Brava e da cidade de Santa Catarina na ilha de Santiago.

Pelo crescimento do Festival e o aumento de grupos internacionais, acabamos por internacionalizar o Festival OFF.

O Contador de Histórias, era um espaço de apenas histórias tradicionais cabo-verdianas e neste momento evoluiu para histórias de outros países. No ano passado, bem como este ano, já se introduziram acções de formação de contadores de história, com o apoio do Centro Cultural Português e o contador de histórias – Magia com Histórias – Corsino Fortes “Corsa”, que vive em Portugal. Este contador de histórias irá, com o nosso apoio ao Festival da Rede Africana.

S: Onde é a sede da Rede Africana?

D: É nas Canárias e tem o suporte financeiro da União Europeia.

S: Um Festival da envergadura do Festival Mindelact, implica um orçamento bastante elevado. Esta crise mundial e europeia tem tido reflexo no Festival?

D: Não podemos fugir à crise. Todas as empresas sofreram e nós, consequentemente, estamos a sofrer. Mas com o espírito de boa vontade de algumas empresas nacionais, vamos conseguindo fazer o festival. A nível institucional, há 15 anos que a Cooperação Portuguesa nos subsidiava com um valor considerável e este ano deixaram bruscamente de subsidiar. Ainda pedimos uma atenuante, que não é oficial, responderam que podem participar apenas com um valor simbólico para não haver um corte brusco. Ainda não sabemos qual é o valor.

Estamos a negociar com o Ministério da Cultura de Cabo Verde, no âmbito de um protocolo assinado entre ambos, em que o Ministério aparece como promotor do Festival. Este é um ano piloto, para ver como é que as coisas se saem. No próximo ano estamos a pensar em ter uma equipa a trabalhar directamente com o Ministério da Cultura para se elaborar um orçamento para 3 ou 4 anos e ser inserido no Orçamento Geral do Estado e termos, assim, um festival mais sustentado e tranquilo no que concerne às finanças.

S: Entra no orçamento do Estado, na percentagem total para a Cultura ou é um montante fixo atribuído ao Festival?

D: Este ano o Ministério da Cultura apoia com 15000000\$00 escudos cabo-verdianos (13.603,60€). Digamos, que é um ano experimental. Nos próximos 3 anos, o montante total será 60000000\$00 escudos cabo-verdianos (54.414,40€), divididos por 3 parcelas anuais de 20000000\$00 escudos cabo-verdianos (18.138,10 €). Este acordo será devidamente monitorizado, para sabermos os sucessos e as anomalias ou insuficiências do mesmo para que no próximo à assinar esteja em consonância com as necessidades do Festival.

O Director Nacional das Artes Performativas, o Dr. João Paulo Brito, ficará cá em Mindelo, como representante legal do Ministro da Cultura, durante todo o Festival para trabalhar connosco no desenho de um novo Projecto de Cooperação entre a Associação Artística e Cultural – Mindelact e o Ministério da Cultura de Cabo Verde.

S: E o Festival consegue sustentar-se totalmente, financeiramente?

D: Conseguir, é difícil. A Associação Mindelact tem que gerar as próprias receitas e ter verbas para realizar o Festival, nos anos de maiores crises.

Estamos a pensar em diversas soluções que podem passar por profissionalizar alguns colaboradores e entrar na gestão de alguns sítios públicos, por exemplo a réplica da Torre de Belém, promovendo nesse espaço espectáculos, exposições, etc. Segundo o Ministro da Cultura, ele está a pensar em apoiar essa profissionalização.

S: Qual é a percentagem de investimento do Estado de Cabo Verde para o Festival Mindelact?

D: No início, era uma verba de 1.000 000\$00 escudo cabo-verdiano (9.069,06€). Com a entrada do anterior Ministro da Cultura Manuel Veiga, a verba sofreu uma queda brusca e desceu para 4.534,53\$00 (2.267,27€), mais tarde subiu para 500000\$00 escudos cabo-verdianos (4.534,53€) e depois para 750000\$00 escudos cabo-verdianos (cerca de 6.820€). O actual Ministro da Cultura Mário Lúcio, após a sua entrada para o Governo, baixou a verba novamente para os 500000\$00 escudos cabo-verdianos (4.534,53 €). Mas conseguimos assinar um acordo directamente com o Gabinete do Primeiro Ministro, no âmbito dos apoios aos estragos provocados pela chuva, em dois anos e por conseguinte, tivemos um apoio de cerca de 2.000000\$00 ECV(18.138,10€) num ano e 1.500000\$00ECV (13.603,60€) no ano seguinte.

S: E da Câmara Municipal de São Vicente?

D: Temos um Protocolo de há vários anos e que vem sendo renovado de ano para ano, no valor de 750 contos (cerca de 6.820€). Para além disso, paga-nos o aluguer de uma carrinha, empresta-nos outra carrinha do tipo VAN e cede-nos o Auditório Jotamonte. Estamos a pensar em fortalecer o protocolo, solicitando ao Presidente da Câmara a inclusão do Mindelact nas geminações com as Câmaras portuguesas, porque, na minha opinião, essas geminações não nos têm servido para nada.

S: E porque acha que isso acontece?

D: Falta dinâmica de ambos os lados.

S: Em Oeiras, Angra do Heroísmo...?

D: Em Oeiras a experiência tem sido negativa porque as Câmaras não assumam o protocolo. Estas geminações poderiam ser melhor trabalhadas e aproveitadas por ambos os lados.

S: A escassez de recursos que Cabo Verde tem, implicará negativamente, em termos de orçamento, recursos físicos, financeiros, etc., no entanto o Festival Mindelact tem uma continuidade e uma visibilidade bastante grande. Vão para a 18ª edição na próxima semana. Como é que isto se consegue?

D: Temos conseguido ultrapassar obstáculos com muita interajuda e trabalho.

S: Mas implica custos extras, esse tipo de solução?

D: Já tivemos situações que custaram muito, em termos de cenários das peças de teatro que vêm de fora, mas já conseguimos contornar essas situações e torna-las menos custosas.

S: Os grupos não têm essa noção?

D: Pela experiência que já temos e por termos pago muitas vezes excessos de peso nos transportes aéreos (cerca de 10€ por cada quilo a mais), informamos aos grupos que devem evitar transportar peças cenográficas muito volumosas e pesadas. Na última das hipóteses, podemos confeccioná-las aqui, em S. Vicente.

S: Relativamente a financiamento de entidades privadas, têm? E em termos percentuais, consegue dizer quanto?

D: Sim, há umas empresas privadas que garantem uma grande percentagem: o BCA, a ENAPOR, a Sociedade Cabo-verdiana de Tabacos, os Seguros Garantia...

S: Mais do que do Estado, então?

D: Sim. No conjunto dão mais do que o Estado.

S: E que contrapartidas é que pedem?

D: Há benefícios legais. São bonificados no IUR (IRS em Portugal) através da Lei do Mecenato. Como o Festival Mindelact é considerado uma Actividade de Interesse Cultural Nacional, têm benefícios nos impostos, a partir de uma Declaração do Ministério da Cultura.

Mas como essa lei está mal elaborada e com muitas lacunas e complicações, leva algumas empresas a terem relutância em aplicá-la. Por isso é que estamos a trabalhar com a Direcção Geral das Artes para solucionar este problema.

S: Existe há muito, essa Lei em Cabo Verde ou é recente?

D: Essa lei tem quase 10 anos. Só que de forma como foi feita, traz muitas complicações na sua interpretação. Daí a recusa de muitas empresas em apoiar as actividades culturais. Simplesmente não ficam caladas e não dizem nada, quando são solicitadas a apoiar. Outras, contornam essas dificuldades e apoiam. Depende muito dos administradores e directores. Neste momento o Ministro da Cultura e a Ministra das Finanças, estão a trabalhar no melhoramento dessa lei.

S: Se diz que nunca mais dizem nada. Acha que as empresas não reconhecem o valor do Mindelact?

D: Sim. Por exemplo, enviamos o projecto às empresas no mês de Fevereiro, porque o processo não pode parar, colocamos os logos nos cartazes e hoje, ainda há empresas que não nos responderam. Podem até dizer que não apoiam, como já aconteceu e o nome fica publicitado.

Mas isso passa-se a outros níveis. Por exemplo, com a Cooperação Portuguesa temos um protocolo que apoia o Festival em 800 contos por ano (cerca de 7.300€). Confeccionamos todo o material publicitário em que aparece como apoiante. Até hoje, depois de nos terem dito a última hora que já não apoiavam e de termos recorrido da decisão e terem dito que iam analisar o processo e talvez dessem alguma coisa, ainda estamos à espera da resposta definitiva.

S: Existem alguns tipos de convenções, acordos, parcerias com países estrangeiros?

D: Não. O único acordo ou a única organização da qual fazemos parte é a Rede Africana. Como esse projecto foi uma exigência da União Europeia, somos parceiros do mesmo nas Canárias.

Estamos a estudar um novo modelo a implementar a partir do próximo ano. Por exemplo, se estivermos interessados nalgum espectáculo de Angola, dirigimos o convite através dos Ministérios de Cultura e dos Negócios Estrangeiros que contacta os Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Cultura de Angola e que por sua vez contacta o grupo de teatro pretendido, para oficializar o contacto. É uma outra dinâmica que poderá levar a novos tipos de acordos.

S: No caso que mencionava o Brasil, dos grupos que só pagam parte da viagem. Quem é que paga a outra parte do Brasil?

D: No Brasil existe uma espécie de edital avisando que há concursos internacionais para os grupos participarem. Às vezes pagam até cachets. É uma parceria do grupo com o governo do país. A Associação Mindelact só passa uma declaração dizendo que estamos interessados em que o grupo participe no Festival Mindelact e que não responsabiliza pelo cachet, viagens internacionais, etc.

S: Para além dos financiamentos públicos e privados têm mais alguma fonte de receita?

D: Não. Mas contamos anualmente com uma grande colaboração de toda uma equipa de 50 a 60 jovens que, voluntariamente, trabalham durante o Festival. Quando podemos, fazemos um jantar, no fim do Festival para todos os colaboradores.

S: E se não houvesse essa parte de voluntariado, acha que o Festival se conseguiria realizar?

D: Seria difícil. Mas já estamos a pensar seriamente em diminuir o número de colaboradores e profissionalizar alguns.

Em termos técnicos, temos tido apoio de uma empresa de iluminação, que nos próximos anos já não vai ser gratuito. Acho totalmente justo. Tudo isto está no pacote de preocupações que vamos analisar com o Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, a ver se conseguimos dinheiro para essa despesa futura.

S: Pode ser o reconhecimento de determinadas profissões dentro do Festival, pessoas que fazem parte da equipa.

D: Sim, pode ser. Também incentivamos criação de empresas. Por exemplo: a empresa FAÍSCA. O seu mentor saiu das primeiras acções de formação em iluminação que fizemos durante o Festival Mindelact, com técnicos portugueses e brasileiros. Chama-se César Fortes. Destacou-se entre os demais e o João Branco conseguiu arranjar-lhe uma Bolsa de Estudos e foi estudar iluminação no Porto, Portugal. Criou a empresa de iluminação de espectáculos, que é a única em Cabo Verde com grande dimensão. Presta serviços em todo o País e pensa estender os seus serviços até o Senegal.

S: É só iluminação ou é também audio?

D: É só iluminação. Também tem outros equipamentos, como tendas gigantes e palcos.

S: Em relação ao envolvimento da comunidade, qual é a apreciação que faz da adesão da população de São Vicente e de Cabo Verde ao Festival?

D: Falando nos jovens de outras ilhas, qualquer um gostaria de vir a São Vicente, só para assistir ao Festival. Temos alguns exemplos: conheço uma jovem que vem da Praia todos os anos para assistir ao Festival Mindelact e que às vezes regressava à Praia atrasada aos primeiros dias de aulas. Decidiu seguir o curso de teatro e actualmente está a fazer o mestrado em Barcelona. Este ano, outro jovem telefonou-nos a perguntar se podia vir trabalhar voluntariamente no Festival para poder conhecer melhor esta realidade. O envolvimento da população é tal que o espaço há muito que passou a ser exíguo para tanta solicitação do público.

S: E há interacção da população na preparação ou na produção, propriamente dita, do Festival?

D: A população participa e muito. Quando precisamos de alguma peça de cenografia, pedimos a qualquer pessoa e ela nos cede gratuitamente. No ano passado estávamos a precisar de uma mesa específica, com urgência, fomos a uma casa de uma senhora e ela disponibilizou-a logo.

S: Isso a nível do apoio das gentes. Mas o que me referia é mais o trabalho nas equipas de produção, etc.

D: Temos os colaboradores. Os 50 ou 60 jovens voluntários.

S: Durante o Festival. Antes não?

D: Antes não temos necessidade do envolvimento desses voluntários. A Produção do Festival já há muito que está montada. Algumas pessoas podem dar uma outra ideia para melhorar alguma coisa, mas no geral está tudo montado.

S: O que considera mais importante no trabalho desenvolvido pelo Director Artístico do Festival Mindelact?

D: A tarefa difícil de seleccionar os grupos, para poder ter um bom festival.

S: Fazer a programação?

D: Sim, fazer a programação, seleccionando os grupos de entre muitas candidaturas que entram anualmente.

Apesar do Director Artístico ter alguma facilidade, no âmbito do seu grupo de teatro e de alguns convites, sair e ver outros festivais nos estrangeiros, seria bom que a Associação Artístico e Cultural – Mindelact tivesse dinheiro para enviar a muitos festivais, uma equipa chefiada pelo Director Artístico do Festival Mindelact, para se poder inteirar da qualidade dos espectáculos, para além de outros contactos e assim seleccionar melhor.

S: E fazer a programação de um encontro de agentes culturais ou directores artísticos?

D: Sim. Mas no ano passado fizemos aqui um encontro de agentes culturais, inserido na Rede Africana. Este ano vamos fazer outro encontro só com agentes de Cabo Verde.

S: O que acha ser mais marcante para uma companhia estrangeira a participação neste Festival?

D: É o contacto com todas os participantes. Normalmente as companhias ficam admiradas com o nível de organização do Festival. Por isso que o Festival Mindelact já é considerado um dos melhores de África.

S: E em termos de dimensão do Festival? Ao longo de 18 edições, tem vindo a atingir uma dimensão considerável. Qual acha que foram as razões principais que levaram à evolução deste Festival?

D: Tem tudo a ver com o grau de organização. A Associação Artística e Cultural – Mindelact que suporta e sustenta o Festival Mindelact, é das poucas organizações em Cabo Verde que faz uma Assembleia Geral anualmente com a aprovação das contas. Isto transmite confiança à sociedade no geral, às empresas, às Câmaras Municipais, ao Governo de Cabo Verde e às organizações estrangeiras de cooperação. Por exemplo a Cooperação Francesa há mais de 10 anos que apoia o Festival. Também temos a Cooperação Portuguesa que apoia, também, quase desde o princípio do Festival.

S: Essas cooperações são importantes para o Festival ter a dimensão que tem?

D: Sim, todos contribuíram para um objectivo só: O Festival Mindelact.

Para além das cooperações já designadas, estamos a trabalhar num protocolo com a ASA, empresa que gere os aeroportos de Cabo Verde. E com a parceria do Ministério da Cultura, vamos reforçar a cooperação com a Câmara Municipal de São Vicente, para dar maior sustentabilidade do Festival, pelo menos durante 3 anos. Também, através dessa cooperação, redinamizar o CEDIT – Centro de Documentação e Informação Teatral, digitalizando a documentação – neste momento temos mais de 2000 documentos digitalizados

–, importar literatura especializada sobre teatro, criar uma base de dados digitalizada que permita aos agentes teatrais em qualquer ponto do globo, que aceda ao nosso Site, ter informações credíveis e na hora.

Também essa cooperação com a Câmara Municipal e o Ministério da Cultura terá que ser trabalhar, para a Associação Mindelact ter um espaço próprio para os encontros da Direcção e a Produção do Festival e outro espaço para a Biblioteca. Para não haver interferências.

Estamos a pensar em adquirir mais computadores para, também, darmos formação aos agentes teatrais cabo-verdianos que precisarem para os seus trabalhos futuros. Como por exemplo, a montagem gráfica de cartazes, de programas, etc.

S: Estão cheios de projectos, portanto?

D: O próximo ano vai ser muito complicado, porque é o ano de eleições. Mas será mais um desafio a ultrapassar.

S: Perante tudo isto, não restam dúvidas que a Associação Mindelact faz parte das dinâmicas culturais da Cidade do Mindelo e de Cabo Verde?

D: Faz, sim. Na sessão de honra, no dia da Cidade do Mindelo, fomos oficialmente reconhecidos pela Assembleia Municipal e pela Câmara Municipal de São Vicente. Também já tivemos o reconhecimento pelo Ministro da Cultura e pelo Presidente da República de Cabo Verde. Apesar de termos sede em São Vicente, a nossa acção não é só regional, mas sim, nacional. Envolvemos todas as 9 ilhas habitadas do nosso Arquipélago. A Associação Mindelact tem sócios espalhados por todo Cabo Verde.

S: Quantos sócios têm a Associação?

D: Temos mais de 100 sócios. Apesar de que, segundo os Estatutos, um sócio que falta 2 Assembleias Gerais consecutivas sem justificação, perde o direito de o ser.

S: Mas sendo sócios de outras ilhas, torna-se difícil de corresponder...

D: Criamos condições para todos virem às Assembleias Gerais e quando não é possível pagar-lhes as viagens e estadias, podem fazer-se representar.

S: Obrigado pelo seu testemunho e com certeza estas informações serão muito importantes.

Apêndice 4. **Entrevista a Fonseca Soares-23 de Agosto de 2012-Vogal da Direcção da Associação Artística e Cultural Mindelact**

Sandra: Fonseca Soares, membro da Direcção da Associação Mindelact: um festival internacional de teatro em Cabo verde, no Mindelo, porquê a acontecer aqui? Quais são as razões?

Fonseca Soares:A resposta a isto não está encontrada, mas eu diria que anda à volta da formação de São Vicente, e de Cabo Verde, pelo facto de São Vicente, desde o nascimento ter gente crioula, já com gente que nasceu da mistura de cabo verdianos de outras ilhas para o povoamento de São Vicente, para além disso, com o porto, a chegou de muita gente dos 4 cantos do mundo, portanto nasceu já de uma miscigenação bem grande, e é uma cidade sempre de olhos abertos, a escutar o horizonte, à procura de novas gentes e culturas; certas pessoas dizem que São Vicente tem uma tendência para a alienação, não estou de acordo no sentido em que o dizem, mas há uma alienação no sentido de ser um povo que está aberto praticamente a tudo o que vem de fora, por exemplo encontra um objecto e apaixonar-se, procura saber como funciona e adapta-o às necessidades da terra, e muitas vezes há coisas que chegam de uma forma e passam a ser uma outra coisa cabo verdiana; então eu diria, falando um pouco filosoficamente, que o espírito, a forma de ser e estar do são vicentino justifica em certa medida que nascesse aqui um festival de teatro com a vontade de trazer... nos últimos anos passámos a utilizar o slogan em crioulo “Teatro do Mundo em São Vicente”, ao mesmo tempo, em crioulo “teatro do mundo” quer dizer muito teatro, tem essas duas interpretações - teatro de dimensão mundial e também um mundo de coisas – portanto dá essa ideia de abertura e procurar trazer o teatro que se faz noutras partes do mundo para também aqui se fazer e, eventualmente, para além de se gostar e se apreciar, no sentido de conhecer, também permite que se inspire nisso a fazer a sua parte de maneira diferente. Em certa medida diria que acontece em São Vicente pela necessidade que esta gente tem de abertura para o Mundo, de conhecer, de misturar-se, de miscigenar-se, é uma janela totalmente escancarada para o mundo à procura de outras formas e outras escolas de teatro.

S: Quer dizer que há uma necessidade constante de criação, a partir do que absorvem criar algo de novo? Na verdade, verifica-se que há uma grande valência de

expressões artísticas na cidade do Mindelo, encontram-se várias artes e até vários ofícios diferentes; mais na vertente artística, qual acha que é a razão para isto acontecer?

FS: Diria que está também relacionado com o que falava há bocado, não é por acaso que, relativamente a artes e ofícios, nasceu cá em São Vicente, uma escola que revolucionou e que durante muitos anos era a única porta para as pessoas que, relativamente às artes, à vontade de fazer e criar, tinham para isso, a escola da Pontinha que durante muitos anos foi o único meio que tinham para aprender a fazer, ou dito de outra forma, onde conseguiam as bases para ter utensílios mínimos para, cada um na sua vertente, ir criando coisas com essa apetência que os artistas no geral têm para criar coisas; essa escola funcionou durante muitos anos e há ainda gente, entre os mais velhos, que reclamam pelo facto de se ter deixado desaparecer.

S: Não passou para gerações seguintes?

FS: Não. Teve a ver também com a própria história do país, o período da revolução e da independência, e passou-se a dar atenção e primazia a outras coisas como a construção de um estádio, um período em que a cultura, em certa medida era mais um “brinco”, era só para mostrar, só um acessório, e durante muitos anos, muita coisa que fervilhava e se fazia, muitos artistas que se expressavam nas mais diversas vertentes, acabaram por desaparecer porque a preocupação é pura e simplesmente económica ou social, portanto sobreviver.

S: E deixaram de criar?

FS: Sim, deixou-se praticamente de criar, as condições para isso deixaram de existir durante um bom período, na minha óptica, da constatação desse período, mesmo o pouco de arte que se fazia era já feito com um objectivo político ou social, e portanto, foi um período, quanto a mim, em que a arte no geral perdeu terreno, escolas fecharam, uns bons 10 anos em que praticamente não era preocupação, objectivo ou prioritário, muita coisa parou: oficinas, escolas de arte, mesmo o teatro que sempre teve expressão através de clubes privados ligados a modalidades desportivas, em cada organização havia sempre o espaço para a cultura, para a criação, para a arte; grupos pararam e os poucos que conseguiram continuar mudaram o objectivo que passou a ser acompanhar os tempos da independência e as motivações políticas, portanto uma arte já, em certa medida deturpada, enviesada, desviada. Depois, nos anos 90,

com o facto de a própria república já ter uma constituição mais virada para a abertura e para a democracia, começou-se de novo a ter grupos, gente mais preocupada com a formação na área das artes em geral, começaram a aparecer outros grupos, desde pequenos grupos de dança até grupos de teatro, grupos musicais, a música tem um espaço diferente, e tem tido uma história diferente porque é uma vertente da cultura cabo verdiana que anda sempre à frente, é um acessório que nunca parou e felizmente sempre foi mais que acessório; referi-me à música porque foi das poucas artes que, apesar de ter sido um pouco desviada nesse período mais para música revolucionária, sobre questões políticas e a conjuntura política que se atravessava, se manteve.

S: E a dramaturgia, por si só, também tem uma tradição forte em Cabo Verde, no geral, e no Mindelo, em particular?

FS: Sim, a dramaturgia, em Cabo Verde durante muito tempo foi feita a partir de adaptações a partir da literatura, construção a partir de textos literários, ou de poesia mesmo; dramaturgos mesmo começaram a aparecer mas nunca foi muito expressivo...

S: Mesmo noutras ilhas?

FS: Mesmo noutras ilhas. A dramaturgia, talvez porque não havia muitas companhias de teatro, existiam poucas, ou eram pessoas que estavam ligadas a grupos de teatro e utilizavam essa capacidade de construir, de pegar num tema e escrever uma peça de teatro, nunca se desenvolveu, dramaturgos sempre houve poucos, nos últimos 2 séculos aparece um ou outro mas nunca tivemos uma classe de escritores virados para isso, tivemos um escritor ou outro com uma aptidão numa determinada matéria ou assunto que resolve fazê-lo e às vezes por encomenda a pedido de uma companhia de teatro, nunca tivemos alguém que decidisse ser dramaturgo e dedicar-se à dramaturgia e fazer isso como profissão ou como a arte que eu quero e agarro.

S: Isso não está de todo relacionado com o facto de existir o Mindelact? Porque há a tendência de se criar algo em torno de uma corrente já existente, de um movimento de alguma expressão artística já existente. O Fonseca Soares diz que não existiam, ou existiam poucos, no entanto surgiu...

FS: Existiam poucos mas sempre se foi fazendo teatro aqui em Cabo Verde, em São Vicente, porque sempre existiu gente e companhias que quiseram e se apaixonaram por essa forma de arte e foram fazendo, mas o que eu estava a tentar dizer é que nunca houve muita gente dedicada à dramaturgia como profissão, porque não havia espaço nem forma de uma pessoa se dedicar a isso; a gente foi fazendo pelo facto de ter visto algumas peças e o bichinho ter começado a entrar e a criar vontade de fazer e entrar por esse mundo, sempre funcionou dessa forma; passavam-se períodos de 2, 3 anos em que não acontecia nada, depois apareciam grupos que faziam uma, duas, três peças, grupos de jovens que descobriam, tentavam fazer mas depois, como não era possível ser uma profissão procuram outra e largavam o teatro, tem sido ao longo dos tempos assim... isto era o antes. Depois começou-se a ter aqui em São Vicente gente já mais ligada, com objectivos precisos de fazer teatro, de formar, de iniciar e ensinar o básico em teatro, a aptência já existia, havia gente que gostava e fazia conforme podia, a partir do momento em que apareceu a escola do Centro Cultural Português, criaram-se as condições físicas, constantes, com os cursos de iniciação teatral e começaram-se a ter as condições para haver vários grupos a produzir e, por haver vários grupos com essa actividade, com vontade de fazer, nasce a ideia do Festival Internacional de Teatro Mindelact; gente que foi fazendo teatro e que gosta da arte, aqui em São Vicente e um pouco pelas ilhas, e que ao mesmo tempo conhecia pouco do teatro que se faz lá fora, salvo algumas excepções que tinham ido a Portugal, Brasil, ver outras peças durante essas viagens, não havia muito essa ligação, esse conhecimento do outro, e é um pouco nessa ideia, vontade de ver o que outros estão a fazer para melhorar – já se fazia um teatro do qual se gostava mas havia necessidade de experimentar outras coisas, fazer melhor, ver que respostas outros países tinham a certos problemas, certos momentos, certas opções de resposta a determinados textos ou encenações – que nasce o Mindelact, que começou só com gente das ilhas e 2 anos depois, entranto no que era o sonho, na internacionalização e a Cena Lusófona tem um papel importante também nesse aspecto de começar a internacionalização que se desejava e que era vontade desde o início.

S: Serviu de alavanca, um trampolim?

FS: Sim; depois com a chegada de um, dois grupos começou-se a ter contactos e as ligações necessárias, mais grupos a apresentarem-se, não só Portugal mas também Brasil, Angola, Moçambique, outros países africanos não têm podido acompanhar... há momentos em que podem outros em que não, como nós há alguns anos atrás, falando sobretudo dos 5 países

africanos de expressão portuguesa, que também têm vivido muitas dificuldades em manter grupos a funcionar e é um pouco nessa ideia de procurar ajudar que funcionamos – já tivemos grupos de São Tomé, Guiné, com vontade de participar mas sem meios; mesmo tentando ultrapassar o problema da Língua como meio de comunicação, no caso concreto o Português, já tivemos grupos e companhias de muitos outros países que têm feito com que os festivais sejam cada vez mais ricos, com formas, escolas e linguagens totalmente diferentes.

S: Já referiu alguns países mas, objectivamente, conhece outros festivais de teatro no território africano, sobretudo internacionais?

FS: Há uma diferença entre um festival que acontece esporadicamente, há o do Senegal, também em Ougadougou, mas são poucos os que têm conseguido ser regulares, acontecer todos os anos, e por isso nos últimos anos se tem falado tanto no Mindelact, como o festival internacional maior de África, porque há muito teatro e bom no continente africano mas em termos de organização de festivais, acontecem alguns mas não todos os anos e com esse objectivo a ser cumprido normalmente e com continuidade.

S: E têm interacções com esses festivais?

FS: Também esporadicamente, não tem sido fácil, sobretudo pelo facto de as viagens, as passagens sobretudo, criarem alguns problemas, mas temos tido algum contacto e, por vezes, algum grupo de São Vicente tem participado em festivais no continente, embora não tanto como gostaríamos que fosse, mas sobretudo em Angola, Moçambique, mas com pouca regularidade, e no mundo africano lusófono resume-se a isto; quanto a outros países, acontecem mais contactos via e-mail, ou então quando há coisas concretas que acontecem, aí, há contactos pontuais relativos a essas matérias e festivais; mas não há um contacto organizado e permanente relativo a outros festivais.

S: Como é realizada a publicidade e o marketing deste festival em termos internacionais?

FS: O Mindelact funciona praticamente sem meios, o motor é a carolice, o amor pela camisola, jovens que se apaixonam pelo teatro e que dão o seu quinhão, procuram ajudar fazendo o que podem para que funcione; no que diz respeito à sua pergunta concretamente,

hoje em dia utilizamos sobretudo a internet e, pouco a pouco, vamos tendo uma rede cada vez maior de contactos a quem vamos enviando as informações, e o boca a boca funciona muito no mundo do teatro; o Mindelact foi sendo conhecido no mundo das companhias teatrais pelo mundo fora, por causa de gente que passou por cá e levou as suas impressões e que foi passando para outras companhias, de modo que hoje podemos dizer que o Mindelact tem uma publicidade por todo o mundo mas sem ter praticamente uma oficina, ou um grupo, comissão, que se dedique especificamente a isso, procura-se utilizar e aproveitar os elementos da direcção e/ou jovens que gostam e que fazem teatro e que dão o seu quinhão para que o Mindelact aconteça todos os anos, vamo-nos aproveitando do saber fazer de designers, de gente que trabalha no mundo da computação, da arte, do design, mas tudo isto de forma não profissional, só com amor.

S: Quais são as razões que geraram a participação no Mindelact de determinados países, inclusivamente alguns mais improváveis? Como é que chegaram até cá alguns países que, à partida, não seria espectável que viessem pisar os palcos do Mindelact?

FS: Pensando na Comedia dell'Arte, um grupo que é considerado o melhor do mundo nesse género teatral, este ano vem ao Mindelact, e partiu deles a vontade de vir, inclusivé no que diz respeito a cachet, um dos grupos que é dos mais caros do mundo praticamente não recebe cachet, e isso, na nossa opinião, por ter havido gente que gosta de teatro que foi falando deste festival num país que alguns nem ouviram falar, com um mínimo de qualidade, de organização, que é simpático, em que as pessoas participam e gostam, em que há um público regular, e acabam sabendo e a publicidade vai-se fazendo boca a boca; com o amor que o teatro suscita nas pessoas, pequenas coisas que poderiam ser impeditivas são ultrapassadas porque há essa vontade férrea...

S: Há vontade no lado de lá e no de cá?

FS: Sim, havendo isso acabamos por, de uma forma ou de outra, ultrapassar essas possíveis barreiras; felizmente tem sido assim dos dois lados, temos companhias de todos os continentes que nos enviam todos os anos projectos, as informações todas, com vontade de vir ao Mindelact, várias e muitas até que não conhecemos e que enviam as propostas e que às vezes não temos os meios para concretizar; há companhias que já conhecem a filosofia do

Mindelact, que 2, 3 anos depois de uma primeira vinda já sabem como funciona e fazem tudo e arranjam todos os meios para vir; há também produtores do Mindelact lá fora que arranjam todos os meios e que só dizem: temos determinada peça, com determinado tema mas já temos os meios, os patrocínios para chegar aí – se é algo que nos interessa dizemos logo que sim e já temos mais uma peça, tem funcionado muito assim, com produtores do Mindelact espalhados um pouco por todo o mundo.

S: E o contacto com outros países tem contribuído para algumas alterações e aprendizagens nas programações do festival, uma vez que se trata de culturas diferentes e muito diversificadas?

FS: Naturalmente que sim, as companhias, quando estão cá, no mínimo estão por cá uma semana, durante a qual nos encontramos todos os dias, vamos falando das coisas, como é que funcionam, como é que fazem, o que têm, mesmo a nível de produção, mas também procuramos sempre que a formação seja uma dos itens necessários e que faz parte do contrato para vir ao Mindelact; nas formações há muita coisa que passa, há muitas trocas e aprende-se muito com isso, exige-se a cada companhia que tem gente com experiência, para participar em formações nas mais diversas áreas e formas de fazer, e essa troca acontece naturalmente todos os anos; claro que o que hoje sabemos tem tudo a ver com essas trocas e contactos, esse intercâmbio que foi acontecendo ao longo dos anos, não só no contacto como produção mas também no contacto como amigos, para resolver problemas, contactos na própria formação, e isto é um dos pontos fortes do festival, que se reflecte também na programação, na forma de ver o teatro, na forma de ir experimentando outras formas de pôr no palco os mais diversos temas, as mais diversas formas de expressar em teatro..

S: Isso é uma das riquezas de ter um festival internacional desta dimensão...

FS: Sim, porque mesmo sabendo e procurando, todos os dias, o exercício interno, cá, chega-se a um ponto em que não se pode fazer mais; os agentes teatrais, actores, encenadores, técnicos de luz, etc têm essa troca sempre, vão aprendendo, tentamos resolver situações de uma forma que por vezes achamos que não foi a melhor, há um técnico que vem e que fala da sua experiência e então a partir daí já sabemos outra forma de resolver possíveis situações, esse intercâmbio é algo valioso e que felizmente acontece todos os anos e tem deixado frutos, toda a riqueza que os agentes teatrais que participam no Mindelact têm neste momento é

consequência desse contacto e intercâmbio, cada grupo que esteve cá trouxe a sua parte e trouxe um bloco e ajudou a construir a casa que temos aqui em São Vicente.

S: Isso é o que acontece cá; qual é a noção que tem sobre o contributo do Mindelact nas companhias estrangeiras quando estas regressam aos seus países de origem? Crê que se reflecte em termos de programação?

FS: Em sentido contrário, em termos de programação, no início, praticamente só o grupo de teatro do Centro Cultural Português era programado para participar em outros festivais, mas desse contacto e do crescer inerente a esse caldeirão de contactos e de culturas, de diferentes formas de fazer e de resolver, de formas diferentes de ver e de fazer teatro, surgiram vários grupos que começaram a sair, vão para Portugal, para o Brasil, Angola, repito estes porque são os que têm estado mais regularmente, porque já se foi também para o Senegal, para o Mali, para África do Sul, mas em situações muito pontuais; este ano havia muitos que já estava programado irem ao Brasil e infelizmente os dois festivais no Brasil com carácter lusófono caíram, por causa da crise... mas só para dar uma ideia que, em sentido contrário nós temos aprendido muito com o Mindelact e com os agentes teatrais que têm vindo para aqui, mas ao mesmo tempo também sentimos que os grupos que aqui passaram muitas vezes retomam os temas que apresentaram aqui nos seus países, e sente-se que interfere com a programação deles e a influência é recíproca, e isso é uma ganho maior ainda.

S: E tem ideia se esses ganhos que eles levam daqui se têm atraído mais públicos nos países de origem? Eventualmente até as comunidades cabo verdianas...

FS: A noção que tenho é que de facto isso existe, no caso concreto de Portugal, Brasil e Angola, atraí outro públicos e especificamente cabo verdianos nesses países, mas ao mesmo tempo, por outro lado, há casos de grupos que desse contacto com Cabo Verde e o Mindelact, abordam temas relacionados com Cabo Verde, quando viajam por todo o Mundo levam determinados aspectos da cultura de Cabo Verde em teatro, não de origem cabo verdiana mas feitos com temáticas de cá, e ao mesmo tempo chamando outros públicos nos seus países.

S: E justamente nos públicos, esta dimensão do diálogo intercultural acha que é representativa? É algo que forte a que as pessoas estão atentas e as faz aproximar por saber que houve ali uma troca de experiências com outros países?

FS: Eu tenho a percepção de que isso acontece, mas não é algo palpável ou quantificado, com dados concretos; chegam-nos informações sobre isso, hoje em dia, felizmente com a internet e as redes sociais sempre se consegue ir tendo informações e noções e “sentires”, portanto tenho essa informação em como origina reacções, inclusive de cabo verdianos que foram ver um grupo não cabo verdiano a tratar de assuntos locais, ou que fez referência a qualquer coisa captada do mundo cultural cabo verdiano, ou pura e simplesmente pela história, enfim, sente-se que isso existe e que há de facto essa conexão, essa interculturalidade e que as pessoas cada vez menos se regem simplesmente pela nacionalidade e começam a sentir os temas conforme as aptidões, as vontades, os gostos, o amor, é cada vez mais universal pela universalidade dos próprios temas.

S: Isso que dizer que as pessoas continuam a comunicar? Acontece o Mindelact e a comunicação dentro das companhias de teatro faz-se no presente e no futuro mantém-se?

FS: Sim, e isso é um dos trunfos do Mindelact, o facto das companhias que cá estiveram manterem-se em contacto, dando informações de para onde foram, que estão a trabalhar um determinado tema; mantém-se essa ligação e o Mindelact continua a saber o que vai acontecendo com as companhias, inclusivé achamos que é importante essa ligação e a vontade que as companhias demonstrem em voltar ao Mindelact, propondo outras peças, e isso para nós, sem falsa humildade, dá-nos a ideia de que reconhecem que este festival vale a pena como espaço para trazer as suas apresentações, as suas peças novas; pequenos aspectos deste tipo influenciam até a programação de companhias cá da terra que, a partir dessas informações decidem as suas próprias; essa ligação está cada vez mais forte e acaba por ser um diálogo entre companhias das mais diversas origens, no que diz respeito à sua vida do dia a dia, ao que estão a fazer e ao que planeiam fazer.

S: Fonseca Soares está na Direcção do Mindelact, tem contacto com este festival desde a sua origem, certo? É notória a evolução qualitativa da programação do festival

na última década, depois de eu ter analisado os programas de todas as edições. Em que aspecto é que acha que há mais essa diferença em termos qualitativos da programação?

FS: Que há uma evolução não há dúvida alguma, que a qualidade tem sido maior, que a diversidade também tem sido maior, também não há dúvida; há muitos projectos que chegam todos os anos e procuramos, consoante a programação que temos num determinado ano, decidir por uma ou outra peça, companhia a trazer, pelo facto de que os contactos se foram diversificando, num rede cada vez maior de gente que faz teatro pelo mundo fora e que se mantém ligada ao Mindelact, e consoante a programação ou determinada orientação que quisermos implementar num determinado festival, vamos escolhendo as peças/companhias a apresentar. Cada vez mais temos por onde escolher, no início, uma companhia ou outra eram as que conseguíamos trazer, por uma razão ou por outra, independentemente da qualidade; com o tempo, com os contactos, com essa rede e com a experiência acumulada, a qualidade foi aumentando simplesmente pelo facto de haver cada vez mais gente, mais companhias que estão no portfolio, que têm contactos e que querem vir, que fazem parte até da produção do Mindelact; essa qualidade naturalmente que aumenta quando se tem mais por onde escolher, quando se sabe, se tem os dados e as informações; sendo fácil hoje saber qual é o impacto que tem tido determinada peça, ter informações sobre estreias, como é que aconteceu, qual é o tema e qual a qualidade, podemos de facto escolher e apurar e a trazer o que achamos que é melhor, que é bom, e ao mesmo tempo procurando diversificar as escolhas e a origem das companhias e das peças em si; com tudo isto a qualidade acaba por ser maior.

S: Um festival desta envergadura implica decerto um orçamento bastante elevado; esta crise mundial e europeia está a ter reflexo no festival?

FS: Naturalmente que tem, até no caso concreto deste ano, o Mindelact de 2012, embora com uma programação definida e conseguida há já alguns meses atrás, faltava-nos conseguir alguns “companheiros de viagem” ao longo dos anos, patrocinadores que têm estado connosco este ano falharam por motivos alegadamente relacionados com a crise, de modo que sentimos isso, tentámos, através da direcção e de amigos, ver onde conseguiríamos apoios, hoje mesmo assinámos o protocolo com o Ministério da Cultura que tornou possível a realização do festival este ano, não há mais dúvidas, mas faltavam-nos duas companhias que ainda não tínhamos conseguido os meios para as trazer este ano, mas esteve por um fio; isto demonstra a dificuldade em arranjar meios económicos para realizar o festival. Houve vários

anos em que estivemos para não realizar o festival, outros anos em que, depois do festival, patrocinadores não cumpriram com o acordado, enfim, procura-se resolver insistindo com a empresa, ou procurando outras formas de colmatar essas falhas, tem sido ao longo dos anos um problema, mas também temos vindo a arranjar outros produtores fora de Cabo Verde que também têm estado a ajudar para que o Mindelact se mantenha de pé e se dê continuidade a este ponto de encontro de gente com amor ao teatro; muitas companhias, que têm cachets já estipulados e com um nível de qualidade bem alto e que recebem de acordo com esse nível, depois de explicarmos a situação muitas vezes aceitam vir ao Mindelact por metade do cachet, também tornando assim possível a realização do festival, abrindo mão de determinadas condições que não cederiam noutros países.

S: E o festival consegue sustentar-se totalmente a nível financeiro?

FS: Até hoje, o festival tem acabado por resolver os problemas que aparecem, as dívidas que aparecem às vezes por contratos não cumpridos, se uma empresa que nos fornece comida ou dormidas, à qual não pagámos por estarmos em fase de negociação, nos apresentar a conta, temos de pagar, mas o Mindelact tem conseguido resolver esses problemas apesar de, de facto, não ter os meios financeiros para isso; procura-se jogar com o amor, com as afinidades, envolvendo mesmo empresas pela amizade, pelo gosto pelo teatro, sabemos, por exemplo, que há um determinado PCA que gosta de teatro e nós iremos puxar por esse cordelinho no momento certo, ver se conseguimos os meios para a realização do festival, trabalha-se muito por esse amor pelo teatro, não só dentro mas também fora desse núcleo de agentes teatrais; o próprio público, é fantástico e tem feito com que, não obstante as dores de cabeça que muitas vezes acontecem, valham a pena todas as complicações e problemas que surgem para termos as salas cheias durante todo o festival; este público foi-se tornando uma família do teatro em São Vicente, gente que, ao contrário ao hábito do cabo verdiano de pouca pontualidade por exemplo, cumpre os horários no mundo do teatro, se o espectáculo é às 21:30, às 21:00 já temos quase todos à porta prontos para entrar, quando em Cabo Verde normalmente é o contrário, se o espectáculo é às 21:00, só às 21:30/22:00 é que as pessoas começam a chegar; isto dá uma ideia do valor desse público, da gente que gosta de teatro, o que motiva ainda mais para conseguir superar todas as barreiras que se vão colocando no caminho.

S: E como é organizado o financiamento do festival? Quais são as estratégias usadas para essa finalidade?

FS: Existe a assembleia geral do Mindelact que controla todo o processo; há um director financeiro que juntamente com o director da produção acompanha o processo, e eu pessoalmente não estou bem por dentro disso, sei que através da assembleia se controlam as contas, para onde foi cada centavo, como foi empregar, mas relativamente ao orçamento e produção de cada Mindelact, tudo é feito de acordo com as necessidades, a partir da programação, que exige determinado orçamento, vamos procurar o dinheiro necessário para cobrir esse orçamento e, através do director financeiro e da produção, fazem-se os pagamentos; é um ramo sobre o qual não estou muito inteirado, só sei as bases e há pessoas responsáveis por isso.

S: O Mindelact faz este ano a sua 18ª edição, com grande sucesso, como explica esta continuidade, com cada vez maior adesão, num país com recursos físicos e financeiros tão escassos, e que com certeza se irá repercutir na programação, na cenografia, guarda roupa? Como é que consegue dar a volta a tudo isto?

FS: Toda esta conversa tem sido à volta disso, sobretudo essa vontade grande, a existência de jovens que se entregam, que dão o seu quinhão, que estão prontos para trabalhar gratuitamente... o segredo está justamente nisso...

S: Na envolvimento...

FS: Na envolvimento das pessoas a partir do gosto pelo teatro.

S: Significa que estão a trabalhar em regime de voluntariado, não implica custos?

FS: Há voluntariado na maior parte do tempo, paga-se só aos técnicos, as outras pessoas trabalham pelo gosto à camisola, pela vontade, costumamos brincar e dizer que o pagamento é terem acesso às peças, terem o contacto com fezedores de teatro de todo o mundo, poderem ir aprendendo, ir para as formações, trabalhando para que o Mindelact aconteça com o mínimo de organização, para que as coisas sejam feitas da melhor forma, que

o acolhimento e a estadia seja a melhor possível, e ao mesmo tempo terem esses contactos, verem peças novas, de origens diferentes, irem aprendendo com isso, é assim que funciona, pelo amor pelo teatro. Ao longo dos anos há gente que vai dando o seu quinhão mas nas curvas da vida, porque foi estudar ou trabalhar para uma ilha diferente, não vêm mais, mas sempre há outros jovens que aparecem para contribuir com o seu trabalho; algumas pessoas vêm sempre e são praticamente os chefes de cada sub-comissão organizadora do festival.

S: E se não houvesse esta vertente tão forte de voluntariado acha que era possível pôr o Mindelact de pé?

FS: Eu acho que não, pelo simples facto de que não existem os meios para o realizar; tem-se conseguido fazer justamente utilizando esse amor pelo teatro, mas se fosse tudo pago não teríamos o dinheiro, mesmo para conseguir sem pagar a todos, só para organizar e trazer, pagar a estadia dos actores e agentes teatrais, é um valor alto para nós... não teríamos os meios financeiros para fazer um Mindelact com gente a ser paga profissionalmente por cada actividade ou função, não seria viável.

S: Qual é, em termos de percentagem, o financiamento que o estado faculta ao festival?

FS: O estado, através do Ministério da Cultura, tem estado sempre presente, temos assinado protocolos, com a contrapartida de que se envolvam grupos de teatro de outras ilhas no festival, para que possam beber desse caldeirão de teatro em ebulição, e formar mais gente em teatro; a percentagem tem variado, este ano a percentagem é alta, esteve por um fio a realização do festival, mas é um forte relativo, da ordem dos 800 contos, já houve momentos em que foi de 200, 250, 100 contos, foi variando consoante a possibilidade de quem foi gerindo a participação do estado no Mindelact.

S: Este montante tem vindo a ser mais elevado?

FS: É inconstante, tem altos e baixos... sempre presente mas algumas vezes com diferenças grandes.

S: E a nível de entidades privadas, conseguem patrocínios?

FS: Sim, com disse a bocado, a nível de entidades privadas tem-se conseguido puxando pelos directores, pelos PCAs que têm alguma ligação com o teatro, que são público de teatro, e procuramos envolvê-los também; mas também é muito variável, nuns anos podem noutros não podem; temos tido sempre ao longo dos anos estes patrocínios privados.

S: Há então um sentido de responsabilidade social?

FS: Sem dúvida, há gente que reconhece que o Mindelact é bom para ilha e para o país e acham que também devem fazer parte desse projecto bom que está a acontecer e também têm participado ao longo dos anos.

S: Existem alguns tipos de acordos, parcerias, convenções com outros países parceiros do festival que suportem as despesas inerentes à estadia deles cá, à participação, à vinda?

FS: Acordos não diria, mas há situações pontuais, por exemplo, no caso concreto do Brasil, o Ministério da Cultura do Brasil tem participado praticamente sempre ao longo dos anos com patrocínios, algumas vezes assumindo os custos de uma determinada companhia, e tem participado sempre no financiamento do Mindelact; também de Portugal, a Fundação C. Gulbenkian, às vezes, mas esses são assuntos sobre os quais poderá ter dados mais concretos com o João Branco, com o Daniel Monteiro, ou outros elementos.

S: Em termos de contrapartidas que esses parceiros solicitam, normalmente um logo no cartaz...?

FS: Na maior parte das vezes um logo no cartaz, noutras vezes já contrapartidas de realização de espectáculos por exemplo, de formação, dão dinheiro ao Mindelact para a realização do festival e pedem-nos para fazer uma formação na Ilha do Maio para um grupo nascente que procura formação, de saber fazer.

S: Para além dos financiamentos públicos e privados, existem outras fontes de receitas para o festival?

FS: Não há muito...; a bilheteira acaba por ajudar em alguma coisa, mas não é representativa porque a sala acaba por estar muito ocupada por todos os agentes que fazem o festival, mais as companhias que cá estão, os convidados de gente que representa os patrocinadores, etc, e acabamos por vender em cada espectáculo um número insignificante de bilhetes; portanto praticamente não há, a bilheteira serve para resolver pequenos problemas de produção, coisas que não estavam previstas e é necessário comprar para resolver as coisas no dia a dia, mas é inexpressivo.

S: Esta pergunta já estará resopondida mas vou fazê-la na mesma... Qual é a apreciação que tem da adesão da população aqui de São Vicente e, em grosso modo, de Cabo Verde no festival? A partir do momento em que me diz que quando o espectáculo é às 21:30 e às 21:00 já há fila para entrar, a resposta está dada...

FS: Sim, o público é um dos patrocinadores deste festival, no sentido de motivar as companhias, fazer com que as companhias de fora se sintam em casa porque sentem que há um público cá que entende minimamente de teatro, que sente e que está lá, participa, reage, apoia, é um público especial; o público tem vindo a crescer ao longo dos anos, e já há pessoas preocupadas porque na maior parte do tempo não conseguem arranjar bilhetes porque o espaço é pequeno e temos o compromisso de ter lá muita gente que não paga, que tem de estar por várias razões, então há pessoas que reclamam porque sempre foram e agora é mais difícil arranjar bilhete; isto motiva todos aqueles que trabalham para que o Mindelact aconteça, que são motivados por um público que acompanha, que está lá, vai a horas, enche o espaço todas as noites, e então sentem que vale a pena.

S: E na extensão da cidade da Praia, também é assim?

FS: Infelizmente nessa extensão ainda não conseguimos... o Centro Cultural Português, mais concretamente um determinado director tornou possível essa extensão que neste momento, este ano, não está a funcionar, o director deixou de exercer funções e não há quem tome a decisão, mas o certo é que, quando existem peças lá, também há público.

S: Oficialmente, neste ano ainda há uma extensão?

FS: Oficialmente há pouca coisa...

S: Mas é chamado Festival Mindelact?

FS: Sim, diz-se que é uma extensão, mas pequena, faz parte da extensão do Mindelact, 3 peças que vão para a Praia. Através das redes sociais temos a informação concreta de que as pessoas reclamam de que devia haver muito mais, que há muito público, mas simplesmente não temos os meios para realizar um extensão que fosse maior do que temos conseguido até agora; dependo dos patrocinadores e dos meios conseguidos para tornar isso possível.

S: E há interacção da população na preparação e produção do festival?

FS: Sim, porque muitas vezes pequenas coisas que são necessárias e que dependem de uma determinada pessoa que não está relacionada com a organização do festival, mas o simples facto de saber que é para isso muitas vezes já abre a porta e torna possível o empréstimo, dão e emprestam, agilizam o processo.

S: Mas estão dentro da produção do festival?

FS: Dentro da produção poder-se-á dizer que sim porque não fazem parte de nenhum grupo de teatro mas que faz parte, e neste momento estamos já nessa fase, em que as comissões e as sub-comissões já estão a angariar gente que é do público que é da sociedade civil que, por diversas razões, quer participar e dar o seu contributo e que faz parte de uma comissão, por exemplo, que vai receber as pessoas que chegam às 3 da madrugada e os leva aos aposentos deles... gente que nem sequer é do Mindelact ou de companhias teatrais.

S: E com quanta antecedência é que eles começam a fazer esse trabalho? É mais perto do festival, quando as companhias começam a chegar?

FS: É mais perto do festival, quando a organização do festival diz que vai organizar as comissões e precisa de saber com quem contar para isso; então as pessoas apresentam-se, é uma ilha pequena e o boca a boca funciona muito bem e as pessoas aparecem para formar as comissões.

S: O que considera mais importante no trabalho desenvolvido pelo director do festival, neste caso o João Branco?

FS: O director do festival é o coração do festival porque desde a programação é um dos elementos que, por representar a própria direcção do Mindelact, dá a cara, que faz os contactos e traz os dados para as reuniões para se poder decidir quem, o quê, quando, como, se não, se sim, etc. O director do Mindelact, sobretudo na questão da programação e da montagem do festival é muito importante, porque quando o festival está a acontecer ele já é mais o representante da associação que acompanha, fala com as pessoas...

S: Depois passa-se o trabalho para a produção?

FS: Sim, a produção faz o resto, mas ele nessa altura já fez o trabalho que consideramos mais importante antes do início do festival, os contactos, todos os pormenores que tornam possível realizar-se, as informações todas e que peças vamos trazer, como é possível trazer determinados grupos, os meios para isso, enfim, faz o trabalho do chefe que está à frente e que procura e que depois traz os dados todos para as tomadas de decisão da direcção; depois de decidido isso tudo, já a produção toma conta de tudo e ele é mais um espectador, digamos assim, como representante, a cara da direcção do festival e faz as honras da casa, que é importante também fazer e que faz com que as pessoas tenham vontade de regressar, que é um outro trunfo que o Mindelact tem sempre.

S: O que acha ser mais marcante para uma companhia estrangeira na participação neste festival e porquê? Terá um pouco a ver com a troca de experiências de que falava antes?

FS: Tem um pouco a ver com essas trocas de experiências do antes: do contacto, de dizer do que é que se trata, como funciona, que é um país pequeno, conseguir motivar minimamente os grupos a virem para aqui; mas o grosso dos grupos durante o festival é que sentem algo neste festival que não encontram noutros, e eu tenho ido a vários; há festivais que têm tudo muito bem organizado, cada um tem o seu carro, o seu guia, vai a todo o lado, mas falta o que aqui normalmente tem acontecido, e acontece, que é procurar o convívio, o intercâmbio, a interligação das pessoas, que nos 10 a 15 dias que duram os festivais se tornam amigas, trocam experiências, falam, e essa ligação continua.

S: E isso é de tal modo intenso que cria laços de amizade?

FS: Sim, esses grupos de fora, o que mais gostam não é o termos minimamente bem organizado o festival, ou que as salas estejam cheias, mas sim toda a envolvimento, o convívio, a troca de experiências, a formação e uma simpatia a envolver o todo, que faz com que as companhias se sintam minimamente tocadas para que queiram continuar amigos, manter uma relação e um contacto, e gostam de regressar mais vezes.

S: Estamos na 18ª edição do festival, já tem uma dimensão considerável, quais são as principais razões que considera que levaram à evolução do festival desde o início até agora?

FS: São 18 anos, estamos a pensar um bocado a partir daqui se será necessário fazer mudanças, encontrar outras formas, outros caminhos ou inovar em certos aspectos, mas este festival atinge os 18 anos devido a todos os factos que fui apresentando ao longo desta nossa conversa, por um lado o amor das pessoas à camisola, que se entregam e que durante as férias vão trabalhar para o Mindelact, por outro lado, gente que descobre que há gente que gosta do teatro e que realiza um teatro, um festival sem meios e o faz com vontade, com alegria, com simpatia, com amor e se sentem envolvidas também e acabam por ser também produtores do festival, sentem que é um bocadinho deles também, e participam como companhia e como produtores, há muitos casos desses ao longo dos anos, também se sentem elementos fazendo parte, de modo que isso tornou possível que ao longo dos anos o festival fosse mantendo-se de pé e cada vez com maior qualidade, mais envolvimento e os anos foram passando e continua firme essa vontade de realização do festival; sobretudo deve-se a isto, a relações humanas, mais ou menos bem conseguidas, puras, com uma comunicação honesta e clara, aqui não existem meios mas existe uma vontade e gosto e amor pelo teatro e procura-se fazer com que todos os que gostam de teatro participem e tornem possível este encontro e este festival.

S: E a verdade é que no continente africano não existe outro festival com estas características?

FS: Infelizmente é verdade.

S: Pensando deste modo, percebemos uma dimensão ainda mais alargada do Mindelact?

FS: E já houve contactos nesse sentido, com agentes teatrais do continente a ver se se conseguiria mais... falar, trocar experiências sobre festivais e não só, sobre teatro, mas como eu disse têm sido sempre intensões que desaparecem com o tempo, hoje um que depois já não está “no ramo”, não tem sido possível ultrapassar isto, há simplesmente contactos ou realizações pontuais.

S: O que torna o Mindelact ainda mais único...

FS: Sim, pelo facto de ser um festival de um país que não tem os meios para o realizar, um país pequeno, onde não há uma grande número de agentes teatrais, profissionais do teatro, gente que vive do teatro e que noutros países o fazem normalmente como profissão, mas aqui são profissionais amadores, gente que procura exercer e fazer profissionalmente um teatro que não é pago, portanto, é amador. Ao mesmo tempo que é um impedimento, acho que é um dos trunfos que temos, embora haja gente que já fez cursos nessa area, mas ter gente que faça do teatro uma profissão é um desejo, um sonho, uma vontade que irá ajudar na construção de um teatro cada vez melhor e promover a existência de cada vez mais teatro aqui em São Vicente.

S: O Mindelact é um produto da Associação Cultural Mindelact. Com o Mindelact, e mesmo fora dele, a Associação Mindelact é representativa nas dinâmicas culturais cabo verdianas?

FS: A Associação é das poucas que se mantém a funcionar constantemente, a maior parte em 1, 2, 3 anos acaba por parar ou desaparecer mesmo, e a Associação Mindelact pelo facto de ao longo de todos estes anos manter os objectivos de associação, funcionar normalmente com assembleias gerais e com os sócios a decidir, a elegerem os dirigentes, só por isso, no leque das associações culturais de Cabo Verde, a Mindelact aparece como um exemplo também nesse aspecto, pela longevidade e por continuar a funcionar como associação privada com o objectivo de facilitar a vida dos agentes culturais e teatrais.

S: Fonseca Soares, obrigada.

Apêndice 5. **Entrevista a João Branco**-23 de Agosto de 2012-Director Artístico do Centro Cultural Português, polo do Mindelo, co-fundador e Presidente da Associação Artística e Cultural Mindelact, Director Arístico e Programador do Festival Internacional de Teatro Mindelact.

João Branco... enquanto Diretor da Associação Mindelact e programador do Festival de Teatro Internacional Mindelact... considera que a associação é o seu local de trabalho?

Não...

Então qual é?

Eu sou funcionário deste local onde nós estamos neste momento... no Centro Cultural Português, ex Instituto Camões, que agora se chama Camões Instituto para a Cooperação e Língua... acho eu... portanto, o Instituto Camões foi recentemente extinto pelo Governo de Portugal e neste momento ainda está... meio no limbo... qual vai ser o novo papel dos Centros Culturais Portugueses... mas seja como for, eu sou funcionário do Centro Cultural Português, e por essa via, era, do Instituto Camões há 18 anos... e este é o meu local de trabalho, onde desenvolvo atividade, principalmente ligada às artes cénica mas, a minha função aqui, é de Diretor Artístico do Centro Cultural Português, Polo do Mindelo, e sendo que, dentro dessas funções, o teatro ocupa uma parte substancial em duas vertentes: a vertente da formação, com os cursos de teatro, e a vertente da produção, com o grupo de teatro do Centro Cultural Português, que vai fazer 20 anos no próximo ano... 2013... faz 20 anos a minha companhia... é uma companhia muito importante, porque já vai com 47 produções teatrais realizadas em Cabo-Verde... É, na história do teatro cabo-verdiano, a companhia mais internacional da história, já participámos em mais de trinta e tal eventos e festivais fora do país, e este é o meu trabalho, não é? Depois, como todas as pessoas na associação Mindelact, a gente trabalha para a associação nos tempos livres, não é?... portanto, trabalhamos em regime de voluntariado. A associação chama-se Associação Artística e Cultural Mindelact, e é uma associação classificada como ONG, portanto, Organização Não Governamental, estruturalmente definida... e que tem os seus órgãos eleitos desde a sua formação em 96... órgãos, esses, que são a direção, da qual eu sou o Presidente... portanto, é a minha função no Mindelact... um órgão, que tem mais outros cinco membros, portanto, tem seis elementos... o Conselho Fiscal e a mesa da Assembleia Geral... portanto, nós funcionamos como qualquer

associação... dentro deste regime. E, portanto, neste contexto, eu próprio e os meus colegas, enfim, com algumas variações, submetemo-nos em cada mandato que termina, a um sufrágio eleitoral, apresentando não só o que foi feito, como o programa eleitoral para os anos seguintes, e submetemo-nos, digamos assim, à votação de uma Assembleia Geral... e eu já passei seis vezes por esse processo. Em 2013 haverá eleições de novo, na Associação, portanto, é um pouco assim que funciona e, claro que o meu trabalho, aqui no Centro Cultural Português, permite-me também ir resolvendo questões relacionadas com a Associação. Tenho uma liberdade, em termos de horário, bastante grande, até porque os horários de ensaio em Cabo-Verde são sempre em período pós-laboral para os outros... portanto, aquilo que é pós-laboral para os outros para mim é laboral...

Mas isso faz parte da vida artística, não é só nas artes cénicas, pois não?

Exatamente. Eu trabalho mais à tarde e à noite, sim... e, digamos assim, que as minhas funções de Presidente da associação Mindelact vão sendo exercidas naquilo que forem os meus tempos livres, em relação àquilo que é o meu trabalho, aqui no Centro Cultural Português.

Ok... e entretanto, como programador do festival...

Sim, o festival tem, aliás a associação tem, estatutariamente definida, para além desses órgãos, o cargo de Diretor Artístico do Festival, portanto, o Festival Internacional de Teatro do Mindelo. O Mindelact é, sem dúvida, a principal atividade da Associação, pelo menos a mais mediática. Há outras importantes, nomeadamente a manutenção do centro de documentação, que é algo absolutamente inovador, pelo menos no panorama da chamada África da Língua Portuguesa. Temos também edições várias, temos o Março, o mês do teatro, que realizamos no mês de Março mas, obviamente, o festival Mindelact é, digamos assim, a mais pungente, a mais importante, aquela que tem até um impacto maior naquilo que é o panorama cultural de Cabo-Verde, não é? E nesse sentido nós prevemos estatutariamente a existência de um cargo que não é legível, portanto é um cargo em que a pessoa é convidada pela direção, de Diretor Artístico do Festival. Neste caso, neste momento, eu acumulo as duas funções. Sou Presidente da Direção e faço a Direção Artística do Festival. Nesse sentido sou um dos principais responsáveis pela programação, mas é assim que funciona. Por exemplo, eu posso não ter mais nenhum cargo de... no festival, não ser da direção, mas ser convidado pela direção, para continuar à frente da Direção Artística do Festival, estatutariamente a associação permite que isso aconteça.

São coisas que podem ser separadas, não é?

Sim... são coisas que podem ser separadas, sim...

Agora, focado no festival, propriamente dito... está aqui, no Festival, enquanto programador do Festival, por inerência do Centro Cultural Português e do Instituto Camões, o tal extinto, não é? Mas porquê em Cabo-Verde e no Mindelo?

O quê? O festival?

Sim...

Ou eu?

Podemos separar...

O festival acontece aqui porque eu estou cá, não é? É importante que se diga... aliás, está escrito, em relação ao teatro, que o Centro Cultural Português foi, digamos assim, a semente que depois deu origem àquilo que é hoje, o punjantar do Mindelact, não é? Portanto... isto tudo começou com um curso de iniciação teatral em 93 e... depois em 95, alguns elementos desse curso, que entretanto se formou em grupo, não é?... o grupo de teatro do Centro Cultural Português... resolveram avançar com um pequeno festival de teatro, ao qual nós demos depois o nome de Mindelact... Festival Mindelact, ainda na altura não era festival internacional...precisamente por causa dessa perceção de que em Agosto havia uma grande movimentação cultural, principalmente ligada à música, e que depois a vida cultural morria um pouco... caía completamente... portanto, o festival acabava, as pessoas iam embora e não acontecia nada, mais nada... aliás o facto de ser em Setembro também está relacionado com isso, não é? E esse sempre foi em setembro, nunca foi alterado nesse especto... e portanto, foi uma iniciativa de meia dúzia, não mais que isso, de pessoas ligadas ao teatro, e neste caso até ligadas ao Centro Cultural Português, que avançaram com o projeto de fazer um pequeno festival de teatro... a primeira edição contou com a presença de três grupos de teatro, dois de São Vicente... o grupo de Teatro do Centro Cultural Português, o grupo de Teatro Francavaquinho, que já não existe... e o grupo de Teatro Juventude e a Marcha de Santo Antão, que veio e que foi muito importante, porque eles também, na época, já tinham uma grande popularidade... foi importante, eles...

E continua activo ?

No activo e muito populares, não é? E portanto, eles são fundadores deste festival. Só depois dado, enfim, o sucesso da iniciativa... e nós fizemos isso praticamente sem dinheiro nenhum, não é? Os grupos vieram e fizeram os espectáculos, nós conseguimos apoio a custo zero para o material gráfico... conseguimos apoio, também muito importante, da imprensa, nomeadamente da imprensa escrita, para fazer divulgação do Festival, e teve um impacto enorme... tanto foi assim, que nós decidimos avançar para a constituição de uma associação

que fosse mais abrangente e que fosse muito além daquilo que é o núcleo teatral do Centro Cultural Português...

E se calhar também dar-lhe uma outra visibilidade...

Uma outra visibilidade e envolver outros agentes teatrais, envolver pessoas ligadas ao teatro, envolver pessoas que não estão ligadas a nenhum grupo mas que têm uma paixão pelas artes cénicas... por exemplo, a Luísa Queirós, o Leão Lopes... são fundadores do Festival, estiveram presentes na primeira Assembleia Geral... e isso tudo, foi precisamente no sentido de dar, e até de também tornar uma actividade que nós, enfim, conseguimos perceber que tinha um grande potencial... torná-la independente de uma instituição que, seja como for, é uma instituição estrangeira... sem pôr em causa a importância do trabalho que o Centro Cultural Português desenvolve aqui, mas é importante que um festival dessa natureza fosse uma iniciativa dos agentes locais, não é? E então, daí termos avançado com a fundação da associação que nasceu em 96... a primeira edição do Festival foi em 95, a associação nasceu em 96... nós, inclusive, tivemos um problema nos anos seguintes... que foi um pouco a confusão daquilo que se fazia, entre aquilo que era o Centro Cultural Português e a associação Mindelact... e muitas vezes, inclusive, a minha companhia é designada por companhia Mindelact ou grupo de teatro Mindelact, e é uma confusão que se estabelece não só por... enfim, pela pessoa que era, à frente dessas duas instituições, digamos assim, ser a mesma... mas é algo que acontece em todo o lado, não é? Portanto, existe uma associação que de alguma forma faz... promove um festival... e cada um, dentro dessa associação, tem a sua atividade no seu grupo de teatro... portanto, acontece o mesmo comigo, de uma forma tranquila... houve sempre essa necessidade de separar as águas e de explicar às pessoas, que uma coisa era o grupo de teatro do Centro Cultural Português, outra coisa era a associação Mindelact... sendo que, sublinhando muito bem... a associação Mindelact não é, nunca foi e nunca será uma companhia de teatro... não tem essa vocação e não vai ter, porque não é essa a sua natureza...

E qual é a sua natureza, já agora?

É aquela que está definida estatutariamente... principalmente no ponto um dos estatutos nos objetivos, não é? Ajudar a promoção do teatro em Cabo-Verde, a organização do festival internacional, do Março, mês do teatro... promover e incentivar a edição de obras ligadas à dramaturgia nacional, enfim... há todo um leque... promover o intercâmbio teatral, não só entre grupos de teatro nacionais como não nacionais... portanto... todos esses parâmetros estão definidos nos objetivos da associação, que definem aquilo que é a natureza do seu trabalho.

As artes cénicas, como já acabou de mencionar, faz parte da tradição deste país... ma, há outras tradições artísticas aqui no Mindelo... qual é que acha que é a razão de ser desta tradição, já de há longa data... destas expressões artísticas?

O teatro... eu não diria bem que fosse uma expressão artística com carácter tradicional... o teatro viveu sempre de altos e baixos ao longo da sua história, que foram definidos pela existência de lideranças fortes... isso acontece desde o Século XVIII, portanto... alguém que aparece, que toma conta de um grupo, de uma iniciativa, de uma atividade... que se fixa durante um, dois, três anos e que, de alguma forma, mexe um pouco com o ambiente teatral... depois essa pessoa, por razões principalmente sociais, porque tem de emigrar... na maioria dos casos, é essa a razão... ou mudar de ilha inclusive... e essa liderança perde-se e a atividade morre ou o grupo desaparece... portanto, digamos que isso é recorrente. Este período já longo, de quase vinte anos de pungência, digamos assim, das artes cénicas em Cabo-Verde, são o resultado da manutenção de uma equipa... e portanto, onde esse problema não se colocou, obviamente que um dos nossos grandes objectivos, eu acho que esse objetivo já está conseguido, é pensar que esta liderança constituída por uma equipa, não só por uma pessoa, por alguma razão sair da associação, que todo o trabalho que foi feito não vai desaparecer... portanto, que há gente, que há grupos de teatro, que há um público que exige que isto aconteça... há todo um ambiente criado que faz com que, digamos assim, essa fatalidade histórica não tenha de acontecer em relação àquilo que é o nosso momento hoje, não é? E portanto, digamos assim, que é preciso as pessoas saberem que, quando nós começámos em 95 ou quando começámos a fazer teatro em 93, era muito difícil nós convencermos as pessoas a sair de casa para ir para o teatro, muito difícil mesmo...e é com muita satisfação que a gente vê hoje pessoas desesperadas, isto no bom sentido do termo, à procura de um bilhete para ir ver um espetáculo de teatro... é resultado dessa grande evolução, dessa luta de muitos anos, de muita gente, de muitos grupos e, portanto, nem tudo foi um mar de rosas desde o início... tudo o que a gente tem hoje foi conquistado... eu costumo dizer que a gente conquistou cada uma das pessoas que vai ao teatro hoje e que gosta do teatro, principalmente aqui no Mindelo, não é...

Mas isso aí no teatro... eu referia-me agora às outras expressões artísticas que são emergentes aqui no Mindelo... música, expressão plástica, literatura de grandes poetas... como é que se encontra isso no Mindelo?

Eu acho que é...como é um país que não tem riquezas naturais nenhuma, não é? Tem o mar, tem o sol, e tem aquilo a que nós chamamos o factor humano... e o factor humano de alguma forma, reflecte-se principalmente naquilo que são as manifestações culturais, isto é,

digamos assim, um análise sociológica que eu não estou preparado para fazer... ou antropológica, se quisermos... mas a minha leitura é essa, ou seja, são manifestações resultantes dessa necessidade de o cabo-verdiano se exprimir...

Mas isso podia acontecer nas outras ilhas, e a verdade é que acaba por acontecer só mesmo no Mindelo...

Não... acontece em todas as ilhas... eu acho que a força, a dinâmica e a importância que têm, digamos assim, todos os leques de manifestações culturais em Cabo-Verde, são transversais a todo o arquipélago... para mim, isso é claro... não tenho nenhuma visão Mindelo Centrica daquilo que é a cultura em Cabo-Verde, antes pelo contrário... se formos pensar, por exemplo, nas Festas da Bandeira da Ilha do Fogo... são das festas populares mais incríveis e fortes, com carácter cultural fortíssimo, acontecem na Ilha do Fogo... podemos pensar que aquele que é o patrono da cultura cabo-verdiana hoje em dia, até do ponto de vista oficial, que é o Eugénio Tavares, é um poeta nascido e criado na ilha da Brava... temos a tabanca, que é essencialmente uma manifestação cultural da ilha de Santiago... hoje os poetas de maior expressão em Cabo-Verde são quase todos da ilha de Santiago, nomeadamente da ilha da Praia... Estou-me a lembrar do José Luís Tavares, do Filinto Elísio, do Armando Vieira, são praticamente todos da cidade da Praia, mas essa questão para mim é redutora, não é?, dizer onde tem mais, onde tem menos... acho que a importância daquilo que são as manifestações culturais cabo-verdianas é, para mim, claramente transversal a toda a realidade cabo-verdiana e não apenas ao Mindelo. Em relação ao teatro, e ao Festival em particular, eu costumo dizer que muito dificilmente o Mindelact poderia acontecer noutros sítios... por isso se chama Mindelact, não se chama Caboverdact ou outro nome qualquer. E eu digo isso porque tem a ver principalmente por uma questão da posição geoestratégica da cidade do Mindelo que, de alguma forma, provocou, isto está estudado, não é?, a abertura que a cidade e a sua população têm para receber coisas que vêm de fora, de alguma forma assimilá-las, torná-las delas próprias... não é por acaso que um dos maiores poetas da historiografia literária de Cabo-Verde, um dos maiores poetas do Mindelo, é o Sérgio Frusoni, que tem origem Italiana, não é? Portanto, há essa capacidade de absorção, da recepção daquilo que é inicialmente um corpo estranho e depois deixa de ser um corpo estranho, passa a ser um corpo próprio... entranha-se... primeiro estranha-se, depois entranha-se... depois, enfim, acaba por ser outra coisa... com certeza que o poeta Sérgio Frusoni não seria o mesmo poeta se nunca tivesse vindo para Cabo-Verde, se se tivesse mantido em Itália... assim como eu não seria o mesmo encenador se tivesse ficado em Portugal... Mindelo tem isso de facto... essa abertura e essa receptividade àquilo que inicialmente pode ser encarado como um corpo estranho à

sociedade, não é? E da, o facto de ser uma cidade pequena, onde toda a gente se conhece, uma cidade muito orgulhosa de si própria, embora, ao mesmo tempo, também um pouco apática daquilo que são os seus grandes problemas... e eu escrevi...

Isso até parece um pouco contraditório....

Mas eu escrevi uma crónica, que se chama a Cidade do Pecado... descreve precisamente essa dicotomia, do que é que é a cidade do Mindelo hoje... é uma cidade onde tu, no meio da rua, estás a andar e és abraçado carinhosamente por uma pessoa, e depois estás a atravessar a esquina e levas uma facada nas costas de um outro... portanto, está sempre na corda bamba, é uma cidade cheia de contrastes, não é? Mas que tem, exactamente, essa possibilidade... por exemplo, até a nível organizacional de facilitação... este ano isso é muito claro... nós mandámos cartas a praticamente todos os prestadores de serviços, nomeadamente na hotelaria, a dizer, “amigos este ano fazemos ou não fazemos... para fazer precisamos da colaboração de todos, portanto, o que estamos a pedir é muito simples... vocês têm um hotel ou uma residencial que têm trinta quartos, nós só queremos que nos ofereçam um”... e nós conseguimos baixar em quase 50% os custos de alojamento à conta de um carta que foi escrita e enviada para os hotéis... portanto, houve essa percepção da importância que o Festival tem para a comunidade e da valorização que existe para a própria empresa, neste caso são o hotel ou residencial, para dar o seu contributo ao Festival mesmo que seja só com um quarto... há esse especto que é importante reforçar...

Em Cabo-Verde, e dentro duma contextualização Africana, há outros festivais... conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

O contexto que eu conheço melhor é o dos países africanos de língua oficial portuguesa, não é? Moçambique teve um festival, que teve, salvo erro, três edições, chamado Festival Teatro D’Agosto, que ocorria precisamente no mês de Agosto em Maputo... só que deixou de ser feito... teve três edições, nem sequer foram consecutivas, e nunca mais voltaram a fazer... em Angola foi realizado, já com duas edições não consecutivas, um festival internacional de arte, acho eu... que é organizado pelo Elinga Teatro... precisamente, a companhia vai ser homenageada este ano, no festival...

Portanto, o de Angola está activo e o de Moçambique não?

Sim... o de Angola foi feito este ano, portanto podemos dizer que está ativo, o de Moçambique não... em relação ao contexto africano... eu não conheci muito bem, mas a percepção que eu tenho, até de pessoas que vêm cá, do continente africano... é que em muitos países existem festivais, mais do que festivais de teatro, festivais de expressões artísticas, em que há muita mistura... principalmente folclore, com as danças, com as precursões, com

manifestações da música... agora, especificadamente de teatro, como é a natureza do Festival Mindelact... obviamente com o alcance que o Festival Mindelact tem hoje, eu... embora não conhecendo muito de perto, digamos assim, a realidade de cada um dos países africanos, acho que não há muitos... há um ou dois na África subsaariana, no Egito, na Tunísia, em Marrocos... mas nada que se compare com aquilo que é o Festival Mindelact...

E há alguma interação na programação do Mindelact, com estes festivais?

Não, nenhuma...temos muito pouco contacto... no caso de Moçambique não, aí não houve contacto nenhum... mas no caso de Angola houve...

Porque é que achas que isso aconteceu?

Com Angola, foi porque é um país que permite, de uma forma espantosamente fácil, a circulação das suas companhias de teatro...

Já falaste um pouco da maneira como divulgam o Mindelact aqui, em Cabo-Verde, sobretudo no Mindelo... como é que fazem essa passagem de informação, de marketing, a nível internacional... no território internacional?

Eu penso que há dois canais... há um canal normal, digamos assim, que é aquele que é feito pela comunicação social... existe um grande interesse dos canais de comunicação social ligados ao chamado, mundo lusófono, em fazer a divulgação do Festival... estou-me a lembrar da RTP África, RDP Africa mas não só... da própria BBC,... há toda uma série de canais da comunicação social...

E isso chega, portanto, às pessoas com facilidade?

Chega às pessoas com facilidade, mas eu diria que o nosso principal canal de divulgação são os grupos e os próprios agentes que participam... portanto, vêm cá e levam informação... levam não só o material de divulgação de grande qualidade, os cartazes, os bilhetes, os programas... e há muita divulgação que é feita por aí... o Festival Mindelact é conhecido praticamente por... eu diria, por toda a gente que faz teatro nos países de língua oficial portuguesa, incluindo o Brasil e Portugal. É conhecido... não há nenhum grupo ou companhia que não tenha ouvido falar, ou pelos meios de comunicação social ou por algum colega que já tenha estado cá.

Quais são as razões que achas que geraram a participação de determinados países, inclusivamente alguns mais improváveis?

Tem a ver com a nossa abertura, sobretudo para receber tudo. Nós sempre fizemos questão de sublinhar o carácter não lusófono do festival porque, sobretudo, nós afirmamos o Festival Mindelact como festival de teatro enquanto linguagem universal, que pode ser de alguma forma expressa por qualquer tipo de cultura, qualquer tipo de país... inclusive

qualquer tipo de espectáculo que tenha, digamos, alguma ligação à arte cénica. Neste caso nós sempre tivemos a preocupação de ter uma maior diversidade possível de propostas, e essa maior diversidade possível engloba obviamente os países que estão representados... por exemplo, quando nós sabemos que a República Checa é um país que tem uma fortíssima tradição de teatro de marionetas, nós temos todo o interesse em ter estes grupos aqui...

O contacto com os outros países contribuiu para algumas alterações, e mesmo aprendizagens, nas suas programações quando vão para o seu país de origem?

Eu não sei... de um ponto de vista artístico acho que não... acho que a mais-valia do Festival é o que ela traz no ponto de vista humano, não é? Obviamente, é uma experiência para cada pessoa que participa, seja ela de que nacionalidade for... reflecte-se numa experiência muito agradável de partilha, de troca de experiências. Não me parece que o facto de as companhias estarem aqui e de verem o trabalho uns dos outros, os faça mudar aquilo que é o seu rumo e o seu caminho enquanto criador...

Mas levam um modo de estar diferente...

Levam um modo de estar diferente... por exemplo, uma das coisas que é muitas vezes referenciado, é precisamente o público, um tipo de público, ao mesmo tempo exigente e generoso, que reage muito... claramente diferente do público que encontramos em Portugal, que é muito taciturno, que praticamente não reage, que aplaude de pé goste ou não goste... o lado protocolar tem mais força, digamos assim, do que a forma com que o espectáculo está a tocar durante a apresentação...

E na produção?

Na produção não sei... eu duvido que num outro lugar fosse possível fazer o Festival que nós fazemos aqui, onde dois terços dos custos não são assumidos pelo próprio festival... as companhias produzem a sua própria participação, as cooperações internacionais também dão o seu contributo, as pequenas e médias empresas locais, etc... essa experiência de produção, nós não temos muitas conversas com as pessoas... eles sabem e têm noção, dado à pequenez de um país como Cabo Verde, um país pequeno, com uma população muito reduzida... essa escassez de recursos é que permite que as pessoas aceitem participar na festa e contribuir para a festa...

Depois de as companhias teatrais de outros países terem cá estado, tens ideia que elas comuniquem entre elas... que isso possa, eventualmente, gerar novos públicos, também através da comunidade desses países que interagem?

Eu acredito que haja influência... por exemplo... vou dar exemplo de duas companhias portuguesas... o Art'imagem do Porto, que já cá esteve várias vezes, e naquela

que foi a sua terceira participação resolveu encenar um texto de um autor cabo-verdiano... obviamente que isso foi feito por causa das suas participações anteriores e por ver que havia um potencial naquele texto, que lhe podia eventualmente abrir muitas portas, nomeadamente, por exemplo, no Brasil, que é um mercado fantástico para as companhias de teatro, nomeadamente, lusófonas... e mais fantástico ainda, quando, digamos assim, existe no próprio espetáculo essa possibilidade de incluir várias nações, numa peça só... neste caso o encenador era português, um dos atores era cabo-verdiano, o texto era cabo-verdiano... no ano passado o Art'imagem também trouxe um monólogo de um autor português novo... o espetáculo chamava-se, “por um punhado de terra”, e era um monólogo interpretado por um ator cabo-verdiano, que era o Flávio Hamilton... aliás, fez-se e nasceu precisamente aqui, nas escolas do Centro Cultural Português, depois foi para o porto e hoje é um profissional de teatro muito solicitado nas companhias... portanto, essa ligação existe... o outro exemplo que eu dou é o do teatro meridional, que tem uma série de espetáculos... acho que já fez dois dentro dessa série, são chamados, “contos em viagem”, e um dos contos em viagem que fizeram foi dedicado a Cabo Verde... chama-se, “contos em viagem em cabo verde”, com a Carla Galvão como protagonista... e eu acredito que essa escolha, de alguma forma... abordar o universo crioulo, tenha tido alguma responsabilidade do facto do teatro meridional ter cá estado várias vezes antes... digamos assim, de terem feito esses espetáculos. Um outro exemplo interessante, em 1998, e isso é um caso único até hoje... foi feita uma coprodução entre dois grupos de teatro africanos, um de Cabo Verde e outro de Angola... o grupo de teatro do centro Cultural Português e a companhia Elinga fizeram uma produção, um espetáculo chamado “os velhos não devem namorar”, de um autor galego, encenado por um angolano, com um elenco do Centro Cultural Português... e essa coprodução foi combinada e acertada na edição anterior, em 97...

Já é um reflexo bastante grande na programação, não é?

É um reflexo bastante grande, obviamente... Eu acredito também, que o facto de o Mindelact existir e estar a acontecer, também possa ter sido motivador para o aparecimento desses festivais, não é?... nomeadamente o Festlip do Rio de Janeiro e o Festlusu de Teresina... mas são festivais de carácter unicamente lusófono... o facto do festival Mindelact existir como, digamos assim, um espaço de partilha e de encontros... tenha também incentivado o avanço dessas iniciativas que são recentes...o Festlip, eu acho que foram quatro edições, e o Festlusu quatro também... e infelizmente ambos foram cancelados este ano por falta de verbas...

O Mindelact no próximo mês vai ter a sua décima oitava edição... como é que explica o sucesso dessa continuidade com cada vez mais adesão, num país com poucos recursos?

Eu acho que é resultado de tudo o que já falei até agora... tem a ver com o local, tem a ver com a cidade, tem a ver com uma coisa importantíssima do meu ponto de vista, que é ser um festival organizado em grande escala e na sua maioria por gente se teatro... não é uma produtora, não é uma empresa, não é uma instituição, seja ligada ao Estado ou não, que resolve fazer uma atividade da promoção do país, etc... não são burocratas... são artistas que estão a fazer o festival... artistas ligados ao teatro e portanto essa imagem de vestir a camisola do festival é muito forte... o festival Mindelact serviu, e tem servido até hoje, como um importante catalisador da manutenção dos grupos de teatro em Cabo Verde, porque funciona como uma meta que as companhias têm... eu existo e uma das razões para existir é porque eu quero estar lá... portanto, muitos grupos que existem, principalmente em regiões ditas periféricas, como na Ilha do Fogo, na Brava, na Boavista, no Sal... têm pequenas companhias que se mantêm ou que nascem, e que um dos objectivos é poder estar no Mindelo em Setembro... portanto, o festival funciona muito como um factor motivacional que é fundamental para quem faz teatro em Cabo Verde, porque... não há muito retorno, não é?... retorno financeiro não há rigorosamente nenhum, e então tem a ver com isso, com esse amor à camisola, tem a ver com todo este trabalho ter originado um público fantástico, das pessoas virem e se sentirem muito bem... é interessante verificar que, agora menos, mas muitas vezes no passado, algumas companhias que vinham pela primeira vez desconfiavam um pouco... não sabiam muito bem onde se iam meter, como é que isto era organizado por artistas, nem sequer pagam as viagens, como é que é, como é que não é... mas, o facto é que eu não conheço nenhum caso de um grupo que tenha vindo e que não tenha tentado voltar... portanto, muitos deles... inclusive, o que me deixa curioso... para mim às vezes até é um pouco aborrecido... no próprio festival já estão a tentar seduzir para vir no próximo ano, e passados dois, três dias dizem, “isto é incrível, olha vamos combinar no próximo ano, queria trazer não sei quê, não sei quem”... calma, calma, estas cá este ano, curte...

Isso é bom... é um sentimento que é gerado logo de início... e o que é que acha que leva a esse sentimento?

São todas essas coisas... pormenores que não são pormenores, são pormenores não é? Eu tive sempre uma guerra, entre aspas, pessoal com a dona do restaurante onde as pessoas comem há quase dezoito anos, que é o nosso grande parceiro... o restaurante residencial saudade... que tem uma vista fantástica sobre o Mindelo, é um sítio muito agradável lá em

cima... e a minha guerra, entre aspas, com a senhora, que eu chamo de minha mãe preta... temos um relação de muito afeto um com o outro... é eu dizer que quero as mesas todas juntas, não quero cá mesas separadas... hoje já está convencida, já não é preciso ir lá e dizer, "junte as mesas"... e daí... naquele que são dois momentos importantes naquilo que é a nossa rotina de 24 horas... que é o momento da comida... nomeadamente, aqui em Cabo Verde tem uma importância grande, não é?... um país que viveu fomes... fazer desse momento, um momento partilhado, onde todos comem numa mesma mesa... são pequenos pormenores como esses que de alguma forma refletem e justificam o sucesso que o festival tem...

Os pequenos momentos de convívio, não é?

Exatamente, é tudo isso, não é? E os artistas têm, de uma forma geral, uma grande sensibilidade em relação a certas coisas, e o facto de, por exemplo, tu vens de fora a montar um espetáculo, a preparar o teu espetáculo que vai ser apresentado à noite e vês que toda a equipa que está atrás da areia que tu pediste, à procura de uma cadeira específica que tu pediste à produção, que está a montar as tuas luzes, que está preocupada com a venda dos teus bilhetes... todas essas pessoas são atores, atrizes de outros grupos de teatro, não é? E todos eles estão a trabalhar para o teu espetáculo... isso é uma coisa muito especial, não é? Costuma-se até dizer que, no mundo artístico, as pessoas são muito de inveja e de não quererem trabalhar juntas e de terem, enfim, muito o olhar virado para o próprio umbigo... o facto de terem uma equipa inteira à disposição da própria companhia, e nessa equipa nove em cada dez pessoas serem gente de teatro, isso... obviamente reflete-se na forma como as pessoas se sentem bem recebidas...

Só de teatro ou das artes, de uma maneira geral?

Não, teatro mesmo... eu digo nove em cada dez, porque depois há a senhora da limpeza, o motorista... enfim... pequenas atividades, digamos assim, mais profissionais, em que essas pessoas, aí sim, são contratadas pelo Festival.

João, o Festival consegue sustentar-se totalmente, a nível financeiro?

Depende dos anos... às vezes sim, outras vezes não... há anos em que nós só conseguimos terminar de pagar o Festival no ano seguinte... já com o dinheiro do Festival do ano seguinte. Há, claramente, anos melhores e anos piores. Isso tem a ver com dois fatores... com questões relacionadas com o mercado, ou seja, nota-se que as coisas, efetivamente estão mais caras... é mais complicado... porque os custos sobem um pouco mais acima daquilo que nós tínhamos orçamentado. E o outro também, que... a nossa expectativa de... de verbas angariadas através dos patrocínios locais, ficam aquém da expectativa... mas entretanto a

programação está definida, e não podemos desconvidar quem já convidámos... e acabamos por ficar com algumas dificuldades. Dizer que... em relação a isso... a maior parte de... mais de 50% daquilo que são os custos efetivos do Festival são pagos indiretamente... ou com a força do trabalho, ou através do voluntariado, ou através de... de patrocínios que as próprias companhias conseguem nos seus locais de origem... que, obviamente, não entram nas contas do nosso Festival... ou através da cooperação internacional, que se oferece para trazer um determinado espetáculo... às vezes propondo esse espetáculo, outras vezes somos nós que o propomos... ou seja, esse espetáculo a representar o país... e pagando também, diretamente, todas as despesas, com exceção do alojamento e da alimentação. Ou seja, se somarmos essas três coisas, a força do trabalho, em que cerca de 90 % das pessoas que trabalham para o festival, fazem-no gratuitamente.. as companhias que já vêm, muitas delas, com os seus custos, nomeadamente de transportes, cobertos... e também, o facto de a maior parte das companhias não cobrar cachet, portanto. E a forma de funcionar de algumas das corporações internacionais, sediadas em Cabo Verde, que em vez de dar dinheiro preferem... digamos assim, investir diretamente num espetáculo... faz com que consigamos fazer o melhor, com muito pouco dinheiro em caixa. Muito pouco mesmo... tendo em conta a dimensão que o Mindelact já adquiriu ao longo dos anos... qualquer pessoa que tenha a mínima noção de produção e gestão cultural... se eu disser qual é o dinheiro que gastamos para fazer este Festival, as pessoas não acreditam... não acreditam... acham que estamos a brincar. Não é por acaso que o Miguel Seabra chama o Mindelact, o Milagract... porque é realmente um milagre o que conseguimos fazer com tão pouco... mas, basicamente, são esses três fatores.

E como é que é realizado o financiamento do Festival? Faz-se por companhias, viagens... em termos de produção?... de rubricas... com é que?

Nós temos um orçamento interno do Festival que está dividido por rubricas, obviamente. Uma primeira componente relacionada com a participação das companhias... e, portanto, se há custos com passagens, se não há custos com passagens, quantos dias vão ficar, quantas pessoas são, onde é que as pessoas vão estar alojadas, quanto é que custa o alojamento, qual é o valor da alimentação e qual é a previsão dos custos para a montagem do espetáculo dessa companhia... juntando isso tudo a companhia vai gastar um x. Faz-se isso para todos os grupos que participam. E depois são... a segunda parte, digamos assim, dessa previsão orçamental, está relacionada com outro tipo de custos, nomeadamente de material gráfico, material técnico, custos com pessoal, gastos com secretaria, telecomunicações...

Qual é, em termos de percentagem, o financiamento que o Estado faculta para o Mindelact?

Se eu considerar o Estado, o Ministério da Cultura e a Câmara Municipal de São Vicente, eu diria que é menos de 20%.

Menos de 20%?

Sim.

E quer discriminar qual é a percentagem que pertence ao Governo e à Câmara?

É ela por ela.

10/10?

Há anos em que a Câmara dá mais que o Governo, neste caso o Ministério da Cultura... há outros... por exemplo, este é um ano em que o Ministério da Cultura vai dar claramente mais... vai ter um peso maior a contribuição do Ministério da Cultura no Mindelact 2012, do aquela que vai ter a da Câmara Municipal. Mas... equilibram-se, efectivamente. Há uma coisa curiosa em relação a esse aspeto, falando dessas duas instituições ligadas ao Estado... que no historial político-partidário de Cabo Verde, a Câmara Municipal de São Vicente... não sei por que carga de água isso sempre aconteceu... sempre esteve, à frente da Câmara Municipal, uma força política que era antagónica daquela que estava no Governo Central. Por exemplo, nos primeiros anos do Mindelact, nomeadamente, quando arrancámos realmente a sério... que foi em 95/96... que foi uma espécie de ano zero, experimental... estava na Câmara Municipal de São Vicente o Dr. Onésimo Silveira, que foi eleito como Independente... também é um caso único em Cabo Verde... e eleito com grande percentagem, com todos os outros partidos a concorrer contra ele... não era um Independente apoiado por grandes partidos... o Onésimo concorreu contra todas as forças políticas, nomeadamente as duas maiores, não é?... e ganhou com larga margem. Ganhou por causa de um discurso regionalista, de afirmação do Mindelo como força...

Mantém, ainda hoje...

Sim... mantém... já deu muitas voltas, ele próprio... e na altura, como seria expectável, ele andava às turras com o Governo Central, não é?... mas, nessa época, ele tinha um inimigo fidalgo... e os problemas entre eles eram tais, que já não eram adversários políticos, eram efectivamente, inimigos... que era o arquiteto António Jorge Delgado, que era na altura Secretário de Estado da Cultura. E nós vimo-nos numa situação de estar a tentar promover uma atividade cultural em que... nós não queríamos fazê-la, sem o apoio dessas duas instituições... sem o apoio do Secretário de Estado da Cultura e sem o apoio da Câmara Municipal de São Vicente, cujos responsáveis, na época, se odiavam de morte. E tanto um, como outro, afirmavam publicamente, que onde estivesse um, o outro não estaria. E o Festival

Mindelact foi a única atividade cultural... a única... e eu digo cultural, social... que teve o apoio dos dois, em simultâneo. E eles não foram enganados, porque nós fomos ter com um e dissemos “nós queremos sublinhar que este Festival vai ter o apoio de fulano tal”... e com o outro a mesma coisa... não é propriamente uma situação em que, de repente, olharam para o cartaz e se viram lado a lado... e de facto estavam lado a lado. E nós temos esse orgulho, não é?... de conseguir... de ter conseguido, sempre, ao longo dos anos, estar acima dessas questões político-partidárias... o que em Cabo Verde não é fácil. Porque é uma sociedade... mais do que extremamente politizada... até seria bom se fosse mas não é... é extremamente partidarizada... onde se não és amarelo és verde, se não és verde és amarelo e ponto final... ou seja, isso, de alguma forma, reflete uma sociedade extremamente partidarizada, que poderia de alguma forma ser um problema para um festival que estava a nascer, que estava a ser feito por artistas e que não era... e que nem queria estar, de alguma forma, ligado, ao ponto de se dizer que era uma atividade da Câmara, ou se era uma atividade do Governo... queria assumir e sublinhar a sua independência em relação a isso.

Há aqui uma questão que eu já tinha colocado, em um ou outro capítulo, mas tem a ver com... como é que é possível, com todos os recursos escassos que existem em Cabo Verde, agora sim do ponto de vista financeiro, dar continuidade... desta forma, em dezoito anos? Físicos, financeiro... Tem repercussões, com certeza, em termos da cenografia, guarda-roupa... toda a produção?... como é que se consegue...?

Como é que a gente se consegue manter? Sei lá... eu sei que todos os anos... todos os anos, mais ou menos a meio do Festival, eu juro que é o último... mas o facto é que depois, na cerimónia de encerramento, já estou a dizer até para o ano, já estamos a trabalhar no próximo ano... obviamente que nós já temos espetáculos marcados para 2013... marcados e fechados, não é?... portanto, as companhias já estão fechadas para participar no Festival do próximo ano e... e quando digo eu, digo toda a gente, o Daniel Monteiro...

Portanto, quer dizer que vai haver uma décima nona edição...

Em princípio, há-de haver... mesmo sem mim... o Festival Mindelact não é o festival do João Branco, não foi feito para ser assim... é um festival que tem uma pessoa na direção artística, mas que tem... muitas pessoas na equipa de coordenação, voluntários, a grande maioria ligadas a grupos e companhias de teatro e que vestiram esta camisola... e, portanto, acho que é isso que nós dá ânimo, não é?... saber que... não só pelas pessoas que trabalham, mas também pelas pessoas que assistem. É um Festival muito acarinhado pela cidade, pelo povo do Mindelo. A cidade toda, de alguma forma, gosta de ser ver refletida no Festival

Mindelact... porque tem muito a ver, também, com aquilo que é a natureza deste povo. Em primeiro lugar, adora festa... só aí está óptimo...

Pois, isso já deu para perceber...

E depois... já teve mais... mas se calhar, pelo facto de nós podermos dizer que já teve mais, o Mindelact acaba por adquirir uma importância maior enquanto... motivação para um orgulho da cidade, que é uma capacidade criativa muito grande que a cidade sempre demonstrou... mas, como eu estou a dizer, já demonstrou mais... aquilo que me parece é que, por exemplo, se não existisse nenhum festival de teatro... e que hoje houvesse essa necessidade de fazer, eu diria que... como está hoje o Mindelo...o Mindelact não teria acontecido. Ou seja, não haveria possibilidade de encontrar um conjunto de pessoas com vontade de fazer o que nós fizemos em 95/96... porque neste momento as coisas são... as pessoas estão mais instaladas...

Mesmo a questão das pessoas gostarem aqui muito de festa... os outros dois eventos, anuais que acontecem em termos de festas, são de um cariz completamente diferente, não é?... Falando no Festival Baía das Gatas e no Carnaval... tem alguma relação com o Mindelact?

Mas os dois, por exemplo, ao contrário do Mindelact, são organizados diretamente... organizados e produzidos pela Câmara Municipal...

Pois... tem essa grande diferença

Tem esse suporte muito grande. Mas como eu estava a dizer, é que... hoje em dia, por exemplo, eu duvido muito... sou cético em relação à capacidade da cidade criar eventos, como aquele que o Mindelact é hoje... até noutras áreas... por exemplo, uma coisa que eu sempre disse... não entendo como é que uma cidade como o Mindelo, não tem uma bienal de artes plásticas...

Precisamente...

Nunca entendi... e eu, sinceramente, não acho que seja uma coisa difícil de organizar... não acho mesmo. E em todas as expressões das artes plásticas... a pintura, a escultura...

Porque há material e há pessoas muito válidas nesse sentido, não é?

E a cidade é incrível para fazer isso, tem espaços incríveis para expor e espaços alternativos de exposição. Podiam-se fazer coisas muito interessantes aqui, a esse nível... mas não aparece ninguém para fazer... por exemplo, a ideia de ter, também, um encontro internacional de escritores... Mindelo é fantástico para isso. E o Festival de Jazz... já não vamos ter, e sabe porquê?

Porque é na Praia... E conforme há a extensão do Mindelact na Praia... não há possibilidade de fazer, também, uma extensão do Festival de Jazz, da Praia para aqui?

Não sei, mas será sempre o Festival... será sempre o... como é que se chama?...Kriol Jazz Festival... será sempre o Kriol Jazz Festival da Praia... podem ter quarenta espetáculos aqui, mas a marca está... a marca está sustentada. E embora... acho que estão na 4ª edição... conseguiram em quatro edições, de facto, fazer algo que as pessoas admiram... precisamente por causa dessa capacidade criativa. Claro que na música é um pouco diferente, porque por trás do Festival está a Indústria... o principal mentor do Kriol Jazz Festival é o Djô da Silva, que é o maior empresário musical de Cabo Verde.

Exato...

É diferente... e no caso do Mindelact não... por trás do Mindelact não está a Indústria, está o artesanato...

Passando ao lado do financiamento do Estado e desse apoio social... e do privado? Há empresas a participar?

Sim, há empresas a participar... mas... tenho alguma dificuldade em falar disso, porque... tenho que dizer que cada um dá o que pode... quem dá o que tem, a mais não é obrigado... a cavalo dado não se olha o dente... enfim, há todos esses ditados populares... temos sempre de receber de braços abertos aquilo que nos é ofertado... mas todos os anos é muito difícil conseguir a confirmação de cem contos... às vezes até de cinquenta contos... houve uma empresa que nos deu, o ano passado... não deu, patrocinou... quinhentos contos, que são mais ou menos quatro mil e quinhentos euros, e que este ano baixou para cento e vinte e cinco contos. E sem qualquer tipo de justificação... uma empresa que não tem, certamente, problemas financeiros... porque é uma das empresas mais ricas do país e com lucros fenomenais, portanto... são critérios, às vezes, que dependem muito... feliz ou infelizmente, da boa disposição da pessoa que assina o papel.

Então o financiamento do privado passa por... por disposições...

Passa muito por isso... por disposições, e por... nos últimos anos temos tido uma pessoa que teve uma empresa, depois entretanto foi para outra, e gosta muito do Festival... e que nós conseguimos, durante esses anos, por influência dele... porque é uma pessoa que admira o nosso trabalho... conseguimos patrocínios dessas duas empresas. E no dia em que ele sair e for para lá outro, provavelmente vamos perder esse financiamento... portanto... depende muito, de facto, da pessoa gostar de teatro, da pessoa gostar do João Branco... vai a esse ponto, quer dizer... ao ponto de podermos perder um patrocínio... e dar para o Mindelact é... é um pouco a esmola, que é uma coisa que me irrita...

Pois é... porque de alguma maneira também é uma falta de reconhecimento, não é?

Porque aquilo que eu digo é...você dão ao Mindelact uma verba e nós damos-vos a possibilidade de estarem associados a uma marca, que é a marca do Mindelact... que é prestigiada e reconhecida em todo o Mundo... portanto... não é propriamente que as pessoas vão passar a comprar mais gasolina na Enacol, ou vão ali comprar mais telemóveis... porque a Telecom está lá, porque a Anacom está lá. Não há, digamos assim, um ganho direto naquilo que é a verba que a empresa dá e depois qual é que é o retorno que tem em relação a isso... eles são sempre muito preocupados com o retorno. Mas há um retorno que não é quantificável, que é a imagem da empresa, e aquilo a que chamamos a imagem social da empresa... o facto de estar associada a um festival de nome Mindelact... eu ainda penso, e continuo a defender isso, que traz esses benefícios... a esse ponto... não do ponto de vista comercial, mas do ponto de vista daquilo que é a imagem sociológica, digamos assim, da empresa no mercado.

E dentro dos patrocínios privados, há algo que se assemelhe a benefícios fiscais... como a Lei do mecenato...?

Nós mandamos sempre, todos os anos, para as empresas, a carta de reconhecimento oficial do Ministério da Cultura e... está escrito até, no âmbito da Lei do mecenato, que lhes permite saber que, o que tiverem a dar... a contribuir para o Festival... que isso pode ser deduzível, digamos, de impostos. Aquilo que nos dizem quando, de alguma forma, os abordamos sobre esta questão, é que o processo de se conseguir esse... esse abaixamento dos impostos... por intermédio da Lei do mecenato... é tão complicado que nem vale a pena a chatice... é uma chatice... tem que se preencher papéis, tem que se ir ao Ministério da Cultura, depois ao Ministério das Finanças... eles preferem dar o dinheiro e não se preocuparem mais com isso.

E noção de responsabilidade social, sente... em relação a outras empresas?

É exatamente isso... é aquilo que a gente ainda consegue este ano,... hoje em dia... precisamente por causa... e principalmente com empresas cujos centros de decisão estão no Mindelo. Nós muito raramente conseguimos ter um financiamento de uma empresa, cujo centro de decisão esteja na Praia. Ou seja, há exatamente esse orgulho em o Festival ser uma coisa da cidade da ilha... por alguma forma passa para as pessoas que estão à frente das empresas, que são pessoas daqui, não é? As empresas são sediadas cá e embora possam ter uma projeção internacional muito grande... obviamente têm... nacional e internacional... mas

isso facilita o facto do centro de decisão da empresa ser aqui, e não ser na Praia... dificulta as coisas.

Existe algum tipo de convenções ou portos... parcerias com entidades noutros países?... parceiros que tenham participado no Festival? E que suportem despesas inerentes ao Festival, obviamente, não é?

Já assinámos protocolos com a corporação portuguesa... e como eu lhe digo, as corporações, geralmente... nomeadamente francesa e espanhola... agora a brasileira este ano vai participar... não a nível protocolar, mas a nível da colaboração para espetáculos, não é? A Fundação Calouste Gulbenkian já foi nossa apoiante nos primeiros anos... foi fundamental...

E deixou de ser?

Deixou de ser... aliás, a partir da décima edição ele deixaram de dar dinheiro ao Festival, com o argumento, e eu acho que válido, de que nós já podíamos caminhar pelos próprios pés. Era um financiamento importante, e o facto é que eles têm razão... porque vamos fazer a 18ª edição, e o Festival não acabou pelo facto de terem deixado de dar dinheiro... claro que sentimos um pouco o chão a tremer mas... nada de especial... naquela época, a Fundação Calouste Gulbenkian dava quinhentos mil escudos portugueses... era um financiamento importante... e era, digamos assim, dentro dos nossos parceiros na época, um financiamento importante para nós. Quando deixou de existir fomos procurar alternativas... obviamente, como já disse, sentimos um pouco o abalo, mas depois foi tranquilo... tanto que hoje em dia, quando temos, por exemplo, a corporação portuguesa... que nos últimos três anos deu um valor substancial... sete mil euros... para nós é um valor muito bom. O protocolo terminou o ano passado... foi o último ano... e, obviamente, este ano, não foi renovado... com a situação em que Portugal está... e não ser renovado quer dizer que nós temos menos dinheiro para fazer o Festival, do que tínhamos o ano passado. Embora tenhamos dito à corporação portuguesa que era importante eles continuarem... nem que fosse a dar dois mil euros... eles continuarem presentes...

Exatamente... para continuar a haver um vínculo, não é?

Para continuarem o vínculo... foram Prémio de Mérito Teatral em 2010, onde toda a comunidade teatral de Cabo Verde reconhece o papel da corporação portuguesa... eles levam a estatueta de Prémio de Mérito Teatral e no dia seguinte cortam o financiamento ao Festival... mas tenho a certeza que às pessoas que estão à frente da corporação, lhes corta a alma, terem que tirar o subsídio ao Festival... tenho a certeza absoluta... é uma medida resultante daquilo que está a acontecer em Portugal, não é? E estava absolutamente à espera

que isso fosse acontecer... já passou aquela fase de levarmos as mãos à cabeça... não. Se cortaram aqui, vamos ver onde podemos ir buscar... vamos ver onde podemos poupar.

Ainda assim, há Espanha, França, e agora o Brasil, não é?

Espanha este ano não, também pelas mesmas razões. A França sim, vai patrocinar a vinda de um espetáculo...

Mas Espanha tem vindo a participar financeiramente...

Ajudou em 2009 e 2010... financeiramente não... indiretamente, pagando as passagens e o cachet da companhia espanhola que nós convidámos.

Sim, mas faz parte do orçamento, para todos os efeitos, não é? E é um pagamento em géneros, um patrocínio em géneros...

É... mas este ano não.

E que tipo de contrapartidas é que eles pedem? Questões de logotipo...

Por acaso os espanhóis não, mas os franceses sim... o aviso que é dado na sala ser em português, mas também em francês... ouvir-se a língua francesa é importante para eles... embora a gente faça um puco de batota porque a maior parte dos espetáculos que trazemos de França são de linguagem gestual, embora uma vez tenham sido eles a propor e nós achámos que era importante aceitar... pelo menos uma vez. Eu gosto sempre de vincar a liberdade de escolha em relação a isso... prefiro não ter apoio nenhum, do que estar a... daqui a nada, quer dizer, estamos a fazer um Festival em que a população espanhola decide quais são os espetáculos, em que os brasileiros decidem quais são os espetáculos... e eu estou aqui só para cumprimentar as pessoas que chegam... não estou para isso, não é? O Festival tem uma direção artística, e deve ser respeitada... sempre fiz finca-pé em relação a isso. Só que, de vez em quando eles fazem a proposta e a primeira coisa que eu faço, hoje em dia... na era digital e globalizada com a Internet... é muito fácil... vou ao YouTube ver o que é que é. E, portanto, basta ver que não é um teatrinho de escola, de brincadeira... com gente com um bom currículo, isso é importantíssimo... e isso aconteceu o ano passado, com um espetáculo de França chamado “Les Chaises”...o ano passado não, há dois anos... e a base do espetáculo era o texto, não é?... com dois atores já... digamos assim... mais velhos, com grande experiência... e as pessoas ficaram encantadas... mesmo tendo alguma dificuldade, ficaram encantadas... pela técnica... pela técnica dos atores... porque eles conseguiram, num espetáculo muito difícil do ponto de vista do texto, agarrar o público do princípio ao fim. Assim como já conseguimos ter um espetáculo do Peter Brook, apoiado pela corporação francesa, onde o texto é muito importante, mas de facto ali... a encenação e o trabalho do Peter Brook, para mim foi dos momentos mais felizes da minha vida como diretor da

Associação Mindelact... porque o Peter Brook é um pensador do teatro contemporâneo, que eu admiro mais do que qualquer outro... tenho os livros todos dele, vários deles na cabeceira... e nunca tinha visto um espetáculo dele. E eu estava muito receoso, não é? Mas amei o espetáculo... chamava-se “Siswe Banzi est Mort”... com dois atores africanos, do Mali... foi fenomenal... o texto foi em francês, não houve problema nenhum...

E como é que o público reage ao assistir a um espetáculo numa língua que não é o crioulo, não é o português...?

O público do Mindelo é um público que adora teatro... adora teatro. Nós criámos ao longo destas quase duas décadas um gosto pelo teatro que acho que... muito dificilmente desaparecerá... ou seja, na historiografia do teatro em Cabo Verde... o teatro aqui, principalmente no Mindelo, nos anos 40/50, viveu-se entre altos e baixos... onde os baixos, era baixo mesmo... era não haver teatro pura e simplesmente... não haver espetáculos, não haver nada... a média de uma ou duas peças por ano... duas era nos bons anos. Ou seja, um espetáculo de teatro era de facto um acontecimento... porquê? Pela sua raridade. E, portanto, não havia esse hábito e não havia esse gosto que há hoje... E não é só um gosto... é também um conhecimento e uma generosidade... são duas coisas que combinam muito bem e casam muito bem quando estão juntas... se só tens a generosidade e não tens o conhecimento, vais aplaudir até a maior porcaria que tu vires... mas também se só tens o conhecimento e não tens a generosidade, vais ser pedante e arrogante, não é?... porque só tens o conhecimento. Portanto, é importante que as duas estejam ligadas... e eu considero que o nosso público tem essas duas. Uma das razões que eu considero para as companhias virem... assim... quase que pagam para vir e para estar cá, é precisamente por causa do público. Não há nenhum grupo que eu conheça que tenha vindo cá e não...

Independentemente da língua...? Isto veio a propósito da língua...

Independentemente da língua... e não queira voltar. Todos os grupos que eu conheço, que já cá estiveram, querem voltar... todos. Tem a ver com essa energia boa que o público daqui dá. E isso tem uma grande importância porque, se os grupos de teatro não se sentissem bem... à 3ª, 4ª edição eu já não tinha mais ninguém para trazer.

O Mindelact tem mais fontes de receitas para além dos financiamentos públicos e privados?

Não.

Absolutamente nada?

Nada. Nós sempre recusámos quotas e essas coisas... não faria sentido hoje em dia... portanto, a nossa fonte de receita é única e exclusivamente... de patrocínios para o festival,

mas também, por exemplo, para edições... nós conseguimos há uns anos, assinar um acordo com Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, e com esse acordo nós tivemos financiamento para editar dois livros de dramaturgia... de dois dramaturgos diferentes. Já conseguimos, por exemplo, alguns financiamentos pontuais para nos ajudar no centro de documentação... do Mindelact... ou seja, nós não estamos só, digamos assim, à procura de financiamentos para o Festival... o Festival é uma das atividades da Associação Mindelact... é uma associação que tem muitas outras preocupações. Obviamente, o Festival Mindelact é aquela que é mais visível, mais pungente, tem um peso maior naquilo que é... naquilo que são as nossas atividades a longo do ano... mas há outras também, muito importantes.

Imagino que tenham receitas, mas... provavelmente de bilheteira, coisas assim... ou não?

Há, sim... na bilheteira temos, durante o festival, mas é irrisório, cada vez mais... por exemplo, nós fomos retirando sucessivamente a necessidade de pagamento às diferentes parcelas da programação... antes, todos os espetáculos eram pagos... hoje, nós vamos ter quarenta espetáculos no Mindelact em 2012, e só nove é que vão ser pagos, ou seja, trinta e um vão ser gratuitos... por isso, de alguma forma, a ideia é conseguir caminhar sucessivamente para a gratuidade pelo palco do festival.

E o curso de iniciação teatral que faz ao longo do ano, os alunos pagam? Ou não?

O que acontece é que a maior parte dos alunos estão a trabalhar para o Festival... ou seja, estão a vestir a camisola... muitos deles estão a participar em espetáculos, portanto, têm obviamente o direito de entrar como artistas ou o direito de entrar como Staff...

Mas a própria formação do curso?

Eventualmente, se aparecesse um aluno, aquilo que eu faria... tens de trabalhar nalguma coisa, nem que seja, sei lá, segurar um cinzeiro para as pessoas que fumam e para que a cinza não caia lá fora... alguma coisa tens de estar a fazer para adquirir o teu direito de estar dentro da sala... e isso é uma coisa que me dá... pessoalmente, muito orgulho... ser um Festival feito por pessoas do teatro, que marca a diferença também...

Qual é a sua perceção, relativamente à adesão da população de São Vicente e Cabo Verde... pelo menos de São Vicente já percebi que é total...

Muito boa... um orgulho muito grande no Festival... e de Cabo Verde também... o Mindelo - Praia têm uma rivalidade muito grande, por vezes uma rivalidade quase xenófoba, bairrista, medíocre e eu, felizmente, nunca fui nessa onda... quer dizer, uma das coisas que eu sinto de uma forma muito vincada quando vou à cidade da Praia, é um grande respeito e admiração pelo nosso trabalho e que é manifestado na rua, pelas pessoas e por outros artistas, e isso é um respeito que nós conquistámos... por exemplo, uma das coisas que, se for ver o historial do festival... nunca deixou de haver o grupo de teatro de Santiago... independentemente do teatro de Santiago estar mal, estar bem... foi sempre o que eu lhes disse quando discutíamos isso nas reuniões da direção, foi... a ilha de Santiago tem de estar representada, seja com um grupo da Praia, seja com um grupo de Santa Catarina, tem que estar representada, tem que estar no nosso festival...

Isso é uma questão estratégico-política?

É uma questão política, obviamente... e isso fez com que, de alguma forma, o festival nunca fosse visto como uma coisa fechada, na qual não tínhamos acesso... “porque nós somos do Mindelo, não somos de São Vicente... eles estão a fazer as coisas deles e a gente não vai conseguir entrar”... conseguimos sempre que o Mindelact nunca fosse visto dessa forma e ,inclusive, houve anos em que nós tínhamos espetáculos de grupos, nomeadamente da cidade da Praia, no palco principal, que se o critério fosse unicamente artístico, eu não programaria. E eu sinto muito, cada vez que vou lá, essa admiração pelo Festival, de toda a gente.

Acha que conseguiu fugir a essa questão desse bairrismo?

Precisamente por causa disso... abrir o Mindelact sempre... e digo mais, mesmo que grupos de teatro não pudessem participar, todos os grupos que manifestaram vontade de vir, sempre vieram... mesmo como observadores. O Festival Off começou em 2001, o Teatrolândia teve a sua primeira edição, salvo erro, em 2005 ou 2006, o Periferia em 2009... e este ano, 2012, temos o Teatro Performance... ou seja, nós fomos de alguma forma alargando as possibilidades de participação. Quando havia só o palco principal... estamos a falar das primeiras seis edições do Festival... se o Festival tinha 10 dias eram 10 espetáculos e acabou-se, não é? Ou seja, a possibilidade de os grupos participarem era muito mais baixa... e o que é que fazíamos? Como tínhamos sempre ações de formação dizíamos, “não, vocês não podem participar... não temos lugar... mas escolham dois elementos do vosso grupo, para virem para cá assistir, fazer as formações”... nunca recusámos a vinda de nenhuma companhia. Depois,

entretanto, a abertura do Festival Off foi inicialmente só para grupos nacionais... teve precisamente esse objetivo... começámos a reparar que os grupos vinham com representantes e não iam para as formações, iam só para a paródia, e que... no ano seguinte apresentavam um projeto que ainda era pior que o ano anterior. Ou seja, não havia uma aprendizagem pelo facto de terem cá estado como observadores... e começámos a achar que estávamos a deitar dinheiro fora... e então o Festival Off foi criado com esse objetivo... “você vêm, mas vêm fazer alguma coisa... venham mostrar trabalho... querem ir para o palco principal, passem por aqui primeiro”... entretanto o Festival Off até cresceu de uma forma tão grande, que se tornou internacional. Eu devo dizer que nós temos, por exemplo, para este ano, uma programação para o Festival Off, que em alguns anos, no início, não consegui ter no palco principal... do ponto de vista da qualidade dos espetáculos... isto dá para perceber o nível do Festival Off. Mas eu acho que essa admiração tem a ver com isso... com essa abertura que sempre houve... eu, neste momento, do ponto de vista pessoal, sou mais admirado fora de São Vicente pelos meus pares... claramente... grupos de teatro do Sal, do Fogo, da Boavista, da Praia, Santo Antão... têm uma admiração. Nos últimos quatro anos nós temos tido a preocupação de abrir o palco principal aos grupos de outras ilhas, chamadas ilhas periféricas... mas como é que fazemos isso? Por exemplo, um grupo do Maio já participou várias vezes no Off, e é sempre muito, muito fraco... quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista da encenação, dramaturgia... é muito fraco... com toda a boa vontade que eles possam ter, mas é muito limitado do ponto de vista da qualidade do trabalho. E nós não podemos... é cruel... pegar num grupo desses e pô-los no palco principal... não dá para fazer uma coisa dessas. Então qual foi o nosso pensamento? Nós apostámos em convidar encenadores já formados para ir para essas ilhas e para esses locais... geralmente, durante dois meses, não só para contar um espetáculo, como para dar formação a todos os grupos de teatro dessas ilhas... e há dois anos nós tivemos uma encenadora cabo-verdiana que formou-se no Rio de Janeiro, em Encenação, na Ilha da Boa Vista... o ano passado tivemos um encenador brasileiro, Luciano Brandão, na Ilha do Sal, a montar um espetáculo e a dar formação aos grupos locais... este ano temos um cabo-verdiano que está erradicado há muito tempo em Portugal, e agora em Barcelona, na Ilha do Maio, a montar um espetáculo e a dar formação, também... ou seja, essa preocupação de... “é importante vocês participarem, mas vamos deixar qualquer coisa”... por exemplo, esse grupo do Sal, com esse espetáculo que fez... conseguiu ir ao Brasil, fazer o espetáculo... portanto, há essa... nossa preocupação e abertura em fazer as coisas bem feitas...

A comunidade de São Vicente interage directamente na produção?

Quem?

A população.

Não... até ao dia da abertura, praticamente, o Festival é feito e pré-produzido, digamos assim, por meia dúzia de pessoas... se tanto... até quinze dias do início do Festival... o Festival é produzido ou pré-produzido por duas ou três pessoas. Depois, com o aproximar da data, esse grupo aumenta para um grupo de cinco, seis pessoas... e depois sim, na semana imediatamente anterior ao Festival, é que as pessoas começam, efetivamente, a trabalhar... por exemplo, nós tivemos... agora há pouco tempo, uma reunião de coordenação, que tinha umas quinze pessoas nela... mas não é toda a gente que está, neste momento, no terreno a trabalhar... coisas concretas para o Festival... estará a Samira, na comunicação, a trabalhar... a preparar o dossier para os jornalistas... o Ilísio que vai tomar conta de fazer o controlo da alimentação no Saudade... não tem nada para fazer... portanto, há gente que só começa mesmo a trabalhar quando o Festival começa... e nesse sentido há um envolvimento das pessoas...

Em tarefas mais específicas...

Em tarefas concretas, predefinidas... dentro de um organograma de produção que nós já temos, mais ou menos, estabilizado... há muito tempo... e que todos os anos vamos fazendo algumas inovações, dependendo se as coisas correram melhor ou pior no ano anterior... mas, digamos que... o grosso da equipa, só começa efetivamente a trabalhar no terreno em datas muito próximas do Festival... não se pode estar a dizer que está uma cidade inteira a trabalhar para o Mindelact... a preparar o Festival... porque não é isso que acontece na prática.

Portanto, é mesmo só... sobretudo naquela semana, em termos de tarefas, e pouco tempo antes, uma equipa restrita na produção?

Sim, sim... mas eu devo dizer que quando chega essa parte da equipa restrita... já 95% do trabalho de produção está feito... contactos com... primeiro a questão da produção, feitura do projeto, procura de financiamentos, contactos com as empresas, negociações, assinaturas de protocolos, contactos com hotéis, com restaurantes, com empresas prestadoras de serviços... está quase tudo feito, quando nos reunimos com esse pessoal. Assim como, mais ainda, a componente da programação... na primeira reunião de coordenação, as pessoas recebem o programa completo nas mãos.

O que é que considera mais importante no trabalho que desenvolve dentro da própria Associação... enquanto Presidente da Associação do Mindelact? E simultaneamente Diretor do Festival? Critérios de escolha... da programação... como é que se reflecte?

É difícil responder a essa pergunta... eu tento fazer o melhor que sei, sinceramente... e... como já deve ter percebido, ao longo do tempo fui criando anticorpos... tenho de refletir sobre isso, estou mais maduro em relação a isso. Nos primeiros anos fui muito atacado, inclusive, por uma facção teatral que estava já instalada quando nós chegámos... e sofri um pouco com isso, não é? Hoje em dia isso já não me influencia muito. E a minha reflexão, levou-me à conclusão de que esses ataques que são dirigidos à pessoa... não tanto àquilo que a pessoa faz ou deixa de fazer... se faz bem, se não faz bem... não há nenhum tipo de julgamento ao trabalho... está relacionado com a ambição pessoal, de poder, de visibilidade pública... mediática... e quase exclusivamente relacionado com essas ambições, que são válidas, justificadas... acho que toda a gente tem direito de as ter. Mas é engraçado, por exemplo, que eu hoje tenho um relacionamento muito bom, amigável... com as pessoas que me atacaram no início da caminhada... estamos ótimos, com projetos em comum. Mas de início houve uma reação violenta mesmo... não fisicamente, claro... mas muito violenta. E... e hoje em dia é o quê? Hoje em dia é malta nova, que está aí a aparecer, e que tem sede de protagonismo... e eu não gosto da palavra inveja, prefiro não usar... acho que é mesmo sede de protagonismo, querem aparecer... querem que tudo aconteça ao mesmo tempo... e então aí é um pouco difícil de gerir... aquilo que diz respeito às relações humanas. E o mais curioso é que 99% dessas pessoas foram meus alunos de teatro... e portanto aí, torna-se mais difícil de gerir... pessoas que começaram a fazer teatro comigo, aprenderam comigo... fundaram os seus grupos de teatro, aos quais sempre foi dado todo o apoio... quer pessoal, quer do ponto de vista institucional da Associação... mas que, enfim, depois, por questões relacionadas com aquilo que são... que é o lado negativo desta cidade... acabam por... enfim... provocaram episódios muito tristes... coisas que se dizem, que se fazem... já houve reuniões secretas, para tentar tomar o Mindelact... e nessas reuniões identificaram toda a gente que alguma vez teve algum problema pessoal comigo, e chamaram essas pessoas para a reunião... e gente do meu próprio grupo de teatro, aqui do centro.

Isso é um trabalho altamente meticuloso...

Altamente meticoloso... mas não deu certo, as pessoas acabaram por se acobardar por achar que não tinham, enfim...

Digamos que foi o único momento de resistência que sentiu, e depois foi dissuadindo...

Não é propriamente resistência, isto não é uma ditadura, não é? A Associação funciona com o regime das associações normais... tem os órgãos eleitos... primeiro de dois em dois anos, depois com a mudança dos estatutos de três em três anos... e, portanto, isto aqui não é nenhuma ditadura. Eu tenho que apresentar programas, tenho que apresentar uma equipa, tenho que me submeter a um processo eleitoral... que é igual a qualquer outro processo eleitoral, em qualquer outra parte do mundo... onde o processo eleitoral é, efetivamente, democrático. Agora... as pessoas, o que têm de dizer concretamente, é o seguinte... e isso em relação a esse aspeto... “não gosto do caminho que o Mindelact está a tomar, esse caminho é errado, e é errado por isto, por aquilo... o meu projeto é este”. No dia em que as pessoas fizerem isso, eu vou ser o primeiro a aplaudir... concordando, ou não concordando. Agora, quando vão com essas coisas de reuniões secretas, de mais não sei o quê... João Branco isto, João Branco aquilo... isso não vai resolver nada, não vai fazer nada... porque, se as pessoas quiserem, de alguma forma, tomar conta do Mindelact, acharem que esta direção e esta equipa já deu o que tinha a dar... e têm toda a legitimidade para o pensar... o fizerem por razões pessoais... o Mindelact vai acabar, automaticamente... não tem hipótese... porquê? Porque, não se aguenta sem um projeto sustentável, sem uma linha de rumo... sem tu saberes para onde queres ir, o que queres fazer... quais são os principais objetivos, como é que vais fazer para concretizar esses objetivos... aí vai morrer, infelizmente. Se o Mindelact, de facto, mudar de equipa... e essa equipa que for para a frente do Mindelact, tiver um projeto, tiver uma linha de rumo, objetivos muito concretos daquilo que quer e como é que quer atingir esses objetivos... aí, não só estou otimista, como estou pronto para colaborar com o que for preciso. Eu não sei se isso vai acontecer ou não... mas é normal que aconteça, e é normal que eu ponha essa possibilidade... estou pronto para essa possibilidade porque, estou aqui... aliás, não só no Mindelact, como na própria vida, temporariamente, não é? A gente entra e sai dos lugares, dos cargos... e as instituições continuam, não é?

E foi sempre essa a postura que tiveste...

Sempre transparente. Sempre apresentámos contas... quando as pessoas atacam, o dinheiro é sempre o primeiro argumento... e nunca conseguiram fazer isso connosco porque nós temos uma direção que apresenta contas e um conselho fiscal, que foi eleito também, cujo responsável é uma pessoa formada em gestão e contabilidade. Nas assembleias gerais essas contas são apresentadas e toda a gente pode ter acesso a elas.

O que é que acha que as companhias estrangeiras levam de mais marcante, aqui do Mindelact?

Experiência, de uma forma geral, e uma espécie de filosofia de trabalho que sempre tivemos e que é facilitada pelo facto da equipa ser quase toda formada por gente de teatro, ou que gosta muito de teatro, que é... vamos tratá-los muito bem... eles vêm para cá e estão-nos a oferecer a arte deles... conseguiram chegar cá por intermédio do esforço deles. A única coisa que podemos fazer é tratá-los muito bem... e tratá-los muito bem é ir buscá-los ao aeroporto com um grande sorriso, ir buscá-los ao hotel com um grande sorriso, dar-lhes um bom alojamento, dar-lhes uma boa comida, dar-lhes tudo o que precisam para fazer o espetáculo em condições... e depois, obviamente, o público dá aquilo que sabe dar, que é como já disse, uma grande generosidade e um conhecimento em relação àquilo que estão a receber de cada uma das companhias que vem. E os grupos sentem isso... sentem-se reconfortados, sentem-se acarinhados... tanto pela equipa, como pelo público. Então acho que é, principalmente isso, que levam daqui.

E como é que explica a evolução do Mindelact, durante este tempo todo? A sua sobrevivência... em termos de dimensão?

A única maneira de responder a essa pergunta é dizer que o ano em que pusemos a possibilidade da não realização do Festival... é precisamente o ano em que a programação teve mais espetáculos... que é o ano de 2012. Foi o único ano em que pusemos, efetivamente, a possibilidade de não fazer o Festival por falta de verbas. No entanto, o Festival não só se vai fazer, como se vai fazer com recordes de espetáculos. Portanto, o que é que explica isso? Eu acho que só a insanidade dos seus responsáveis, é que é capaz de explicar isso... não há explicação... a gente podia dizer, por exemplo, “olha não há dinheiro vamos fazer um festival, só que no fim-de-semana... chegar aqui com uns dois, três grupos de teatro... vamos fazer a nossa coisa, só para dizer que o Mindelact aconteceu...”

Mas foram propostas que surgiram?

Por exemplo, o Teatro Performance, não existia o ano passado. E eu acho que é essa propensão para gostar de criar coisas novas... é o facto, por exemplo, de nós termos um jornalista que está sediado na Praia, a representar um órgão de comunicação social... estrangeiro, e por isso vive na Praia... e escrever-nos a dizer que gostava de fazer parte do Mindelact... pelo menos durante uns dias, a solicitar alojamento... e depois, informalmente... “por favor, aceitem o meu pedido, que eu preciso desses dias para recarregar baterias”. Um gajo que nem sequer é uma pessoa de teatro, é jornalista de profissão... que vê o Mindelact como um lugar tão incrível, que é um lugar em que ele recarrega energias para o resto do ano... por isso, quando as pessoas vêm o Mindelact assim, não temos outro remédio senão fazer as loucuras todas que conseguirmos fazer durante esses dias...

Com criatividade, persistência...

Criatividade, persistência, paciência, energia, força, empenho... obviamente competência também... porque se fôssemos incompetentes, não conseguíamos fazer aquilo a que nos estamos a propor... alguma sorte, não é?... isso também faz parte... e vamos andando...

Enquanto tudo isso, o Festival, e não só... a Associação Mindelact... acaba por ter uma representatividade bastante grande, nas dinâmicas culturais do Mindelo...?

Sim, a Associação Mindelact é hoje uma referência incontornável, não só por causa do Festival... eu tenho muito orgulho no centro de documentação, é quase que um projeto pessoal... acho que vai deixar de ser pessoal no dia em que eu sair, e espero que não acabem com aquilo porque acho que é importante... não há teatro sem memória... o teatro vive do momento e se a gente não guarda o que retirou de cada momento... perde-se para sempre. E a questão das edições também... o Março, mês do teatro... que praticamente os grupos já tomaram de ponta... por exemplo, eu estou convencido que o Festival Mindelact acaba mais rapidamente do que o Março, mês do teatro... o Março, mês do teatro, os grupos vão continuar a fazer, independentemente do Mindelact estar, ou não estar. E ideia é exatamente essa... foi exatamente essa... os grupos tomarem de ponta... aquilo que foi o conceito... o conceito foi lançado pela Associação... tanto é assim que ainda hoje... mas muito poucas pessoas confundem o Festival com o que acontece em Março...

É quase um segundo Festival, não é?

Não é bem... é muito mais alargado, só acontece aos fins de semana, são só grupos locais... às vezes o Centro Cultural Português ou a Alliance Française, apontam o mês de Março para a vinda de alguma atividade ligada ao teatro... já sabem que aqui, são muitas coisas a acontecer... e portanto, conseguimos fazer quase todos os anos, uma programação interessante, mas nada... nada que se pareça com aquilo que é... o que acontece no Festival, não é?... no Mindelact... nada a ver...

➤ **Entrevista exploratória em Março de 2013 (uma parte só)....**

João, vamos conversando mais vezes, se não te importares, de certeza que me vou lembrar de outras questões pertinentes, pode ser?

Claro. O trabalho está a ser feito do ponto de vista da gestão cultural e logística, não é?

Aqui, basicamente, a abordagem é a programação. Ainda não sei, e daí estas entrevistas exploratórias, por que ponto é que hei-de pegar: há 2 pontos que me são mais sensíveis e gostaria de contextualizar...

A programação, para mim, tem 3 palavras-chave que funcionam: 1 é completamente objectivo, o outro é semi-objectivo e outro é completamente subjectivo (risos). O 1º que é completamente objectivo tem a ver com a diversidade, ou seja, eu nunca programo 2 espectáculos que sejam parecidos. Nunca! Portanto, se a gente traz um monólogo do Nelson Rodrigues que vem do Brasil e houver uma proposta fantástica que vem de um outro sítio qualquer também do Nelson Rodrigues a gente não trás, ou seja, ter 2 monólogos, do mesmo autor, tentamos não ter 2 monólogos que tenham as mesmas características. A diversidade artística e estética das propostas é ponto *sinequanon* para as nossas escolhas. Essa é completamente objectiva porque é fácil ver os espectáculos de ver que são idênticos dos que não são. Aquele que é semi-objectivo é aquele a que chamamos a qualidade artística, embora a gente possa ver um espectáculo muito bom e ser muito mau, daí ser semi-objectivo, mas nós procuramos sempre trazer coisas que tenham qualidade, não é? Muitas vezes porque vemos os espectáculos ao vivo e outras vezes porque são espectáculos de pessoas da nossa confiança e nós dizemos, se tal pessoa diz que é bom é porque é bom, portanto, confiamos sem problema. E o critério completamente subjectivo é aquele que eu chamo que tem a ver com os afectos, ou seja, o Festival Mindelact criou uma rede ao longo destes 19 anos de afectos tal que, dando um exemplo muito concreto, se o Miguel Seabra do teatro meridional disser” eu tenho uma proposta, quero ir ao Mindelact” eu nem penso duas vezes, é ele que vem, estás a perceber?. Não é uma questão ditatorial, é uma questão da própria modalidade de construção do festival,

ele é feito à base desses afectos. De confianças e de partilhas e de solidariedade com o mundo artístico (anos de viragem – 2007), portanto, eu, em palavras muito concretas, pode ser o maior artista do mundo, não vou trazer para o Mindelact um (filho da puta), peço desculpa pela expressão, ou um patife. Pode ser um gajo fenomenal artisticamente mas se fôr uma pessoa que trata mal as pessoas, vou trazê-lo para quê? Não me vai dar nenhuma mais-valia. Já tivemos casos desses anos anteriores, a gente não acerta sempre, não é?, mas procuramos evitar. E portanto são basicamente esses os nossos 3 critérios. Ah, e na questão da diversidade, uma questão importante é a diversidade geográfica. Portanto, o palco principal vai ter 3 /4 espectáculos do mesmo país, isso é lógico, ou 3 /4 espectáculos da mesma ilha...também é logico. Eu diria que há uma quarta componente que está dentro dessa diversidade que é uma componente política, tem a ver com o facto de nós querermos ter um leque o mais alargado possível de representação.(anos de viragem 2007).

Isso é também estratégico?

É estratégico, com certeza.

Eu gostaria de aprofundar o lado da internacionalização do festival e outro ladoq eu se relaciona com públicos. O festival tem vindo a crescer cada vez mais, cada vez com mais rubricas e com público em todas elas, não é?

Sim. E uma coisa importante, só uma é que é paga, todas as outras são gratuitas.

Obrigada João pela tua disponibilidade, tenho a certeza que esta entrevista vai ser um excelente contributo para o meu trabalho.

Apêndice 6. **Entrevista a João Paulo Brito** -9 de Setembro de 2012-Diretor Nacional das Artes em Cabo Verde e responsável pelo núcleo das Artes Performativas

Sandra: Dr. João Paulo Brito diga-me as suas funções, o seu trabalho...

João Paulo Brito: Eu sou Diretor Nacional das Artes. E também, dentro da Direção Nacional das Artes, eu sou responsável pelo núcleo da Artes Performativas que inclui o teatro, a dança, o circo, etc. E é uma direção que está a ser criada agora, na verdade, estamos a montar essa direção. Tenho como objetivo definir as políticas para o sector das artes, em Cabo Verde.

S: Como já lhe tinha dito eu estou aqui num trabalho de investigação, um trabalho de campo sobre o Mindelact, na área da programação, vou analisar os 10 últimos anos da programação, na perspetiva do diálogo intercultural, uma vez de se tratar de um festival internacional. E eu pergunto-lhe, este tipo de festival, o Mindelact, porquê aqui em Cabo Verde, e porquê aqui no Mindelo, sobretudo?

JPB: Eu acredito que não seja por acaso, não é? Porque eu acho que Cabo Verde, devido também à sua localização estratégica, sempre foi um sítio de cruzamento de culturas. E esta ilha, Mindelo, nasceu precisamente de uma necessidade de vários povos, durante a revolução industrial, de os barcos se abastecerem. Vinham e iam para todo o sítio. E então é desde o início uma cidade cosmopolita. E o povo e as sua gente formou-se dessa forma. Então, digamos assim, que desde a sua génese tem essa vocação de juntar pessoas e de recriar o mundo. Quando as pessoas chegam a Cabo Verde, quando as culturas chegam a Cabo Verde e, particularmente, aqui em Mindelo, não são várias formas de viver e de estar a conviver no mesmo espaço. Pessoas diferentes, de latitudes diferentes, criam uma nova forma de viver no Mindelo. Por isso é que eu acho que tem a sua vocação histórica, não é?, de ser um ponto de encontro do mundo. E já geograficamente, não é? Tem essa localização, que parece que tudo conspira nesse sentido.

S. E acha que o festival faz todo o sentido ficar, então, enquadrado...

JPB: Sim, eu tenho tido a sorte de ter participado em vários festivais, em diversos pontos do mundo, e cada vez tenho mais essa convicção. Porque este festival só faz sentido, desta forma, aqui em São Vicente. Algumas teorias em relação à própria ilha do Mindelo, que é uma ilha rodeada de montanhas, e como acontece com as chuvas, também acontece com a

energia e com as pessoas. Conflui tudo para um mesmo sítio, não é? Digamos assim, a própria geografia da ilha permite isso. E na verdade as pessoas, quando veem para o festival, encontram-se muito e é um enorme encontro de seres humanos. E por causa disso, aqui nascem imensos projetos, aqui nascem imensas ideias, porque é realmente um espaço onde as pessoas durante dez dias, quinze dias, convivem... convivem de manhã, à tarde e à noite. Estão juntas à hora do almoço, estão juntas antes e depois dos espetáculos, estão juntas na praia e então, juntando pessoas de diversas partes do mundo só podem sair daqui coisas maravilhosas. E acho que essa cidade desperta outra coisa nas pessoas. É uma generosidade incrível. As pessoas chegam aqui, independentemente das personalidades, chegam aqui e alguma magia disto faz com que as pessoas estejam dispostas a dar e a receber.

S: E qual é a razão que encontra para haver algo que... uma tradição forte, artística, aqui no Mindelo? Porque não estamos a falar só da parte do teatro, não é? Isso é algo que se verifica nas outras expressões artísticas?

JPB: Sim. Mindelo já teve um título e agora, isto é mais discutível, mas pelo menos continua a merecer isso, de Capital da Cultura do país. É na verdade uma ilha cidade. Mindelo, ao contrário de todas as outras ilhas de Cabo Verde, nasceu urbano. Nasceu, e então toda a ilha é uma cidade não há presença de actividades, se quisermos falar da pesca ou da agricultura, é uma presença residual, pequena no contexto da ilha. Sendo uma cidade de porto é sítio de passagem onde as pessoas passavam pouco tempo mas tentavam aproveitar ao máximo. As pessoas passavam por aqui depois de uma semana, duas, três de viagem, pisavam o porto, pisavam terra firme, e então queriam aproveitar ao máximo o convívio com as pessoas, todos os prazeres, digamos assim, da vida. E a cidade foi-se adaptando, digamos assim, à necessidade do seu principal cliente. E as pessoas quando vêm para cá o que queriam era divertir-se, era assistir a bons espetáculos, era... a cidade foi-se formando assim...

S: Mesmo quando as pessoas vinham, isso já estava a acontecer, não é?

JPB: Sim...

S: Sempre foi uma dinâmica da cidade...?

JPB: Foi acontecendo ao mesmo tempo, não é? Porque as pessoas precisavam disso, então era dado isso e porque era dado era dado por aqui, não é? E isso acabou por ficar impresso no ADN das pessoas, acho eu... ficou impresso no ADN das pessoas e então é fácil conseguir mobilizar pessoas para projetos culturais. Os mindelenses têm orgulho em ser a Capital Cultural do país e então é fácil mobilizar essa vontade. É um povo extremamente criativo, é um povo que já tem essa vocação de absorver as boas influências culturais em todas as partes do mundo e transformar, como eu tinha dito, que isso é uma coisa

genuinamente mindelense, não é? Se estivermos a falar de uma prática cultural aqui da Costa Africana, ou se estivermos a falar de um movimento mais do Rock da Europa, ou se estivermos a falar do Samba do Brasil, estes elementos todos, quando chegam cá, são transformados, não é? Por isso é que o Carnaval mindelense tem especificidade mas... bem, obviamente, vem de outras paragens... tem uma influência dos ritmos latinos, porque a cidade permite isso. Há uma aptidão para receber e para transformar.

S: E em termos, agora concretamente, da dramaturgia no Mindelact... tradição... qual é a tradição da dramaturgia no Mindelo?

JPB: O Mindelo esteve durante muito tempo ligado a uma, digamos assim, uma recriação muito próxima daquilo que é o Teatro de Revista, não é? Foi trazido sobretudo pelos militares que escalaram estas ilhas. Durante a ocupação da Guerra Mundial este foi um importante ponto de militares... foram colocados aqui... militares portugueses... esta cidade teve, aproximadamente, cerca de quatro mil a cinco mil militares portugueses, não é? E trouxeram, digamos assim, algumas das práticas culturais ligadas à dramaturgia, sobretudo a Revista. Isso coincidiu, também, com o crescimento de um género que nasce em Mindelo, pelo facto de ser urbano, que é um género satírico musical que é a coladera, e que foi transposta para essas Revistas Crioulas. Mindelo sempre foi um centro de produção de conhecimento, portanto... os primeiros liceus, as primeiras escolas, e nas escolas eram ensinadas algumas coisas de dramaturgia...

S: Os primeiros liceus, as primeiras escolas, relativamente às outras ilhas?

JPB: Sim. Em relação às outras ilhas, não é? O primeiro liceu, etc. E nas escolas, sendo o local privilegiado para transmissão do conhecimento, da cultura universal, uma das coisas que também foi ensinada foi a dramaturgia do mundo. Há experiências nos anos sessenta de montagem do Garcia Lorca, E também a Escola Salesiana, que se instalou no Mindelo e não noutras ilhas, que é uma escola de Artes e de Ofícios, sempre ensinou artes. Grande parte da geração de músicos, de atores que, digamos assim, deu um impulso à cultura cabo-verdiana, foram formados nesta escola. A Igreja teve um importante papel, portanto. Juntando essa primeira fase do teatro, de teatro de Revista, digamos assim, adaptado, recriado e transformado, chamemos-lhe assim, na Revista Crioula, juntando o facto de ser o centro de Cabo Verde, o centro de produção do conhecimento, juntando o facto da Escola de Artes e Ofícios se ter realizado aqui... portanto, pessoas de várias ilhas se deslocaram para cá para estudarem, não é? Possibilitou assim, dessa forma, que a Dramaturgia, naturalmente, fosse surgindo através dos estudantes com os grandes clássicos e a Revista para entreter, digamos assim, quem escalava estas ilhas. O teatro em Cabo Verde aconteceu por ciclos, não é?

Podemos falar dessa primeira fase com o aparecimento das Revistas, depois os anos 60... com influência do ensino, da Igreja, há uma nova fase, que deve ter durado até aos anos 70. Depois há um outro período em que, com a independência de Cabo Verde, que acontece em 75, há uma forte influência, há um aparecimento... uma exaltação da nacionalidade. Não havia o que há agora, que é o Facebook, que é a Internet... que são as formas de comunicação utilizadas neste momento. Era um país muito jovem, que não tinha muitos recursos, então foi o meio privilegiado que foi utilizado na altura para comunicar, também, ideologicamente, não é?, uma nova ideologia, porque era uma nova forma de governar, eram outras pessoas, eram... era um conceito novo para uma população muito jovem... a ideologia era passada através do teatro. Então em todas as zonas havia uma organização de carácter nacional, que foi criada pelo governo na altura, e era a ala jovem do partido... que era o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, nessa altura... mais tarde passou a Partido Africano da Independência de Cabo Verde... que tinha membros em todas as zonas, em todas as comunidades... e o teatro estava sempre presente nessas comunidades, quer para passar uma ideologia, mas também, quer para educar... para passar a mensagem da importância da educação... da importância do saneamento... para transmissão, na verdade, de valores que se propõem para essa nação. Houve um abrandamento, passando a euforia, digamos assim, da independência, não é? O país começou a ganhar alguma maturidade... houve um abrandamento a nível da produção teatral...

S: Após a independência?

JPB: Sim. Houve esse período, talvez até aos anos 80, de muita efervescência...

S: Porque é que acha que aconteceu isso?...

JPB: Tem a ver, precisamente, porque havia uma euforia, não é? Depois de quinhentos anos, tínhamos um país, não é?

S: Em vários sentidos?

JPB: Sim. Depois foi a dinâmica natural, depois da euforia a energia vai-se perdendo, vai-se refreando, não é? E o país vai ganhando maturidade, vão aparecendo novos desafios... vão aparecendo novas formas de comunicação... uma rádio nacional vai ganhando expressão, não é? Os jornais vão ganhando identidade, as pessoas vão traçando outros objetivos... começa a haver uma emigração no sentido de ir para fora estudar... havia uma nova dinâmica. Então houve esse abrandamento, sendo que a Igreja continuou a prestar o seu contributo também... mas de todas as formas houve um abrandamento, que depois em finais de 80, inícios de 90, houve... pela memória que eu tenho e dos dados que eu tenho... havia dois ou três grupos, na altura, em São Vicente, que eram grupos, na verdade, que já faziam

parte da sociedade civil, mas eram de antigos estudantes da Escola Salesiana. Esses grupos não tinham uma produção regular... não tinham... apresentavam um espetáculo por ano, ou dois no máximo... e não havia um grande contacto com o exterior, portanto, já eram formas, maneiras de fazer, que já vinham... de anos anteriores, de décadas anteriores... não havia, propriamente, um movimento mais contemporâneo de teatro. Com os cursos de teatro do Centro Cultural Português... começa, digamos assim, um novo momento do teatro de Cabo Verde. Portanto, no últimos vinte anos aconteceu algo novo que é... não foi... haviam ciclos de cinco anos, mas depois havia, digamos assim, secas... nós tínhamos secas cíclicas de teatro...

S: Tal como o clima, não é?

JPB: Tal como o clima... tal como o clima de Cabo Verde, também a nível cultural nós tínhamos esses momentos. Mas só que o curso é um curso contínuo... era um curso, ainda é, de duração de cerca de 1 ano... 9 meses... assim seguidos... e todos os anos saíam 20, 30 pessoas formadas. Inicialmente muitos jovens, mas depois o leque foi-se alargando a muita gente...

S: Logo desde início, então, teve muita adesão?

JPB: Desde início teve muita adesão... sim... e no primeiro curso, curiosamente, até havia duas turmas... era mesmo muita gente...

S: Muita receptividade então...

JPB: Sim. Eu fiz parte dessa primeira formação...

S: Teve esse privilégio...

JPB: Tive esse privilégio de fazer parte dessa primeira formação... e continuou todos os anos, todos os anos... esse primeiro ano, o ano de 93, foi um ano de muita produtividade. Às vezes a natureza conspira... então acho que se juntaram no mesmo espaço o João Branco e mais um grupo de pessoas que queria muito fazer... e não havia muito conhecimento de... o João com mais, pela experiência que tinha, mas não havia muito conhecimento do teatro que se fazia pelo mundo. Mas havia muita vontade de fazer. Então havia procura, pesquisa... e isso é que levou, na verdade, a que o Mindelact acontecesse. Eu lembro-me bem do primeiro Mindelact, que foram cinco espetáculos... sendo nós, aquele grupinho, estávamos envolvidos em três... e depois havia mais dois grupos um grupo que é um dos grupos com mais longevidade em Cabo Verde que Juventude em Marcha e mais um grupo que agora já não existe em Cabo Verde que era o grupo Fran Cavaquinho ... foi uma coisa... de uma malta jovem que queria fazer... ninguém na altura adivinhava que depois, passados quase 20 anos, tivesse essa... essa projeção, essa dimensão... eu acho que uma coisa

complementou a outra... o curso de Artes do Centro Cultural Português foi formando ao longo dos anos atores, criadores... sobretudo na primeira fase, atores, mas depois veio uma certa altura em que começou a formar técnicos e depois começaram a aparecer os encenadores. Paralelamente, uma segunda escola foi o Festival de Teatro, que foi ganhando credibilidade, foi ganhando especialização técnica, foi ganhando profissionalismo a nível da realização... e fez com que as pessoas, o tal orgulho em ser mindelense e ter... em ser a Capital Cultural... fez com que as pessoas aderissem e de forma voluntária. Temos cerca de meia centena de pessoas que trabalham todos os anos para que o festival aconteça. Essa relação humana contagia as pessoas que vêm cá, não é? E cada vez que vem cá alguém, é um embaixador... portanto, cada vez temos espetáculos de mais qualidade, temos companhias improváveis a virem para Cabo Verde... mas não é pelo... é sobretudo pelo enriquecimento humano. Vêm cá, sentem-se bem e então querem voltar.... querem voltar. Não vêm para Cabo Verde por causa do cachet, nem por causa da dimensão do público, nem por causa da projeção que o espetáculo pode dar... mas é sobretudo porque é um espaço de encontro humano... saem daqui todos mais ricos.

S: Conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

JPB: Os festivais de teatro em África... conheço sobretudo do espaço lusófono e não têm, na verdade, uma continuidade. Lembro-me, por exemplo, do Festival de Luanda... que é um projeto, acho, de 24 anos, mas que na verdade só aconteceu 2 vezes... houve uma altura em que apareceu um festival muito interessante, mas acho que agora também já não é realizado, pelo menos não tenho informação... que era o Festival de Teatro D'Agosto, de Moçambique... e que na verdade tinha um formato... tinha um formato parecido com o Mindelact...

S: De Moçambique, não é?

JPB: Sim, de Moçambique... salvaguardando, obviamente, as diferenças de dimensão, não é? Estamos a falar de uma cidade de milhões de pessoas. Por causa disso não permite, também, tanto convívio, como Mindelo permite, não é? Porque as pessoas, quando o espaço é grande, perdem-se, não é? E aqui acabamos sempre por nos cruzarmos... estamos a fazer coisas diferentes... eu estou a tratar da montagem do meu espetáculo, a outra pessoa só está a passear, e vamo-nos encontrando... ou paramos num café ou encontramos-nos à hora do almoço. Mas Moçambique... era um conceito de festival, que é uma coisa que se vai perdendo... e que existia. Mas acho que são precisamente as condições históricas e... do próprio país, que permite que funcione em Cabo Verde, esta fórmula, e não funcione noutros

sítios. São as referências mais evidentes que tenho de festivais de teatro em África... da África lusófona.

S: E há interações entre esses festivais... ou enquanto eles existiram, houve interações? Pelo menos pelas companhias de teatro...

JPB: Exato... há um dado curioso que os festivais... falo do Festival de Teatro d'Agosto, do Festival de Luanda... do Festlip, por exemplo, no Brasil, ou do Festlusó... são... todos eles são festivais que acabam por nascer de pessoas que... que estão ligadas a grupos de teatro. Há uma forte ligação entre o Mindelact e o Festlib e Italo Produções, uma forte ligação entre o Festival d'Agosto e o festival de Moçambique e um grupo português de Tondela, o festival de teatro de Angola é sobretudo feito pelo Elinga. E então, há uma comunicação grande entre os grupos, não é? Quer porque, quem organiza o festival conhece as pessoas dos grupos e, portanto, conhecem as pessoas do festival... quer porque... acaba por ser, digamos assim, um círculo, não é? Eu lembro-me, quando andava mais pelos festivais... como ator e como encenador... acabávamos sempre por nos encontrarmos... ou era no Brasil, ou era num festival que havia em Paris... por exemplo no Teatro Lusófono... encontrávamo-nos em Coimbra, na Estação da Cena Lusófona ou encontrávamo-nos em Mindelo... e aí, era sempre uma oportunidade para as pessoas projetarem coisas... e foi acontecendo... foi acontecendo ao longo dos tempos... portanto... esses festivais têm essa ligação que acontece de forma espontânea e nalguns casos acaba por ser o reforço da parte institucional... do Estado, não é? Mas é feito sobretudo por pessoas que querem que esse espaço de... espaço de convivência lusófona exista. E que seja uma coisa que ultrapasse, digamos assim a teoria sobre a lusofonia, não é? Realmente, o Mindelact, por exemplo é...

S: Uma coisa é falar na projeção lusófona, outra coisa é ir para além disso... e o Mindelact tem ido...

JPB: Exatamente. O Mindelact é... permite realmente esse espaço e... eu tenho tido a sorte de ter estado, se calhar, na maior parte das ilhas... e é realmente um espaço onde nós percebemos... eu, há pouco, já falei da generosidade das pessoas... que o que nos faz... o que nos liga, é muito maior do que o que nos separa. É um espaço lusófono que não tem a ver com a língua... tem a ver com a maneira de ser, tem a ver com a maneira de sentir, tem a ver com a maneira de ver as coisas e de ver o Mundo... e aí nos encontramos... apesar de... de Moçambique ser na África Austral e de o Brasil ser do outro lado... e Portugal estar ali no Mediterrâneo... e São Tomé estar ali na zona do Equador... há um espaço de partilha comum, que nos separa... por exemplo, dos Franceses... ou que nos separa de outros países africanos,

aqui próximos... mas que não estamos tão próximos, em termos culturais... a língua é muito...

S: Mas França também tem estado presente nalgumas programações do Mindelact?

JPB: Sim, sim...

S: Digo França, porque foi um dos exemplos que referiu agora...

JPB: Exato, exato... mas o Mindelact foi... foi alargando, digamos assim, o leque, não é? E essa proximidade foi ampliando, não é?... foi ampliando... e aí as pessoas vão encontrando pontos comuns. É verdade... França e... e cada vez mais países... Itália, Espanha, Camarões, Maldivas... é um espaço comum que... eu acho que é importante para qualquer artista por momentos, viver o momento Mindelact... eu chamo o momento Mindelact... porque é um espaço de encontro de seres humanos... incrível... que ultrapassa todas as dissertações, todas as... os estudos, tudo o que... tudo o que se fala sobre o mundo global... o mundo global já existe no espaço Mindelact, não é? Eu digo sempre... não é... o que acontece noutros festivais, por razões financeiras também... as pessoas chegam, representam um espetáculo, portanto... passam 3 ou 4 dias e vão-se embora que é o tempo de chegar, montar o espetáculo, dar o espetáculo e ir embora... e aqui, por exemplo, o Mindelact... uma das coisas... das forças do Mindelact, é que faz com que as pessoas permaneçam pelo menos 1 semana aqui, ou seja, pelo menos dois terços do festival, as pessoas estão aqui... e há sempre um ambiente... estão cá todas as pessoas que participam... todos os grupos, todas as companhias que participam no festival.

S: E como é que se faz a publicidade e o marketing, deste festival, no estrangeiro?

JPB: Olhe, eu acho que o... que o festival foi-se impondo. Eu acho que ultrapassou todas as expectativas de quem... de quem está há muitos anos nisso, nomeadamente o João Branco, que está desde o início, não é? Há imensas pessoas que estão desde o início, desde os primeiros tempos... e o que eu acho é que... o festival, em termos de marketing, vende-se a si próprio, não é? Há um esforço... não é um esforço... é um princípio do festival de... de receber bem as pessoas... e como isto é... acaba por ser um meio pequeno, não é? O meio do teatro não é tão grande assim...

S: Mesmo quando falamos em espaço internacional?

JPB: Sim, mesmo quando falamos em espaços internacionais. É curioso ver pessoas de... eu lembro-me de encontrar, em vários festivais diferentes, companhias francesas, por exemplo... “ah estás aqui, não é?” E então é isso que funciona... quando alguém vem cá, é

muito bem acolhido. É um festival... que apesar de ser... das pessoas trabalharem de forma voluntária... o nível de trabalho é muito profissional, não é? A nível dos melhores festivais em que eu já estive... a componente técnica é muito profissional, a componente organizativa também é muito profissional... mas há a valorização da componente humana... e as pessoas sentem-se cuidadas, tratadas... e então... gostam de cá estar, e quando se deslocam aos seus países, ou quando vão a outros festivais, normalmente fazem... fazem promoção do Festival Mindelact... falam do Festival Mindelact...

S: É o principal veículo de publicidade...

JPB: Exactamente, é o principal veículo... e as pessoas neste momento oferecem-se... oferecem-se para vir para Cabo Verde, não é? Porque não há... e na verdade é o melhor... é o melhor exercício de marketing que pode fazer, não é? É ter o cliente satisfeito, chamemos-lhe assim... entendendo como cliente, as companhias... porque fazem o boca a boca e a partir daí... isto agora é uma referência... é uma referência... eu chego em vários países, faço referência ao Mindelact... pode ser que alguém nunca cá tenha estado, mas já ouviu falar... alguém já esteve cá e já falou do Mindelact...

S: Não lhes é estranho o nome, então?

JPB: Não...

S: Quais é que acha que são as razões que geraram a participação de determinados países na... na programação do Mindelact? Alguns até mais improváveis, mais distantes...

JPB: Eu acho que... para além da razão dos grupos se manifestarem... a dizer que querem vir... nós temos outra... outra dimensão que tem a ver com a dimensão mais institucional, digamos assim... porque... o Mindelact é, neste momento, um dos momentos mais marcantes do... do calendário cultural cabo-verdiano...

S: Cabo-verdiano, portanto? Estamos a falar do país inteiro...

JPB: Do país... é um dos momentos mais marcantes do calendário cultural cabo-verdiano, não é? E já há pessoas, por exemplo, de outras ilhas, que marcam as férias precisamente para esta altura para estar no Mindelact... e há pessoas de... cabo-verdianas, ligadas ao teatro, ou às artes performativas, que marcam as férias... por exemplo, Portugal ou outros países... para estar no Mindelact. E então isso, obviamente, o Estado reconhece isso... o Estado... não há dúvidas do Estado... do Governo... em relação à importância do Mindelact para própria promoção do país. O Estado reconhece isso e... as instituições internacionais no país... as corporações... falo da corporação portuguesa, da brasileira, da espanhola... também percebem isso... e há nesse sentido uma abertura... inclusive, muitas

vezes, para o posicionamento dessas instituições... gostaríamos de ter... porque vem no Mindelact um espaço... um espaço importante de promoção da cultura do país... falo, por exemplo... imagine uma companhia do Brasil... uma corporação brasileira... pode entender que o espectáculo x, é um bom veículo para promover a cultura brasileira, e então propõe ao próprio Mindelact... “nós gostávamos de ter esse espectáculo aqui”. Faz parte do processo de promoção cultural do país, que é umas das atribuições das embaixadas... e eles elegem esse espaço como um espaço privilegiado para fazer este tipo de difusão, de promoção cultural... então há, digamos assim, para além da promoção direta, do boca a boca... há o reconhecimento, que é unânime, que é um dos eventos culturais de maior relevância no país... quer pelo Estado, quer pelos parceiros de desenvolvimento, que estão sediados em Cabo Verde.

S: E isso vai-se estendendo, cada vez mais, e de repente surgem países...

JPB: É uma teia...

S: Exatamente... é uma teia cada vez mais alargada, é isso?

JPB: É verdade.

S: E relativamente aqui, ao Mindelact... o contacto com outros países contribui, de alguma maneira, para alterações e aprendizagens na programação do próprio festival?

JPB: Certamente...

S: E o facto de serem culturas diferentes, não é?...

JPB: O espaço... por exemplo, o espaço antes do espectáculo, o espaço depois do espectáculo, o espaço depois do almoço... é sempre um momento... o almoço dura mais duas horas do que é suposto... o sítio que tem acolhido os almoços, ao longo dos 17 ou 18 anos, é sempre o mesmo... porque... permite esse convívio, porque permite uma vista incrível sobre a baía de Mindelo... permite essa serenidade... não há pressa. É sempre, sempre... tem sido ao longo dos anos, sempre, um espaço onde as pessoas discutem, projetam... onde as pessoas falam do espectáculo do dia anterior... onde as pessoas falam das estéticas, das técnicas... eu no outro dia vi... um artista cabo-verdiano... que estava a falar que no ano passado tinha visto um espectáculo, que mudou totalmente... e já... há uma prática que ele faz há muitos anos, há mais de vinte anos... mas que no espectáculo, pela primeira vez, viu algo totalmente diferente... num sentido totalmente diferente... que mudou a sua perspetiva em relação à forma de fazer isso, não é? Isso acontece-nos todos os anos, não é? Estar cá, para um criador, ver uma diversidade incrível de espetáculos, ver uma diversidade incrível de formas de fazer... depois ter oportunidade de falar sobre isso com quem faz... e depois ter possibilidade

de falar sobre isso com outra pessoa que faz de forma diferente... alguém que é do Mali e depois discute com um cabo-verdiano o espetáculo de um francês... dá uma aprendizagem... é uma escola sem comparação... porque é uma escola... não há aqui conceitos teóricos... nós vemos um espetáculo e depois discutimos com a pessoa que faz o espetáculo e com outras pessoas que fazem de uma forma diferente. Então, em termos de aprendizagem, é... há pessoas que não saíram de Cabo Verde para estudar teatro, mas que acompanharam todas as edições do Mindelact e que têm um conhecimento de teatro mais vasto do que pessoas que já estiveram em escolas de teatro...

S: Ou seja, puderam construir, também, uma massa crítica, aqui no Mindelo...

JPB: Exatamente... sim, totalmente... uma massa bastante crítica... o povo... o público do Mindelo é extremamente generoso quando gosta, mas pode ser até um pouco cruel quando não gosta, não é? Porque são muitos anos... todos os anos há uma expectativa em relação aos espetáculos... quando chega Agosto, por exemplo, toda a gente quer saber o que é que vem, de onde é que vem, em que consiste... e se não gostam... acham-se no direito, e têm esse direito, de reclamar, e de dizer que... de manifestar, não é?

S: E qual é a noção que tem quanto ao que as companhias de teatro estrangeiras levam de melhor aqui da... da participação no Mindelact?

JPB: O que nós ouvimos...

S: Dos países de origem, não é?... Até mais na ótica da programação, pensando nisso...

S: Na ótica da programação... o que levam... é precisamente essa possibilidade de ver em Mindelo, aqui em Cabo Verde, uma diversidade grande de espetáculos, que neste momento não acontece em muitas partes do... em festivais do mundo... não há muitos festivais que sejam, chamemos-lhe assim, festivais do mundo. Se pensarmos, neste momento, os festivais da Europa têm... têm... a maior parte dos grupos, são grupos europeus, com grande... se pensarmos em Portugal, a maior parte dos espetáculos são de Portugal... depois têm mais dois ou três de Espanha, mais um de França... depois mais um do Brasil e, provavelmente, um dos Camarões... e aqui há uma grande... há uma grande distribuição... vêm espetáculos de todos os países, e quem está cá, durante esses dias, pode ver... só durante esses 10 dias... pode ver espetáculos, provavelmente, de 10 países diferentes, ou mais... é precisamente isso... e têm sido espetáculos... não conheço bem a lógica da programação... mas para quem assiste, são espetáculos que refletem muito a identidade do país, não é? Por exemplo, a questão...

S: Isso, no que diz respeito às companhias cabo-verdianas, não é?...

JPB: Não, não... às outras também...

S: Às outras também?

JPB: Sim, às outras também... por exemplo, o espetáculo de Angola... é um espetáculo angolano, não é? É um espetáculo angolano... e é um espectáculo angolano na técnica interpretativa, não é?... no conceito cénico... obviamente, estamos a falar de um teatro angolano contemporâneo, não é?... estamos a falar de um teatro mais tradicional... mas é um teatro angolano... a nível de expressão corporal... de expressão vocal, da construção de personagens... e isso acontece com outros países... acontece com... o espetáculo de um grupo espanhol é assim, tem essas características... e no outro dia, inclusive, com um grupo de pessoas de vários países, estávamos a discutir isso... por exemplo, o que terá acontecido com Portugal nos últimos anos e que, desde os anos 90, sobretudo, foi um redescobrir da sua forma de fazer teatro, com uma ligação muito próxima com África... uma ligação muito próxima com Espanha, com Itália, que são países mais latinos, mais mediterrâneos... que é o reflexo da forma de viver, não é? São pessoas... mais morenas, que falam mais alto, que gesticulam mais... e isso tem de estar presente no teatro... que é diferente dos nórdicos, que são por natureza mais... mais contidos nos gestos, uma relação física menos evidente... e também... o teatro que eles fazem, e fazem muito bem, tem essas características... e nós vamos vendo isso nas peças que são aqui apresentadas... quem vem apresentar, tem a possibilidade de mostrar um pouco da... da identidade do país, mas também tem a possibilidade de ver em 10 dias... formas de vida... formas de viver de mais 10 países... há poucos festivais...

S: Na programação é notório... que se reflete isso, não é?... nos países de origem... e na produção, acontece também a mesma coisa? Há aprendizagens que possam ter aqui... de levar, para os países de origem, a aprendizagem que possam fazer aqui... neste contacto com este festival?

JPB: Em relação ao conceito de produção... as pessoas, normalmente, ficam muito surpreendidas com o nível profissional do que se faz aqui, não é?... mas, a forma de fazer o Mindelact, é... não sei se é uma... se constitui, como que uma aprendizagem para as pessoas que vêm cá, ou se constitui uma inspiração... porque... eu não sei se a forma de fazer funcionava noutros países, não é? Porque tem tudo a ver com o texto, isto que eu já falei... mas é inspirador, na verdade... as pessoas vão daqui com vontade de fazer coisas... de juntar pessoas para criar coisas... porque... porque, na verdade... o profissionalismo técnico, é uma coisa universal, não é?... depois, o que faz a diferença, é a carga humana que se coloca nas coisas... e, aqui, é grande e é evidente... inspira as pessoas, mas não ensina.

S:E qual é a perspetiva que tem, sabendo que desta experiência que os países levam, aqui do Mindelact, quando voltam para os seus países de origem... o reflexo nos públicos , tem percepção, tem ecos de que possa atrair mais público?...

JPB: Nos países de origem?

S: Sim...

JPB: Bom, eu não tenho realmente... não tenho realmente esses dados... essa é uma questão que na verdade nunca foi abordada com os grupos, não é?... mas eu acredito que sim. Eu acredito que... o que eu acho que o teatro perdeu, foi perdendo ao longo dos tempos... foi-se transformando numa coisa... algo muito mais técnico... muito mais até, eu diria, científico, muito mais comercial... e houve uma dada altura em que a própria tecnologia interferiu nisso... houve um distanciamento das pessoas, não é?... se quisermos entender isto, a grande magia do teatro é a convivência no mesmo espaço, no mesmo tempo, de pessoas... uma está a assistir, outra está a fazer... há ali uma comunicação que se estabelece, que é direta... porque a respiração sente-se no momento, porque o ar é o mesmo que é partilhado... porque... porque... o pulsar sente diretamente, não é?... a energia é trocada. É a magia do teatro... é isso... que o cinema não faz... usa outros meios para despertar emoções nas pessoas... mas não tem a presença. E eu acho que o teatro ao longo do tempo, eu falo nisso a nível... a nível, digamos assim, mundial... e se calhar, sobretudo, a Europa, a parte Ocidental... porque o teatro africano foi mantendo algo que o teatro tem na sua origem, que é qualquer coisa de ritual, não é?... e o ritual não se assiste... o ritual participa-se, não é?... mesmo que a participação... nós não assistimos a uma missa, não é?... nós participamos na missa... nós somos conduzidos espiritualmente, digamos assim... pelo menos é esse o objetivo. E o teatro africano tem essa característica... o teatro europeu foi perdendo isso... e nos últimos anos, acho que há uma tentativa de... de redescobrir essa ligação humana que o teatro permite... e nós conseguimos ver isso em Cabo Verde... e eu acho que as companhias, levam isso, não é?... levam... como é bom estabelecer o contacto humano entre o público e...

S:Quando as tecnologias estão a entrar por tudo quanto é sítio, não é?...

JPB: Exato... e é isso que eu acho que é muito importante... o papel do teatro, neste momento, tem mais relevância do que teve noutras alturas... porque... porque agora, as pessoas comunicam, sobretudo, no facebook, não é?... já não têm tempo para se encontrarem... é o telemóvel, são as mensagens, é isso... já não há, na verdade, grandes espaços sociais de convívio, não é?... onde estarmos com as pessoas... sem ser no stresse do trabalho, sem ser na correria de apanhar o transporte. E o teatro permite isso... o teatro devolve... alguém já dizia que o teatro tem a vocação, e essa vocação está mais evidente neste

momento, de devolver a humanidade ao Homem, não é? E, em São Vicente, e no Mindelo... quem vem cá, vivencia essa experiência... e eu acho que será essa magia... esse redescobrir... que levam para os países de origem, que com certeza, acaba por tocar o público. Eu falo disso... falo disso... porque isso é importante... os atores mais velhos, passaram... por exemplo, nos casos portugueses, passaram por... antes de... antes desta fase da tecnologia... e de todos os efeitos que se introduziram no teatro... passaram por esta fase de relações humanas... mas os atores mais novos, não passaram...

S: Já não têm essa experiência...

JPB: É uma outra geração... inclusive, porque os atores mais jovens, normalmente, são atores formados em escolas... portanto... já há formatação...

E então, aqui, redescobrem o lado humano... que, na verdade, para além de toda a técnica... de toda a técnica interpretativa e criativa... é o que dá alma e magia a um espectáculo.

S: E nos públicos... tem ideia desta dimensão, deste diálogo intercultural... que seja de uma maneira representativa?

JPB: Nos públicos aqui, em Cabo Verde?

S: Sim, aqui...

JPB: Sim... de certeza, de certeza... as pessoas... a dimensão da ilha e a forma como a cidade está organizada permite, na verdade, esse encontro diário entre o público e o artista, não é? Os artistas de... sei lá... de relevância do teatro português, das telenovelas ou do Brasil... chegam a... não é provável encontrar essas pessoas no espaço social assim com muita facilidade... aqui encontram-se... como há essa generosidade que eu falei... o público senta-se com os criadores em diversos momentos e trocam experiências, falam do espectáculo, comentam e recebem... sem a pressão de que normalmente são alvos porque... porque são estrelas, figuras conhecidas e então...

S: Figuras públicas...

JPB: Na verdade, às vezes até é um bocadinho desconfortável para essas pessoas, quando são muito conhecidas... não há um espaço privado... e aí podem estar como... simplesmente como pessoas e conversar com outras pessoas, receber coisas boas das outras pessoas... obviamente há esse ganho. O público... o público do Mindelo e o público que está em Mindelo, na altura do Mindelact, é um público privilegiado porque cruza-se diretamente com esses artistas... e muitos deles até arranjam amigos aqui, que não têm nada a ver com o festival e depois já vêm cá passar férias, não é?!

S: Isso são ligações que se estabelecem naturalmente, como já disse, aqui no tempo do festival ou se continuam, se perpetuam, de alguma maneira?

JPB: Sim, sim... perpetuam-se, quer com as pessoas do festival, não é?... e com os artistas... mas com o próprio público, que gosta do espetáculo... “eu quero conhecer o artista, eu quero falar com ele, eu quero dar a minha opinião...” não há pretensão de dar uma opinião técnica... estabelece-se uma ligação e as pessoas acabam por voltar sempre... quase... quase todas as pessoas que vêm ao Mindelact, vêm uma segunda e uma terceira vez, não é?

S: Tem um público fiel, portanto... começa a criar um público fiel...

JPB: Não... quando eu falo de... dos artistas que vêm cá e regressam... já agora, muitas vezes, apresentam a proposta... “eu quero estar”... ou vêm por motivos pessoais... o que já aconteceu muitas vezes, é que os artistas programam as férias com a família, por altura do Mindelact... então vêm fazer um espetáculo e ,ao mesmo tempo, passam mais quinze dias... ou em Santo Antão ou em Santiago... porque já há relações que se estabeleceram com o país, não é? E quando falamos da aldeia global, quando falamos na necessidade dessa comunicação não há... não há exemplo mais evidente que isso, não é?... e acontece de forma espontânea.

S: Desde quando é que teve o primeiro contacto com o Mindelact?

JPB: Desde o início.

S: Se foi um dos primeiros alunos do curso de iniciação teatral, imagino que tenha...

JPB: Sim... desde o início, eu estive na organização do primeiro... ainda não havia a associação... foi só um grupo de pessoas...

S: A associação Mindelact...

JPB: A associação Mindelact... Foi só um grupo de pessoas que resolveu fazer um festival, não é? Nós tínhamos várias peças... na altura estaria cá o Diretor da Cena Lusófona de Coimbra... tínhamos peças... se calhar era interessante apresentar, mas não só uma... se calhar fazíamos três dias e fazíamos vários espetáculos. E fizemos. Foi uma coisa...inventada do nada, de uma proposta do João... nós na altura, aderíamos a tudo não é? E então fizemos. Depois... o segundo ano, creio eu, coincidiu também com a visita do Diretor da Cena Lusófona... e já se fez a segunda edição da cena lusófona aqui...

S: Funcionava quase como uma coprodução...

JPB: Sim, e aí... digamos assim... internacionalizou o festival...

S: Foi a partir daí...

JPB: Sim, a partir daí... as pessoas perceberam... “isto funciona não é?” E foi crescendo.

S: É notória a evolução qualitativa da programação nesta última década, no festival?

JPB: É...

S: Quer mencionar algum especto, mais específico... que tenha sido mais marcante?

JPB: É evidente... se pensarmos há dez anos atrás... eu vejo agora, por exemplo, a programação do Teatro Off. O Teatro Off nasceu inicialmente... e eu estive... acho que na primeira edição... eu era coordenador desta área. Nasceu inicialmente como um espaço de... de experimentação... e na altura, era um espaço que muitas vezes, tinha espetáculos muito bons, e outras vezes tinha espetáculos que eram fraquinhos, não é?

S: Qual foi o ano da primeira edição do Festival Off, tem presente?

JPB: Não, não tenho...

S: Aproximadamente...

JPB: Terá sido por volta de... há mais ou menos dez anos...

S: Ok, então corresponde à última década, precisamente...

JPB: Sim... à última década, mais ou menos... portanto, terá isso em 2000, 2001, 2002... e... era esse o objetivo, na verdade era... já se começavam a ter espetáculos internacionais e nacionais muito bons, mas era necessário, de alguma forma, estimular a produção nacional... fazer com que os grupos com menos relevância tivessem, de alguma forma, uma participação no Mindelact. Então abriu-se esse espaço... depois a minha filosofia mudou porque começou a haver muita procura de grupos de fora e de grupos nacionais, para estarem no Mindelact, inclusive, para estarem no Festival Off... e... por exemplo, neste momento, a programação... o Off não é, digamos assim, um palco de segunda... é um segundo palco, não é?

S: Sem nenhum sentido pejorativo, portanto, a mesma seriedade....

JPB: Sim. A mesma seriedade... são espetáculos que tecnicamente são mais simples, e que permitem ser adaptados... feitos num espaço mais pequeno... normalmente são espetáculos com, no máximo, três pessoas... com uma cenografia muito simples... o espaço de atuação é um espaço pequeno, portanto... tem muitas vezes, inclusive, mais qualidade artística do que um espetáculo que esteja no palco principal... só que é um espetáculo que é vocacionado para espaços mais pequenos, mais intimistas... e este é um dos exemplos. Outro tem a ver, inclusive, com o leque de países que faz...

S: Começou a ser cada vez mais extenso...

JPB: Exato... é cada vez mais extenso, mais largo... e eu lembro-me que nós fazíamos... quando vivia em Portugal, e parte das pessoas que iniciaram este processo e o curso, estão agora também a trabalhar no teatro, em vários países... e nós, de alguma forma, éramos agentes... nós telefonávamos, víamos um espetáculo e dizíamos que era interessante contatar a direção... e contatávamos a direção do Mindelact e dizíamos... “olha há um espetáculo x que pode funcionar muito bem”... nós fazíamos isso, não é? E a escolha acabava por ser nesse sentido. Agora, já há imensos grupos de todas as partes do mundo, que se propõem para estar no Mindelact. O que é que acontece? A direção artística já tem a possibilidade de escolher, não é? De ver o percurso do espetáculo, de ver a qualidade do espetáculo, as críticas que saíram sobre o espetáculo. Os últimos dois anos, eu não assisti ao Mindelact todo, mas não tenho memória de um espetáculo dos últimos anos que... que se possa dizer que é um mau espetáculo. E acho que é uma grande vitória... uma grande vitória... há mais maturidade, há mais conhecimento...e há esse crescimento que é visível... dos espetáculos. A própria direção artística do Mindelact, neste momento, tem mais dezassete anos de experiência do que tinha na altura não é? Então, obviamente, é mais fácil selecionar um bom espetáculo agora do que antigamente. Volto sempre à mesma questão... agora qualquer espetáculo... podemos saber o percurso do espetáculo através do Google, não é? Há uns anos atrás não era tão fácil... tínhamos o dossier que a companhia enviava, mas tínhamos pouco mais do que isso... garantidamente, os espetáculos são muito melhores agora.

S: Um festival desta envergadura implica, decerto, um orçamento... agora passando para a parte de financiamento... é um orçamento geral bastante elevado, imagino... pensa que esta crise, mundial e europeia, pode estar a afetar de algum modo o festival?

JPB: Eu acredito que sim, não é? Os acontecimentos recentes em relação aos festivais de teatro, sobretudo do espaço lusófono... houve dois festivais este ano que foram cancelados, nomeadamente o Festluso e o Festlip... e o Mindelact teve também assim... momentos de alguma indecisão...mas como eu já disse, há da parte do Estado de Cabo Verde, o reconhecimento da importância do Mindelact... e então há um esforço adicional, há um entendimento do empresariado nacional que este é um evento importante para o país, até a nível social... portanto, há um esforço, não é? E depois há a vontade dos grupos em fazerem parte do festival, portanto... os próprios grupos... porquê? Porque os próprios grupos são produtores e promotores do festival, não é? Engajam-se num esforço de se deslocarem ao

país... eu não tenho noção clara do orçamento geral disto, mas são largos milhares de contos não é?

S: Deve ser com certeza...

JPB: É que... se não houvesse um esforço conjugado das entidades públicas, da generosidade de quem trabalha gratuitamente, do empresariado nacional, da cooperação dos países, da cooperação estrangeira presente em Cabo Verde e dos próprios grupos... era de todo impossível. E só aconteceu aqui, não se cancelou como nos outros, precisamente porque tem essa característica.

S: E tem ideia se o festival se tem conseguido sustentar financeiramente?

JPB: O festival vai se-aguentando... porque... como eu já disse, não depende... não é um festival que... os custos gerais são elevados mas, os... digamos assim, as despesas são divididas por todos os parceiros, que são as companhias, as empresas nacionais, as empresas estrangeiras... há empresas estrangeiras que financiam a participação dos grupos, do país de origem, no Mindelact, não é?... e portanto, apesar de ser um orçamento alto, acaba por não ter um peso grande para a própria organização...

S: Tem algum jogo de cintura...

JPB: Sim, o que eles têm conseguido é um esforço... como no outro dia estive a falar com o presidente da associação, eles passam onze meses a preparar o festival, não é? Há um investimento humano muito grande, não é? Porque... para cada grupo é preciso pensar que não... que são profissionais da área e é necessário, de alguma forma, garantir que essas pessoas tenham condições mínimas para cá estar, não é? Porque dependem disso para viver, não é? E então é um trabalho de marketing, de relações públicas, de gestão... de várias coisas aqui, envolvido pela direção, que tem feito, na minha perspetiva, um trabalho fantástico nesse sentido e tem conseguido realizar essas dezoito edições, não é?

S: Como já mencionou, por parte do Governo, o Mindelact é como um produto cultural já reconhecido em todo o país... qual é, em termos de percentagem, o financiamento que o Estado faculta para este festival?

JPB: Olhe, o Mindelact sempre teve o apoio do Estado de Cabo Verde... porque sempre foi, como já disse... sempre foi reconhecido... este ano está-se a redefinir o modelo, digamos assim, de parcerias... porque o Estado quer ser... não produtor, mas o Estado quer dar força às iniciativas da sociedade civil, para que as iniciativas da sociedade civil não dependam de patrocínios e apoios do Estado não é?... a parceria que se quer estabelecer este ano foi só... não atingiu o seu expoente máximo, porque era necessária uma reação imediata para que o festival acontecesse. A parceria não.... a parte financeira é uma parte mínima desta parceria.

É difícil, para mim, quantificar qual é a percentagem, porque... por exemplo, o protocolo assinado não... a parte financeira é só um item de dez, que são outras formas de apoio institucional, outras formas de apoio através da comunicação, através do transporte, através de... que, obviamente, poderá fazer-se essa conta... mas não tenho assim, dados concretos, porque... não foi só o valor que foi atribuído, não é? Foi mais do que nos anos anteriores, quase o dobro, mas que não posso quantificar... até porque não tive acesso ao orçamento real do festival, não é? Porque nós temos acesso ao orçamento necessário... onde é necessário dinheiro, mesmo...

S: Ainda assim, este ano foi o dobro do que foi, por exemplo, no ano passado... portanto, isso é representativo...

JPB: Não será exatamente o dobro, mas ficou próximo disso... juntando todas as coisas, tem a ver com viagens, com apoio institucional, com apoio da comunicação, tem a ver com muita disponibilidade...será próximo disso...

S: O Mindelact, nestes dias está a viver a décima oitava edição. Tem mantido esta continuidade ao longo destes anos todos... como é que explica esta adesão cada vez mais forte no país, com recursos escassos, nomeadamente, físicos e financeiros? que se devem. Projecta-se em termos de produção, de cenografia, etc?

JPB: Eu acho que é... sobretudo, o Mindelact, eu não tenho dúvidas em relação a isso, existe devido a uma forte determinação da Direção da Associação. Vou tendo contatos regulares com os membros da direção...obviamente, há momentos de desânimo... eu, quase todos os anos, ouço o João Branco dizer que este ano não vai dar, não é possível, não há como... mas, há qualquer coisa...há um escritor que diz que quando desejamos muito alguma coisa, o universo conspira todo nesse sentido... e eu acredito que sim, que é verdade... quando há uma forte determinação em concretizar algo, as soluções vão aparecendo, vão surgindo e vão-se concretizando... e não é desta forma mas é de outra... e à última da hora aparece um país que decide apoiar... e depois acho que, neste momento, devido à importância que a sociedade reconhece ao festival, se for lançado um SOS, se chegar uma altura em que se colocar a questão de não se realizar o festival... a sociedade vai reagir, vai-se mobilizar... o povo de São Vicente, o empresariado, as instituições vão-se mobilizar para fazer com que isto aconteça. Mas o festival acontece, sobretudo, porque há uma forte determinação das pessoas da direção que trabalham... que não é só atividade profissional, também dedicam várias horas do dia, durante onze meses, a tentar fazer com que isso aconteça. É, sobretudo, um esforço humano que... obviamente, se fossemos pagar essas pessoas pelas horas de trabalho, de soluções imaginativas e criativas... era impossível!

S:E aqui não se pensa...? Pelo menos em termos de... até com a participação do Estado, o reconhecimento... porque no fundo acabam por ser estruturas fundamentais para que o festival aconteça?

JPB: Exatamente. É fato, que cabo verde é um país...não diria de uma economia frágil, mas com pouco dinheiro... o orçamento do Estado é baixo...e o orçamento disponibilizado para a cultura constitui cerca de 0,4% do orçamento do Estado. É um país que está a desenvolver... há áreas que são prioritárias... há um entendimento óbvio, da importância da cultura para Cabo Verde. De todas as formas é necessário garantir que as pessoas tenham saúde, é necessário garantir que as pessoas tenham educação... e o momento crucial quando se tenta decidir entre apoiar um festival, por exemplo, ou construir uma escola... constrói-se uma escola ou um hospital... acho que qualquer país entende esta lógica... e na verdade o dinheiro, digamos assim, é pouco...obviamente, já se pensou, já se discutiu a questão da profissionalização... isto deve ser...isto é mantido sempre como uma meta...quer a nível...penso eu, a nível do próprio Mindelact, mas também do próprio Estado que reconhece...que reconhece o valor e pensa que devia ser nesse sentido...eu tenho algumas... eu tenho algum receio em relação à profissionalização dessas pessoas porque... porque, profissionalizando alguns temos de profissionalizar todos, não é? Porque acaba por ter esse efeito... as pessoas são muito generosas, quando trabalham de forma voluntária. O que acontece, isto já aconteceu noutros eventos, quando as pessoas trabalham de forma voluntária, é que podem trabalhar 12 ou 14 horas e não se importam de no outro dia voltarem a trabalhar... mas quando há remuneração começa a haver claramente comparações... “eu estou a trabalhar 14 horas, a outra pessoa está a trabalhar 8 horas, eu estou a receber o mesmo que essa pessoa... se calhar vou só começar a trabalhar 8 horas ou então têm de me pagar mais...” eu tenho algum receio que isto possa destruir o espírito do Mindelact, do festival... e eu não sei se é...se é boa ideia profissionalizar... profissionalizar no sentido de começar a pagar às pessoas. Se calhar é necessário um apoio grande para que... quem promove isto não sofra tanto, entre aspas, para conseguir... para conseguir realizar... mas eu acho que a essência do festival é o voluntariado. Tenho algum receio... não tenho a certeza desta afirmação. Mas eu tenho algum receio que a profissionalização possa ter um efeito contrário ao previsto. Eu creio que sim, que essas pessoas devem ter algum conforto na realização... que seja menos doloroso...

S:Reconhecimento também...

JPB: Sim, um reconhecimento...

S:Doloroso à partida não é? Porque eles à partida é que se predispõem... agora há o lado do reconhecimento...

JPB: O reconhecimento... que toda a parte da produção seja mais fácil, que tenha os meios, que tenha transportes, que tenha comunicação, que tenha... que possa fazer a parte das relações públicas e que tenha meios para isso... que tenha, pelo menos, garantido a base para que o festival aconteça, não é? E que a partir daí possam procurar mais... Mas se não conseguirem mais que o festival aconteça, que não seja doloroso nesse sentido, acho que sim... que se possa gratificar, de alguma forma, as pessoas... não através de uma remuneração mas... e o Mindelact é o único caso... de um evento dessa dimensão e importância... totalmente organizado pela sociedade civil que se mantém assim de forma regular...

S: E relativamente a patrocínios de entidades privadas... tem noção se aderem? Será uma parte crucial no financiamento do festival?

JPB: Internamente, provavelmente, a direção poderá dar mais dados sobre isso...mas eu sei que há algumas empresas, três ou quatro empresas de relevância no panorama nacional, que têm parcerias... dois, três, quatro anos com o Mindelact... têm honrado isso e reconhecem isso, não é? Depois anual... Depois há o que conseguem anualmente, que são os descontos, a cedência de um quarto, a oferta de uma viagem... que vão conseguindo anualmente. Mas, de uma forma geral, o empresariado acarinha o festival, não é?

S:Então há uma noção de responsabilidade social forte?

JPB: Há uma noção de responsabilidade social forte, há uma noção do... porque... por exemplo, eu percebo isso nas pessoas que trabalham para o Mindelact... há imensos professores, e acho que esses professores têm... esses professores por vocação têm... são generosos, são preocupados com a formação das pessoas, com a formação do país e sabem reconhecer, quer seja na arte, quer seja no desporto, quer seja numa atividade qualquer... sabem identificar atividades que fazem com que a sociedade seja melhor. Eu acho que o Mindelact tem isso também, o Mindelact faz com que a sociedade cabo-verdiana seja melhor... para além do empresariado, penso ter essa consciência e eu acho que as pessoas também têm essa consciência...

S: Em termos de benefícios fiscais, existe algum formato que possa reconfortar de algum maneira... ou incentivar o empresariado a apoiar este tipo de iniciativa cultural?

JPB: Olhe, eu sei que no Mindelact, pelo menos... a lei do mecenato já existe há alguns anos em Cabo Verde... havia alguma complexidade na legislação, que tornava o

processo um pouquinho burocrático e então... deixava-se estimular o empresariado para este tipo de prática... isso é um dos grandes objetivos do Ministério da Cultura... a lei foi revista no início deste ano, acho eu...

S:No início deste ano?

JPB: Sim, é uma lei muito mais simples e há também uma intervenção... um papel... está a haver um papel ativo do próprio Estado, nomeadamente do Ministério da Cultura em relação a isso. Resumidamente, uma coisa que consistia basicamente numa ligação entre o mecenas e o beneficiário... agora vai ser... vai ter intermediação no processo do Ministério da Cultura, ou seja, todo o processo... que é um processo que as empresas não se dispõem a isso... porque é preciso um documento x, depois mais um documento y e não sei quê... agora o beneficiário pode recolher todos esses documentos do mecenas, ter os documentos próprios, nomeadamente, os reconhecimentos jurídico e legal... podem entregar todos esses documentos ao Ministério da Cultura e depois o Ministério da Cultura entrega... encaminha o processo para as finanças que depois emite uma nota de crédito... esta nota de crédito é entregue ao mecenas, que no final do ano... na altura da regularização dos impostos, é deduzido esse valor... portanto, o processo é neste momento muito mais simples... está a decorrer também, ao mesmo tempo, a apresentação dessa filosofia para o empresariado nacional, não é? Já houve contato com... reuniões, digamos assim, divididas entre o Ministério da Cultura, a Câmara de Comércio, a Direção Geral da Contribuição de Impostos, no sentido de conjuntamente traçar estratégias para chegar junto do empresariado... e houve abertura, sobretudo das das Câmaras de Comércio que representam empresariado, nesse sentido... e é uma coisa que vai acontecer nos próximos tempos. Na verdade, o mecenato é uma forma de financiamento público da Cultura, não é?

E há essa abertura... e é um processo que vai acontecendo gradualmente...

S:Há mais Ministérios sensibilizados para apoiar a cultura? O Ministério da Economia, o Ministério das Finanças... o Ministério das Finanças através do mecenato, de alguma maneira já está, não é? Mas há algum outro Ministério que possa estar sensibilizado, nesse sentido?

JPB: Na verdade, há um entendimento que nós temos da Cultura... do atual Ministro... um entendimento da Cultura para além do lado artístico, do lado criativo, do lado da... da educação. Há uma forte noção da parte económica. O programa do Governo, e particularmente, do Ministério da Cultura tem como objetivo contribuir para a... de forma significativa para o PIB do país... isso... isso, de que forma é que irá... é que começa a funcionar para estabelecer, já agora, ligação com os outros Ministérios. Contribuir para a

economia do país deixa de ser... digamos assim, encarada como uma atividade onde só se dá dinheiro para que as atividades culturais aconteçam... nós estávamos com um novo paradigma... uma nova perspetiva, que é... dá-se... faz-se um investimento, mas depois reverte-se... porque há contributo para o PIB do país. E, na verdade, é isso... nós queremos... dar dimensão às atividades, aos eventos... porque traz pessoas... porque as pessoas começam a vir de Cabo Verde por causa... do turismo, de eventos, do turismo cultural... e aí, o que é que nós estamos a fazer? Nós estamos a fazer uma ligação entre o Ministério da Cultura e o Ministério do Turismo, não é?... Nós queremos passar realmente essa perspetiva, de que a cultura é também uma área de negócio importante. E esse entendimento é ao mais alto nível... a cultura foi eleita este ano, juntamente com o turismo, com o agronegócio, com o aeronegócio, um dos pilares de desenvolvimento do país. Já há uma perspetiva que a cultura pode contribuir para a redução da pobreza... e que vai implicar... começa agora, a acontecer na prática, uma relação com os outros Ministérios, nomeadamente do Turismo e da Economia, porque já não é uma atividade onde se... que as outras atividades subsidiem... não... há um investimento e há um retorno... um retorno que vai, digamos assim, mobilizar dinheiro para o país... porque vêm pessoas que assistem ao espetáculo e também vai melhorar as condições para quem faz cultura... nomeadamente, os produtores, os promotores, os criadores, etc., não é? É essa perspetiva... e, na verdade, nalgumas atividades, começamos a ter uma cooperação... uma parceria evidente, nomeadamente, do Ministério da Cultura e do Ministério do Turismo... numa perspetiva de exportar a cultura do país... recentemente, estive uma representação de Cabo Verde na Maison de la Culture du Monde, em França, e... a deslocação... tudo isso, foi... resultou também da parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério do Turismo. Nós mostrámos o país, em termos culturais, as práticas culturais mais genuínas... mas depois eles vêm cá para continuar a conhecer o país, não é? É uma sessão de marketing e promoção do país, partilhado entre o Ministério da Cultura e o Ministério do Turismo, não é? Há, obviamente, uma dimensão financeira e económica da cultura neste momento, que consta agora do programa do governo mais recente, e que... teve como consequência ser eleito como um dos pilares de desenvolvimento do país, ou seja, estamos a falar do quê? Da dimensão económica e da dimensão cultural, sendo a cultura como algo que faz com que as pessoas sejam melhores não é?

S: Falava, há pouco, de alguns acordos que existiam noutros países para, digamos, possibilitar a vinda de companhias desses mesmos países... sabe-me identificar quais? Convénios, acordos, parcerias...

JPB: Sim, esses contatos de natureza institucional às vezes acontecem através do Ministério da Cultura... mas outras vezes acontece diretamente com o Mindelact, não é?

S: Com a Associação ou com o festival Mindelact?

JPB: Com a Associação Mindelact... que é representante da cooperação... como tem autonomia de promover atividades dentro do país, não é? Como é que a cooperação funciona? Eles têm, digamos assim, um montante que é destinado para a cultura... e desse montante têm uma parte que terá a ver com a cooperação cultural, outra parte terá a ver com a promoção de eventos que o Centro Cultural Português promove... trazem artistas, trazem exposições...

S: Estão despertados para isso...

JPB: Sim... tem a ver, inclusive, com uma estratégia de promoção do próprio país, de cada um dos países... não há melhor montra que o próprio Mindelact, não é? Vou trazer um espetáculo de teatro... em vez de trazer um espetáculo de teatro para apresentar em Mindelo, por exemplo, em Abril... trago em Setembro, porque tenho mais público, porque tenho mais pessoas, não é? Há isso... mas há também um esforço de... como eu já disse... a perspetiva do Governo é no sentido de pegar nas iniciativas que já existem e dar força a essas iniciativas. Nós fazemos um esforço de natureza mais institucional junto dessas cooperações... no sentido de trazer, de estimular, de propor... que tragam espetáculos para o Mindelact, não é? Por exemplo, este ano no Mindelact, haverá a participação de um ator brasileiro, o palhaço Xuxu, que resulta, inclusive, dessa... de uma proposta do Ministério da Cultura junto da corporação Brasileira para que o ator viesse apresentar no Mindelact, não é? E aí juntámos, digamos assim, o conceito de programação da própria Embaixada com... digamos assim... demos um enquadramento que é útil para o país... onde o Brasil ganha em termos da promoção da sua cultura, fora do Brasil... e Cabo Verde ganha com um espetáculo de qualidade que é trazido... Juntámos esforços... e é lógico, digamos assim, o funcionamento em termos de crise... montámos os espaços, dividimos as despesas e temos ganhos para as duas partes...

S: Em termos do envolvimento da comunidade de São Vicente no festival, tem perceção que haja uma adesão mais forte da população na participação do festival?

JPB: Sim... o que acontece, por exemplo, neste momento... a própria sala começa a ser pequena para o festival. O festival começou com uma programação do palco principal e agora há outras rubricas... há o Teatrolândia, que é teatro infantil, há o Teatro de Periferia, que é feito nos arredores... e há o Teatro Off, que é para peças mais pequenas em termos de dimensão, em termos de tempo, em termos de espaço cénico, de lugar...

S: A performance... este ano... continua a crescer...

JPB: Continua a crescer... está sempre a crescer e vai crescendo, encontrando outras formas... há espetáculos que vão acontecendo... e o Mindelact... percebendo a importância que tem, vão levando o espetáculo às pessoas... o espetáculo na periferia... estão acontecendo espetáculos... já se desloca muita gente e a prova disso é a lotação esgotada... o povo de São Vicente já adotou o Mindelact... já não aceita não haver o Mindelact, não é?

S: O que considera mais relevante, mais importante, no trabalho desenvolvido pelo Presidente... pelo Diretor Artístico... mais neste caso do festival Mindelact, João Branco?

JPB: O que eu considero mais... há duas coisas que são fundamentais... primeiro tem a ver com a programação artística, com a direção artística, com a escolha do espetáculo... tem, obviamente, permitido uma educação artística, quer do públicos mas também quer dos, digamos assim, fazedores do teatro, sobretudo em São Vicente... o trabalho tem sido muito importante... não sei como e que ele faz isso mas... a escolha de um espetáculo ou outro acaba por decidir muita coisa. Em conversas com ele, percebi que um dos critérios é a diversidade... diversidade de linguagem artística... mas eu acho que, sobretudo... o grande mérito dele enquanto diretor artístico... é um trabalho de relações pública que é preciso fazer para que isto aconteça... é sabido... todos os grupos, ou quase todos não beneficiam de um cachet para atuarem no Mindelact... e não é uma coisa fácil de conseguir, nem de se pedir a um grupo... não se pede a um médico vinte consultas gratuitas... então pedir a uma companhia, a um ator, para estar gratuitamente no festival não é uma tarefa fácil... e ele consegue fazer isso muito bem, aliás tem conseguido... e a prova disso é que tem trazido cá espetáculos improváveis... eu lembro-me que, o ano passado ou há dois anos, esteve cá um espetáculo do Peter Brook... para nós era improvável, há uns anos atrás, ter um espetáculo do Peter Brook em Cabo Verde, não é? E tem conseguido isso precisamente com a capacidade de relações públicas, com essa determinação, com esse diálogo, com essa franqueza... e eu gostaria de destacar isso falando, obviamente, do lado artístico que já referi... destacar esse trabalho de contato com as pessoas... de dizer venham, vale a pensar vir cá, mesmo se não podermos pagar...

S: Bom... este festival, com 18 edições e com a evolução que teve, tem uma grande dimensão. A associação Mindelact... considera que é representativa, neste momento, nas dinâmicas culturais cabo-verdianas?

JPB: A associação Mindelact sim... claramente... é o exemplo mais evidente do que a sociedade cabo-verdiana pode fazer em termos artísticos, não é? Por exemplo, quando o presidente lança um grito de socorro a dizer que o festival não acontecerá... a sociedade

reage... quer as instituições públicas, quer as empresas, quer os privados reagem... é, precisamente, porque reconhecem essa...

S: Porque querem...

JPB: Sim, porque... não imaginam...

S: Porque não imaginam o Mindelo sem o Mindelact?

JPB: Não imaginam Mindelo e Cabo Verde sem o Mindelact... e eu acho que é uma grande lição para a sociedade Cabo Verdiana... uma grande lição para os artistas e para os cabo-verdianos... ou seja, o Mindelact atingiu um estatuto que o Estado, as empresas... não aceitam que o Mindelact não aconteça... e eu acho que...

S: Isso é extraordinário nos dias de hoje, não é? Sobretudo com este contexto empresarial que nós estamos a viver...

JPB: Exatamente, não é? Atingiu... conquistou isso... mas foi conquistando ao longo dos anos. E eu acho que os nossos criadores, os nossos produtores, os nossos promotores deviam ter o Mindelact como referência... perceber que é por aí que se trabalha... cresce-se, trabalha-se... reconhece-se o mérito e o valor... e a partir daí podemos, assim, exigir que nos deem todas as condições... porque já demos as provas não é? O Mindelact já deu todas as provas que tinha a dar ao país e neste momento está em posição de exigir que o país também se mobilize para que aconteça sempre e nunca deixe de acontecer.

S: Dr. João Paulo Brito, muito obrigada pelo tempo que me dispensou. Esta entrevista será um excelente contributo para este trabalho.

Apêndice 7. **Entrevista a José Mena Abrantes** -10 de Setembro de 2012-Director,
fundador e encenador da companhia Elinga Teatro - Angola

Sandra: José Mena Abrantes, qual é a sua profissão?

José Mena Abrantes: Eu sou secretário para assuntos de comunicação institucional e imprensa do Presidente da República de Angola, já há 25 anos. São essas as funções que desempenho profissionalmente.

S: E onde entra o teatro?

JMA: Nas horas vagas, à noite, por um período de 2 horas, eu corto com tudo o que diga respeito à minha profissão e dedico-me só ao ElingaTeatro; às vezes o circuito é apenas de casa para o Palácio Presidencial depois para o Elinga e finalmente para casa, vivo um pouco nesse triângulo.

S: E as suas funções dentro do Elinga são?

JMA: Sou fundador, em Maio de 1988, e desde então o director, encenador, produtor por vezes... faço um bocado de tudo, mas director cobre quase todas as áreas; normalmente sou eu que escrevo as peças, a maior parte delas, por vezes, quando escrevo as peças sei exactamente quem eu quero para fazer o papel, já os conheço, outras vezes sou mesmo condicionado pelo número de elementos que existe dentro do grupo; de início como o grupo era muito grande e todos queriam participar... se se for ver já escrevi 18 peças que estão agora a ser editadas numa colecção única no Brasil, e de início as minhas peças eram sempre com muitas personagens orque todos os elementos do grupo queriam entrar na obra e quando a escrevia já sabia que tinha de ter papéis para todos ou queixar-se-iam... depois com a evolução do grupo, havendo actores que ao longo dos anos se foram afirmando e distinguindo de outros, e estando o grupo constantemente a ter elementos novos, com equilíbrio entre os antigos e os novos, tanto que a última peça que trouxemos aqui já foi só para dois actores, o grupo todo fica a queixar-se porque eles gostam de viajar, e cada vez que há uma saída todos querem entrar...

S: Viajam imenso então...

JMA: Mais ou menos, sobretudo Portugal, Brasil e Moçambique, Cabo Verde, São Tomé por vezes... já fomos também uma vez a Espanha e duas a Itália. O grupo tem já 24 anos e já é bastante viajado, estreou-se em Itália, formou-se e foi estrear em Mecina na Sicília.

S: Dentro do Festival Internacional Minlelact, na sua perspectiva, como acha que surge um festival aqui em Cabo Verde, particularmente na cidade do Mindelo?

JMA: Eu acho seja aqui ou em qualquer outro lugar, tudo parte sempre da iniciativa de uma pessoa porque é raro uma iniciativa desta natureza surgir de um colectivo, há sempre um dinamizador, que pensa no assunto, começa a mobilizar pessoas para o ajudar e acaba por concretizar o projecto; neste caso do Mindelact, sem dúvida foi o João Branco. Ele chegou aqui, ao serviço do Centro Cultural Português e, como é de uma família ligada às Artes, facilmente quis dinamizar um núcleo de produção teatral, um grupo de teatro; a partir daí surgiu-lhe esta ideia, que é arrojada para um meio tão pequeno como o Mindelo mas certo é que nunca falho uma edição e já vai na 18ª. Nós tínhamos ideia de fazer coisas semelhantes em Angola, que quando se compara com Cabo Verde, Angola surge sempre como uma grande potência com recursos inacabáveis e, em 24 anos, para fazermos dois festivais, foi difícil... daí considerarmos esta iniciativa do Mindelact quase milagrosa porque é feita quase sem meios, com apoios iniciais limitados de algumas empresas... nós ouvimos o Ministro da Cultura, no primeiro dia do Festival a dizer que a partir deste ano vão dar um apoio institucional ao Festival, o que significa que os 17 anteriores não tiveram, ou pelo menos não com este reconhecimento tão formal; mas o que é certo é que com um meio pequeno, poucos recursos, dada a grande mobilidade do João Branco... eu conheci-o num festival no Brasil, da Cena Lusófona, e vi a forma de ele actuar para organizar com antecipação de quase 1 ano o Mindelact – ele vai a um festival e detecta 2 ou 3 grupos que lhe interessam pela dimensão ou pela qualidade de trabalho e contacta-os imediatamente, estabelece um vínculo e, num único festival, faz a programação do ano seguinte do Mindelact...

S: Sim, há dois dias atrás me disse que já tem a programação do próximo ano quase fechada, quando este ano esteve quase para não se realizar porque não havia apoio...

JMA: Eu, logo que cheguei, sugeri-lhe um monólogo, ainda não estreou em Angola mas eu já vi os ensaios, um monólogo meu, feito por uma atriz do Elinga mas dirigida por uma pessoa de outro grupo de teatro angolano; e é o tipo de trabalho que mobiliza 2, 3 pessoas, temos voos directos, pode já incluir a peça no próximo Mindelact... a programação vai surgindo assim. Há dois anos também tentámos fazer a segunda edição do festival angolano e adoptámos esse método, logo no festival onde estávamos contactámos 2 ou 3 grupos, convidá-mos mas no ano seguinte não houve festival e os grupos foram-se desmobilizando. Neste momento, além da falta de recursos, a nossa sede, que é um edifício de fins do século XIX, está ameaçada, querem destruí-la para fazer um parque de estacionamento vertical; na eventualidade da casa não cair até Maio, já temos alguns contactos feitos com grupos para organizar a 3ª edição do festival. Voltando ao Mindelact, no fundo nós pudemos acompanhar o festival quase do início, viemos na 3ª edição, e na altura havia uma associação de Portugal, que ainda existe mas sem os meios que teve, a Associação Cena Lusófona, com sede em Coimbra, na altura muito activa e tinha subsídios do Estado Português, e organizavam uma espécie de festival a que chamavam Estação, podia ser uma estação apenas com debates ou uma estação com peças de teatro de vários países e organizadas em países diferentes; calhou que a primeira ou segunda estação da Cena Lusófona coincidiu com o terceiro Mindelact, e como tínhamos uma co-produção entre o Elingalinga e a Cena Lusófona, o nosso grupo foi dirigido por um encenador português o Rogério de Carvalho e viemos participar no 3º Mindelact, que também era Estação da Cena Lusófona, havia essa simultaneidade; logo nesse ano eu e o João Branco começámos a conversar na perspectiva de ele ir a Angola dirigir o meu grupo e eu vir aqui ao Mindelo dirigir o grupo dele, e isso concretizou-se logo no ano seguinte porque houve a coincidência de o Elinga ir à Expo 98, em Lisboa, com um convite da própria Expo para estrear uma obra inédita lá, e depois havia a perspectiva de o Ilinga ir para São Paulo a umas jornadas que se chamavam “Navegar é Preciso”, e como consegui ter uma licença sem vencimento de 3 meses, pensando já na perspectiva de vir a Cabo Verde, ir à Expo em Lisboa e a São Paulo, fui autorizado a ausentar-me por 3 meses... antes mesmo da Expo vim dirigir o grupo do João Branco e depois tive de ir à pressa para a Expo, deixei a obra meio acabada, o João Branco acabou o trabalho e estreou também no 4º Mindelact.

S: A célebre peça, “Os velhos não devem namorar”...

JMA: Dessa vez, eu só vi a peça já pronta num festival em Estarreja, Portugal, porque tive de sair daqui porque apercebi-me que o grupo estava em Lisboa já a preparar-se para a Expo mas estava totalmente disperso, noutras vidas e por isso não pude concluir nem assistir à estreia aqui e fui para Lisboa... acabei por ver o espectáculo em Estarreja. Mais tarde acabámos por participar na 6ª edição do Mindelact, em 2000, e viemos com uma peça da minha autoria e, nos dez anos seguintes, e para diversificar um pouco – em 6 edições viemos 3 vezes – e durante 10 anos vieram outros grupos angolanos, o João Branco diversificou, estiveram outros 2 grupos, um deles várias vezes o outro uma única vez; em 2010 surgiu de novo a hipótese de irmos, eu trouxe uma peça de Amin Maalouf, um libanês, e depois pensámos que iriam decorrer muitos anos até voltarmos aqui; este ano tinha pensado na montagem de “O cego e o paralítico” só como transição para uma outra obra que envolve mais actores, tínhamos acabado de fazer uma adaptação que eu fiz do romance “Caim” do José Saramago, tínhamos levado essa peça ao Brasil, a um festival no Rio de Janeiro e depois havia a perspectiva de levar essa peça a outro festival em São Paulo, e portanto, no intervalo enquanto o elenco maior estava ocupado no “Caim”, estes dois actores estavam disponíveis e são dos actores mais antigos, dão já mais garantias de um bom trabalho, resolvemos para não ficarem inactivos, resolvemos fazer esse texto pequeno, quando o João soube que estávamos a montar esse texto, ele disse que tinha criado uma modalidade alternativa dentro do Mindelact que é o Espaço OFF, e portanto uma peça da natureza daquela que nós estávamos a fazer, com 30/35 minutos era o ideal para se fazer num pátio; eu disse-lhe que a minha montagem podia ser feita de 2 maneiras, ter essa duração mas eu estava a pensar numa perspectiva de fazer um projecto multimédia, de lhe acrescer um vídeo; logo depois de lhe dar essa informação, ele disse-me que se conseguisse garantir a peça com pelo menos 50 minutos, ele passaria para a sala principal, uma vez que este ano queria prestar homenagem ao grupo. Depois disso, como a ideia de ir a São Paulo tinha ficado suspensa pela falta de recursos, uma vez que o festival de São Paulo não pagava viagens e a peça envolvia 13 pessoas, e também a questão de não poderem dar cachet por causa da crise, então como esta viagem não se concretizou, com uma semana de antecedência ainda propuz ao João Branco trazer o “Caim” em vez de “O cego e o paralítico”, porque seria mais fácil trazer as 13 pessoas aqui com o “Caim”, mas foi completamente impossível, já não havia recursos para alimentar e alojar o resto do elenco; para nós fazia mais sentido trazer o grupo grande num ano de homenagem para as pessoas terem uma outra imagem do que é o grupo, a diversidade, o grupo tem 14 actrizes e não tivemos aqui nenhuma, levámos para o palco uma amiga que chegou de Lisboa e nem pertence ao grupo, apesar de estar ligada ao Ilinga, vive em Lisboa e

normalmente é quem garante o material de produção que não existe em Angola, como máscaras e, por exemplo uma das últimas peças que fizemos era de um autor brasileiro, “As grávidas”, e uma das atrizes tinha de entrar com o rosto totalmente deformado por ter sido queimado com ácido, e foi essa amiga que a partir de Lisboa nos mandou umas cicatrizes próprias para a caracterização.

S: Conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

JMA: Eu fiz uma afirmação a dizer que o Mindelact era dos mais importantes em África, mas não foi com certeza porque não conheço muito outros festivais, sei que elementos do meu grupo que depois se profissionalizaram estiveram a trabalhar em Portugal, já estiveram em festivais nos Camarões, Senegal, São Tomé... o Elinga foi também a um festival em Maputo, sem mim, e, pelo menos dos relatos desses quatro festivais...

S: Mas são festivais que têm continuidade?

JMA: O de São Tomé é o festival Gravana, acho que já tem várias edições mas creio que não é muito regular; em Maputo o festival é como o nosso, queríamos que fosse anual, não deu, depois bienal, não deu... fizemos depois de 4 anos e se conseguirmos fazer a terceira edição é com a separação de 1 ano... 5 anos... não sabemos, então não são festivais com regularidade; na Nigéria também há o festival de artes negras, Angola já participou também mas é um festival que abrange toda a actividade artística: dança, cinema, às vezes até se realizam em estádios; os festivais que eu conheço em África são para grupos africanos, os festivais em África de língua portuguesa são também para Portugal, Brasil e Timor Leste. O que se realiza no Rio de Janeiro, *FestLib*, também é um festival de língua portuguesa mas só para países de língua portuguesa; a diferença do Mindelact é que traz países da Europa, da América do Sul, África, apresenta mais variedade e tem uma dimensão mais internacional.

S: Tem ideia de haver interacções regulares entre as companhias de teatro que participam nesses festivais?

JMA: Nós todos nos conhecemos nos festivais, eu não teria hipótese de conhecer o João Branco se ele não tivesse estado numa estação da Cena Lusófona, a co-produção entre nós surgiu de um encontro no festival da Cena, depois, é interessante porque de Cabo Verde

veio um grupo, Solaris, que nós conhecemos no Rio onde os convidámos para o nosso festival; essa interacção é importante. Outro aspecto importante desse convívio alargado, por exemplo, eu já tinha escritas 12 peças de teatro e em Angola, em 10 anos, tinha conseguido publicar 4, quando a Cena Lusófona soube que eu já tinha 12 peças escritas, propos-se editá-las em 2 volumes, o simples facto de ter estabelecido contacto com a Cena permitiu publicar as minhas 12 obras de uma só vez, o facto de eles as difundirem levou grupos brasileiros a montá-las; às vezes não há comperação formal entre os estados e por baixo estabelece-se uma rede de contactos que ultrapassa as estruturas oficiais.

S: Como pensa que seja realizada a publicidade e marketing aqui do Mindelact? Pensando em termos internacionais, saindo do território cabo-verdiano e até africano?

JMA: Penso que, pelo facto até de o João Branco conseguir estabelecer e fechar a programação com muita antecedência, também recebemos toda a informação já completa sobretudo via internet, e recebemos insistentes telefonemas sobre o que é necessário de luzes, cenários para a nossa peça; eu queria recriar a partir das imagens em vídeo das filmagens que fizemos da nossa peça, mandei esse video ao João Branco e perguntei se havia condições de prolongar aquele cenário para o palco, ele respondeu-me que se era só capim e pedra, arbustos com espinhos, pedra e areia que se arranjava facilmente, quando cheguei tinham vários sacos de areia mas como eu acabei por trazer uma lona que trazemos sempre por haver palcos demasiado brilhantes que refletem as luzes - montei a “Yerma” do Lorca em que tínhamos uma lona que se elevava, baixava, fazia vários efeitos e que era cenário ..., entretanto foi ficando lá, pintámos de outra cor e agora acaba por fazer chão em qualquer peça – achei que então com a lona não precisava da areia e pedi-lhes uns pedragulhos e uns arbustos, que me entregaram duas horas antes... antes de tudo defino sempre, nos cenários das minhas obras, onde os actores vão evoluir, para mim é essencial fazê-lo e saber onde se vão movimentar. No Mindelact fizemos a estreia da obra e então tinha de saber onde pôr as pedras e os arbustos, e tinha de ser eu, todos me queriam ajudar mas não podia ser, eu ia com a pedra pelo palco e tinha de sentir onde ela ia ficar – tive eu de carregar as pedras todas e pôr no lugar, com os arbustos piquei-me por todo o lado mas era uma questão de... não se explica. Nunca recorri a um cenógrafo, ao escrever a peça já concebo o cenário associado, se escrevo o texto e vem outra pessoa propôr... já não é a mesma coisa.

S: E como acha que surgiram na programação determinados países, mesmo improváveis, como a República Checa, por causa da distância, da Língua...

JMA: São os tais contactos casuais, ouve-se falar, ou alguém propõe... mesmo de Espanha e Portugal, países ibéricos, línguas próximas. No nosso festival queríamos alargar a área da África Austral, a região onde estamos inseridos, mas, para além de Angola e Moçambique, todos os outros países são de língua inglesa e trazer peças de língua inglesa não é o ideal; este ano acrescentámos já a Namíbia, África do Sul tem um teatro de maravilha mas levarmos as peças sul africanas a Angola faladas em inglês é estranho... a não ser que sejam peças que não recorram muito à palavra, no caso dos namibianos, era mais teatro-dança. Aqui explica-se a variedade pelos contactos informais às vezes dos próprios organizadores ou sugestões de pessoas amigas, quando um festival ganha a dimensão que o Mindelact tem são os próprios participantes que ajudam à programação: “Eu estive em Praga, vi um espectáculo magnífico com 3 pessoas, não falam...”

S: Poderia haver uma barreira de viagens mais caras, a língua...

JMA: No nosso festival financiamos tudo, passagens, alojamento, alimentação e cachet porque quando definimos o orçamento e fazemos os contactos para pedir os patrocínios, porque não temos recursos próprios, já incluímos no orçamento tudo, os patrocinadores já sabem... e por vezes o problema é a seriedade nas contas; aconteceu nos primeiros anos depois da independência grupos pedirem patrocínios a empresas privadas e públicas para fazer um determinado espectáculo, as empresas davam e por vezes o espectáculo nem sequer acontecia, ninguém apresentava contas...

S: Terá sido uma das razões que levou a que não houvesse continuidade, perde-se a credibilidade...

JMA: Por uns pagam os outros... ao longo destes 24 anos só sobrevivemos com uma estratégia um pouco diferente, é raro pedirmos ao mesmo patrocinador dois anos seguidos, no festival deste ano a Sonangol, a empresa de petróleo de Angola, financiou quase 70% do festival, no próximo a Sonagol não terá que dar nada, excluimo-la logo à partida.

S: Já fez a sua parte...

JMA: Daqui a 5 anos voltamos à carga. É curioso que até para as nossas própria montagens, porque agora os actores já não fazem só por amor à arte, todos cobram logo pelos ensaios, e então fica mais complicado uma vez que não temos recursos próprios; quando pedimos patrocínio para uma determinada produção definimos logo à partida o número de actores, quanto irão ganhar pelos ensaios, pelo espectáculo, etc e como apresentamos sempre as contas junto dos patrocinadores que têm um certo peso, mantemos a credibilidade... houve uma altura em que ninguém dava nada a ninguém pelos maus exemplos. Quando recebemos o patrocínio esgotamo-lo no evento, não fazemos questão de guardar para um próximo evento...

S: Por vezes até esgotará antes...

JMA: Foi o que aconteceu neste ano, em que ficámos a dever o hotel, já depois do festival acabado tive de recorrer a outro patrocínio para pagar o saldo negativo que tínhamos no hotel.

S: Considera que o contacto com outros países estrangeiros aqui contribuiu para alterações e aprendizagens na programação do Mindelact, uma vez que se tratam de culturas diferentes...

JMA: Na programação não sei, mas no ganho de experiência sim, em Luanda há mais de 100 grupos de teatro, nos bairros, nas igrejas, escolas, etc mas quase todos abordam a mesma temática recorrem ao mesmo tipo de personagens porque houve um grupo no passado um grupo que teve sucesso a contar uma história em que entrava o feiticeiro, a menina da aldeia, o homem da cidade que visita a aldeia e que cria problemas à menina, tem de haver um tribunal tradicional para decidir...

S: Porque é que acha que há essa falta de criatividade, a repetição constante de temáticas?

JMA: Tem de se mostrar outras formas de encenar, às vezes tratam temas parecidos sempre da mesma maneira, vendo um outro grupo tratar de uma maneira original, ajuda a abrir a cabeça; o que pretendemos em Angola com o festival é trazer outras propostas cénicas que levem essa imensidão de grupos que estão na cidade a ver que não é preciso fazer tudo da

mesma maneira, entra um da esquerda sai para a direita, sem cenário, sem iluminação, os actores entram, avançam para o público, falam, falam, falam... mudam da sala para a rua, da rua para o palácio e é sempre no mesmo lugar... às vezes com recursos mínimos, umas pedras e uns arbustos cria-se uma atmosfera; então vejo mais os ganhos em proporcionar uma programação diferente e dar aos participantes acesso a perspectivas e propostas cénicas diferentes

S: Aí já estamos a falar de companhias que vêm de outros países?

JMA: Localmente ajuda a criar um público, mas em termos internacionais, por exemplo, os primeiros

festivais em que participámos, o primeiro de todos foi o segundo Encontro de Teatro Africano em Itália, em quatro cidades diferentes, não vimos um único espectáculo dos outros grupos participantes, este estilo de festival não nos interessa tanto porque interessa-nos chegar no primeiro dia, conviver com todos os grupos, ver o trabalho deles, participar em workshops, debates, tudo, ter toda a vivência...

S: É o formato aqui do Mindelact?

JMA: É o formato aqui e é o nosso também, a nossa primeira edição durou um mês durante o qual estiveram todos em Luanda, arrombaram-nos as finanças para os quatro anos seguintes... este ano o único grupo que teve de ir embora foi o de São Paulo, os outros todos ficaram durante todo o festival, participaram em tudo, viram tudo; às vezes à coincidência de espectáculo e não dá para ver tudo, no caso do Mindelact, com 40 espectáculo não poderemos ver metade, mas pelo menos sabemos que estão a decorrer, podemos seleccionar, o **FestLib** no Rio também é assim, já o encontro de São Paulo não, nestes levam-nos para o interior do estado, estamos numa cidadezinha só nós, representamos para o público da cidade, passamos para outra cidade, são para o público local, como em Itália, estivemos um mês lá e não vimos nenhum outro grupo africano... este modelo do Mindelact é mais interessante.

S: O conjunto de experiências, de aprendizagens, fazem-se por aí; será o melhor que levam do Mindelact?

JMA: Sim, esses contactos... esses workshops, parecendo que não servem para nada, duram 2, 4 horas, servem para apontar uma linha de trabalho aos actores na qual eles não tinham passado, eles falharam o workshop sobre a comedia del'arte, disse-lhes já para não falharem o workshop sobre a voz que é fundamental e ninguém em Angola trabalha a voz... em 2 horas de certeza que vão ser indicados exercícios que eles próprios poderão usar.

S: Não é usual em Angola trabalharem a voz, com técnica vocal, projecção?

JMA: Não temos formadores, o responsável de cada grupo é o que transmite conhecimentos sobre isso se ele próprio os tiver, senão têm de os procurar noutra sítio; mas já tem havido muito intercâmbio, ainda agora estiveram lá 2 senhoras brasileiras a dirigir um workshop para o Elinga, 4 horas por dia durante uma semana, neste momento estão a dirigir um outro grupo no nosso espaço sobre trabalho corporal; lá mais facilmente usam bem o corpo do que a voz.

S: O José Mena Abrantes, enquanto director do Elinga sente que esta experiência e vivência no Mindelact é um contributo positivo em termos de produção?

JMA: Sim, ajuda a encontrar soluções... o Mindelact permite esta coincidência de ficarmos todos no mesmo espaço, mas também adoptámos este modelo, estamos todos no mesmo Hotel, todos comem juntos, todos dormem no mesmo espaço, mas em festivais equivalentes no Rio de Janeiro já somos colocados em lugares diferentes, com vários espaços para refeição, dão-nos umas senhas que podem dar direito a 2 ou 3 espaços diferentes... este modelo de concentrar tudo no mesmo espaço contribui para uma melhor produção...

S: E dá espaço para conversa, troca de opiniões...

JMA: Exacto, convívio à mesa e tudo isso...

S: Em termos de público, acha que aqui há uma dimensão representativa em termos de diálogo intracultural? O que sente, uma vez que tem estado tantos anos presente?

JMA: O que eu vejo é que no Mindelact, o interesse é absoluto, os espectáculos todos esgotam, às vezes com vários dias de antecedência já não há bilhetes. Nos casos dos festivais de São Paulo e Rio, o público não tem de pagar, o patrocínio deles cobre a afluência do público, a entrada é grátis, no caso do Mindelact não e no nosso caso também não.

S: Apesar de o número de espectáculo a serem pagos é reduzido, em 40 espectáculos, só 9 é que são pagos...

JMA: Sim, e metade da sala são elementos dos outros grupos que não pagam... não é por aí que há retorno do investimento, no nosso caso é igual, com a agravante de a nossa sala ter metade da lotação apenas, esta tem 230 lugares e a nossa 120, é uma antiga escola, não é um teatro.

S: Mas há comunicação entre as pessoas de culturas diferentes, que se encontram...

JMA: Sim, eu vejo mais o encontro entre os próprios participantes, mas o público procura os participantes, vêm ter connosco, falam, abordam na rua os actores que viram no palco; ainda agora um dos actores foi ali comprar um carregador e um vendedor, senegalês, em francês disse-lhe que tinha gostado muito do espectáculo!

S: Totalmente inesperado... há pouco dizia-me que tinha conhecido o João Branco no Encontro da Cena Lusófona, no Brasil, e esse foi o seu primeiro contacto com o Mindelact. Quando é que foi?

JMA: Em 97...

S: Vão lá uns anos...

JMA: Logo no ano seguinte eu vim logo para aqui!

S: Considera notória a evolução qualitativa da programação do festival nesta última década?

JMA: Esta última década foi exactamente a década que, nós Ilinga, não acompanhámos...

S: Mas Angola tem estado aqui...

JMA: Sim, outros grupos, mas sinceramente não sei bem quem participou com eles porque nós viemos em 2000 e só voltámos em 2010, foram exactamente 10 anos sem vir.

S: Em contactos que vai tendo com o João Branco conversam sobre isso?

JMA: Não vinha ao Mindelact mas encontrava o João por aí e às vezes me dizia que tinha feito meia dúzia de contactos e que já tinha a programação do próximo Mindelact, só ali... com meia dúzia de contactos já tinha definido o grupo Angolano que vinha, que tinha ido connosco ao Brasil.

S: E depois desses contactos deve ir apurando essa programação?

JMA: Penso que sim porque, por exemplo, os espectáculos que eu vi em Oeiras, que vi no Rio e que ele convidou imediatamente, eram espectáculos de qualidade, tanto do grupo angolano como do grupo brasileiro, por exemplo o monólogo do Julio Adrião “Descoberta das Américas”, também o convidámos imediatamente para ir a Angola também e acabou por ir não a um festival mas para uma série de apresentações.

S: Um festival desta envergadura deve ter um orçamento geral bastante elevado, não sei se tem esta percepção uma vez que não faz parte da organização, mas crê que a crise económica mundial, europeia que estamos a ultrapassar tem tido reflexos no Mindelact?

JMA: Só pode ter, aliás isso já foi confirmado tanto pelo ministro como pelo João Branco numa conferência de imprensa, e reflecte-se também na falta de apoio para qualquer iniciativa que tenhamos agora, ou pelo menos serve de desculpa: Não podemos por causa da crise – o que é certo é que este ano, os vários festivais lusófonos, o FesteLuso, no nordeste, foi cancelado, o de São Paulo este ao ponto de ser cancelado, o de São Tomé não se realizou... de certeza que afecta porque, nos primeiros Mindelact, o João dizia que conseguia fazer o festival com 50000 dólares aqui no Mindelo, não sei se tem de financiar algumas das companhias em termos de viagens, mas em princípio o nosso grupos sempre que foi a um festival os organizadores do festival pediram-nos para sermos nós próprios a custear a

viagem, nunca nenhum festival nos pagou a viagem, nem no Brasil, nem na Itália, nem em Espanha, nunca, pagam-nos tudo à chegada.

S: Se quer participar em alguma festival tem de custear...

JMA: O mais grave é que há festivais que nos dizem: “Gostávamos muito que viessem mas têm de pagar a viagem e eventualmente o alojamento” – assim faço um todos os meses, convido 50 grupos, só tenho o trabalho de ir ao aeroporto buscá-los e depois levá-los outra vez, eles pagam tudo. O nosso fica caro sobretudo pelas viagens, porque financiar o transporte de grupos do Brasil, Portugal, passagens aéreas caríssimas... com a TAAG, a nossa companhia aérea que tem voos para Moçambique, para Portugal, para aqui, para o Brasil, conseguimos uma redução substancial no preço e assim podemos fazê-lo, se fossem os próprios grupos a comprar os bilhetes teriam de pagar o dobro... Neste caso, a TACV só poderia trazer os grupos de Portugal, os de Moçambique e Brasil já não podia, para nós é mais fácil do que aqui para o Mindelact.

S: E o Mindelact está na 18ª edição, como é que explica o sucesso desta continuidade, cada vez com maior adesão num país com recursos físicos, e até financeiros, tão escassos?

S: Tem também a ver com o facto de ser um local um bocado exótico, plantado no meio do Atlântico, de ser uma cidade simpática, acolhedora, tranquila, de paisagem... e isso também seduz, as pessoas gostam de vir.

S: Mas isso não minimiza a falta de recursos financeiros que existe.

JMA: Para alojar e alimentar, desde que haja uma boa relação com os espaços de restauração, consegue-se fazer preços mais acessíveis, é mais fácil conseguir redução a esse nível aqui do que nos hotéis em Angola, em Luanda que pelo segundo ano consecutivo é eleita a cidade mais cara do mundo, não há hotel nenhum de 3, 4 estrelas que não cobre 400, 500 dólares por uma noite, enquanto que em todos os países à nossa volta, Zimbábue, Namíbia, África do Sul, por um quarto da mesma qualidade paga-se no máximo 70 dólares, a desproporção é incrível. No nosso festival conseguimos uma redução num hotel que acabou de estrear, ainda com pouca projecção, e o facto de apoiar um evento internacional ajudava a

apresentar o hotel ao público, fizeram-nos uma redução mas contíamos a pagar um preço absurdo, de 500 baixaram para 300, acaba por não ser significativo, é tudo demasiado caro. Esta parceria que o Mindelact tem com o Sôdade desde a primeira vez que viemos que nos instalamos aqui, já há um bom relacionamento com o hotel, a própria dona já sabe que neste mês vai ter a casa cheia e talvez possa baixar preços... não sei, é especulação.

S: Tem noção, em termos de financiamento, que parcela, que percentagem, o estado faculta?

JMA: Aqui, não faço ideia, mas parece que a partir de agora, pelo menos a nível de promessas deu para entender que são capazes de sustentar o festival sem grande preocupação para o Mindelact.

S: Também, pelo que me pareceu, não sei se é essa a noção que tem, também tem havido financiamentos regulares de entidades privadas.

JMA: Sim, por uma questão de dar uma projecção institucional mínima ao nosso festival, nós, nas duas edições, pretendemos associar o governo da província de Luanda e o Ministério da Cultura de Angola ao festival, até para lhe conferir uma dimensão mais alargada. Vamos ao Minsitério da Cultura e dizemos: Gostavamos de apresentar o festival com o alto patrocínio do Ministério da Cultura – Tudo bem desde que não tenhamos de dar nada, tudo bem... – quer dizer, emprestam-nos o símbolo do Ministério... já no caso do Governo Provincial a resposta foi igual, não podem dar dinheiro mas podem apoiar noutras coisas, emprestar o autocarro para a deslocação dos elementos, nos dois festivais alargámos o espaço de 120 lugares para 140/150 e quem acrescenta lá os assentos é o Governo Provincial; 2 dias antes do festival começar tínhamos uma cratera em frente ao teatro, uns canos da rua tinham rebentado, uma cratera onde cabia um camião, eu falei com o Governo Provincial e ele em 48 horas arranjou, que é raro em Luanda, meia hora antes da Ministra chegar para abrir o festival estavam eles a por o asfalto e a rua a ficar perfeita; a esse nível o Governo Provincial dá grande colaboração. No Ministério da Cultura, a ministra foi abrir o festival, fez um discurso, e acabou por ali o apoio.

S: Uma representação institucional mas não passa da palavra...

JMA: Sim, acaba por nos interessar dar essa dimensão, mas a eles também porque não têm de pagar nada e não se importam de o fazer. Agora já há promessas de um apoio institucional desde que apresentemos o projecto com antecipação, vão ver no que podem ajudar, mas... por exemplo, eles de há uns anos a esta parte, uns 4 ou 5 anos, o Ministério faz questão de dar aos grupos um determinado valor, meramente simbólico, o valor que dão ao Ilinga não dá para eu pagar um mês de ensaios aos meus actores, mas o resultado é que na programação já vem indicado peça com apoio do Ministério, quando é um apoio que no fundo não acrescentou nenhuma mais valia em termos financeiros, então temos de recorrer sempre a patrocinadores como a empresa petrolífera e bancos, há muitos, uns nacionais e outros estrangeiros; alguns têm mesmo programas de apoio a actividades culturais mas especializam-se, um só apoia fotografia, outro só apoia concertos de musicais, não há um que se tenha especializado em teatro...

S: Tem a ver com a sensibilidade de quem está nos cargos das empresas...

JMA: Eles também sabem que se dão um apoio a um concerto musical, estão lá 20000 pessoas a assistir, com o logo da empresa, apoiam um festival de teatro e estão 120 pessoas na sala, eles fazem as contas e mais facilmente apoiam a música que o teatro.

S: Já aqui no Mindelact, a adesão da população de São Vicente, e até mesmo de Cabo Verde, parece ser bastante vincada... em termos de público?

JMA: É um bocado como no nosso caso em Luanda, fazemos uma estreia, se fazemos um espectáculo durante 10 dias, a casa está quase sempre cheia, depois disso começam a vir 5, 10, porque há um público entre 800 e 1200 pessoas que conhecem a actividade do Ilinga, que gostam e que aparecem, esses são garantidos; para continuar teríamos de fazer outro tipo de publicidade, ir à televisão... há certas coisas que eu prefiro nem anunciar no jornal, há o passa a palavra, vai-se falando e enche a sala, se ponho um anúncio na televisão aparece gente que não tem lugar, é preciso dosear, saber que público é que temos disponível e se vamos fazer 4 semanas 3 espectáculos, 5ª 6ª e sábado, já sabemos que não precisamos de grande publicidade para esse mês se quisermos continuar sim, já temos que fazer entrevistas na rádio, anunciar no jornal, sobretudo falar na televisão, de preferência, não pôr o anuncio na televisão angolana mas na Globo, que tem representação local, as

novelas, as pessoas vêm amis a globo que a televisão nacional, o anúncio é metade do preço do que na televisão nacional, fica mais barato...

S: Mas aqui a população de São Vicente e de Cabo Verde acaba por aderir...

JMA: E como há esta modalidade de espectáculos de rua, acabam por envolver mais a comunidade, aquele desfile do primeiro dia era a própria que aderiu

S: Com uma localização estratégica na cidade... O que é que considera de mais importante no trabalho desenvolvido pelo director artístico do Mindelact, o João Branco?

JMA: Eu sei que ele montou já mais peças do que eu mas eu vi a Casa da Bernarda Alba em crioulo, que eu não entendi metade... vi há dois anos também um outro trabalho muito sofisticado em termos de encenação, mas do que eu sei que ele vai fazendo, eu acho que uma das coisas importantes é a valorização do crioulo como língua para tratar peças universais, com fazer o Romeu e Julieta do Schasqpear em crioulo, ou fazer Lorca em crioulo, dá uma dimensão à língua local de dignidade capaz de traduzir traduzir textos de projecção universal, Sha, Lorca, grandes dramaturgos da história do teatro, representados em crioulo; esta faceta do trabalho dele parece-me muito importante.

S: Ainda que a língua oficial seja a portuguesa?

JMA: Sim, acaba por dar a essas peças universais um interesse local porque são feitas na língua que as pessoas mais falam no dia a dia, na língua de comunicação.

S: O que acha ser de mais marcante para uma companhia estrangeira que participa no Mindelact? Da experiência de vida aqui, o que é de mais importante? Imagine, uma companhia que nunca tenha vindo, que não é o seu caso... lembra-se da sua primeira vinda?

JMA: O meu caso pessoal é um pouco diferente porque a primeira vez foi o conhecer a cidade em si... agora já nem tiro tantas fotografias, mas da primeira vez esgotei todos os ângulos possíveis do Mindelo porque é uma cidade muito fotogénica, a baía, os

montes, as crateras do vulcão, as montanhas... agora sou mais selectivo, só coisas mais pontuais; e no ano seguinte, quando vim dirigir o grupo de João Branco, já trouxe os meus filhos, já foram férias em família, 4 filhos, passeios pela rua, já estávamos integrados na cidade... e é esse talvez o aspecto chamativo...

S: Para isso teve de haver um envolvimento muito forte, para numa segunda vinda já trazer a família?

JMA: Eu ia ficar um mês então, como tenho os quatro filhos dispersos, uma em Moçambique, dois em Portugal e outro anda pela Europa, é músico, e então há esse compromisso, são quatro de três mães diferentes, todos espalhados, e então há esse compromisso de não perdermos o contacto uns com os outros e fazemos questão de todos os anos fazermos férias juntos sempre num sítio diferente.

S: O Mindelact é de tal forma uma família que vos obriga a trazer a família de sangue...

JMA: Daquela vez, como eu ia ficar um mês trouxe mesmo... desta vez só por um acaso é que não vieram, porque tínhamos férias marcadas para o Brasil, o FestLip, o festival de língua portuguesa do Brasil ia-me prestar uma homenagem pessoal este ano, mas foi tudo adiado para o próximo ano, portanto tínhamos tudo organizado para nos concentrarmos no Rio, depois quando houve a hipótese de eu vir ao Mindelo, 3 vinham de Portugal e outra de Moçambique para ficarmos aqui 10 dias mas surgiu o problema de eu ter de sair daqui logo após a homenagem eu tinha de apanhar um avião directo para o Brasil porque a outra parte do grupo ia para lá, ao tal festival de São Paulo que cancelou a ida do grupo, então como eu disse que iria ficar aqui só 3, 4 dias, desfez-se a hipótese de nos juntarmos todos...

S: E acha que esse fenómeno acontece com outras companhias? Isto a propósito da minha pergunta sobre o que acha que pode ser mais marcante na participação neste festival.

JMA: Acho que não, por isso lhe disse que o meu caso pessoal é um pouco diferente, mas vejo por exemplo que o Enano passa aqui a vida, já fez do Mindelo um espaço de actuação próprio, faz várias performances, anda por aí a toda a hora... mas é esse elemento

que há pouco acabei por não referir, sendo uma cidade pacata, tranquila, aqui no meio do Atlântico, tem um atractivo especial, não é a mesma coisa que ir a um festival no Rio, é um espaço diferente, é quase um cenário próprio para a actividade teatral, as casinhas, os montes, tudo... acaba por ser um espaço atractivo precisamente por ser um meio pequeno porque a pessoa se integra mais na vida da cidade, num festival em Maputo, Luanda, ninguém se apercebe da presença do próprio festival, só os interessados é que sabem que está a decorrer um festival, o resto da cidade não sente qualquer alteração; nós temos uns 10 ou 12 semanários, fazemos um festival com 150 actores de todos os países de língua portuguesa e se houver 1 que faz referência a isso já é muito... só o jornal oficial, porque eu sou amigo do director é que vai publicando coisas sobre o festival, os outros nem sequer se interessam...

S: Mas esses jornais não têm suplementos sobre artes?

JMA: Têm páginas de cultura e afins mas pelos vistos não lhes chama a atenção, alguns por conflito pessoal comigo, para me castigar, tudo o que eu faço eles não falam...

S: O Mindelact, com estas 18 edições, tem neste momento uma dimensão muito envolvente. Quais é que acha que são as razões que levaram à evolução deste festival ao ponto de ter esta dimensão, com o reconhecimento de todos?

JMA: Volto à primeira resposta, é a iniciativa pessoal e o dinamismo da pessoa que está à frente porque se de repente o João Branco deixasse de dinamizar o festival, eu não sei se haveria outras pessoas capazes de criar o mesmo tipo de redes, de contactos... há companhias que não vão a qualquer lado, sobretudo grupos profissionais da Europa e assim, são convidados para ir a um país, primeiro vão ver na internet que país é aquele, e depende muito da relação pessoal que se estabelece, da forma como o organizador ou dinamizador consegue cativar as pessoas, e depois pelo que proporciona, chegados aqui, sendo bem recebidos... porque não voltar? E depois vemos que esse público aplaude de pé no primeiro dia de forma entusiasta, no segundo a mesma coisa... há uma resposta entusiasta que conforta logo...

S: Para quem está no palco é importante...

JMA: Todos ficam moralizados para continuar.

S: Uma pergunta que não estava prevista mas sinto-me na obrigação de a fazer: o Ilinga, enquanto companhia homenageada este ano, como se sente?

JMA: Como disse, e pelos vistos a televisão de Cabo Verde gostou tanto que está sempre a passar a mesma parte da minha intervenção que era a que eu tinha dito ao meu colega para cortar quando apresentar em Luanda, já existimos à 24 anos...

S: No discurso que fez...

JMA: Sim... que é raro, internamente somos reconhecidos pelo nosso público, que adere, participa, que vai sempre aos espectáculos, que faz sempre elogios, etc, a delegação provincial do Ministério da Cultura de Luanda, houve um ano, penso que 2005, em que nos deu um papelinho, um diploma de mérito pelo trabalho que desenvolvemos a nível do teatro, eu pessoalmente recebi também um diploma de mérito pelo meu contributo à actividade cénica, também da parte do Ministério; depois em 2008 há uma comissão encarregada de escolher os premiados para o prémio nacional de cultura e artes, em 7 ou 8 modalidades, ganhámos esse prémio na modalidade de teatro, mas isso não é propriamente um apoio institucional, a comissão é escolhida pelo Ministério da Cultura, mas não é um reconhecimento do estado Angolano como colaboradores para o desenvolvimento das artes, nada disso; então o facto de aqui, uma homenagem a um grupo estrangeiro ter o patrocínio do próprio Presidente da República, dá a esse prémio uma dimensão que nós em Angola nunca tivemos; eu trabalho há 25 anos com o próprio Presidente da República de Angola e as pessoas perguntam-me como é possível que o meu grupo não tenha apoio oficial – a minha função junto do Presidente é de assessoria de imprensa, trabalho com a comunicação institucional, não tenho de ter nenhum privilégio a nível da minha actividade paralela, que tenho nas horas vagas.

S: Sempre fez questão de separa as águas...

JMA: Sempre e nitidamente; mesmo a nível do próprio convívio e relações de amizade, conheço todos os dirigentes, estou lá há 25 anos, uns são nomeados, outros demitidos, na hora em que são nomeados estou sempre na cerimónia de nomeação, conheço-os a todos mas, para além do espaço oficial, não tenho qualquer relacionamento com eles, nenhum visita a minha casa e eu não visito a casa de nenhum; os meus amigos, que vão a

minha casa e com quem eu convivo e saio para jantar e passear, são os do teatro, então a separação é bem nítida. Uma vez estava uma equipa da CNN a fazer uma reportagem sobre Angola, a tentar cobrir todos os aspectos do país e calhou nós termos uma estreia, uma peça inspirada em poemas angolanos dos anos 50, no final apareceu a equipa da CNN e o jornalista quis fazer uma entrevista e perguntou como eu conciliava duas actividades tão diferentes, durante o dia estava no palácio a tratar da comunicação institucional e à noite a fazer peças de teatro com poetas, etc – disse-lhe na altura que não havia grande diferença entre as duas actividades porque eu fazia teatro nos dois lados; no fundo no palácio crio a minha própria personagem e tenho de actuar de acordo com o papel que me é confiado, saio dali e então no Teatro é que faço teatro de outra maneira, dirigindo actores, no palácio represento eu próprio... é fazer teatro nos dois lados, num como actor, noutro como encenador.

S: Obrigado pelo tempo de que dispôs.

Apêndice 8. **Entrevista a Luana Jardim** -27 de Agosto de 2012-Responsável pelo protocolo de sala no Festival Internacional de Teatro Mindelact

Sandra: Qual é a sua ligação com o Mindelact?

Luana: Bom, eu estou no Mindelact desde 2002, depois que terminei a formação de iniciação teatral comecei a trabalhar, inicialmente na área de Produção, que dá consistência ao Mindelact, depois passei para o Secretariado onde ia buscar pessoas (artistas) no aeroporto, ia levar pessoas ao aeroporto e também fiz de guia de um grupo que veio do Brasil. Desde de 2007 comecei a controlar o Protocolo da sala de espetáculos do Mindelact. Para além de trabalho também faço teatro. Há muitos anos em que faço peças além do trabalho.

Sandra: Então a sua profissão principal não é trabalhar para o Mindelact?

Luana: Não. O Mindelact é algo que faço voluntariamente. Também sou Secretária da Mesa da Assembleia Geral da Associação. É um trabalho voluntário como a maioria das pessoas que estão na Associação.

Sandra: Estamos a falar do Festival do Mindelact, um festival internacional, porquê em Cabo Verde e no Mindelo? Porque é que acha que vem a acontecer aqui?

Luana: Eu acho que em Cabo Verde e no Mindelo porque o Mindelo é uma cidade mais aberta ao mundo, eu creio que desde os primórdios do seu povoamento, digamos assim. O Mindelo foi povoado de uma forma diferente das outras ilhas, porque o Mindelo não tinha condições para a agricultura, nem para a pecuária, então o que desenvolveu o Mindelo foi o Porto Grande. Desde os tempos antigos que os franceses, os ingleses, os brasileiros, os portugueses aportavam aqui no Porto Grande. As pessoas que nasceram em São Vicente habituaram-se a conviver com pessoas de outras culturas e daí essa mistura. Por isso, acredito que o público do Mindelo está aberto a tudo. Tudo o que vem eles abraçam. Isto é desde os seus primórdios. O seu povoamento que foi feito de forma diferente. Temos muita aculturação de vários países. O povo mindelense gosta de aderir, gosta de imitar e eu acho que é isso.

Sandra: E daí o lado internacional e ter acontecido com naturalidade....

Luana: As pessoas aderem, porque o povo do Mindelo já é artista por natureza. Eu acho que todos no Mindelo são artistas. Cada um naquilo que faz. Temos vários talentos e que não têm medo de arriscar pela arte. Podem até não querer fazer outras coisas, mas quando é arte, o povo do Mindelo se entrega de corpo e alma: isto é no Carnaval, é no Festival de Teatro, é no Festival de Música, os mindelenses gostam.

Sandra: E qual é que acha que é a razão de ser dessa abertura e de alguma maneira acaba por criar uma tradição artística para várias expressões artísticas aqui no Mindelo, tem alguma do Porto ou ha mais alguma razão que queira?

Luana: Sim, digamos que essa questão do Porto Grande é que iniciou esse espírito de abertura. Porque o povo mindelense, comparado com as outras ilhas, que são muito conservadores em certos aspetos, vive a sua vida e não importa. E aqui quando se arrisca um espectáculo, você sempre tem público. Já é diferente quando se leva um espectáculo em cena nas outras ilhas, onde você fica ali com aquele medo se vai ou não ter público, ja o público do mindelo...

Sandra: Já é um público garantido.

Luana: Exatamente. Para o público do Mindelo basta dizer que é arte, ou festa eles lá estão.

Sandra: Mas encontra algum fenómeno para isso acontecer assim tão naturalmente?

Luana: Isso é natural. Isso vem mesmo de dentro do povo mindelense. Já nascem com essa alegria e com essa euforia de viver as festas e de viver a arte.

Sandra: E em termos de dramaturgia no Mindelo, como é que acontece?

Luana: Aqui sempre foi uma cidade de grandes intelectuais. A Literatura aqui foi muito importante desde a colonização portuguesa. Sairam grandes intelectuais daqui como Baltazar Lopes, apesar de não ser natural do Mindelo, mas aqui que se fixou, Jorge Barbosa, António Aurélio Gonçalves, etc.. Eles formaram um grupo que eram “Os Claridosos”. Então a escrita sempre foi privilegiada. Até porque o Mindelo é uma cidade onde a educação evoluiu sempre à frente das outras ilhas, porque tinha sempre bons quadros que ensinavam. Aqui sempre foi um pouco mais avançada, agora, digamos que neste momento, as outras ilhas têm liceus e bons professores. Antigamente era um pouco complicado. Em termos de dramaturgia: nós temos o Germano Almeida, que não sei se se considera um dramaturgo. Mas é um escritor que já teve algumas peças adaptadas para o teatro, como é o caso de “Os Dois Irmãos”, “A Ilha Fantástica”, ambos ja foram para o palco do Mindelact. Tem um autor de teatro que é mais conhecido por Chico (Francisco Cruz) adaptou “Os Dois Irmãos” para o teatro. Temos, também o Espirito Santo da Silva, que escreve para o teatro.

Sandra: Este escreve mesmo para o teatro

Luana: Sim, ele e o Francisco Cruz escrevem mesmo para o teatro. Aquele senhor também, o Francisco Fragoso que muito antes da independência escrevia para o teatro, na clandestinidade. E agora o Elísio Leite, que é um ator que começou a escrever para o teatro.

Daqueles que eu conheço aqui em Cabo Verde, a escrita mesmo para teatro, ainda está numa fase inicial.

Sandra: Mas ainda assim o teatro faz-se há muito tempo

Luana: Sim, faz-se já há muito tempo. O teatro faz-se desde antes da Independência. O Francisco Fragoso foi daqueles que na clandestinidade já movimentava o teatro, o Grupo Juventude em Marcha já há muito tempo que trabalho nesse ramo (teatro), já em São Vicente era feito ligado à música, porque conheço um músico de nome Jack Monteiro, ele tocava no teatro. Fazia tocatinas. Ele é músico, lançou um CD (“Canta”). Naquela altura, muitos anos atrás o papel dele era tocar, só que ganhou força depois. O Mindelact veio operar uma nova revolução no teatro em São Vicente.

Sandra: Então o Mindelact foi o responsável por essa volta?

Luana: Sim porque o teatro estava a cair. O único grupo de teatro que as pessoas conheciam e com visibilidade a nível nacional, era “Juventude em Marcha”, porque eles gravaram em vídeo algumas peças de teatro e então as pessoas ficaram a conhecer o trabalho deles pela televisão. Mas havia outro grupo, por exemplo na Assomada que fazia espetáculos na sua zona. O Mindelact veio trazer esses grupos para o conhecimento a nível nacional. Porque ao participarem aqui, no Festival, fica-se a conhecer que existem outras companhias que trabalham há muito tempo. Logo, o Mindelact foi o responsável para realçar e levantar o que já estava a cair em esquecimento.

Sandra: E diga-me mais uma coisa, conhece mais festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

Luana: Em África não conheço. Já ouvi dizer que em Angola já se começou a fazer um festival de teatro, mas ao que me parece não tem grande visibilidade, por aquilo que eu sei o Mindelact é dos festivais a nível de África com mais visibilidade e com mais força.

Sandra: O Mindelact é aquele que marca a diferença.

Luana: Sim, exatamente...

Sandra: E há interações com esse festival em Angola? Em termos de organização, de companhias de teatro, de artista, de programação...?

Luana: Até onde eu sei, existem companhias de teatro que já foram a Angola fazer peças de teatro, e estão a preparar para ir ao festival, mas está tudo em aberto.

Sandra: Fazem um intercâmbio?

Luana: Isto está a acontecer agora, porque antes não havia o festival em Angola.

Sandra: Mas quando diz agora quer dizer quando?

Luana: Este ano mesmo. O ano passado tiveram convites. O GTCCP (Grupo de Teatro do Centro Cultural Português - o grupo do João Branco), tinha um convite para Angola mas não foi. Este ano tenho conhecimento de outro grupo aqui de São Vicente que está para ir.

Sandra: Portanto já tiveram tentativas de interação?

Luana: Já foi para um e ficou de ir para outro. Acho que tiveram que adiar por causa das eleições. É algo que ainda está no início. Nem tem 5 anos. Mas ainda não aconteceu, os grupos angolanos vêm sempre ao Mindelact.

Sandra: Exato. Angola está sempre presente aqui no Mindelact.

Luana: Sim, mas grupos da cá, que vão para a Angola, isso é que não havia.

Sandra: E como é feita a publicidade e o marketing do Mindelact no território internacional, tem ideia?

Luana: Daquilo que eu sei, o marketing do Mindelact no território internacional é feito através *site* do Mindelact e também dos contacto feitos com as companhias.

Sandra: Quem é que faz esse contactos?

Luana: É a direção do Mindelact é que faz os contactos com as companhias de teatro a nível internacional. E muitos dos que passam por aqui levam, também, o nome do Mindelact. A partir do momento que se faz o contacto com novas companhias, essas companhias já sabem que estiveram aqui atores de renome internacional, que já participaram no Mindelact e também existem aquelas companhias que de tanto ouvir falar consultam o *site* e concorrem ao Festival Mindelact.

Sandra: A internet, então é uma grande ferramenta nesse aspecto.

Luana: Sim, uma grande ferramenta. E nesse intercâmbio as pessoas levam para os respectivos países as informações e o resto procura o *site*.

Sandra: Quais é que acha que são as razões que geraram a participação de determinados países ou de alguns mais distantes, até mais improváveis de vir estar aqui no Mindelact, por que há esta ligação mais do Brasil, Portugal, Angola, não é, mas há outros, têm vindo a surgir outros nos últimos dos anos. Qual é que acha que é a razão de acontecer da vinda dessas novas companhias desses países?

Luana: Eu penso que a principal razão é a credibilidade que este festival tem. A boa organização. Porque quem vem é porque já ouviu falar e bem. Porque ninguém sai de nenhum país para vir aqui a Cabo Verde participar num festival que nunca ouviu falar. A partir do momento que os grupos vêm a Cabo Verde participar do festival, levam o festival com eles, não é? E o *site* do Mindelact também publica, sempre todas as acções relativas ao Mindelact.

Antes de concorrerem, as pessoas pesquisam e saberão que pelo festival já passaram certas companhias de teatro de nome internacional, que cada vez que um grupo vem é bem tratado, bem alimentado, recebe a boa morabeza...

Sandra: a boa morabeza?

Luana: A boa morabeza para o povo Caboverdiano é o saber acolher, é receber bem e com simpatia, é tratar bem, é cumprimentar as pessoas, é oferecer um *souvenir Made in Cabo Verde*, isso tudo é a morabeza, é a forma simpática e calorosa que o povo cabo-verdiano recebe as pessoas.

Sandra: Isso é algo de muito específico aqui.

Luana: Sim, é algo muito específico, porque o povo cabo-verdiano acaba por entrar com as pessoas com facilidade, todos que vêm cá são bem vindos. Não há discriminação. As pessoas acabam por sentir que estão em casa. As amizades se desenrolam com facilidade. As pessoas estão dispostas a mostrar a própria casa. A passear com o visitante. Há sempre disponibilidade para isso.

Sandra: E acha que o contacto de outros países contribuem para algumas alterações ou a aprendizagem na programação do Mindelact? Acompanha a esse nível?

Luana: Penso que sim, penso que as cooperações que o Mindelact tem feito, tem ajudado muito a sustentar o Mindelact. Existem alguns países que financiam a vinda dos seus grupos ao Mindelact e acho que isso tudo deve-se ao bom relacionamento que, não só a Associação Mindelact, mas o Governo de Cabo Verde tem estabelecido com outros países. Porque a partir do momento que o Governo de Cabo Verde estabelece uma cooperação com outro País, as pessoas vêm e ficam a conhecer Cabo Verde e toda a sua oferta cultural.

Sandra: E em termos de produção, acha que também há diferenças e aprendizagens com o que os outros países trazem, porque segundo o João Branco me deu a conhecer acaba por funcionar quase que como um coprodução....

Luana: Claro, porque eles vêm e trazem a sua equipa e nós, com a nossa equipa adaptamos e fazemos um trabalho conjunto. Adaptamos o que nós temos àquilo que eles têm. Estando aqui em Cabo Verde, trabalhamos juntos. É o “*djunta môn*”, que em língua cabo-verdiana quer dizer: juntar as mãos, unir os esforços e ser um só. E todos nós estamos muito disponíveis. E é por isso que o Mindelact tem sido o que é até hoje. Porque eles vêm com o que têm e nós estamos abertos a recebê-los e a abraçar a causa, para que tudo corra bem e no fim, que o Festival seja um sucesso.

Sandra: E em termos de público, acha que quando vêm companhias do estrangeiro levam alguma coisa de aprendizagem de programação, que se reflete na programação lá fora nos países de origem?

Luana: Eu penso que sim. Porque com certeza que tem alguma coisa que fazemos aqui que eles não fazem lá. Há sempre uma troca de experiência e penso que quando se quer melhor pergunta-se. Nós vimos isso em Cabo Verde, vamos experimentar aqui também. E isso acontece aqui também. Quando vamos lá fora e vemos algo novo, trazemo-lo e fazemos à nossa maneira.

Sandra: E acha que isso lá fora pras companhias deles atraem o público, essas diversificações?

Luana: Claro, porque se não se diversificar, o público farta-se de ver a mesma coisa. A diversificação é o principal atractivo do público. Nós temos um público assíduo e ele quer ver diversidade. É por isso que o Mindelact a cada ano tem de diversificar. As coisas têm de ir melhorando e, numa troca de experiência deve-se aproveitar as melhores coisas que vêm de outro lado.

Sandra: E as companhias que vêm de fora levam isso também daqui?

Luana: Sim. Levam para que possam apresentar algo de diferente nos seus países.

Sandra: relativamente ao público cabo-verdiano, acha que tem sido representativo esta ligação com essas companhias estrangeiras em termos das ligações culturais? O que se faz aqui e o que se faz ali, e como se faz, a forma de viver, ou seja o diálogo intercultural, acha que é representativo?

Luana: Acho que sim. Porque o público daqui adora essa diversidade cá no Festival Mindelact. De ver companhias que trazem peças que nem entendem a língua.

Sandra: Pois, já ia colocar essa questão, justamente, se a língua pode não ser uma barreira.

Luana: Há espetáculos que não se entende a língua, mas o público aqui concentra-se tanto que, mesmo sem entender a língua entendem o espetáculo. É algo impressionante. Eu já vi espetáculos de uma colombiana, e não sei que língua que ela falava, se calhar língua indígena, e no final ela falou em inglês e o público disse que tinha percebido tudo que ela tinha feito durante a peça. Já é um público versátil. O facto de o Mindelact acontecer há vários anos, o público já está apto a receber qualquer tipo espetáculo. Porque concentra-se no espetáculo e esquece se a língua falada é francês, inglês ou japonês...

Sandra: A outra coisa que os une então, que acaba por ser através do teatro?

Luana: Penso que é aquele amor pelo ao teatro. A atenção é tanta, que não importa se a língua é complicada ou não. Está ali para ver um espetáculo de teatro. Apesar do programa fazer um resumo do que é o espetáculo, no fim saem a sorrir. Se perguntarmos alguém se entendeu, responde: não entendi nada o que o ator ou a atriz disse, mas percebi do que o espetáculo se tratava.

Sandra: Não entende a língua mas entende a linguagem artística?

Luana: Exato. Artística, corporal, gestual. Acaba por entender tudo, porque é um público do teatro. Mas isso só acontece no Mindelo, porque acho que nas outras ilhas há que trabalhar muito.

Sandra: Ou seja é uma característica do Mindelo

Luana: Sim, porque o público mindelense já está habituado ao teatro em várias formas. Mas se fosse numa ilha como na ilha de Santiago, eu duvido se isso aconteceria.

Sandra: Mas tem uma extensão do Mindelact na Praia, não tem a mesma receptividade?

Luana: A extensão na Praia começou a 2 ou 3 anos atrás, mas ainda é feita de forma gratuita. É o Centro Cultural Português da Praia ou outra Instituição que financiam e, praticamente o público vai de forma gratuita. Ainda há que convencer o público a ir ao teatro. Porque não tem a cultura de ir ao teatro com frequência como acontece no Mindelo.

Sandra: Este diálogo intercultural que acontece entra as pessoas tem uma continuidade, ou seja, acontece depois no futuro? Mantêm alguma ligação no futuro?

Luana: Sim, alguns grupos que passam aqui no Mindelact fazem o contacto e criam-se aqui muitas amizades. E quando as pessoas de cá viajam para outros países já conhecem aquela pessoa que tinham conhecido no Mindelact ou, quando retornam a Cabo Verde, acabam por encontrar as pessoas que tinham conhecido no Mindelact anterior. Tem havido troca de experiências e convites para apresentarem noutros países.

Sandra: Mas isso fora das companhias de teatro, simplesmente do público, das pessoas e da população?

Luana: Não.

Sandra: Está a referir-se às companhias?

Luana: As pessoas de fora que participam nos *Workshops*, sim, acabam por conhecer os artistas e criar alguma ligação. Mas o público que assiste as peças vai-se embora. Um ou outro cria o contacto, mas não é como acontece entre os artistas.

Sandra: Portanto a sua ligação começa em 2002, ou seja a 10 anos. E é escusado dizer que é notória a evolução qualitativa do festival, porque estamos na 18ª edição.

Acha que em termos de programação tem havido uma evolução qualitativa, representativa que marca mesmo?

Luana: Eu penso que sim. Quando vejo o Mindelact do início ao fim, aí faço a minha avaliação. Existem anos atrás que a programação esteve muito mais forte. Existem anos seguintes que estavam muito melhores que o ano anterior.

Sandra: Quais são os factores que interferem para que as suas avaliações sejam melhores e piores?

Luana: Acho que são as companhias. Houve anos que achei os espetáculos muito mais fortes. Todos os espetáculos eram de grande qualidade. Outros anos nem por isso. A causa disso, acho que são os patrocínios. Não se consegue sempre ter bons espetáculos no festival, porque as coisas oscilam. Hoje há patrocínio, amanhã não há. As empresas que deveriam patrocinar, não libertam a verba a tempo, outros, acabam por não responder e o Mindelact acaba por não ter verbas suficientes. Mas isso não põem em causa e nem compromete a qualidade do festival, porque há sempre bons festivais. Agora, nós queremos sempre mais e melhor.

Sandra: E o festival desta envergadura, imagino que implica um orçamento geral extremamente elevado.

Luana: Exatamente.

Sandra: E acha que por exemplo essa crise mundial e sobretudo europeia tem algum reflexo no festival?

Luana: Sim, penso que sim. Por causa da crise muitas empresas, muito patrocinadores do Mindelact acabaram por diminuir ou mesmo retirar o patrocínio. Porque a crise económica abalou todas as estruturas económicas e financeiras mundiais. Daí a ter que tirar uma certa verba da caixa da empresa que pode mexer com o fundo da empresa, para apoiar atividades culturais, é complicado. As empresas estão com receio de arriscar. Algumas estão a fechar as portas, outras estatais estão a ser privatizadas, outras, ainda, mudaram de direcção. Portanto, aquele receio de mexer nas contas para apoiar o festival.

Sandra: Ainda assim o festival tem conseguido sustentar-se financeiramente?

Luana: Digamos que com muito sacrifício o festival tem conseguido sustentar-se, isto porque o festival é feito por “*amor à camisola*”.

Sandra: Pois ia perguntar, as estratégias de financiamento, como é que costumam funcionar, como é que definem o financiamento/orçamento do festival?

Luana: Dos meus conhecimentos, em relação a alguns grupos, a Associação Mindelact acaba por pagar o cachê, indo atrás do financiamento para esses grupos. Existem

empresas locais que são patrocinadores oficiais do festival, como é o caso do BCA, a Cooperação Portuguesa, também, algumas Cooperações feitas pela Associação Mindelact acabam por arcar com essas despesas. Também alguns hotéis que cedem quartos. Alguns a custo zero, outros por metade do preço. A Associação Mindelact não tem custo com o pessoal, excepto a equipe de iluminação e os técnicos. O resto trabalha gratuitamente.

Sandra: E só isso é uma grande fatia de dinheiro que não tem de ser gasto.

Luana: Exato, é por isso que o festival vem-se auto-sustentando, porque sabe que tem o custo com o alojamento...

Sandra: Se não fosse assim acha que era sustentável?

Luana: Acho que não.

Sandra: Porque há muita gente a trabalhar gratuitamente.

Luana: E mesmo com essa gente a trabalhar gratuitamente o Mindelact tem dificuldades financeiras em colocar uma semana de festival em palco...

Sandra: Mas consegue.

Luana: Consegue sustentar-se, porque depois do Festival, fica só o Centro de Documentação que é o CEDIT, que foi cedido pela Câmara Municipal de São Vicente. Como tem apenas dois funcionários que durante o ano trabalham nesse espaço, por forma a reduzir os custos, assim vai conseguindo um patrocínio aqui, outro acolá. Depois tem uma questão, que os grupos que vem ao Festival, a Associação Mindelact não lhes paga transporte. Os nacionais arranjam o seu transporte e o Mindelact só lhes dá a estadia e alimentação, como também, os grupos internacionais.

Sandra: Isso de alguma maneira já entra nas estratégia de financiamento.....

Luana: E isso acontece com algumas companhias internacionais. Algumas custeam o seu transporte. Como já disse, a boa relação do governo de Cabo Verde com outros países abre portas para que isso aconteça. Porque os países acabam por apoiar. Por exemplo o Ministério de Cultura do Brasil apoia os seus grupos a virem. Alguns grupos Angolanos recebem o apoio do Governo de Angola para virem. O Mindelact só os recebe aqui. São poucas as companhias que o Mindelact gasta dinheiro para as trazer.

Sandra: E sabe qual a percentagem de patrocínio que o estado dá para o festival?

Luana: Este ano sei que o Ministério de Cultura vai financiar 800.000\$00 ECV, com mais 4 passagens para a vinda de grupos internacionais, o que já é uma grande ajuda. E penso que há mais qualquer coisa que não me lembro neste momento. Além de ceder o Centro Cultural do Mindelo de forma gratuita para o festival.

Sandra: O Centro Cultural do Mindelo é um espaço do Estado?

Luana: Do Ministério da Cultura. Está sob a tutela do Ministério da Cultura. Então, quando cede este espaço ao Mindelact, cede a sala de espetáculos, cede também outras salas para fazer de Secretaria e de venda de bilhete, para o local de lanche para os artistas e, tudo isso é um espaço cedido ao Mindelact ao longo de festival, gratuitamente.

Sandra: Em termos de entidades privadas, também há patrocínios?

Luana: Sim. O Banco Comercial do Atlantico – BCA, é um dos patrocinadores oficiais.

Sandra: O BCA é um banco nacional?

Luana: É um banco nacional.

Sandra: Refiro-me a privados.

Luana: É do domínio privado.

Sandra: E empresas?

Luana: Tem a CVTELECOM – Empresa de Telecomunicações...

Sandra: Mas, também é nacional, não é?

Luana: É nacional...

Sandra: Do Estado.

Luana: Não. É privado. A TACV – Cabo Verde Airlines às vezes apoia. Também os estabelecimentos hoteleiros como já tinha dito, também dão esse apoio, a ENACOL – Empresa de Combustível.

Sandra: Quais são as contrapartidas que costumam obter, esses patrocínios?

Luana: Daquilo que eu sei das contrapartidas, algumas exigem que o logotipo venha no cartaz do Festival Mindelact para dar destaque à empresa. Algumas, por vezes, trazem panfletos das suas empresas para colocar nas cadeiras onde o público vai se sentar. A ASA- Agência de Segurança Aérea de Cabo Verde, às vezes oferece t-shirts, canetas para fazer publicidade da empresa. Algumas dessas empresas quando fazem qualquer tipo de *spot* publicitário pede ao Mindelact para que ceda atores para fazerem esse *spot* de graça ou com um cache razoável.

Sandra: E existem alguns tipos de convenções, acordos, parcerias com outros países parceiros que ajudam no suporte nas despesas do festival, já falou da Cooperação Portuguesa.

Luana: Daquilo que eu sei, a Cooperação Portuguesa, Cooperação Espanhola, e há países cujos Ministérios de Cultura apoiam os grupos para virem ao Mindelact. Acabam por suscentar a vinda dos grupos a Cabo Verde e isso é muito bom. Já acontece com o Brasil e

Angola e também acontece com grupos de Portugal, em que foram os próprios Ministérios de Cultura que apoiaram a vinda dos grupos para o Mindelact. O patrocínio não é dado diretamente ao Mindelact, mas fazem com que os grupos estejam aqui.

Sandra: E existem alguma fonte de financiamento no Mindelact? Para além das entidades públicas e privadas?

Luana: Não, não existe nenhuma que tenha conhecimento. Nenhuma outra fonte de receita do Mindelact, só os patrocínios.

Sandra: Qual é a percepção da adesão da população de São Vicente ao festival, que já vi que é grande, e há interações da população na produção do festival?

Luana: Sim, porque nem todas as pessoas que trabalham no Mindelact são artistas. Às vezes acontece que existem alguns espetáculos que necessitam de alguns adereços e se se sabe que tal pessoa tem em sua casa o tal adereço, vamos e pedimo-lo emprestado. Quando dizemos que o empréstimo é em nome do Mindelact, a população cede. Colaboram da Produção.

Sandra: Em coisas pontuais e nas gerais, não é?

Luana: Sim, quer a população, quer as Empresas também, porque às vezes precisamos de algumas cadeiras para colocar no pátio do Centro Cultural do Mindelo, elas cedem.

Sandra: As pessoas que possam, imagino que haja uma equipe de produção, há população diretamente a trabalhar nessa parte de produção ao longo do festival?

Luana: Digamos que quem trabalha é a equipa do Mindelact e que de vez em quando que aparece alguém para ajudar.

Sandra: E quem são essas pessoas?

Luana: De todo o Festival?

Sandra: Não, nesta equipa de produção.

Luana: Devem ser umas 10. Tem o pessoal da Alimentação, do cenário... Mas só da Produção são umas 10 pessoas.

Sandra: O que considera que é o mais importante no trabalho desenvolvido pelo diretor artístico do Mindelact?

Luana: Penso que o mais importante é manter a equipa unida. Além de fazer boas escolhas em termos de companhias que vem para o Mindelact, também os bons contactos que faz para conseguir patrocínio, os bons contactos que faz para ter companhias que representam bem, a boa sintonia que tem com a equipa que trabalha voluntariamente. Penso

que isso é o mais importante. E claro, acolher bem as companhias como Director Artístico, saber dar as boas-vindas aos grupos que vêm ao Mindelact.

Sandra: O que é que acha ser mais marcante para uma companhia estrangeira na participação aqui no Mindelact ?

Luana: É, sem dúvida, a convivência que se faz aqui no pátio do Centro Cultural do Mindelo. A convivência e também a apreciação do público. Porque as companhias vêm cá apresentar pela primeira vez e não sabem o que vão encontrar e, normalmente o público mindelense acaba sempre por surpreendê-las. Todas ficam surpreendidas porque não sabem que o público é tão atencioso, que aprecia tão bem e que apoia, principalmente. O público do Mindelo apoia o artista. Mesmo estando ali sentado na plateia, sabe transmitir aquela energia.

Sandra: Mas o principal é a convivência, não é?

Luana: Exatamente. E depois do espetáculo vêm aos bastidores do Festival Mindelact, que é o pátio, onde se faz a troca de contactos, fazem-se grandes amizades, divertem-se...

Sandra: Sim é um ambiente mais descontraído...

Luana: Exactamente. E faz aqui uma grande família. Por uma semana somos uma grande família.

Sandra: Seja de que País for.

Luana: Exacto. Seja de que País for e de que língua.

Sandra: A partir daí dá-se os contatos...

Luana: Entendemo-nos uns com os outros, divertimos. Tomamos umas cervejas aqui, contamos umas peças acolá, trocamos experiências de palco, o que aconteceu no espetáculo de outrem, e assim sucessivamente.

Sandra: Em termos de dimensão do festival, tinha dito já que neste momento é considerado um dos principais, se não mesmo o principal festival de teatro africano

Luana: Sim, da África ocidental.

Sandra: Quais é que acha que são as razões que levaram à evolução deste festival? São 18 edições, o que dá muito tempo.

Luana: Eu acho que uma das razões que levaram à evolução do festival foi muita persistência. Porque no início era o Mindelact que ia na rua “catar” (apanhar) pessoas para irem ver o teatro. Começou-se primeiro com o festival de teatro aqui e, depois de muita persistência, muita luta, de muito trabalho árduo...

Sandra: Como é que conseguiam trazer pessoas?

Luana: Paravam-se os carros na rua, e dizia-se compra um bilhete para ir ver o teatro e eles: ah não tenho dinheiro e aí dizíamos: ok então toma é de graça e se gostares, amanhã vai e leva uma pessoa. Depois com os cursos de iniciação teatral que foram realizados aqui, pelo João Branco, no Centro Cultural Português, esses curso foram formando jovens no teatro e esses jovens traziam as mães, traziam as tias, os tios e, daí a pouco foi-se criando a família do teatro e, ano a ano iam-se fazendo cursos e criando mais públicos e assim sucessivamente, e de repente o público começou a vir mais e mais ao teatro. E depois também o Mindelact começou a ganhar grande repercussão. Primeiro a nível nacional e para depois expandir. Quando as companhias começaram a vir para aqui, começaram a ver que tudo era bem organizado, mesmo feito com “*amor à camisola*”, que as pessoas se empenhavam como se estivessem a ganhar algo com aquilo (monetariamente falando) para que tudo corresse bem. Depois de muita luta, depois de muito “*amor à camisola*” as coisas foram evoluindo e hoje estamos onde estamos. É o que digo sempre, muita luta muita persistência e “*amor à camisola*”.

Sandra: Portanto, acho que não restam dúvidas para pensar que a Associação enquanto promotora do Festival Mindelact é representativa nas dinâmicas culturais do Mindelo e se calhar de Cabo Verde.

Luana: A nível do teatro.

Sandra: Sim, sobretudo a nível do teatro.

Luana: Sim. Digamos que depois do Mindelact surgir despertou o interesse de vários grupos a nível nacional. Porque todos querem ver e preservar o Mindelact. Alguns que estão nas ilhas distantes, cujo custo do transporte dificulta a presença, fazem de tudo para estarem aqui, para ter essa interação cultural. O Mindelact despertou o interesse cultural, o interesse do teatro em vários cantos do País, em várias ilhas. E aqui em São Vicente muitos grupos começaram a participar no Off, para depois passarem para o palco principal. E esse teatro que vai acontecendo, vai despertando o interesse em fazer teatro nas pessoas. Hoje em dia há muita procura para ser selecionado para o curso de teatro.

Sandra: Ou seja, há mesmo seleções para pertencer ao curso de teatro?

Luana: Exatamente. Porque hoje em dia para fazer a formação em teatro já tem muita concorrência.

Sandra: Tal é a procura, não é?

Luana: Tal é a procura, então fazem uma seleção e quando as pessoas terminam o curso integram-se em grupos. Uma vez que estão formados, vão para grupos que procuram actores que já tiveram a formação, para poderem continuar a fazer teatro.

Sandra: Vou dar por terminada a entrevista, muito obrigada!

Apêndice 9. **Entrevista a Manuel Estevão**-25 de Agosto de 2012- Co-fundador da Associação Artística e Cultural Mindelact e Responsável pelo alojamento e alimentação e Tesouraria do Festival Internacional de Teatro Mindelact

SANDRA: Manuel Estevão, qual é a sua ligação com a Associação Mindelact?

MANUEL: Eu fui um dos fundadores da Associação Mindelact. O co-fundador com o João Branco. Iniciei como Vice-presidente e acumulava as funções de Tesoureiro da Direcção e no Festival Mindelact, fui responsável pela Produção, pela Tesouraria e pelo Alojamento e Alimentação.

S: Pela parte logística, não é?

M: Sim, pela parte logística, durante muitos anos. Mas há três anos...

S: Sim, continua...

M: Que passei a pasta para outras pessoas. Para os mais novos. Mas, continuo ligado a Associação Mindelact, como sócio. E nesta condição, continuo a dar o meu apoio, tendo em conta a minha experiência e pela grande ligação que tenho com o João Branco e os demais elementos da Direcção.

S: O Manuel Estevão é cabo-verdiano?

M: Sou

S: Como é que nasceu a ligação entre si, Vice-presidente da Associação Mindelact e o João Branco, Presidente da mesma associação? Houve logo ali uma fusão de interesses?

M: Tenho uma história um pouco antiga no teatro. Fui Presidente de uma anterior Associação de Teatro – ARTA – Associação Regional de Teatro Amador, que, por diversos

motivos, não deu grandes passos na área e que por esses motivos, fez dois Festivais. Nesses festivais não houve apenas teatro, mas diversas outras actividades como música, artesanato, dança, etc. O João Branco, ainda não tinha vindo para São Vicente. Quando ele veio, a ARTA já tinha sido extinta. O João Branco soube da minha actividade no teatro em São Vicente, achou que seria bom que trabalhássemos juntos. Assim, convidou-me para o grupo de teatro que acabava de formar. Só que não aceitei o convite logo, porque já trazia experiências noutros grupos de teatro que me deixaram marcadas pela negativa. Por isso queria ver para depois decidir.

S: Ver para crer?

M: Sim. Como já disse, tenho experiências de algumas associações e de pertencer a alguns grupos e sei que houve sempre uma grande dificuldade nas pessoas aqui em Cabo Verde, em formarem grupos com alguma consistência. Porque surgem sempre alguns conflitos no meio. Na altura quis ver até onde ia a dinâmica do João e dos elementos. – Estou a falar do grupo de teatro que o João formou. Depois de ter apreciado o que iam fazendo, aderi ao grupo de teatro, passados uns dois anos, creio. A partir daí, criei uma grande ligação com o João.

Falando do Festival, desde a primeira edição, que foi iniciativa do João Branco e do Grupo de Teatro Centro Cultural Português, acabado de nascer, apoiei essa iniciativa. Um pouco mais tarde, após maior aproximação entre mim e o João, chegamos à conclusão que tínhamos de formar uma associação. Pela dinâmica que o João imprimia naquilo que fazia, acreditei que ele era pessoa capaz de mostrar um bom trabalho...

S: De levar este projeto em frente...?

M: Exacto. A partir dessa altura envolvi-me de corpo e alma neste projeto, ao lado do João Branco...

S: Sempre?

M: Sempre. Por isso, digo: a questão de nacionalidade não tem relevância. Porque, primeiro, falamos a mesma língua, não é? Entendemo-nos bastante bem...

S: E vem de uma linguagem artística...

M: Sim, também...a linguagem artística é a mesma...e acima de tudo a dinâmica, a vontade de querer fazer e, quando há essa convergência de ideias, tanto no plano artístico, como nas iniciativas. Por exemplo do associativismo, eu acho que é fácil fazer um bom trabalho conjunto, seja de que nacionalidade forem os protagonistas.

S: Exacto...é secundário, não é?

M: E neste caso, o português ou o cabo-verdiano é secundário. Depois para o João, a integração na sociedade cabo-verdiana foi muito rápida e fácil. Daí que, praticamente não se notava nenhuma diferença, sendo ele português ou cabo-verdiano...

S: Neste momento temos um festival internacional de teatro...que é em São Vicente, no Mindelo...o Mindelact. Porquê em Cabo Verde e, particularmente, em Mindelo? Como é que surge este festival?

M: Sempre tivemos em São Vicente, iniciativas culturais. Já antes do Festival Mindelact, eu dirigi dois festivais – embora com outras actividades que não fosse apenas teatro, como já tinha referido – como Presidente da Direcção da Associação – ARTA, extinta. Sempre houve outras iniciativas culturais cá em São Vicente. Esta ilha sempre esteve à frente das iniciativas culturais em Cabo Verde. As actividades culturais surgem aqui de uma forma espontânea e mais rápida do que nas outras ilhas...

S: Pois é, ia perguntar isso...havia já essa iniciativa, aqui no Mindelo, mas nas outras ilhas não havia esse tipo de iniciativas...

M: Exacto. Não havia esse tipo de iniciativa e nunca houve.

S: É muito particular aqui... e porquê? Tem alguma explicação?

M: Não sei concretamente qual é a explicação mas, talvez, isso vem do nosso multiculturalismo, digamos assim. A formação do povo das ilhas de cabo-verdianas sofreu influências de outros povos. Mas aqui em São Vicente, nota-se de uma forma mais vincada do

que nas outras ilhas. Por exemplo: para além dos portugueses, tivemos os ingleses, os franceses...e também a própria configuração da ilha. São Vicente é uma ilha-porto e que vive de cara virada para o mar por isso recebemos muitas influências de outros povos. Desde antigamente já se fazia muito teatro cá em São Vicente. Na infância dos meus pais e mesmo antes, já se fazia teatro por aqui. Vinham grupos de Portugal, etc. e faziam-se espectáculos de teatro nos clubes de futebol, nas associações desportivas, nos cinemas, etc. Mas não era só teatro. Faziam-se espectáculos musicais e variedades. Enfim, fazia-se sempre muita actividade cultural aqui em São Vicente. E maior parte daquilo que se fazia, então, nas outras ilhas, mais propriamente em Santiago, a iniciativa partia quase sempre daqui, de São Vicente. Ainda hoje, verifica-se isso. Temos o Festival de Música que também nasceu aqui, em São Vicente, e que, por causa disso, neste momento já se fazem festivais de música em todas as ilhas. O Festival de Teatro nasceu aqui e já se criou a extensão na cidade da Praia, em Santiago. Porque nós somos um povo mais cosmopolita e isso talvez leva-nos a ter essa apetência, essa espontaneidade. Porque temos referências de outros povos que antes já faziam teatro, o cinema, a música, etc. Copiámo-los, talvez, naturalmente.

S: De alguma forma, considera que essa é a razão de ser desta tradição, das várias expressões artísticas, aqui no Mindelo?

M: Do meu ponto de vista, é o cosmopolitismo do Mindelo...

S: E não só...dentro destas expressões artísticas todas, aparece a dramaturgia, também com grande peso... como dizia, já no tempo dos seus pais se fazia teatro...vinham companhias de teatro do estrangeiro, portuguesas sobretudo, não é?

M: Sim, sim, sobretudo...

S: Esta tradição de dramaturgia...

M: Já a dramaturgia em si, é outra questão. Em Cabo Verde os autores de teatro são mais escassos. Por isso habituámo-nos a aproveitar contos e romances publicados e fazer adaptação para o teatro.

S: Então temos mais adaptação do que, propriamente, dramaturgia de raiz...criadas de raiz, não é?

M: Sim. Embora tenhamos hoje uma ou outra publicação na área de dramaturgia. Os nossos escritores ou romancistas sempre pensaram que, se escrevessem para o teatro, teriam poucos leitores. Apenas uma minoria privilegiada. Porque aqui, em São Vicente, apesar este Festival mobilizar um bom público para o teatro, mas continua a haver um grupo restrito de pessoas que vai regularmente ao teatro. Uma elite. Os atores e as demais pessoas do teatro, sempre foram vistos como uma elite...

S: E das outras expressões artísticas também, ou não?

M: Não, essas já não são vistas assim.

S: É só uma característica das pessoas relacionadas com o teatro?

M: Sim. A música e a dança são mais populares, em relação ao público. Como disse, não é o grande público que vai ao teatro. Apesar de, cá em São Vicente, o grupo do qual pertenço, o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, numa temporada, conseguir chegar até cerca de 700 espectadores.

S: É bom, não é? Em relação à proporção de população que têm...

M: Sim, é bom, visto por este prisma.

S: Imagine numa proporção à cidade de Lisboa, em termos de percentagem, acaba por ser igual...

M: Sim. Mas esta percentagem subiu, ultimamente, com o Mindelact...

S: O Mindelact tem sido o impulsionador na criação de público para o teatro?

M: Tem sido, sim. Não tenho dúvidas. Antes da criação da Associação e do Festival Mindelact fazia-se teatro em São Vicente. Pequenos grupos nalgumas zonas de residência,

agregações juvenis, nalgumas escolas do ensino básico e secundário, nos grupos ligados às igrejas e quanto a mim de maior destaque, a Escola Salesiana de Artes e Ofícios de onde eu comecei a fazer teatro. Havia também teatro, como já referi, nas associações desportivo-culturais. Mas a maior parte tinha uma existência efémera. E com a criação do Festival de Teatro – Mindelact, que revitalizou alguns grupos e actores que se encontravam meio “adormecidos”, dando-lhes algum élan para continuarem a fazer teatro. Assim, também, o público que se encontrava um pouco arredado das salas de espectáculos, começou a aparecer cada vez em maior número. Não só durante o festival, mas, também nos espectáculos que se fazem fora do âmbito do festival.

S: Houve aqui uma volta, pelo qual o Mindelact é responsável, não é?

M: Sem dúvida, o Mindelact é responsável pelo aumento do público no teatro, cá em São Vicente e também nas outras ilhas. Mas também quero destacar o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, que esteve na génese do Festival Mindelact e que faz espectáculos de teatro regularmente atraindo, em cada espectáculo um público considerável e os Cursos de Iniciação Teatral do Centro Cultural Português, Instituto Camões do Mindelo, ministrados sob a orientação do João Branco, cujos jovens formandos e formados servem de veículo de divulgação do teatro entre os colegas nas escolas, nas famílias, nas zonas de residência e pela cidade. São esses mesmos jovens, que fazem parte do grosso dos colaboradores do Festival. Durante o Festival Mindelact, integram as diversas comissões de trabalho dentro do festival enquanto amadores e voluntários. Estas comissões são imprescindíveis para o real cumprimento do festival. A reviravolta deu-se também, porque antes, durante e até depois do Festival, fala-se das actividades do mesmo em todos os meios de comunicação social, bem como nas redes sociais – on-line.

S: Apesar de ser uma iniciativa que acontece aqui, acaba por se reflectir também nas outras ilhas...

M: Sim. Porque a direcção do Mindelact sempre teve a preocupação de trazer pessoas ligadas ao teatro ou grupos das ilhas, para participarem nas formações administradas durante o Festival, para estarem em contacto com formadores que vêm de outros países, com grupos de teatro e actores que vêm de fora. E depois, esses convidados das outras ilhas levam aquilo que viram e o que aprenderam para as respectivas ilhas, e assim, nessas ilhas, começam

a surgir grupos de teatro animados pelo Mindelact. É uma das formas do reflexo do Mindelact nas outras ilhas.

S: Portanto, tem reflexo a nível do arquipélago inteiro?

M: Exacto. Também a Comunicação Social e divulgação on-line são responsáveis por este reflexo. Através de peças informativas, entrevistas diversas e excertos de espectáculos, que mobilizam todo o País em torno do Festival. Por exemplo, a Televisão de Cabo Verde faz sempre, dias após o Festival, várias noites de repetição de todas os espectáculos.

S: Acha que isso pode ser considerado como meio de publicidade e marketing do próprio Mindelact, do próprio festival?

M: Sim, acho que é uma forma de publicidade muito privilegiada e de certa forma, a baixo custo, porque chega à todas as casas deste País que tenha uma televisão ou uma rádio e ao mundo, para todos os que estiverem interessados nas informações on-line.

S: Para além disso...há algum factor, em termos deste aspeto específico de publicidade do festival, que aconteça...que queira referir...que considere importante?

M: Eu acho que toda esta publicidade mostrou às pessoas das áreas de decisão deste País bem como os responsáveis pela governação deste Arquipélago que era uma iniciativa séria, liderada por gente que queria o real desenvolvimento da cultura em Cabo Verde. Porque no princípio, tivemos muitas dificuldades em mobilizar patrocínios para o Festival e também para o funcionamento da própria Associação Mindelact. Mas a partir dessa divulgação, abriram-se as portas aos patrocínios. Não só do Estado, mas também, de empresas. O aspeto publicitário, funcionou muito bem.

S: Isso depois teve reflexos em termos de financiamento...

M: Sim, teve e muito.

S: Isso já lá vamos...mas em termos da qualidade do festival...o marketing e a publicidade...é algo muito importante, não é?

M: É. Esta forma de fazer o marketing do Festival Mindelact funcionou muito bem e facilitou muito o nosso trabalho de mobilização. Porque também teve reflexos nos grupos estrangeiros. Os responsáveis desses grupos viam no site do Mindelact ou nos noticiários internacionais e ficavam a saber que existia este festival na ilha de São Vicente de Cabo Verde e cuja programação era muito aliciante. A informação chegou facilmente no Brasil, em Portugal, noutros países da Europa e países africanos. Daí que um grande número de companhias de grande relevo nos respetivos países, comesçassem a aderir ao Festival enviando candidaturas. Era aquilo que queríamos e queremos. Já não tínhamos, por um lado, grandes problemas em conhecer e seleccionar as companhias e por outro, trouxe-nos algum problema de seleccionar as melhores. Porque eram tantas candidaturas e tão bons espectáculos.

S: Isso era um bom sinal...

M: Sim, um bom sinal. Digamos, que é uma “dificuldade benéfica”. É o que se verifica actualmente, também.

S: Conhece mais algum outro festival de teatro, em África? Nomeadamente, internacional?

M: Sim, conheço, pelo menos um. O Festival de Teatro em Burkina Faso, na cidade de Ouagadougou. Chama-se FTD – Festival de Theatre pour le Developpement, É, também, um festival grande, mas que é bienal. Já lá estive com um espectáculo em 1992, no 3º Festival FTD.

S: E existem interacções entre esse festival da Burkina Faso, e aqui o Mindelact?

M: Não existe. É um festival virado para os países francófonos e a nossa presença na francofonia não é muito clara. Pertencemos a dois grupos de países: lusófonos e francófonos.

S: E acha que essa falta de clareza é a razão pela qual possa não haver interacções entre o Mindelact e esse festival?

M: Essas são questões políticas que não têm reflexos no interior da Associação Mindelact. Simplesmente, até hoje, que eu saiba, nunca foi equacionada nenhuma interacção entre o Mindelact e o FTD. Fui convidado para esse festival por iniciativa do Ministério da Cultura.

S: De cá?

M: Sim, de Cabo Verde, em 92. Neste momento não sei como é que são os canais de contacto.

S: Quais é que acha que são as razões que geraram a participação de determinados países, nomeadamente de alguns, até mais improváveis, aqui no Mindelact?

M: A primeira razão é a qualidade do festival, a segunda é a dinâmica e a seriedade da organização. A terceira, mas que não é a última, é o vasto conhecimento do João Branco, enquanto programador, de muito do que se passa no teatro um pouco por esse mundo fora. Aliás, as duas primeiras razões é que levaram o nosso Governo a assinar protocolos com o Mindelact, numa demonstração de confiança.

S: Mas têm vindo, sobretudo nos últimos anos...companhias de teatro de países...digamos, menos expectáveis, ou que não tinham estado em anos anteriores...como a República Checa, a Colômbia, a Argentina, não é? Isso foram grandes conquistas nos últimos tempos...

M: Acho que foram, sim.

S: O que é que acha que levou a isso?

M: Foi também a boa divulgação do Festival.

S: A divulgação...?

M: Sim, a divulgação nas redes sociais – on-line, que é um poderoso suporte de publicidade.

S: Considera que o contato dos outros países contribuíram para algumas aprendizagens e alterações na programação, directamente, do Mindelact? Em vez de tratarem de culturas diversificadas, imagine que tragam dramaturgias diferentes, cenografias diferentes?

M: Sem dúvida que esse contacto com outras companhias de outros países, enriqueceu exponencialmente, o Festival Mindelact. Tanto mais que houve a necessidade de criar outro Espaço no Festival Mindelact, que ficou designado por Festival Off.

S: Portanto, o que é que caracteriza essa rubrica do festival...

M: O Festival Off é o que caracterizamos por Teatro Rápido, feito fora do Auditório Principal do Festival. São espectáculos de teatro de cerca de 20 a 30 minutos no máximo, feitos no Pátio interior do Centro Cultural do Mindelo, local central do Festival. O Festival Off nasceu pela grande solicitação de companhias estrangeiras e, também nacionais, com maior enfoque nas companhias com menos expressão, das outras ilhas do nosso Arquipélago, cujo objectivo, também, era dar-lhes a oportunidade de se apresentarem no Festival Mindelact.

Aproveito para também, dizer que, criou-se outro espaço que se chama Teatrolândia.

S: Para crianças...

M: Sim, o Teatrolândia foi concebido para crianças. Também, foi criado outro espaço, no intuito de levar o teatro às populações que vivem um pouco afastadas do centro da cidade. É o Teatro da Periferia. É uma forma de alargar, em termos de espaço, o Festival Mindelact e marcar a diferença na programação.

S: Qual é a noção que tem, quanto ao que as companhias estrangeiras levam de melhor da estadia aqui, no Mindelact, e da sua participação? Isto mais na óptica da programação...

M: É a boa programação: diversificada e equilibrada. Durante o Festival Mindelact, faz-se teatro no Centro Cultural do Mindelo, no seu auditório, no pátio interior, na rua, nas praças (ou jardins) e nas zonas periféricas da cidade do Mindelo, numa grande dinâmica coordenada e sem dispersão, que envolve uma boa percentagem da população da ilha de São Vicente.

S: E acha que isso também acaba por ser uma aprendizagem que eles levam para o país de origem e que podem, precisamente, pôr em prática?

M: Não tenho nenhuma dúvida. Se os programadores de outros festivais presentes aqui, quiserem marcar a diferença nos seus países, esta é uma grande oportunidade.

S: Mas a ideia que é positiva...o que é que eles levam de melhor, de bom? E o que é se pode reflectir, depois, em termos da programação nos países de origem...

M: Como já disse, é o equilíbrio na programação, apesar de ser diversificada e com uma percentagem de abrangência local bastante grande. Este festival é um grande contributo na programação de outros festivais, noutros países.

S: E na produção? Nota que essa troca de experiências também tem sido importante?

M: Sim, acho que paralelamente à programação, os participantes das companhias estrangeiras levam uma imagem bastante boa da produção. Porque num festival, a Programação é a componente mais teórica. É o lançamento do festival. A Produção é a prática. É o garante do sucesso do festival. Portanto, quando falo da boa dinâmica no Festival Mindelact, falo da boa interacção entre as comissões de trabalho e do seu desempenho, sob uma Direcção competente. Esta é que é uma boa Produção. Por tudo isto, acho que essa troca de experiência tem sido muito importante para os participantes e também para os que cá ficam.

S: Com estas alterações nas programações das companhias estrangeiras...acha que em termos de público, eles conseguiram atrair mais públicos? Tem essa percepção, ou essa informação não vos chega? Com a experiência que os países adquiriram aqui, tem repercussões na programação deles...acha que isso de alguma maneira aproxima novos públicos dos países de origem?

M: Se a partir da experiência adquirida aqui em São Vicente, essas companhias conseguiram atrair mais público para as suas atividades, não tenho informação concreta a respeito, mas o que estou ciente, é que se seguirem a experiência do Mindelact, terão, seguramente, mais público nas salas de espectáculos. Apesar de também ter a consciência da especificidade dos públicos. Cada público reage de forma específica a determinados sinais que lhe é enviado. Eu conheço muito bem o meu público, mas já não posso dizer a mesma coisa do público português ou brasileiro. Muito embora já tenha feito espectáculos de teatro nesses países, precisava de inputs para caracterizar esses públicos. Mas, o que é certo, é que existe um modelo: o Festival Mindelact. Interessa, agora, experimentá-lo. Porque é na experiência que se tira ganhos. E estou convicto que esta experiência de organização/produção do Festival Internacional de Teatro Mindelact adapta-se a muitos países.

S: E, justamente, também aqui nos públicos...esta dimensão de algo intercultural que acontece, no fundo, entre as companhias... acha que é representativa, que... é evidente que ela acontece enquanto o festival está a decorrer, porque estão entrecruzadas?

M: Esta interacção entre a nossa cultura e a cultura dos nossos convidados de outros países é evidente, durante o Festival. No plano artístico, trazem espectáculos criados e/ou recriados a partir das suas evidências culturais e encontram aqui as nossas propostas de espectáculos que, por sua vez, assentam no nosso universo cultural. No plano social, encontram um público diferente do que estão habituados, com outra forma de agir, de manifestar, de interagir com os atores em palco e de transpor o espectáculo ora visto, para fora da sala através de manifestações posteriores, pessoais e sinceras. Também, no mesmo plano, existe a aproximação entre as pessoas das diversas comissões de trabalho do Festival, que se preocupam em envolver todos os visitantes nos convívios programados ou

espontâneos, enquanto permanecem no Festival. Tudo isto promove aproximação, conhecimento, diálogo entre as culturas diferentes representadas no evento, que nos leva a ter algumas respostas às diversas questões culturais que se nos levantam no nosso dia-a-dia.

Cria-se quase sempre, uma grande ligação entre os visitantes e os visitados.

S: E, mantém-se depois, essa ligação? Pela internet...

M: Mantém-se sempre. E há também a ligação afectiva que fica, do público de São Vicente para com determinadas companhias, principalmente as do Brasil, Portugal e Angola, que tem reflexo positivo no festival do ano seguinte.

S: De alguma maneira isso promove, não só, aquela questão que falávamos à bocadinha...do reflexo que tem na programação, não é? Como também este diálogo intercultural, levar uma cultura de um lado para o outro, isso acontece, desta maneira?

M: Podemos dizer que sim. O intercâmbio cultural, neste caso, é evidente.

S: É notória a evolução qualitativa do festival, não é? Inclusivamente, da própria programação, não é?

M: Sim, tem havido uma grande evolução na programação do Festival.

S: E o que é que acha que contribuiu para essa evolução qualitativa?

M: Primeiro, porque existe uma grande vontade por parte da Direcção do Mindelact em fazer bons festivais, o que a leva a disponibilizar-se seriamente em prol desta causa. Depois, há a questão de aprendizagem. O Programador e a Produção têm aprendido muito em toda esta caminhada. De festival em festival. E têm, também, aprendido com os diversos contactos tidos com outros festivais e outros programadores.

S: O festival consegue sustentar-se totalmente, a nível financeiro?

M: É preciso notar que o suporte do Festival é a Associação Artística e Cultural Mindelact.

S: Sim.

M: A Associação sozinha não consegue sustentar financeiramente o Festival, por isso é que há os patrocinadores, institucionais, as empresas e os apoios dos hotéis e restaurantes. Sem eles dificilmente haveria o Festival.

S: Como é que é feito o financiamento...ou a estratégia de financiamento...

M: Há uma mobilização financeira que é feita com meses de antecedência, às empresas. E em relação ao nosso Governo e a empresa Cabo Verde Telecom, existem protocolos de financiamento assinados. Nestes casos, a mobilização é teoricamente fácil. É só levá-los a cumprirem os protocolos.

S: E há uma estrutura dentro das empresas já fiéis, digamos...

M: Em relação as empresas que tradicionalmente financiam, sim. Existem outras que, apesar de serem também tradicionais, é preciso o contacto directo todos os anos, para os mobilizar para financiamentos ou apoios. Como é o caso dos hotéis e também do restaurante central onde são servidos todos os almoços e jantares.

S: Um festival desta envergadura, imagino, que tenha um orçamento enorme...

M: Sim, tem. Não falo de números, neste momento, porque já há alguns anos que não pertenço a Direcção do Mindelact.

S: Sente que, de alguma maneira, esta crise mundial e europeia que estamos a atravessar, se tem reflectido no festival?

M: É claro que sim. Pelas informações que me têm dado o João Branco, tem tido muitas dificuldades junto de algumas empresas e mesmo do Governo em mobilizar verbas suficientes para o Festival. Até as companhias europeias têm tido muitas dificuldades junto dos respectivos governos e outros patrocinadores, em mobilizarem verbas para as passagens aéreas para poderem vir ao Festival.

S: Tem ideia, em termos de percentagem, qual é o patrocínio que o estado...faculta para o festival?

M: Neste momento, não estou por dentro no que concerne a números.

S: Não está por dentro desses números, mas de qualquer maneira há um apoio do estado e há um apoio de privados...também pelas empresas, pelo que acabou de mencionar, não é?

M: Sim. Há um apoio do Estado e também dos privados e algumas empresas públicas.

S: Portanto, há um reconhecimento, digamos, em termos de responsabilidade social das empresas, aqui em cabo verde?

M: Sim há. Porque o Festival tem feito por isso.

S: E as contrapartidas relativamente a esses patrocínios, quer do estado, quer das entidades privadas?

M: As contrapartidas das entidades privadas, é verem o seu nome nos cartazes, nos programas e serem mencionados e vistos na televisão. Quanto ao Estado, para além disso tudo, é saber que o Festival existe, que contribui para as actividades culturais patrocinadas pelo Ministério da Cultura e que divulga Cabo Verde nos circuitos turísticos, contribuindo para o incremento do turismo e assim o aumento da imagem do País no estrangeiro.

S: E o festival tem mais fontes de receita, para além destes financiamentos públicos e privados?

M: Que eu saiba, não.

S: Agora, uma outra vertente em termos de movimento da comunidade de São Vicente no festival...tem percepção, que há uma adesão da população ao festival?

M: Uma boa percentagem da população adere ao Festival. Mesmo aqueles que não vêm ao teatro, sabem e muitos apoiam a ideia de continuar a fazer o Festival.

S: E do país? Mesmo das outras ilhas...

M: Também nas outras ilhas do País. Porque enquanto decorre o Festival, a Televisão e as Rádios transmitem imagens e sons do mesmo em todos os seus noticiários. Para além disso, passam entrevistas feitas aos atores e agentes teatrais presentes, noutras rubricas da programação desses meios de comunicação. Isso sem falar das redes sociais.

S: E a população interfere/apoia directamente na produção do festival?

M: Digamos que algumas pessoas de São Vicente, apoiam na divulgação oral, no empréstimo de algum adereço e acima de tudo com a sua presença, como público, nos espectáculos.

S: Um bom apoio, não é?

M: Sem dúvida.

S: E na produção?

M: A Produção directa, não. Essa é por conta da Direcção do Mindelact. Mas, podemos considerar o apoio das muitas dezenas de jovens que durante o Festival ajudam gratuitamente nas diversas comissões do Festival.

S: O que é que considera mais importante, no trabalho realizado pelo diretor do Mindelact...estamos a falar no João Branco, não é? O trabalho desenvolvido por ele.

M: O que eu considero de maior importância no trabalho do João Branco, é a dinâmica que ele imprime na programação, no contacto com as companhias nacionais e estrangeiras e a coerência no desenho de programação do Festival. Outra coisa também

importante é que ele conhece muito bem, o que se passa lá fora, noutros festivais e tem informações úteis dos espectáculos de muitas companhias.

S: Estar atento ao que se passa...

M: Sim, para quando tiver em mãos as candidaturas, poder fazer uma triagem criteriosa e equilibrada. Mas, também, não devemos descurar a atenção que ele dá às companhias nacionais e a sua inclusão na programação. Ele faz este trabalho muito bem e com muito profissionalismo. E isto tem ajudado muito o Festival Mindelact.

S: E o que é que acha ser mais marcante, para uma companhia estrangeira...a participação neste festival?

M: Para além da interacção entre as culturas, que disse anteriormente, é a troca de experiência entre companhias. Há aqui um pormenor muito interessante. As companhias profissionais estrangeiras, encontram aqui, em São Vicente, um teatro feito apenas na base do amadorismo, do qual nasceu um Festival feito na mesma base e que eles participam, sem notarem diferenças dignas de registo. Geralmente existe uma ideia depreciativa em relação ao teatro amador, por parte dos profissionais, facto que eu rejeito. Ora vejamos: As companhias profissionais fazem uma programação anual e têm que respeitá-la sob pena de não sobreviverem financeiramente. Nós, como amadores, fazemos, também uma programação anual e respeitámo-la. Mas, se não fosse possível respeitá-la, sobrevivemos, porque o nosso rendimento advém de outras actividades. Este aspecto é importante. Não fazemos teatro por sobrevivência financeira, mas por amor. O amador, de manhã, trabalha, normalmente, noutra actividade e à noite, que devia descansar, vai aos ensaios, que, muitas vezes, prolongam até altas horas da noite. O actor amador faz teatro por amor a arte e só por isso. Mas, também, fazemo-lo com profissionalismo. Há uma entrega total a causa. Isto é um aspecto muito importante, que as companhias profissionais estrangeiras levam daqui.

S: O festival ganhou esta dimensão, e há razões, com certeza, que levaram à evolução deste mesmo festival...que chegou à décima oitava edição, com a qualidade que tem, com os financiamentos que estão consolidados, de alguma maneira, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos em todo o lado, não é? E aqui também. No entanto o

festival evoluiu, tem vindo a evoluir, não é? Consegue mencionar duas, três razões assim, mais objectivas?

M: Primeira razão é que o Festival é feito com amor, por pessoas que amam o teatro. A segunda, fazemo-lo com responsabilidade e respeito a todos quantos participam connosco nessa festa. De diversas formas: como patrocinadores, apoiantes, público, companhias de teatro, comunicação social, etc. e a terceira razão é a visão criteriosa e esclarecida do Programador, coadjuvado por uma equipa capaz e dinâmica.

S: Portanto, durante duas décadas, continuam...cada vez com mais força...

M: Acho que sim. A melhor coisa que fizemos, desde a criação da Associação Artística e Cultural Mindelact e o Festival foi termos criado uma equipa formada por pessoas com uma capacidade organizativa e de iniciativa bastante grande.

S: Mas com esse testemunho, eu acho que não restam dúvidas que a Associação Artística e Cultural Mindelact é representativa nas dinâmicas culturais do Mindelo, não é?

M: Não só do Mindelo, em São Vicente, mas sim, a nível de Cabo Verde.

S: Eu queria era ouvir essa sua convicção...

M: Eu tenho esta forte convicção porque vivo cá e conheço esta realidade. Não sei se já sabe, sou, neste momento, o ator mais velho em atividade aqui em São Vicente.

S: Quantos anos...

M: Tenho 40 anos de carreira. Acabei de ganhar o Prémio de Mérito Teatral como reconhecimento desses meus 40 anos de atividade na área cultural.

S: Não restam dúvidas aqui, que deste um contributo nas dinâmicas culturais...

M: Sim, dei e muito. E vou continuar a dar, enquanto for possível. Também a dinâmica do Mindelact reflectiu em todas as ilhas deste Arquipélago, fazendo aparecer iniciativas teatrais em muitas ilhas.

S: Bem, Manuel Estevão, ficamos por aqui e agradeço imenso a sua disponibilidade.

Apêndice 10. **Entrevista a Miguel Seabra** -25 de Julho de 2012 – Director Geral e Artístico do Teatro Meridional.

Sandra: Quero agradecer-lhe o facto de se disponibilizar para o entrevistar. Como é que entende em Cabo Verde e no Mindelo a localização deste festival?

Miguel Seabra: Os festivais de teatro têm que ter sempre várias condições subjacentes à sua própria existência, e algumas condições são fundamentais. 1.º, haver um cabecilha, haver o criador da ideia e um dinamizador, ou seja, uma direcção forte e haver um mínimo de condições logísticas e humanas, e financeiras, claro, para viabilizar essa ideia. Cabo Verde e o Mindelo, com o João Branco têm um mestre de cerimónias ideal, e porquê? Porque o João é muito dinamizador, tem um grande espírito de iniciativa, tem uma metodologia e uma inteligência diversificada que servem muito bem a dinâmica de um projecto como criar-se um festival de teatro, porque é uma pessoa culta, que tem um arco de conhecimentos muito variado. O João é filho do José Mário Branco e Isabel Alves Costa, logo aí, à partida, dá-lhe uma estrutura de referências éticas, estéticas, políticas, sociais, culturais muito completa, muito forte, e depois tem uma personalidade muito... tem muita coragem, tem muita lata, tem muita persistência, muito sentido de subversão, muito empenhamento, muito entusiasmo, cria facilmente e entusiasma nas pessoas que contacta, e depois o João criou um livro em edição crioula que é a história do teatro caboverdiano, ou seja, estamos aqui a falar de uma pessoa que marca inquestionavelmente a história cultural de um país.

S: Mas é curioso porque o João Branco é português, não é?

MS: O João Branco nasceu em Portugal. E ele tornou-se cabo-verdiano.

S: esta questão que lhe coloquei sobre a localização deste festival, a razão de ser em Cabo Verde e no Mindelo, tem a ver com o João Branco por si só ou acha que tem a ver ou com o território especificamente?

MS: Estava-lhe a responder ao João Branco. O João Branco é uma figura que por si só tem uma personalidade e contactos, mexe-se bem, tem um sentido de curiosidade e experimentação e de risco muito grandes e portanto é uma figura que por si só é capaz de dinamizar um festival como o do Mindelo Arte, e depois veio a segunda parte da resposta, que é condições humanas e sobretudo logísticas e financeiras. São Vicente é sedutor, por si só. É uma mais-valia natural.

S: Que é um elo comum com o João Branco, será? O sentido de sedução dele...

MS: Sim, não é por acaso que o João vem parar a Cabo Verde e torna-se cabo-verdiano.

S: exactamente, era aí que eu queria chegar.

MS: É um bom casting. Digamos que o João Branco em Cabo Verde é um casting perfeito. E depois tem um sentido afectivo, um acolhimento, uma disponibilidade na (?) únicos do povo cabo-verdiano. O povo cabo-verdiano é um povo com um entusiasmo juvenil

e festivo com uma alegria contagiante e é típico de... Cabo Verde é uma África especial, mas tipicamente cabo-verdiano é o facto de contar histórias, as ilhas são muito isoladas, também por si só o imaginário tem que ser alimentado pelas histórias e o contador de histórias, e portanto, logo o teatro é uma atracção natural do povo cabo-verdiano. As pessoas vão ao teatro para quê? Para ouvir histórias, aqui, em Cabo Verde, no México... para ouvir histórias, para contactar com os outros, para contactar com o homem, é um espaço onde se encontra com o homem. E para ouvir histórias.

S: O teatro do imaginário...?

MS: As pessoas vão ao teatro para ouvir histórias e portanto as condições... As grandes cambalhotas que o João branco tem que dar é cativar pessoas para irem lá, sem cachet e sem viagens.

S: Que é algo de extraordinário.

MS: É extraordinário, quer dizer, a dimensão que o festival tem é o acolhimento de muitos espectáculos estrangeiros, de companhias muito importantes, e não só ele dinamizou... estendeu o festival à Praia, à ilha de Santiago e cativou muitos grupos de todas as ilhas, e portanto o João Branco tem um lugar muito especial na história do teatro e cultura cabo verdeana, porque o grupo de teatro de promoção cultural português do Mindelo já tem algum currículo de festivais internacionais, onde leva as suas peças, e portanto, isto digo independentemente de ser amigo pessoal do João e admirador do seu trabalho, e portanto é fantástico o que ele consegue dinamizar. O Homem sonha...

S: deus quer, o homem sonha, a obra nasce; é um bocadinho esse o princípio...

MS: ele tem uma boa conexão, como a África toda tem, com Deus, tem uma capacidade de sonhar, imaginar e projectar e de cativar, sendo um fenómeno muito particular.

S: então o João Branco sonha e o Mindelact nasce, fazendo um paralelo com Fernando Pessoa;

MS: acho arriscado isso vir como gordas de uma notícia... o João não trabalha sozinho, tem uma equipa à volta dele, mas a capacidade que ele tem de dinamizar é única e tem também um grande sentido colectivo; o Mindelact acontece porque o João Branco tem uma capacidade invulgar de convocação das vontades.

S: Há uma vivência artística no Mindelo mais forte do que nas outras ilhas, entende assim ou não?

MS: Relativamente à vivência artística, eu não conheço bem as outras ilhas, mas Cabo Verde tem os melhores músicos do mundo e portanto a música em Cabo Verde tem uma força invulgar, nas artes cénicas há grupos de teatro amador por todas as ilhas, o João Branco tentou e tenta profissionalizar o mais possível, através de uma escola que tem aberta e que forma actores, e isto é raro e extraordinário;

S: mas o Miguel conhece pelo menos o Mindelo, São Vicente, e sente que há ali uma predisposição artística relativamente a outras ilhas que conheça?

MS: Não lhe consigo responder porque não sei; do ponto de vista cultural, o Mindelo é uma cidade muito particular no universo cabo-verdiano, isso é certo, muitos dos melhores artistas de Cabo Verde provêm do Mindelo...

S: isso há-de ter uma razão, ou acha que é coincidência?

MS: Sim, talvez por ser a cidade mais “europeia”;

S: E qual acha que é a razão da existência da tradição da dramaturgia no Mindelo? Terá a ver com o trabalho do João, dos cursos que ele faz?

MS: o trabalho do João é marcante, não só pelos cursos que faz, mas também pela “crioulização” de peças, desde Beckett a Shakespeare, Lorca... e portanto ele adapta as peças à realidade cabo-verdiana, as realidades das histórias maiores da dramaturgia mundial, e, portanto, faz um trabalho não só artístico, mas também didático, social e político, e, por isso, é que ele é um personagem com um simbolismo muito particular em toda a identidade cultural cabo verdiana e, em particular, teatral.

S: Ele foi agarrar essa identidade que já existia ou acha que começou a ser dinamizada a partir do momento em que o João Branco chega ao Mindelo?

MS: Nós fazemos essencialmente duas coisas na vida, sobreviver e reproduzir, para estendermos a sobrevivência, e o João Branco para sobreviver, graças a Deus para Cabo Verde, precisa de criar, dinamizar, mexer, implicar, formar, edificar e portanto eu acho que ele percebeu genuinamente que o povo cabo-verdiano, com uma grande versatilidade criativa cultural que tem é um espaço muito fértil para florescimento das artes cénicas, portanto apostou e entregou-se a isto.

S: Conhece outros festivais de teatro em África, sobretudo internacionais?

MS: Há vários festivais de teatro, um pouco por toda a África, este é um continente que sabe a dimensão que tem e é o continente mãe de todos os continentes; na África Árabe, ou seja, no Norte de África há vários festivais internacionais importantíssimos, desde o Egipto, a Argélia, Tunísia, Marrocos, e portanto a norte do Sahara existem vários; em Angola também existem festivais internacionais...

S: Mas com a regularidade e sem interrupções de edições tal como o Mindelact?

MS: Não tenho esse conhecimento específico...

S: Nesses que conhece, sabe se existem interações com o Mindelact?

MS: Sei que o João Branco tem muito boas relações com o José Mena Abrantes que é director do Elinga e portanto fazem um intercâmbio anual, sei que o Teatro Meridional também esteve em Angola em Março com o espectáculo “O Senhor Ibrahim e as Flores do Corão” no dia Mundial do Teatro, a 26 e 27 de Março, precisamente a antecipar o festival internacional de teatro de Luanda, onde o João Branco e o grupo do Centro Cultural Português do Mindelo estiveram a representar, e não foi a primeira vez; o José Mena Abrantes e o Elinga Teatro também estarão presentes no Mindelact.

S: Tem ideia de algum outro festival que tenha interagido frequentemente com o Mindelact?

MS: Sei que eles estiveram também presentes nas Ilhas Canárias e não sei mais.

S: Como é que acha que é realizada a publicidade e marketing do festival num território internacional, extra-fronteiras?

MS: Essas perguntas são muito específicas...

S: Enquanto actor, as informações do que se precisa no festival chegam até si?

MS: Eu tenho um canal privilegiado, que é o contacto directo com o João Branco e se tiver alguma questão também posso consultar o site do Mindelact e portanto, é muito fácil aceder a essa informação; eu acho que todos os projectos que proporcionam momentos de interculturalidade, todos os festivais de teatro são momentos privilegiados de comunhão humana e artística e portanto, o festival Mindelact, também pela singularidade da Ilha de São Vicente, do povo cabo-verdiano, e da dinâmica subjacente, é um local onde se passa uma semana inesquecível.

S: Qual acha que é a razão para que determinados países façam parte da programação do Mindelact, mesmo aqueles mais improváveis, porque a adesão de países fora do contexto lusófono tem sido cada vez maior.

MS: É a mais valia da atracção turístico-cultural, ou seja da sedução... peça originalidade, de repente vamos a uma festa numa ilha fantástica, com um povo fantástico e, isso só por si, sai dos parâmetros típicos, principalmente para nós europeus, daquelas normas muito ocidentais, em que a razão predomina. Há um estar, um convívio pela relação humana, que é muito particular lá, e portanto, é sempre um ponto de atracção muito particular.

S: Como é que os países que vêm a surgir na programação, ficam a saber dessa particularidade?

MS: penso que é tudo trabalho do João Branco que se desmultiplica em contactos, ele é um programador muito atento, muito informado, muito curioso, muito implicado na sua informação diversificada, muito inquieto, não fica estagnado na sua fórmula, tem sempre uma grande capacidade de reinventar motivações e portanto, quando se tem uma pessoa destas motivada, é meio caminho para se ter um festival que ainda só vai na 19ª edição, no próximo ano faz 20 anos... são duas décadas de trabalho profundo e com qualidade que se sente, sem interrupção, com dinâmica comprometida com o povo caboverdiano e de países de Cabo Verde. Estou convencido que o teatro em Cabo Verde se desenvolveu muito graças à dinâmica do Mindelact: como é que a falta de intenção, manifestada na falta de dinheiro, manifestada na falta de reconhecimento, pode por em causa um projecto que também tem uma grande dinâmica económica, turística, política, põe Cabo Verde no mapa.

S: E o contacto com estes países que se têm vindo a aproximar acha que têm contribuído com algumas aprendizagens, e algumas alterações na própria programação do Mindelact? Não sei se tem acompanhado as edições, a progressão das edições?

MS: Sim, acompanho sempre a programação, este ano até estávamos pré-programados, o Teatro Meridional com “O Senhor Ibrahim e as Flores do Corão”, não obtivemos financiamento para deslocação e por isso adiámos para o próximo ano, mas claro que acompanho, e a personagem central, criadora e desmultiplicadora de motivações é o João Branco e a sua equipa...

S: Mas que vão bebendo também algo de algumas fontes de outros países, das companhias de teatro de outros países?

MS: Mas é evidente, uma das qualidades do João Branco é estar atento ao que se passa em seu redor e trazer isso como uma mais valia de experiência humana, de programação cultural, de metodologias de sedução.

S: E colocando a questão ao contrário, uma companhia que vá ao Mindelact, o que acha que leva melhor do festival, tendo como perspectiva a programação, para as suas companhias de teatro quando chegam ao seu território nacional? Acha que tem impacto ou não?

MS: Somos influenciados por tudo, há meia hora atrás não nos conhecíamos e agora, no fim do dia, quando eu fizer o balanço do dia há um dado novo de nos termos conhecido pessoalmente e estarmos aqui a meio da tarde na esplanada da Graça a conversar sobre este tema, portanto nós somos o resultado das nossas experiências e portanto ir a Cabo Verde é diferente de ir a Budapeste, ou ao festival internacional de teatro da Roménia, ou ao rio de Janeiro, ou a Londres, e portanto também depende dos projectos das companhias...

S: Mas em termos da própria programação das companhias, quando vão lá e regressam ao seu país acha que levam alguma coisa do Mindelact, das experiências da produção, das vivências todas que o Mindelact lhes proporcionou?

MS: Eu, o que levo sempre é um acolhimento humano de excepção, um acolhimento profissional muito bom, à escala da capacidade que o Mindelact e Cabo Verde têm, e sempre é diferente estarmos aqui, num local privilegiado, na cidade de Lisboa, do que termos esta conversa na Baía das Gatas, ou em frente à Praia da Laginha, esta conversa seria diferente... trazemos sempre influências, imagino que, como criador, tenho mais tendência para Shakespeare ou autores nórdicos ou alemães, e portanto ir a Cabo Verde não traria uma influência particular... mostrar o meu trabalho, um Beckett, em Cabo Verde...

S: Que se faz... o João Branco faz as traduções para crioulo de um Beckett...

MS: Sim, claro, o João Branco faz, mas perguntou-me que influências pode trazer às companhias que vão lá e esta é a minha resposta, eu posso dizer-lhe que tenho a experiência de itinerância nacional e internacional, o Teatro Meridional já representou em 19 países, e portanto tenho alguma experiência diversificada de festivais internacionais, e o Mindelo é mais uma experiência...

S: Marcante, de entre esses 19 países?

MS: Sim... eu tenho muitas experiências marcantes, felizmente, cada um à sua maneira, o Mindelo é marcante porque uma das linhas de trabalho e o universo criativo do Teatro Meridional está relacionado directamente com o universo da lusofonia e temos um

projecto em que a Natália Luíz faz uma dramaturgia à volta de textos do universo dos países da lusofonia e um dos projectos chama-se Contos em Viagem e fizemos um espectáculo, que é um dos que tem maior sucesso dentro das 45 criações que já fizemos, que se chama precisamente Contos em Viagem Cabo Verde, que é sobre 16 textos de 11 autores cabo verdianos, que foi estreada no Mindelo, e que o João Branco disse que de todas as edições do festival, aquele espectáculo foi o que teve a ovação maior.

S: O que quer dizer que vocês se integraram bem na cultura cabo-verdiana, conseguiram representar de maneira a chegar ao público?

MS: Sim, nós, Teatro Meridional, já fomos 4 ou 5 vezes ao Mindelact, eu inclusive fiz uma residência artística de criação de um espectáculo com actores caboverdianos, e portanto está a falar com uma pessoa que tem uma ligação particular com Cabo Verde e especificamente com o Mindelo.

S: Essa sua experiência com o Teatro Meridional leva a que haja aqui um diálogo intercultural mais forte, sobretudo nessa componente dos países Lusófonos, como me acabou de dizer?

MS: o Teatro Meridional tem algumas características: é uma companhia vocacionada para a itinerância, nasceu de um misto de actores de 3 países latinos (2 espanhóis, 1 italiano e eu) e portanto durante 8 anos foi uma companhia ibérica que rodámos muito por todo o mundo, muitos festivais, muitas cidades, e que tem no seu olhar do fazer teatral uma predisposição para se imbuir das culturas humanas na sua diversidade, especificamente lusófonas, portanto isso proporciona um natural encantamento e cumplicidade com Cabo Verde.

S: E acha que se reflecte em termos de públicos? Atrai mais públicos o facto de ter uma programação mais virada para esse campo lusófono?

MS: Está a falar especificamente do Teatro Meridional?

S: Agora sim; de alguma maneira se cruza com o diálogo intercultural, se as pessoas se mantêm em contacto, se não?

MS: Sim, nós já trabalhamos nestes cerca de 21 anos da companhia com mais de 100 actores de 9 nacionalidades, é uma companhia com experiências diversificadas e uma interculturalidade assumida.

S: Quando é que teve o seu primeiro contacto com o Mindelact? Recordar-se?

MS: Foi em 1998/1999, salvo erro...

S: E desde então tem acompanhado o Mindelact de perto?

MS: Eu sou amigo pessoal do João, estas palavras que lhe estou a dizer têm muito de coração mas também têm muito de razão, de observar uma realidade, independentemente de ser meu amigo eu consigo avaliar a qualidade e a quantidade e a especificidade do trabalho do João Branco.

S: É notória a evolução qualitativa da programação do festival, mas existe algum aspecto específico que queira referir que tenha notado ao longo destas edições todas desde o seu primeiro contacto com o Mindelact?

MS: Faria sobressair dois aspectos, a capacidade de cativar e de levar projectos muito bons em qualquer parte do mundo a serem mostrados em Cabo Verde, de companhias internacionais, só para lhe dar um exemplo, a companhia Dos à Deux, que é francesa, de dois brasileiros, que ganhou no ano passado ou há dois anos, o prémio do público no festival de Avignon, já esteve lá representada duas vezes, portanto, desde espectáculos brasileiros, de companhias africanas, de companhias espanholas, essa capacidade de mostrar o mundo a Cabo Verde através do teatro que o João e o Mindelact têm... o teatro são maneiras de olhar dos Homens e essa pluralidade e diversidade é uma das coisas que faria sobressair e relevo da programação e outra coisa é a capacidade de mobilizar Cabo Verde inteira porque o João consegue trazer grupos de todas as ilhas e fazendo-o, estes quando voltam para as ilhas levam aquela riqueza toda, portanto o João e o Mindelact conseguem não só mobilizar internacionalmente como nacionalmente, entre ilhas, e acrescentava ainda a capacidade que ele tem de criar pacotes com as companhias que lá vão de acções de formação e portanto as companhias que lá vão dão formação aos actores caboverdianos, e isto é impagável, são experiências brutais com que eles ficam.

S: Um festival desta envergadura implica com certeza um investimento imagino que elevado; de que maneira acha que se reflecte esta crise nacional, europeia, sendo Cabo Verde aquele país de África mais próximo da Europa? Tem noção que possa ter reflexo? Numa conversa informal, antes de começar a entrevista, falavamos das dificuldades que o João estava a enfrentar neste momento... acha que pode ter a ver com esta conjuntura europeia que estamos a atravessar?

MS: Tem a ver com várias coisas, a crise é cíclica e as histórias repetem-se, portanto, como tudo na vida, tem pontos altos, mais felizes e pontos menos animadores que se notam mais, em particular nos campos da cultura, porque os Homens, tradicionalmente relegam as necessidades culturais para segundo plano, e depois tem a ver também com uma coisa maior, eu entendo que o mundo está a precisar, e está a pedir e a mostrar que o Homem precisa de se reinventar na sua condição humana de vivência social e apreender, vivenciar novos paradigmas de estar, portanto esta agitação diria que tem essas duas características: a parte visível do iceberg, mais comum e palpável que também o marketing e a publicidade política dos lobbies mais faz sentir é a crise social, financeira, a Europa a influenciar muito, o bicho papão velho e decadente europeu, o nosso governo como sinónimo triste, temos de viver com isso sabendo que para edificar um castelo demora muitos anos e para o deitar abaixo é muito fácil, depois há o lado invisível que penso que as novas tecnologias têm ajudado a revelar, já não estamos em tempo de mentiras, de simulações, de esconder, de falsidades porque tudo está a vir ao de cima, e no meio desta agitação a cabeça humana é demasiado frágil para dar a volta, resolver de uma maneira inteligente.

S: Consegue imaginar que este festival possa vir a ser algum dia, do ponto de vista financeiro, sustentável?

MS: O teatro é um acto paradoxalmente eterno porque os Homens precisam de estar uns com os outros e precisam de entreter e de alimentar o seu imaginário sonhando, e ao mesmo tempo contém em si a efemeridade da morte, um espectáculo de teatro tem um fim, e aconteceu naquele dia e talvez aconteça amanhã, mas não sabemos, portanto este paradoxo

cria uma dinâmica que por um lado tem o condão da Fénix, de renascer sempre, com as ervas nas pedras e por outro a efemeridade, que contém em si um sentido descartável, de não ser necessário, o que é um paradoxo; isto para lhe responder à sua pergunta, dinheiros e sobrevivência têm que ter sempre à frente um homem, e voltamos ao João Branco que acho ter essa capacidade, de dinamizar politicamente, de motivação, de fazer marketing para conseguir fazer milagres... eu apelidei em tempos o Mindelact de “Milagract” porque todos os anos o João consegue o milagre de fazer acontecer aquele festival; se me disser que ele conseguiu um acordo com o Ministério da Cultura de Cabo Verde - têm um Ministério da Cultura e nós não temos com este governo PSD/PP que o retirou, no sentido oposto... uma das frases famosas do Churchill é “Se cortarmos na cultura, então porque fazemos esta guerra?” A oscilação esquerda-direita-esquerda-direita é interessante, mas efectivamente a direita é perigosa porque corta a direita e demora muito tempo para voltar a nascer, portanto eu acho que o Mindelact devia ser institucionalizado, como fazendo parte intrínseca da cultura caboverdiana, teria obrigatoriamente que receber um financiamento para proporcionar um crescimento, claro que com inerente responsabilidade paralela.

S: O protocolo que foi assinado no ano passado já se torna de alguma forma um reconhecimento - a 18ª edição, uma maioria em que esteve na cerimónia de abertura o Ministro da Cultura Mário Lúcio, horas antes foi assinado o dito protocolo – já é um sinal de reconhecimento; não obstante continua a haver problemas financeiros...

MS: Eu poria as coisas de outra maneira, é um agradecimento, o Ministério da Cultura e o Governo caboverdiano não fazem mais que a obrigação de reconhecer uma festa como o Mindelact e tudo o que mexe à volta como fazendo parte de uma das suas obrigações políticas, sociais e culturais de proporcionar condições.

S: O João acaba por mexer ali não só com os financiamentos públicos como privados graças à persistência dele, a maneira que ele tem de testar e encarar este projecto, que é quase a vida dele em Cabo Verde;

MS: sim, o Ministério não faz mais que a obrigação, agora... até se concretizar... este ano, por exemplo estão com dificuldades, no ano passado por esta altura também estavam com dificuldades, o João, numa última assembleia tinha dito que provavelmente não haveria festival e, por obrigação moral e por tantas ofertas que tiveram de países diferentes e programações diferentes, sentiu-se na obrigação de avançar, e assim o fez e conseguiu.

S: Nos anos em que o Miguel lá foi, como foi a adesão da população de São Vicente?
L: as salas cheias todas as noites... L: E pelo que eu presenciei, bilhetes esgotados dias antes; há aqui uma taxa de sucesso bastante grande, de 100%... significa que a aceitação do Mindelact por parte da população é alta. O Mindelact nasce da associação artística e cultural, considera que ela é representativa nas dinâmicas culturais caboverdianas, ou não?

MS: Sim, todo o trabalho que o João faz, desde a internacionalização do teatro de Cabo Verde às acções de formação, às ligações inter-ilhas, à cativação das entidades políticas, à ligação com o Ministério da Cultura em Portugal, portanto este homem mexe muita coisa.

S: de uma maneira geral, e para terminar, a dimensão do festival e a sua evolução, e as razões que levam a esta evolução, acha que têm a ver directamente com o João Branco enquanto director artístico?

MS: Isso é inequívoco, voltamos à primeira pergunta que me fez, para haver uma festa do teatro, continuada, com esta qualidade e com esta dimensão, escala e crescimento, são precisos vários factores, entre os quais uma grande cabeça a organizar e a pensar e a dinamizar o evento, e condições logísticas e humanas, ou seja o mínimo de condições financeiras para acolher, para alimentar, para gerar condições, e recursos humanos, equipas, porque o João era incapaz de fazer isto sozinho, tem uma equipa ao seu redor muito capaz, profissional e competente, e de facto o cérebro conceptualizador... teatro em Cabo Verde é muito mais que o João Branco, mas quem deu visibilidade e coesão nacional e visibilidade internacional foi ele.

S: Dou por terminada a entrevista, obrigada.

ANEXOS

Anexo 1. Estatutos da ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL MINDELACT



Estatutos da Associação Mindelact

Na Assembleia Geral da Associação Mindelact, realizada no passado dia 10 de Março de 2007, a revisão dos Estatutos constituiu o ponto alto da Ordem de Trabalhos, para uma adaptação das antigas regras aos novos tempos e à experiência acumulada em quase 15 anos de intensas actividades. A versão actualizada dos Estatutos é agora disponibilizada, para quem quiser consultar.

ARTIGO PRIMEIRO (Objectivos Gerais)

A MINDELACT – ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL é uma organização não governamental sem fins lucrativos, que visa essencialmente:

- a) Promover e desenvolver a divulgação do teatro em Cabo Verde;
- b) Organizar anualmente, sempre que possível durante o mês de Setembro, o Festival Internacional de Teatro do Mindelo - Mindelact, a decorrer na cidade do Mindelo;
- c) Promover e incentivar o intercâmbio entre os grupos de teatro nacionais;
- d) Incentivar e apoiar os grupos teatrais já existentes em Cabo Verde e os que vierem a formar;
- e) Promover acções de formação na área do Teatro;
- f) Enriquecer e manter em funcionamento o Centro de Documentação e Investigação Teatral do Mindelo que permita a recolha, catalogação e tratamento de material referente ao teatro cabo-verdiano;
- g) Promover e incentivar o desenvolvimento da Dramaturgia Nacional;
- h) Servir de elo de ligação, quando solicitado, nas áreas da formação e internacionalização, entre agentes e grupos teatrais nacionais e instituições internacionais;
- i) Atribuir anualmente o Prémio de Mérito Teatral, sempre que possível, no Dia Mundial do Teatro.

ARTIGO SEGUNDO
(Sede)

O MINDELACT—Associação Artística e Cultural tem a sua sede na cidade do Mindelo, procurando ter, sempre que possível, representações em outros pontos do país.

ARTIGO TERCEIRO
(Duração)

O MINDELACT—Associação Artística e Cultural constitui-se por tempo indeterminado.

ARTIGO QUARTO
(Admissão de Sócios)

- a) Pode ser sócio de Associação todo o indivíduo que o deseje, desde que seja maior de idade e estiver no pleno gozo dos seus direitos cívicos.
- b) A admissão de novos sócios é solicitada à Direcção, que, na base do processo recebido, delibera da sua admissão.
- c) Se não se registrar nenhuma objecção, o sócio candidato considera-se admitido, em caso contrário, a Assembleia-Geral delibera sobre o pedido de admissão, se para tal for solicitado pelo interessado.

ARTIGO QUINTO
(Direitos dos Sócios)

São direitos dos sócios:

- a) Participar ou fazer-se representar na Assembleia-Geral, segundo o estipulado na Lei;
- b) Eleger e ser eleito para os órgãos da Associação;
- c) Exercer o seu direito de voto, na Assembleia-Geral seguinte à sua admissão;
- d) Participar em todas as actividades de Associação;
- e) Usufruir das vantagens e benefícios que a Associação conceda;
- f) Pedir, por escrito, aos órgãos da Associação informações sobre a vida e o funcionamento da mesma;
- g) Solicitar um exemplar dos Estatutos e o Cartão de Sócio;
- f) Outros atribuídos por lei.

ARTIGO SEXTO
(Deveres dos Sócios)

São deveres dos sócios:

- a) Participar nas Assembleias-Gerais, com espírito construtivo;
- b) Participar nas outras actividades da Associação, com empenho nas tarefas que lhes forem cometidas;
- c) Exercer o seu direito de voto, na Assembleia-Geral seguinte à sua admissão;
- d) Respeitar os órgãos constituídos da Associação e colaborar, na medida das suas possibilidades, com eles;
- e) Zelar pela imagem da Associação junto dos poderes públicos, privados ou da sociedade em geral;
- f) Não praticar actos que possam causar prejuízos materiais ou morais à Associação ou que sejam contrários aos fins da mesma

ARTIGO SÉTIMO
(Demissão de Sócios)

1. A demissão de sócios ocorrerá nos seguintes casos:

- a) Por desejo do próprio sócio;
- b) Por proposta da Direcção e aprovação da Assembleia Geral;
- c) Automaticamente, após duas faltas consecutivas injustificadas em Assembleias Gerais Ordinárias.

2. As demissões de sócios proposta pela Direcção só podem ser aprovadas em Assembleia Geral, pela maioria dos seus membros presentes.

ARTIGO OITAVO
(Órgãos da Associação)

A Associação Artística e Cultural Mindelact é composta pelos seguintes órgãos efectivos:

- a) Assembleia-Geral;
- b) Direcção;
- c) Conselho Fiscal.

ARTIGO NONO
(Duração do Mandato)

A duração do mandato dos órgãos efectivos é de três anos.

ARTIGO DÉCIMO
(Assembleia-Geral)

A Assembleia-Geral é o órgão máximo da Associação Artística e Cultural Mindelact.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO
(Composição da Assembleia-Geral)

1. A Assembleia-Geral é composta por todos os sócios em pleno gozo dos seus direitos estatutários.
2. Cada sócio tem direito a um voto.
3. A Assembleia Geral pode convidar quem entender, desde que seja considerado útil a sua participação nos trabalhos.
4. A Assembleia Geral é dirigida por uma mesa composta de um presidente, um vice-presidente e um secretário.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO
(Competências da Mesa da Assembleia-Geral)

1. Compete ao Presidente da mesa dirigir os trabalhos da Assembleia.
2. Ao Vice-Presidente incumbe coadjuvar o Presidente nos termos estatutários.
3. Ao Secretário incumbe elaborar a respectiva acta, prestando as informações necessárias e instruindo e preparando os assuntos em discussão.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO
(Substituição do Presidente da Mesa da Assembleia-Geral)

1. O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral é substituído nas ausências ou impedimentos, pelo Vice-Presidente ou, na impossibilidade deste, pelo Secretário.
2. Na ausência de dois dos três membros, o presente pode propor a constituição de uma Mesa Provisória, devendo para tal ter a aprovação da Assembleia.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO
(Competências da Assembleia-Geral)

A Assembleia-Geral tem competências genéricas, cabendo-lhe nomeadamente:

- a) Eleger a Mesa da Assembleia-Geral, Direcção e Conselho Fiscal;
- b) Demitir a Mesa da Assembleia-Geral, Direcção e Conselho Fiscal;
- c) Aprovar o relatório das actividades de Direcção;
- d) Aprovar as contas anuais, precedidas do parecer do Conselho Fiscal;
- e) Admitir e demitir sócios da Associação;
- f) Proceder à revisão dos Estatutos;
- g) Definir as linhas gerais de actuação da Associação;

- h) Propor e decidir da atribuição do Prémio de Mérito Teatral;
- i) Pronunciar-se sobre todas as questões que lhe sejam submetidas.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO
(Periodicidade da Assembleia-Geral)

1. A Assembleia-Geral reúne ordinariamente uma vez por ano, sempre que possível no último trimestre de cada ano, e extraordinariamente a requerimento da Direcção ou de pelo menos metade dos sócios da Associação Mindelact.
2. O requerimento para a realização de uma Assembleia-Geral Extraordinária deve ser entregue ao Presidente da Mesa, devidamente justificado e assinado pelos seus proponentes.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO
(Convocação da Assembleia-Geral)

A convocação das reuniões referidas no artigo décimo quinto deverá ser noticiada através dos órgãos de comunicação social, no site oficial da Associação Mindelact e/ou por meio de contacto pessoal ou por e-mail, com a antecedência mínima de quinze dias à data da reunião.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO
(Ordem de Trabalhos)

1. A Ordem de Trabalhos constará, obrigatoriamente, da convocatória das reuniões e será definida pela Mesa da Assembleia-Geral.
2. Toda a documentação referente à Ordem de Trabalhos deverá ser entregue aos sócios presentes pelo menos 30 minutos antes da hora marcada.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO
(Funcionamento da Assembleia-Geral)

1. A Assembleia-Geral só poderá funcionar com a presença de mais de metade dos seus sócios.
2. Se a Assembleia-Geral não se realizar por não reunir as condições indicadas no número anterior, poderá realizar-se trinta minutos após a hora marcada com os sócios que estiverem presentes.
3. As deliberações tomadas ao abrigo das competências nas alíneas a b) e f) do artigo décimo quarto serão tomadas por maioria de dois terços dos sócios presentes.
4. As deliberações ao abrigo das restantes alíneas serão tomadas por

maioria de mais de cinquenta por cento dos sócios presentes.

ARTIGO DÉCIMO NONO
(Disposições Diversas)

Sem prejuízo do disposto nos presentes Estatutos, a competência, convocação, funcionamento e deliberações da Assembleia Geral reger-se-ão pela lei das Associações.

ARTIGO VIGÉSIMO
(Direcção)

A Direcção é o órgão executivo da Mindelact — Associação Artística e Cultural.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO
(Composição da Direcção)

A Direcção é composta por:

- a) um Presidente;
- b) um Vice-Presidente;
- c) um Tesoureira;
- d) um Secretário;
- e) dois Vogais.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO
(Competências da Direcção)

A Direcção tem competência para:

- a) Programar, planificar e dinamizar o Festival Internacional de Teatro do Mindelo - Mindelact;
- b) Para fazer cumprir o estipulado na alínea anterior, deve nomear uma Direcção Artística, Direcção Técnica e Direcção Financeira do Festival Mindelact;
- c) Garantir o bom funcionamento e gestão do Centro de Documentação e Investigação Teatral do Mindelo;
- d) Trabalhar de modo a cumprir e fazer cumprir os objectivos enumerados no artigo primeiro;
- e) Apresentar à Assembleia Geral o Plano de Actividade e o Relatório de Contas e submetê-lo à aprovação da Assembleia Geral;
- f) Pronunciar-se publicamente sobre as matérias que estão directamente ligadas com os fins prosseguidos pela Associação, no estrito respeito pelas deliberações dos restantes órgãos.
- g) Administrar o património da Associação;

- h) Emitir pareceres sobre pedidos de adesão por não sócios;
- i) Representar a Associação em juízo e fora dele, através do Presidente ou em quem este delegar, de acordo com as orientações da Assembleia Geral.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO
(Competências dos Membros da Direcção)

1. Incumbe especialmente ao Presidente:
 - a) Convocar as reuniões da Direcção e a elas presidir com voto de qualidade;
 - b) Dirigir os trabalhos da Direcção, coordenar e dinamizar as actividades da Associação;
 - c) Corresponder-se com entidades publicas e privadas;
 - d) Substituir colaboradores;
2. O Vice-Presidente coadjuva o Presidente a quem substitui nas faltas e impedimentos.
3. Compete ao Tesoureiro receber e arrecadar as receitas da Associação, pagar as respectivas despesas e organizar as finanças da Associação, mantendo actualizadas a escrituração e contabilidade.
4. O secretario assegura o expediente da Associação.
5. O primeiro Vogal em exercício, por ordem de nomeação, substituirá o Presidente na impossibilidade de o Vice-Presidente o fazer.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO
(Periodicidade das Reuniões da Direcção)

1. A Direcção reúne ordinariamente uma vez por trimestre e extraordinariamente a convite do seu Presidente ou a requerimento de pelo menos um terço dos seus elementos.
2. A Direcção delibera com a presença de, pelo menos, metade dos seus membros e por maioria absoluta dos presentes.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO
(Direcção Diversos)

Sem prejuízo do disposto nos presentes Estatutos, a convocação, funcionamento e deliberação da Direcção reger-se-ão pela Lei Geral das Associações.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO
(Conselho Fiscal)

O Conselho Fiscal é o órgão de fiscalização da Associação.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO
(Composição do Conselho Fiscal)

O Conselho Fiscal é composto por um Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO
(Competências do Conselho Fiscal)

Ao Conselho Fiscal compete dar parecer sobre as contas anuais bem como sobre qualquer matéria de natureza financeira ou patrimonial ou outra que lhe seja solicitada pelos restantes órgãos e delibera por maioria simples.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO
(Capacitação do Conselho Fiscal)

O Conselho Fiscal deve ser constituído preferencialmente por sócios especializados em matérias que permitam dar resposta às competências referida no artigo anterior.

ARTIGO TRIGÉSIMO
(Eleições)

1. As eleições far-se-ão em lista completa e escrutínio secreto.
2. As listas concorrentes serão apresentadas ao Presidente da Mesa da Assembleia-Geral até oito dias antes da hora marcada das eleições.
3. As listas concorrentes devem ser apresentadas, por escrito, ao Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, no prazo referido no número anterior, acompanhada de uma Plataforma Eleitoral, onde conste o Programa de Actividades e a designação de um Mandatário.
4. Se no apuramento eleitoral nenhum das listas candidatas obtiver a maioria prevista no número quatro do artigo décimo oitavo, proceder-se-á a sucessivos escrutínios até a obtenção da maioria necessária.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO
(Receitas)

Constituem receitas da Associação Mindelact:

- a) Os subsídios que lhe sejam atribuídos pelos poderes constituídos;
- b) Quaisquer outros subsídios ou doações;
- c) As receitas provenientes dos espectáculos do Festival Internacional de Teatro do Mindelo - Mindelact;

d) Quaisquer outras receitas não especificadas.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEGUNDO
(Obrigações)

1. A Associação obriga-se:

a) Pela assinatura do Presidente da Direcção ou quem suas vezes fizer;

b) Pela assinatura de mandatário especial constituído pela Direcção para actos específicos e determinados.

2. Para o levantamento de fundos da Associação é sempre necessário a assinatura do Presidente e do Tesoureiro ou substitutos em exercício.

ARTIGO TRIGÉSIMO TERCEIRO
(Dissolução)

1. A Associação Artística e Cultural Mindelact dissolve-se nos termos previstos na Lei.

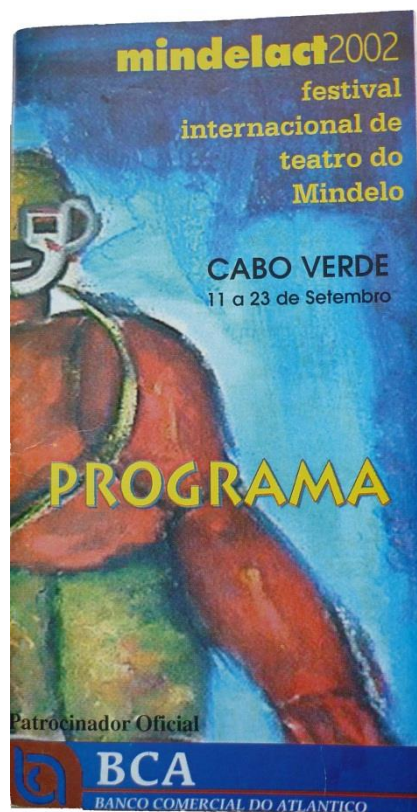
2. Para o efeito torna-se necessária a convocação de uma Assembleia-Geral Extraordinária em que dois terços dos seus sócios se pronunciem favoravelmente no sentido da dissolução.

3. Em caso de dissolução, a Assembleia pronunciará sobre o destino dos seus bens.

Anexo 2. Capas de programas: edições 1996, 2002, 2004, 2007, 2009, 2011 e 2012



Mindelact 1996. Design: Luísa Queirós



Mindelact 2002. Design: neulopes. Pintura: Tchalé Figueira



Mindelact 2004. Design: Neu Lopes. Foto: João Branco



Mindelact 2007. Design: Neu Lopes. Pintura: Luísa Queirós



Mindelact 2009. Design: Neu Lopes. Pintura: Abraão Vicente



Mindelact 2011. Design: Neu Lopes. Ilustração colectiva: Bento Oliveira, César Schofield Cardoso e Nuno Linhares Cardoso



Mindelact 2012. Design: Neu Lopes. Ilustração colectiva: Bento Oliveira, César Schofield Cardoso e Nuno Linhares Cardoso